A Expedição do Acadêmico G. I. LANGSDORFF ao Brasil (1821-1828)

B R A S I L I A N A

Volume 329

Direção de

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

G. G. Manizer (1889-1917)

G. I. LANGSDORFF (1774-1852)

G. G. MANIZER, Genrik Genrikhovich, 1889-

A Expedição do Acadêmico G. I. LANGSDORFF ao Brasil (1821-1828)

edição póstuma organizada
por
B. G. XPRINTSIN

Tradução de
OSVALDO PERALVA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

1948-49

BIBLIOTECA NACIONAL
S.
BRASILIANA

Do original russo:

Ekspeditsiia Akademika G. I. Langsdorfa V'Brazilliu

375746 C.
1968

Direitos desta edição reservados à
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639
SÃO PAULO 2, SP

1967

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brasil

RMG
12-2-69
6X2

Índice

Apresentação 11

Introdução 13

Prefácio 29

Vida e viagens do acadêmico Grigóry Ivanovitch Langsdorff (1774-1852) 31

Ensaio sôbre a expedição ao Brasil do acadêmico G. I. Langsdorff e descrição dos materiais etnográficos por êle recolhidos 59

Excursões e trabalhos anteriores (1821-1825) 63

Início da Expedição. Trabalhos no Estado de São Paulo 70

De Pôrto Feliz a Camapuã. Xavantes e caiapós 76

De Camapuã ao rio Paraguai. Os guaicurus 83

O rio Paraguai. Os guanás 89

Os guatós. O São Lourenço e o Cuiabá 96

Cuiabá. Excursão ao tabuleiro. Os parecis 103

Excursão a Vila Maria. Primeiro encontro com os bororos 111

Divisão da Expedição. Segundo encontro com os bororos 122

Vila Bela. Morte de Taunay. O caminho de Riedel 143

Viagem de G. I. Langsdorff, N. Rubtsov e Florence. Negros de Diamantino. De Diamantino até à terra dos índios apiacás 148

Os índios apiacás 154

Salto Augusto. O bosque de tucuris. Doença de G. I. Langsdorff 176

Os índios mundurucus 181

Fim da Expedição 195

Notas suplementares:

Apêndice I. *Abreviaturas dos títulos de trabalhos citados* 201

Apêndice II. *Catálogo das peças trazidas do Brasil pela Expedição do acadêmico G. I. Langsdorff* 203

Apêndice III. *Catálogo dos trabalhos publicados e manuscritos do acadêmico G. I. Langsdorff* 208

Apêndice IV. *Catálogo de ilustrações* 211

Comentários do redator 219

A Expedição do Acadêmico G. I. LANGSDORFF ao Brasil (1821-1828)

Apresentação

A EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA chefiada pelo barão de Langsdorff, membro da Academia de Ciências de S. Petersburgo, Encarregado de Negócios e Cônsul-geral da Rússia no Brasil durante o primeiro reinado, resultou num trágico malôgro. Mortes, desaparecimentos e doenças acompanharam o aziago empreendimento. Culminaram as desgraças com a loucura do sábio diplomata, que terminou melancòlicamente seus dias na Alemanha, sem capacidade de organizar os papéis divulgadores dos grandes resultados científicos dessa vasta tentativa.

Os museus russos conservam até hoje um imenso e rico material resultante de suas remessas. Durante certo tempo, o museu da antiga capital do Império Russo foi o mais rico em assuntos brasileiros, graças às remessas do diligentíssimo e malogrado pesquisador.

O único relato conhecido da expedição é o do desenhista Hércules Florence, publicado, em tradução do visconde de Taunay, na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro,* vol. XXXVIII, relativo a 1875, posteriormente publicado em volume da Companhia Melhoramentos de S. Paulo, fartamente ilustrado, e com prefácio de Afonso d'E. Taunay. O texto original francês apareceu em diversos números da revista da "Sociedade Científica de São Paulo", em 1905. Na revista alemã *Globus,* Karl von den Steinen publicou trechos dêle em artigos sôbre Florence, incluindo ilustrações.

A maior parte do material iconográfico e os relatos oficiais da expedição encontravam-se, porém, nos arquivos da

Academia russa, onde, por falta de coordenação, não foi divulgado.

Já no início dêste século, o cientista russo G. G. Manizer (1889-1917) teve a atenção despertada pela abundância de material existente no Museu Pedro, o Grande, da Academia de Ciências de Petrogrado, sob a rubrica, para êle então pouco significativa, de *Langsdorff*. Vindo ao Brasil em 1914-1915, recolheu mais alguns elementos para o estudo de seu predecessor e elaborou êste ensaio, publicado só em 1948, e que é o primeiro relato completo sôbre a malfadada porém profícua expedição. O vasto documentário existente nos arquivos da Academia, esclarecido pelas pesquisas do jovem naturalista, tem sido objeto de novos estudos que, possìvelmente, serão divulgados igualmente por esta coleção "Brasiliana".

*
* *

Esta versão brasileira teve, no transcorrer da revisão, a colaboração atenta e valiosa do Dr. Herbert Baldus, a quem esta editôra expressa aqui seus melhores agradecimentos.

Agradecemos também a colaboração prestada pela Embaixada da U.R.S.S. que nos cedeu os originais das ilustrações para esta edição.

Introdução

O TRABALHO QUE ORA PUBLICAMOS, de autoria do etnógrafo G. G. Manizier, já falecido, constitui a única pesquisa minuciosa sôbre a primeira expedição russa ao Brasil, efetuada na primeira metade do século XIX e, segundo a correta afirmação do Autor, "injustamente esquecida pela Ciência".

Esta observação de G. G. Manizer foi confirmada com a descoberta, em 1930, após sua morte, dos materiais de história natural pertencentes à Expedição e que se consideravam perdidos. Êsses materiais conservam até agora sua significação científica e representam valiosa contribuição para o estudo da etnografia e também, até certo ponto, das línguas das tribos indígenas do Brasil Central.

Pode-se avaliar a importância dêsses materiais pelo fato de que determinadas tribos, como, por exemplo, os apiacás, mundurucus, guanás e outras, até hoje quase não foram estudadas. Sôbre elas existem apenas dados incompletos e inclusive, via de regra, não sistematizados. Algumas das tribos estudadas pela Expedição (guanás, chiquitos e outras) foram exterminadas quase por completo pelos conquistadores e colonizadores ou assimiladas pela nova população do Brasil, oriunda da Europa.

Essas tribos partilharam do trágico destino da maior parte da população aborígine da América Latina. Exemplo típico são os botocudos, do estudo de cujo idioma, aliás, G. I. Langsdorff recolheu algum material lingüístico e etnográfico.

"O passado dos botocudos é um martirológio... Começando pelo apresamento no século XVII, até aos últi-

mos anos do século XIX, todos os meios de luta contra êles eram bons. Envenenavam os índios, contagiavam-nos de propósito com enfermidades, escarneciam das mulheres e crianças, traficavam com êles" (1).

No início do século XX, quando começou a ser pôsto em prática no Brasil o chamado Plano de Concentração dos Indígenas, vários grupos de botocudos foram compulsòriamente desalojados e transferidos para "postos" organizados pelo Govêrno.

O traslado de índios foi ditado, menos que tudo, pela preocupação de melhorar-lhes as condições de vida. "Nos últimos dez anos sua localização mudou mais do que durante o século transcorrido desde o aparecimento aí dos primeiros faiscadores de ouro ou dos evadidos de presídios. O cacau promete acabar com o deslocamento das matas e de seus habitantes. Assim, o rio Mucuri, domínio indiscutível dos índios até à década de 50, converteu-se agora numa área compacta de plantações de cacau" (2).

O desenvolvimento econômico unilateral das nações latino-americanas, de acôrdo com os interêsses dos países imperialistas, estimulou em vários Estados brasileiros o crescimento dêsse tipo de economia — as plantações. Em imensos territórios onde outrora viviam índios — estendem-se hoje plantações de café e cacau.

Os dados que citamos aqui sôbre os botocudos, são apenas um dos muitos exemplos de aniquilamento de fato dos indígenas. Dezenas de tribos desapareceram totalmente da face da terra; nem mesmo a criação no Brasil, no começo do século XX, do chamado Serviço de Proteção aos Índios pôde salvá-las da extinção. Os indígenas ou arrastam uma existência de semifamintos, ou se ocultam de seus "protetores" nas densas matas tropicais. Mas também as matas já deixam de ser uma defesa segura. Das tribos encontradas por Langsdorff, nessa primeira expedição russa, não raro restam apenas os nomes com que se designam certos acidentes geográficos. Os indígenas mesmos, nesses lugares, deixaram de existir há muito.

---

(1) G. G. MANIZER, "Os Botocudos (Borunas), segundo observação feita durante minha estada entre êles em 1915", *in Anuário da Sociedade Russa de Antropologia da Universidade de Petrogrado,* Petrogrado, 1916, pág. 87.

(2) G. G. MANIZER, *obra citada,* pág. 87.

Os materiais de história natural que se encontram no Arquivo da Academia de Ciências da URSS compreendem estudos geográficos de algumas zonas do Brasil, descrições etnográficas de determinadas tribos e vocabulário de seus idiomas. Particularmente valiosos são os diários (26 cadernos) do dirigente da Expedição, o acadêmico G. I. Langsdorff, que fazia um registro sumário, dia após dia, do trabalho de seus participantes. Possuem também extraordinário valor os desenhos dos pintores da Expedição (3).

Com a publicação do presente ensaio sôbre a Expedição, inicia-se a divulgação do material científico levantado pelos seus membros.

A importância da Expedição russa ao Brasil tornar-se-á particularmente clara se, considerando o nível da ciência no princípio do século XIX, a examinarmos à luz dos dados existentes sôbre a América do Sul, que eram, com efeito, bastante exíguos.

As primeiras informações a respeito da América do Sul e em particular de sua população nativa são apenas descrições dos participantes das conquistas — espanhóis e portuguêses, conquistadores do Continente recém-descoberto — e também dos missionários que os acompanhavam, sobretudo dos jesuítas. Ademais, convém observar que as descrições mais numerosas e detalhadas referem-se à América Central, México, Peru e outros, e só em menor grau ao Brasil. A despeito de suas imprecisões, elas se revelam freqüentemente como única fonte de nossos conhecimentos sôbre as populações sul-americanas nos séculos XVI e XVII. Devemos lamentar o fato de que copiosos materiais, atinentes a essa época, se encontrem em arquivos espanhóis e portuguêses, dos quais apenas pequena parte foi publicada. Sua utilização pelos cientistas é extremamente difícil, e às vêzes êles se tornam inteiramente inacessíveis. Parte dos materiais em arquivos espanhóis foi irremediàvelmente perdida, parece, ao tempo da revolução.

As fontes dos séculos seguintes distinguem-se essencialmente das acima mencionadas.

---

(3) O Instituto de Etnografia da Academia de Ciências da URSS, Seção da América, prepara a publicação do arquivo da Expedição. Neste trabalho, divulga-se apenas uma parte dos desenhos. Os outros materiais do arquivo não são aqui utilizados. Limitamo-nos, sempre que se fêz necessário, a fazer breves comentários sôbre os mesmos.

Em fins do século XVIII e princípios do XIX numerosas expedições e viajantes isolados visitaram a América do Sul. Na maioria dos casos, tratava-se ou de missionários ou de comerciantes, mas havia também entre êles alguns sábios naturalistas. A primeira metade do século XIX caracterizou-se pela pesquisa, cujo objetivo era o estudo da geologia, da flora e da fauna continentais. Esta circunstância se explica pelo fato de que os países colonizadores viam a América do Sul sòmente como fonte de valiosas espécies de matérias-primas. Tôdas essas expedições no século XVIII, bem como na primeira e, em parte, na segunda metade do século XIX, foram organizadas com a finalidade de apropriação das riquezas do Continente e, naturalmente, o que menos as preocupava era o estudo etnográfico da população autóctone — os índios.

Não tendo, embora, tarefas especiais na esfera da etnografia, elas não podiam deixar de prestar atenção às tribos indígenas que deparavam em seu caminho e com as quais se surpreendiam, em face de seu aspecto exterior e de seu estranho modo de vida "selvagem".

É perfeitamente compreensível, pois, que nas descrições dos viajantes e em trabalhos especiais, cuja temática nada tem a ver com a etnografia, figure material etnográfico que tem para nós grande interêsse (por exemplo, os trabalhos de Hartt, Eschwege e outros).

Diferentemente delas, a expedição russa de G. I. Langsdorff tinha um caráter muito especial: além do estudo da flora e da fauna, dedicava particular atenção aos idiomas e à etnografia dos indígenas do Brasil.

G. I. Langsdorff preparou-se meticulosamente para a visita aos índios. No arquivo da Academia de Ciências da URSS encontram-se numerosas notas suas pedindo literatura e material dos arquivos brasileiros. Estudou os idiomas das tribos que se aprestava a visitar, de modo a ter possibilidades de contacto direto com elas. Achando-se já gravemente enfêrmo, escreveu em seu diário: "Dei lição de [língua] apiacá. Senti-me bem de uma hora às duas, quando sofri nôvo acesso de tremores febris, que continuaram até à noite" (4).

---

(4) Último diário de G. I. Langsdorff, 31 de março — 20 de maio de 1828 (Arquivo da Academia de Ciências, depósito 63, inventário 1, n.º 8, L. 10).

Sôbre a seriedade com que G. I. Langsdorff se referia à tarefa que tinha diante de si, pode-se julgar pelas cartas enviadas à Academia de Ciências e pelos acôrdos estabelecidos com os membros da Expedição.

Mas a expedição russa não se restringia apenas à colheita de materiais científicos. As cartas de Langsdorff a governadores de províncias brasileiras atestam quão de perto lhe diziam respeito os interêsses da população local, especialmente a indígena. Em seus diários, mais de uma vez êle deplorou que o Govêrno absolutamente não se preocupasse com os indígenas.

O humanismo de Langsdorff, tão característico de uma brilhante plêiade de viageiros russos, vincula-se a N. N. Miklukho-Maklaem, que com tanta paixão se bateu contra a opressão de que eram vítimas as tribos das ilhas norte-ocidentais do Oceano Pacífico.

Mas Langsdorff não compreendia que, nas condições de uma exploração colonial desumana, ao erguer sua voz em defesa dos direitos dessa parte oprimida da humanidade, estava simplesmente clamando no deserto.

Na segunda metade do século XIX e no primeiro quartel do século XX, dirigiu-se à América Latina grande número de expedições especiais, etnográficas e lingüísticas. A organização de semelhante gênero de expedições explica-se, em grande parte, pela nova etapa da história mundial — a época imperialista, um de cujos traços característicos é o fortalecimento da expansão colonial dos Estados imperialistas.

Não é casual a circunstância de que, nesse período, o interêsse pelo estudo, sob todos os aspectos, dos países da América Central e do Sul, econômicamente dependentes, tenha crescido, em particular no primeiro quartel do século XX.

Sem pretender realizar uma análise detalhada desta questão, salientamos apenas que determinadas regiões da América Central e do Sul foram estudadas de modo especial por cientistas precisamente daqueles países que, política e econômicamente, estavam nelas interessados. O Brasil, é claro, não constitui exceção a êsse respeito. Estudaram-no principalmente, afora os cientistas locais, os representantes da ciência alemã — ciência que, sem nenhuma dúvida, está vinculada, desde há muito, aos projetos expansionistas do capital germânico e de

incremento da emigração da Alemanha, em particular para o Brasil, nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial.

Depois dêsse conflito, quando o capital alemão foi temporàriamente relegado a segundo plano, o número de expedições alemãs se reduziu, ao passo que, em compensação, cresceu consideràvelmente a quantidade de expedições dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Valiosa contribuição ao estudo da arqueologia, da etnografia e da história da América Central e do Sul, foi dada pelas trabalhos dos cientistas locais, trabalhos que adquirem significação cada vez maior.

Como resultado dos trabalhos de numerosas expedições, nossos conhecimentos de etnografia dos indígenas do Brasil se enriquecem com uma série de pesquisas, e especialmente com monografias sôbre determinadas tribos.

Não pretendemos oferecer um lista completa da literatura referente às tribos, mas consideramos necessário, neste artigo, indicar as obras principais, sobretudo algumas descrições de viagem tidas como clássicas na atualidade (5).

A maior parte delas diz respeito à segunda metade do século XIX, e só algumas coincidem com o período de trabalho da Expedição.

Antes de procedermos a uma revista dessas obras, convém dizer que o grau de estudo da cultura dos indígenas sul-americanos, até o momento, não pode ser admitido como satisfatório. Basta ressaltar que até hoje não dispomos sequer de umas poucas classificações aceitáveis das tribos indígenas do Continente, já para não falarmos de uma classificação única.

Em face da ausência de indicações elaboradas e em geral aceitas que pudessem servir de base para a classificação lingüística, com vistas à determinação de certos grupos, muitos países adotaram o critério da ordem etnográfica, em particular de caráter negativo. Assim, por exemplo, algumas tribos são classificadas de acôrdo com as seguintes indicações negativas que lhes são comuns: ausência de cerâmica, de rêde (de dormir), etc.

---

(5) Nos comentários que fazemos, na parte final dêste livro, indicamos monografias e artigos especiais sôbre determinadas tribos. As observações que aparecem entre colchêtes, daqui por diante, são de nossa autoria.

Escusa dizer que a ausência de qualquer elemento não pode servir de base, de indicação positiva para elaborar classificações. Mais estranha ainda é uma classificação lingüística baseada menos nos idiomas pròpriamente, do que em indicações etnográficas, além do mais bastante duvidosas, muitas vèzes sem corresponderem de todo à realidade.

Semelhante situação se explica, até certo ponto, pelo insuficiente estudo dos idiomas das numerosas tribos indígenas e, de modo especial, pela ausência de um método único, verdadeiramente científico, que pudesse servir de base para a classificação. Um dos exemplos mais claros de como são insatisfatórias essas tentativas é o chamado "grupo jê" de que fala o trabalho de G. G. Manizer – constituído essencialmente das tribos menos estudadas.

Na composição do "grupo jê" (Ge, Ges, Zes) se incluem numerosas tribos indígenas da América do Sul, especialmente do Brasil. Apesar do reconhecimento de fato dêsse grupo, não se encontram organizadas, na americanística, sequer algumas indicações dignas de atenção. Para a criação precisamente dêste grupo "lingüístico" serviram de base a similitude de particularidades etnográficas e a ausência, acima referida, de tais ou quais elementos, especialmente na esfera da cultura material.

Êste fenômeno, por assim dizer estranho, para expressarnos com brandura, se observa em diversos cientistas. Assim, um dos maiores americanistas contemporâneos, o sábio francês Paul Rivet, no prefácio de uma obra que dedicou à classificação das línguas nativas da América, considerou necessário avisar o leitor: "O trabalho que ora apresento nada mais é que uma relação tanto quanto possível completa das línguas americanas. Nêle não se vai encontrar, nem poderia ser de outra forma, qualquer descrição dessas línguas" (6).

O "grupo jê" é por êle caracterizado do seguinte modo: "Êste grupo, o mais artificialmente criado de todos os grupos sul-americanos, representa o *caput mortuum* da lingüística sul-americana. Sua comprovação minuciosa e completa tem de ser feita em bases realmente científicas" (7).

---

(6) P. RIVET, *"Langues Américaines"*, *in Les Langues du Monde*, par un groupe de linguistes sous la direction de A. Meillet et Marcel Cohen. Paris, 1924, pág. 603.

(7) Idem, idem, pág. 697.

Um reconhecimento ainda mais lamentável da debilidade da ciência burguesa encontra-se num trabalho especial de etnografia sôbre êsse grupo: "O etnógrafo que quiser ocupar-se do problema do "grupo jê" deve ter a possibilidade de apoiar-se numa classificação lingüística precisa. Mas até hoje não existe, a respeito, nada digno dêsse nome. Numerosas tribos dêste grupo lingüístico foram classificadas arbitràriamente, sem a preocupação de comprovar-se a existência entre elas de fenômenos e elementos afins, aliás freqüentemente ínfimos" (8).

Uma aguda observação sôbre êsse grupo foi feita por G. G. Manizer: "Tôda essa tagarelice [sôbre a existência do "grupo jê" – N. X.] deve ser considerada ociosa, em face das imprecisas indicações dos "povos jê", tão imprecisas que é de recear pudessem servir igualmente para os hotentotes, se o seu idioma fôsse tão pouco conhecido como os idiomas sul-americanos" (9).

Naturalmente que as pesquisas do século passado, para não remontarmos a trabalhos mais antigos, refletiam ainda em maior grau essa falta de sistematização. Além de que, não raro, algumas dessas tribos são apresentadas sob diferentes designações ou, ao contrário, diferentes tribos sob uma só designação (por exemplo, botocudos, caingangues, guaicurus e muitas outras), determinados grupos destas ou daquelas tribos são examinados como se fôssem tribos autônomas. Seu principal defeito reside, uma vez mais, na classificação em geral feita arbitràriamente, sem elementos suficientes para isso.

A utilização dêsse material torna-se difícil igualmente pelo fato de que alguns autores, sobretudo os não especialistas em etnografia, descrevem os indígenas de uma zona qualquer como uma unidade determinada, sem subdividi-los em tribos.

Com tudo isso, os trabalhos que abaixo indicamos são valiosos, especialmente para o estudo histórico-comparativo dos indígenas. A utilização dessas obras é facilitada pela existência de pesquisas especiais, posteriormente realizadas, no domínio da etnografia e, em muito menor grau, das línguas dos

---

(8) Dr. Hermann Ploetz et Dr. A. Métraux, *La civilisation matérielle et la vie sociale et religieuse des Indiens Ze du Brésil méridional et oriental*, in *Revista del Instituto de Etnologia de la Universidad Nacional de Tucumán*, dirigida por el Dr. A. Métraux, t. 1, Entrega 2.ª, Tucumán, 1930, pág. 226.

(9) G. G. Manizer, *Material das línguas de quatro tribos do Brasil.* Manuscrito.

aborígines da América do Sul. Elas permitem, embora parcialmente, corrigir erros nos trabalhos de autores antigos.

As tribos estudadas pela Expedição de G. I. Langsdorff, mais de uma vez têm sido citadas em muitas descrições de viagem, em pesquisas especiais e em trabalhos de caráter geral, muitos dos quais ainda servem não raro como fonte para os atuais pesquisadores do Brasil. Entre os numerosos trabalhos que indicamos, várias vêzes citados por etnógrafos e, em particular, por americanistas, estão os de autoria de Charlevoix, Félix Azara, Eschwege, Maximilian Wied-Neuwied, Spix e Martius, D'Orbigny, Saint-Hilaire, Castelnau, Tschudi, Hartt, Fonseca, Ehrenreich, Karl Steinen e outros (10).

Pela qualidade, compreende-se, êles estão longe de equivaler-se, e se alguns dêles encerram apenas observações favoráveis de pessoas que não são especialistas em etnografia (Hartt, Eschwege) ou descrições curiosas de viageiros (Wied), outros

---

(10) Pierre François Xavier de CHARLEVOIX, *Histoire du Paraguay*, t. I — IV, Paris, 1757.

Félix AZARA, *Voyages dans l'Amérique Méridionale depuis 1781 jusqu'en 1801...* Paris, 1809.

Von ESCHWEGE, *Journal von Brasilien*, Weimar, 1818.

IDEM, *Geognostische Gemalde von Brasilien*, 1882.

Maximilian WIED-NEUWIED, *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815-1817*. 2 vols., Atlas, Frankurt-sôbre-o-Meno, 1820-1821.

J. B. SPIX e K. F. PH. von MARTIUS, *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 bis 1820*, 3 vols., Atlas, Munique, 1823-1831.

K. F. Ph. von MARTIUS, *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens*, Leipzig, 1827.

IDEM, *Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens*, Munique, 1832.

Alcide d'ORBIGNY, *L'Homme Américain*, Paris, 1830.

IDEM, *Voyage en Amérique du Sud*, Paris, 1844.

Auguste de SAINT-HILAIRE, *Voyages dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, 2 vols., Paris, 1830.

Francis de CASTELNAU, *Expedition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Pará. Histoire du voyage*. t. I, II, III, Paris, 1850.

Johann Jacob von TSCHUDI, *Reisen durch Südamerika*, vols. 1-5, Leipzig, 1866-1869.

Ch. Fred. HARTT, *Geology and Physical Geography of Brasil. Scientific results of a Journey in Brasil by Louis Agassiz and his traveling companions*, Boston-Londres, 1870.

João Severiano da FONSECA, *Viagem ao redor do Brasil*, Rio de Janeiro, 1880-1881.

Paul EHRENREICH, *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens*, Vols., I, II, Berlim, 1891.

representam para nós fontes mais completas de conhecimentos etnográficos e contêm tentativas de análise de questões que são objeto de estudo da americanística contemporânea (Spix e Martius, Tschudi, Ehrenreich). Quanto ao trabalho de Steinen, não pode deixar de merecer a atenção dos atuais pesquisadores da sociedade primitiva. Êsses autores tentaram resolver os problemas da origem da população nativa da América do Sul, das migrações antigas e atuais dos indígenas, etc. As questões da classificação das tribos, do estudo comparativo das línguas, embora tenham também envelhecido, ainda não perderam o interêsse para o pesquisador contemporâneo.

As tribos do Brasil, estudadas pela Expedição de G. I. Langsdorff, despertam grande interêsse não só da americanística, como também da ciência etnográfica em geral. Juntamente com algumas tribos autóctones de outros continentes, elas constituem grupos etnográficos que conservam, em boa parte, resquícios evidentes do regime social primitivo.

Assim, a maioria das tribos descritas se caracteriza por vestígios do clã matriarcal, por formas primitivas de produção e consumo sociais e pela ausência da propriedade privada.

Precisamente por isso as anotações da Expedição de G. I. Langsdorff adquirem singular valor, pois em muitos casos dão informações sôbre aspectos culturais atualmente quase extintos (11), além do que, de certas tribos, outrora numerosas, restaram poucos representantes e êstes, inclusive, esqueceram sua língua materna.

Por último, julgamos necessário dizer algumas palavras sôbre G. G. Manizer, autor do trabalho que ora publicamos (12).

IDEM, *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens*, Braunschweig, 1897, e outros.

Karl von den STEINEN, *Durch Zentral-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*, Leipzig, 1886.

IDEM, *Unter den Naturvolkern Zentral-Brasiliens. Reiseschilderung und Ergebnisse der zweiten Schingú-Expedition*, 1887-1888, 1894.

Ademais, é preciso dizer que os materiais extraordinàriamente úteis de WIED, em particular os que se referem a tribos pouco estudadas do Brasil, são as melhores fontes de nosso conhecimento a respeito. Assim é que os dados mais completos sôbre os botocudos são os de WIED e MANIZER.

(11) Ver, a propósito, notas mais detalhadas no corpo do livro.

(12) Para a elaboração da biografia de G. G. MANIZER, utilizamos o manuscrito de I. D. STRELNIKOV, existente no Arquivo da Academia de Ciências da URSS em Leningrado.

Guenrikh Guenrikhovitch Manizer nasceu em 21 de setembro de 1889, no seio da família de um pintor. Aos dez anos de idade, junto com seu irmão M. G. Manizer, conhecido escultor, ingressou na escola de desenho de Xtiglits. Em 1907 entrou na Universidade de Petersburgo, cursando duas faculdades ao mesmo tempo: a histórico-filológica e a físico-matemática (departamento de ciências naturais).

Em 1912, após prestar os exames oficiais, preparou-se para receber o diploma, elaborando um trabalho sôbre a antropologia dos guiliaks (13). Essa obra, em grande parte realizada sob a direção do professor L. Ia. Xternberg, vinculou por muito tempo G. G. Manizer à etnografia e, em particular, ao Museu de Antropologia e Etnografia da Academia de Ciências, cujas riquíssimas coleções foram por êle minuciosamente estudadas.

Na primavera de 1914, no grupo de participantes do círculo de biologia, anexo ao Instituto Lesgaft, surgiu a idéia da organização de uma viagem à América do Sul (14). Essa viagem se efetuou com o apoio material de algumas instituições científicas: o Museu de Antropologia e Etnografia e o Museu Zoológico da Academia de Ciências, a Sociedade Moscovita dos Amadores das Ciências Naturais, da Antropologia e da Etnografia, e outras, bem como de alguns particulares. Recebendo os apetrechos correspondentes e uma pequena soma em dinheiro (cêrca de 4 mil rublos), os jovens pesquisadores empreenderam a viagem, calculada em 7 a 8 meses. Entre os componentes da Expedição encontravam-se os etnógrafos G. G. Manizer e F. A. Fielstrup, os zoólogos I. D. Strelnikov e N. P. Tanasytchuk e o economista S. V. Gueiman.

Chegando à cidade de Corumbá (Estado de Mato Grosso, Brasil), os membros da Expedição se separaram em dois grupos. Os zoólogos permaneceram em Corumbá e depois efe-

---

(13) Êsse trabalho, *Dados Antropológicos sôbre os Guiliaks,* foi posteriormente publicado em *Notícias da Sociedade Antropológica Russa,* da Universidade de Petrogrado, em 1916. (Guiliak — povo que habita a parte extremo-oriental da URSS — N. do T.)

(14) Sôbre esta Expedição, ver N. G. Xprintsin, "Materiais da Expedição Russa à América do Sul, conservados no Arquivo da Academia de Ciências da URSS e no Instituto de Etnografia," in *Etnografia Soviética,* 1947, n.º 2. Ver também, os materiais de história natural, etnográficos e lingüísticos e as coleções etnográficas e antropológicas dos três participantes da Expedição — G. G. Manizer, F. A. Fielstrup e S. V. Gueiman — guardados no Instituto de Etnografia da Academia de Ciências da URSS.

tuaram pesquisas nas zonas fronteiriças da Bolívia e no Paraguai. Os etnógrafos trabalharam inicialmente na parte meridional do Estado de Mato Grosso, estudando as tribos dos cadueus e dos xavantes, após o que um dos participantes, S. V. Gueiman, dirigiu-se ao Chile, onde estudou os patagônios e os habitantes da Terra do Fogo. F. A. Fielstrup efetuou uma viagem por mar em tôrno do Continente e regressou à Rússia, enquanto G. G. Manizer continuou no Brasil realizando seus trabalhos de história natural, estudando uma série de tribos indígenas. Êsse estudo foi particularmente detalhado em relação aos botocudos, caingangues, cadiueus e chanés.

O trabalho no Brasil foi feito com grandes dificuldades. Além de suas próprias limitações materiais, os membros da Expedição tiveram de correr sérios riscos, encontrando-se por vêzes sob ameaça de morte. Assim, por exemplo, G. G. Manizer e F. A. Fielstrup por pouco não pereceram quando, navegando num bote, naufragaram no rio Paraguai. A eclosão da Primeira Guerra Mundial também complicou bastante o trabalho. Após algum tempo de demora forçada, G. G. Manizer regressou à Rússia em fins de 1915.

Desde então iniciou-se um intenso trabalho de preparação para dar a público o material recolhidos na América do Sul e o estudo das coleções do Museu de Antropologia e Etnografia. Ademais, Manizer prosseguiu em suas ocupações gerais de estudo de línguas, filosofia e biologia.

Em fins de 1916, G. G. Manizer interrompeu suas ocupações científicas e ingressou no Exército como voluntário. Encontrando-se na frente meridional, adoeceu de tifo exantemático e morreu a 21 de junho de 1917.

O estudo dos trabalhos publicados e particularmente dos manuscritos deixados por êle, revela quão brilhante e extraordinário era êsse homem.

O material que recolheu durante sua estada no Brasil atesta a vastidão de seu campo de atividades e a profundidade de seus conhecimentos. Além das observações etnográficas, do estudo das línguas de certas tribos indígenas do Brasil, G. G. Manizer dedicou atenção à colheita de material folclórico, ao registro de notas musicais das canções indígenas, à elaboração de minuciosos mapas etnográficos das zonas estudadas, ao de-

senho de ornamentos, aos processos de sepultamento, a determinados objetos, etc. E ainda: consagrou parte do tempo à observação do modo de vida da população urbana brasileira (15), ao estudo do comportamento das vespas, dos macacos, etc.

Reunindo em si as melhores qualidades do observador científico, sério e estudioso, G. G. Manizer era ainda uma pessoa amplamente instruída, bom músico e bom pintor.

De seus trabalhos etnográficos acham-se publicados atualmente os seguintes:

1. "Os Botocudos (Borunas), segundo observação feita durante minha estada entre êles em 1915," in *Anuário da Sociedade Russa de Antropologia da Universidade de Petrogrado*, Petrogrado, 1916.
2. *A Música e os Instrumentos Musicais de Algumas Tribos do Brasil*, Colet. do Museu de Antropologia e Etnografia, tomo V, 1918.
3. "Sôbre a Viagem pela América do Sul em 1914-1915," in *Priroda (Natureza)*, Petrogrado, 1917.
4. Artigos no jornal *Birjievie Viédomosti (Registros da Bôlsa)*.
5. "Os Caingangues de São Paulo," *Proceedings of the twenty-third International Congress of Americanists*. Nova York, 1930.

Estes trabalhos, notadamente os artigos sôbre os botocudos, atraíram grandemente a atenção dos americanistas. O ensaio sôbre os botocudos foi traduzido para o francês e publicado no Brasil em 1919 nos *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XXII. Conforme já ressaltamos, êste artigo representa até hoje a melhor descrição dos botocudos nessa época. O artigo sôbre música e instrumentos musicais, em sua tradução para o português, foi publicado em 1934, na *Revista Brasileira de Música*, vol. I, Rio de Janeiro. Simultâneamente com a publicação, em prazo relativamente curto (desde o momento de seu regresso da América do Sul até o dia de sua morte), dos trabalhos acima mencionados, G. G. Manizer preparou para a publicação diversos materiais por êle próprio recolhidos. Dentre êsses permaneceu inédito apenas o manuscrito sôbre a expedição do acadêmico G. I. Langsdorff. O autor trabalhou na preparação dêsse manuscrito, ao mesmo

(15) Sôbre esse tema, ao regressar à Rússia, apresentou êle dois relatórios à Universidade de Petrogrado e aos cursos de Geografia. O texto de um relatório e as teses do outro se acham no Instituto de Etnografia da Academia de Ciências da URSS.

tempo que sistematizava seu conteúdo, desde fins de 1915 até começos de 1917.

A elaboração da biografia de G. I. Langsdorff e a descrição do caminho percorrido pela Expedição encontraram grandes dificuldades, em face da existência então de muitíssimo poucas fontes, aliás totalmente insatisfatórias pelo seu conteúdo. A reconstituição em ordem cronológica do itinerário da Expedição e das etapas de seu trabalho, exigiu um esfôrço intenso e um cuidado excepcional. Além da utilização do diário do desenhista Florence, publicado na *Revista Trimensal* [do Instituto Histórico, t. 38, 1875], que serviu em boa parte de base para seu livro, G. G. Manizer estudou quase tôda a literatura então existente, em que se fizesse qualquer referência à expedição ou se descrevesse a personalidade de seus dirigentes (16). Serviram de fonte principal para documentação as coleções etnográficas, zoológicas e fitológicas, atualmente guardadas nos museus da Academia de Ciências da URSS. Elas permitiram determinar os pontos geográficos. as visitas da Expedição e também as tribos encontradas durante seu trajeto. Sôbre o rigor com que G. G. Manizer realizou sua obra, já se pode fazer um julgamento, quando mais não seja, pelo fato de que as etiquêtas existentes nos espécimes da coleção que a Expedição recolheu, mereceram sua atenção. Datas isoladas, designações de localidades, tribos, etc., serviram como uma das fontes para a elaboração do esquema do itinerário da Expedição e para a determinação do caráter de seu trabalho.

Lamentàvelmente, G. G. Manizer, ao que parece por insuficiência de tempo, não utilizou a literatura etnográfica respectiva, que tratava das tribos, da visita da Expedição, limitando-se apenas a algumas observações passageiras. Esta circunstância despertou a necessidade da elaboração de complementos especiais em cada caso particular. Apesar desta lacuna, sem dúvida essencial, a obra de G. G. Manizer, escrita como

(16) A ampla utilização das partes mais interessantes do diário de Florence, extraídas da tradução exata, literal, do português, é extremamente valiosa, porque êsses números da *Revista* constituem, até mesmo no Brasil, uma raridade bibliográfica. Além disso, êsse diário em geral é pouco conhecido entre nós. Partes do diário de Florence, referentes à província de São Paulo, foram reeditadas em 1929 na *Revista do Museu Paulista,* t. XVI.

[Editado pela Comp. Melhoramentos, sob o título *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829,* S. Paulo, s. d. O texto do original francês apareceu na revista da Sociedade Científica de S. Paulo, em 1905. N. do T.]

resultado de grande e imenso trabalho, representa brilhante exemplo da energia infatigável e da erudição de seu autor.

O texto do trabalho de G. G. Manizer vai publicado com algumas abreviaturas, aliás mínimas, de acôrdo com o original do Autor, conservado no Arquivo da Academia de Ciências da URSS, Seção IV, inventário I, n.º 645, em obediência às regras de publicação de documentos de arquivos.

No prefácio dêste trabalho, escreveu êle que "sua publicação é um dever tardio que a Academia cumpre para com um de seus membros olvidado".

Não é menos verdade se afirmarmos, por nossa vez, que a publicação dêste manuscrito é um dever da Academia de Ciências da URSS em relação a um de seus trabalhadores mais talentosos, prematuramente morto em pleno desabrochar de suas fôrças e de sua energia criadora.

N. XPRINTSIN

Prefácio

Ao ser designado para chefiar a Seção Centro e Sul-Americana de Antropologia e Etnografia do Museu Pedro, o Grande, da Academia de Ciências, K. K. Guil'zen (*) encontrou aí grande número de espécimes de difícil identificação, pois uma parte de suas etiquêtas se achava inteiramente perdida, e da outra parte restavam apenas inscrições muito lacônicas, às vêzes só constando o nome de Langsdorff. A origem dêsses exemplares, que em sua maioria datam da primeira metade do século XIX, está envolta nas sombras da incerteza. Entre êles chamou-nos particularmente a atenção a coleção de adornos de plumas, muito bem conservada. Durante minha viagem ao Brasil em 1914-1915, vi no Museu do Rio de Janeiro grande quantidade de adornos idênticos aos nossos exemplares e que tinham pertencido à tribo mundurucu. Ali, pela primeira vez, ouvi falar na grande Expedição russa ao Brasil, tendo à frente um tal Langsdorff. Após meu regresso a Petrogrado, K. K. Guil'zen começou a pedir informações a respeito de Langsdorff e logo ficou sabendo ter sido um acadêmico do comêço do século XIX, e só. As fontes russas eram escassas limitando-se quase exclusivamente à indicação de que fôra cônsul russo no Brasil.

O artigo de Ratzel no *Allgemeine Deutsche Biographie* deu o fio da meada para buscas posteriores, embora seu tema principal fôse a viagem de circunavegação do globo, de Langsdorff, anterior à Expedição ao Brasil.

A casual descoberta do artigo, na íntegra, de K. Steinen, dedicado a essa Expedição e publicado na revista *Globus*, V.

(*) [Falecido em 1919].

LXXV, que me foi indicado por F. A. Fielstrup, permitiu identificar com segurança a coleção. Pesquisas posteriores, coroadas de pleno êxito, revelaram muitas das circunstâncias relativas a sua aquisição. K. K. Guil'zen, que se incumbiu desde o início da tarefa de levantar a biografia de Langsdorff, renunciou a êsse desígnio no comêço de 1917 e passou a minhas mãos tado o material que recolhera até então para êsse fim — razão pela qual aproveito o ensejo de expressar-lhe meu sincero agradecimento.

Baseado nesses dados e em outros ulteriormente obtidos por mim mesmo é que foi escrito o presente trabalho (*).

Sua publicação é um dever tardio que a Academia cumpre para com um de seus membros olvidado.

G. G. MANIZER

(*) As palavras em latim designativas de objetos de história natural e que aparecem entre parêntesis, mais adiante, nas citações de trechos do diário de FLORENCE, foram intercaladas por G. G. MANIZER. Com isso visava a esclarecer os leitores russos, em cujo idioma tais palavras ainda não têm tradução. Ademais, a intercalação de números relativos a alguns desenhos, nos textos de FLORENCE ou de outro autor, foi feita igualmente por Manizer. (*Nota do Trad.*).

Vida e viagens do acadêmico

GRIGÓRY IVANOVITCH LANGSDORFF

(1774-1852)

O ACADÊMICO Grigóri Ivanovitch Langsdorff nasceu a 18 de abril de 1774. Fêz o curso superior na Universidade de Göttingen. Falando de si mesmo, Langsdorff disse que, ainda jovem, foi atraído pelo estudo das ciências naturais (1). Em 1797, com a idade de 23 anos, Langsdorff defendeu tese sôbre obstetrícia, publicada sob o título: *Commentatio medicinae obstetriciae sistens phantasmarum sive machinarum ad artis obstetricia facientium vulgo Fantomae dictorum brevem historiam,* que teve também, ao que parece, interêsse etnográfico. Obtendo o grau de doutor em medicina, partiu nesse mesmo ano para Portugal. Ali, segundo suas próprias palavras, abriu-se um vasto campo de observação e satisfação da ardente sêde de conhecimentos em que se abrasava o jovem cientista. Formou ràpidamente amplo círculo de conhecidos e conquistou a confiança de seus pacientes — alemães, inglêses e portuguêses. A prática da medicina lhe deixava algumas horas diárias para as pesquisas no terreno da história natural, aproveitando a *inesgotável reserva de exemplares* que encontrou na natureza. O interêsse de Langsdorff estava longe de circunscrever-se a sua especialidade e à botânica.

Nêle lemos o seguinte, por exemplo: "Durante minha estada em Lisboa, entrei freqüentes vêzes em *filas de peixe,*

(1) Dados biográficos anteriores à viagem em redor do mundo foram fornecidos mais detalhadamente por LANGSDORFF, em seu trabalho *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807*, 2 vols., Frankfurt sôbre-o-Meno, 1812 (prefácio). Daí foram por nós copiados. Ver também breves notas biográficas no artigo de A. d'Escragnolle TAUNAY, in "A Expedição do Cônsul Langsdorff ao Interior do Brasil", in *Revista Trimestral do Instituto Histórico brasileiro*, 1875, t. XXXVIII, Sec. 1, pág. 340.

BIBLIOTECA NACIONAL — S. BRASILIANA

de diferentes aspectos e em grande quantidade. Êles atraíram, de tal modo minha atenção que tomei a firme decisão de adquirir alguns conhecimentos desta parte da história natural, que até agora continuo desconhecendo, e colecionar diferentes espécies".

Isso o conduziu ao estudo dos processos de conservação de peixes e forneceu posteriormente o tema para o artigo "Observações sôbre o embalsamamento e a ressecação dos peixes, apresentadas à Academia de Ciências por Langsdorff, membro correspondente da Academia e da Sociedade Científica de Göttingen" in *Revista Tecnológica,* edição da Academia de Ciências, t. II, n.º 2, ano 1805. Êste artigo corresponde, parece-nos, ao recebimento do título de membro-correspondente e foi escrito em 1803. Dêle foi copiada a nota biográfica citada.

Em 1800 apareceram dois trabalhos de Langsdorff: um foi o *Nachrichten aus Lissabon über das weibliche Geschlecht, die Beburten und Entbindungskunst in Portugal,* em alemão, evidentemente vinculado, pelo conteúdo, ao tema da tese em latim; outro foi o *Observações sôbre o melhoramento dos hospitais em geral,* por Jorge Henrique Langsdorff, médico do Hospital da nação alemã em Lisboa, etc., em português, contendo a descrição da experiência de um plano de organização de confortável hospital, que compreende desde o edifício até os formulários para registro da evolução da enfermidade do paciente. É digno de menção o fato de que durante os dois anos e pouco de sua permanência em Portugal, Langsdorff dominou de tal modo o idioma, que já podia escrever livros em português.

Em 1801, tomou parte na campanha das tropas inglêsas contra os espanhóis. Depois da paz de Amiens, Langsdorff voltou-se para o trabalho científico e reatou suas ligações com os círculos de ciéntistas, mantendo relações de amizade com os homens de ciência franceses Haüy, Olivier, Bose, d'Antin, Latreille, Geoffroy, Prognard, Dumeril e outros. Mais ou menos por êsse tempo (desde 29 de janeiro de 1803, segundo a *Relação dos Membros da Academia de Ciências,* de B. L. Modzalievsky), Langsdorff foi efetivado como membro-correspondente da Academia de Ciências (como "Doutor em Medicina, Lisboa"). A correspondência com a Academia foi iniciada ainda em Portugal. Conforme êle mesmo admitiu, as relações

com os cientistas e a aprovação que êles deram a seu trabalho incutiram-lhe nôvo ânimo e fizeram-no conceber o vivo desejo de partir para outra e mais longa viagem, já com o objetivo exclusivo do estudo das ciências naturais. Enquanto isso, Langsdorff começou a trabalhar nas importantes coleções trazidas de Portugal e nas observações sôbre sua estada ali.

Tendo ouvido falar na preparação do primeiro empreendimento russo de circunavegação do globo, Langsdorff considerou-se no direito de, como membro-correspondente da Academia, dirigir-se a essa instituição solicitando-lhe apoio à sua candidatura a naturalista da expedição. A 18 de agôsto de 1803, recebeu resposta do acadêmico Kraft comunicando-lhe que sua proposta chegara tarde, pois os navios *Nadiejda (Esperança)* e *Nieva (Neve)* deviam partir logo com os primeiros ventos e era de presumir que não se demorassem em Copenhague mais de oito dias. A propósito, dizia o missivista, o Dr. Tilesius já fôra nomeado naturalista da Expedição (à qual devia reunir-se em Helsinger, Dinamarca); esta circunstância tornava impossível prometer qualquer coisa a respeito da proposta de Langsdorff, que apresentava sua própria candidatura.

Entretanto, Langsdorff permaneceu firme em seu desígnio, disposto a não renunciar ao mesmo antes de convencer-se de sua absoluta impraticabilidade. Nesse mesmo dia, partiu a tôda pressa para Copenhague, reunindo-se, dentro de poucas horas, à expedição que ia fazer a viagem ao redor do mundo. No dia 12 pela manhã chegou a Lübeck. O navio, que tinha partido para Copenhague, encontrava-se em Warnemünde, e ali chegou Langsdorff na manhã do dia 24.

No hotel em que se hospedara, encontrou-se com oficiais da expedição de Kruzenxtern, também ali alojados e cujos navios já se achavam na entrada do pôrto. Langsdorff, de acôrdo com suas próprias palavras, insistiu fervorosamente em ser admitido como participante da viagem. Nesse sentido dirigiu-se ao camarista Riezanov, que se destinava ao Japão como embaixador, a fim de que o levasse na Expedição como botânico.

Com que ardor e seriedade dedicou-se Langsdorff a sua tarefa de pesquisador e quão amplo era seu horizonte, pode-se verificar pela leitura de seu livro, em dois tomos, *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807*, aparecido numa luxuosa edição ilustrada, em 1812,

em Frankfurt-sôbre-o-Meno, e no ano seguinte — 1813 — reproduzido numa edição barata em 8.º (2). "Cada observador tem seu próprio ponto de vista" — diz Langsdorff no prefácio desta obra — "pelo qual vê e julga os novos objetos; tem sua própria esfera, na qual se esforça por incluir tudo que está em mais estreito contacto com seus conhecimentos e interêsses... Tratei de eleger o que me pareceu representar o interêsse geral — usos e costumes de diferentes povos, seu modo de vida, os produtos do país e a história geral de nossa viagem..." "O rigoroso amor à verdade" — prossegue êle — "representa não uma vantagem, mas o dever de cada cronista da viagem. Com efeito, é escusado discorrer sôbre aventuras numa viagem tão longa como a nossa, ou compor contos sôbre a mesma: ela fornece uma quantidade tão grande de coisas admiráveis e interessantes que nos basta esforçarmos em tudo observar e nada deixar passar".

Em sua estada em Portugal Langsdorff observou como se fazia uma preparação conveniente para uma navegação ao redor do mundo; viu que "...para viajar com proveito, eram necessários energia e vigor especiais, e para adquiri-los o melhor meio são as viagens anteriores. Eu me senti bastante feliz por me haver preparado para essa com as viagens feitas anteriormente, menos longas". Finalmente, para conservar o ânimo e a disposição durante o longo caminho era preciso possuir um caráter aventuroso — e isto também transparece nas páginas do livro de Langsdorff. Permanecendo meses inteiros no oceano, sem nada ver além de céu e água, o jovem cientista não entende como podem as pessoas queixar-se de tédio no mar: "O tédio ataca apenas aquêles — diz — que também em terra, por tôda parte se entristecem, não encontrando distração em teatro, bailes ou em jogos de baralho. Numa expedição como a nossa, numa comunidade numerosa de sábios e de pessoas sequiosas de conhecimentos, era quase impossível deixar-se dominar pelo tédio — ao contrário, podia-se mesmo afirmar, com tôda a razão, que o tempo não

---

(2) Ao mesmo tempo saía a última edição em inglês — *Voyages and Trave's in various parts of the World during the years 1803, 1804, 1805, 1806 and 1807*, 2 vols., Londres, 1813, 14, 4. Já em 1816, em Viena, foi publicado um resumo dessa obra, feito para a juventude, por GUTMANN, *J. W. Langsdorff's Reise um die Welt*, Viena, 1816. A. Doll.

era suficiente a ninguém que quisesse utilizá-lo com bastante proveito".

Depois de breve estada em Falmouth e nas Ilhas Canárias, o *Nadiejda* e o *Nieva* se demoraram de 20 de dezembro de 1803 a 4 de fevereiro de 1804 no litoral da ilha de Santa Catarina. Isso possibilitou a Langsdorff dedicar-se atentamente à caça de maripôsas e realizar freqüentes excursões à beira de florestas. O conhecimento da língua portuguêsa permitiu-lhe, em um mês e pouco, não só fartar-se de admirar as riquezas naturais, o canto de pássaros desconhecidos e o aspecto de plantas e animais igualmente desconhecidos, como também conhecer de perto a população e seus hábitos que, em muitos pontos, o surpreenderam pela diferença em relação aos hábitos da metrópole (nesse tempo o Brasil ainda era colônia de Portugal). "A limpeza é um traço que distingue os habitantes locais, e em seu favor, dos portuguêses, em geral mais sujos. Os soldados, camponeses e a gente mais pobre conservam grande limpeza não só em suas roupas brancas, finas e boas, como também em todos os usos domésticos." Êle nota ainda o hábito singular de lavar diàriamente as pernas em água morna antes de ir dormir, e de tomar mate[1]. Com particular interêsse, Langsdorff aponta o destino dos negros escravos, cuja dança africana êle teve ensejo de observar durante a festividade de Ano Nôvo. O mercado de escravos em Nossa Senhora do Destêrro causou-lhe forte emoção: "Fui possuído por um sentimento inteiramente nôvo de indignação, quando pela primeira vez cheguei a Nossa Senhora do Destêrro e vi aquela massa de criaturas humanas afastadas de sua pátria, desamparadas, desnudas até a cintura, e expostas à venda nas encruzilhadas"[2]. Quanto aos indígenas, êle obteve apenas informações verbais. Disseram-lhe que os habitantes de uma colônia situada bem no interior da província de Santa Catarina empreendiam ataques, de tempos em tempos, contra os índios, aqui chamados de "gentio bravo" ou "caboclos".

A 4 de fevereiro a expedição deixou o Brasil — "país dos mais admiráveis e riquíssimo" — como a êle se referia Langsdorff, ajuntando: "A lembrança de minha permanência ali permanecerá indelével para tôda a vida". A 6 de maio, o *Nadiejda,* em que viajava Langsdorff, passou pela ilha de Páscoa,

chegou às ilhas Marquesas e demorou-se dez dias em uma das baías de Nukahiva. Aproveitando, na ilha, os serviços de um marinheiro francês, Cabri, que ali vivia feito selvagem (e cujo retrato foi pintado pelo admirável artista Orlovsky e apôsto ao livro de Langsdorff), êste último conseguiu de modo surpreendente, neste breve espaço de tempo, conhecer muito da vida e dos hábitos dos singulares habitantes da ilha. Os dados recolhidos então permanecem para sempre como uma rica fonte de informações sôbre os nativos da ilha, que se achavam quase totalmente privados de contactos com nossa chamada civilização. Isso torna essas informações extremamente valiosas.

Langsdorff fêz uma apreciação minuciosa da tatuagem e apresentou uma série de desenhos de diferentes tipos de adornos, que êle explicou, em grande parte, de acôrdo com os nomes dados pelos nativos às coisas indicadas (rostos, pessoas, etc.). Descrevendo as construções, manifestou espanto ante a pequenez das aberturas nelas existentes, observando que êste fenômeno não podia "ser explicado" pelo desejo de proteger-se contra o frio, que é como "se explica", entre os povos do Norte, a pequena dimensão de suas portas. A antropofagia dos nukaguivanos provocou nêle reflexões melancólicas: "O homem tende eternamente a destruir seus semelhantes; por tôda parte êle é brutal e cruel de nascimento". "Os sentimentos afetuosos e ternos de cordialidade e amor, de carinho mesmo, dos pais para com os filhos e vice-versa, eu, infelizmente, só de raro em raro observei entre as nações incultas e não civilizadas" — dizia êle, ilustrando essa observação com o fato de que era muitíssimo fácil comprar crianças nukaguivanas a seus pais, por qualquer bagatela. Causou-lhe assombro que os selvagens não ocultassem seus hábitos canibalescos, nem se envergonhassem dêles: "Nossas paixões se detêm nas fronteiras da razão, da delicadeza de costumes e particularmente da religião. Quando não existe esta última, nem há consciência, então o homem não passa de um bruto e, neste estado primitivo, é capaz de tudo, inclusive das ações mais terríveis, sem mesmo ter consciência de que pratica o mal".

Com a estreiteza dêsses pontos de vista, sem um estudo realmente científico da natureza humana, Langsdorff pagou um tributo a seu século. Mas essa estreiteza quase não refletia o conteúdo de suas observações. Langsdorff compôs um voca-

bulário da língua nukaguivana, com quase 400 palavras e expressões.

A 7 de junho de 1804 o *Nadiejda* e o *Nieva* alcançaram as ilhas Sandwich (Havaí), que já começavam a desempenhar significativo papel na navegação pelo Grande Oceano. Entretanto, aqui não se desceu à costa, e a única aquisição para a ciência constou de desenhos de um dos barcos dos nativos, que cercaram os navios. O *Nadiejda* prosseguiu viagem sòzinho, e em meados de julho atingiu Petropávlovsk, na península de Kamtchatka. Aqui se iniciaram os preparativos para a viagem ao Japão, e Langsdorff lamenta que, em face do grande volume de negócios a tratar, não lhe tenham dado guias ou acompanhantes para a excursão pelo interior do país. Enviou ao acadêmico Kraft, em Petersburgo, uma carta com breves informações sôbre seus trabalhos. Extratos dessa carta foram publicados na *Revista Tecnológica,* que a Academia editava, no tomo II, n.º 2, 1805, sob o título: "Excerto da Carta de G. Langsdorff ao acadêmico Kraft sôbre Kamtchatka". Num relato sôbre a nova espécie de caranguejos descobertos nas ilhas Marquesas, sôbre seu trabalho a respeito da luminescência do mar e das observações barométricas nos trópicos, êle falava com admiração da natureza em Kamtchatka e prognosticava-lhe um belo futuro, com a só condição de que se introduzisse o confôrto no modo de vida de sua população. "Com grande satisfação fixei meus primeiros olhares no campo em Kamtchatka. Minha satisfação aumentou cada vez mais com a observação dos arredores. Aqui poderiam ser cultivados os mais admiráveis e frutíferos vales. Os insetos, dos mais diversos gêneros, que se cobrem com as mais diversas côres, são um deleite diário para os meus olhos. Os produtos naturais são muitos, mas poderiam ser obtidos em quantidades incomparàvelmente maiores mediante o cultivo da terra". E adiante: "A primeira exigência dêste país consiste em ser povoado e ter bons lavradores, artesãos e industriais. Via de regra, sente-se carência daqueles conhecimentos que num Estado civilizado servem para a satisfação das necessidades mais imediatas. Por exemplo: seria inteiramente indispensável estabelecer aqui o trabalho de olaria, fábrica de tijolos, produção de sabão e sal, e ter gente destra na pesca de baleias, na conservação (por meio de salmoura) e dessecamen-

to dos peixes, etc.; também seria de grande utilidade construir moinhos, drenar os lugares pantanosos, etc.".

A 7 de setembro de 1804, o *Nadiejda* de nôvo se fêz ao mar, rumo ao Japão, conduzindo o embaixador Riezanov. No oceano aconteceu que os navegantes tiveram de suportar várias borrascas e fortes tufões. A 8 de outubro o navio chegou a Nagasáqui, conforme escreveu Langsdorff. Sòmente a 17 de dezembro foi permitido ao embaixador e a seus acompanhantes, entre os quais se achava Langsdorff, descerem de bordo e instalarem-se numa casinhola especial, isolada, *Megassaki*. Ali, debaixo de chave e sob vigilância contínua, impedidos de ter contacto com a população, êles permaneceram até o mês de abril. "Fomos privados até — diz Langsdorff — de tôda possibilidade de trabalhar pela ciência. Alguns peixes, que nos foram trazidos como provisão para a cozinha, forneceram-nos material para pesquisas científicas. Mediante promessas, conseguimos que o entregador das provisões nos trouxesse todo dia novas espécies de peixe, que constituíam assim, para o dr. Tilesius e para mim, um entretenimento instrutivo e agradável." Todos os contactos com os japonêses foram rigorosamente proibidos, não sendo permitido comprar, nem oferecer ou receber como presente absolutamente nada. Não obstante, Langsdorff trouxe uma série completa de desenhos japonêses de autoria de artistas locais, e de *peças anatômicas*. Esta coleção, à qual, entretanto, Langsdorff não se refere em parte alguma, se encontra entre seus materiais no arquivo do Museu Zoológico. Nada conseguindo e inclusive não podendo ver de perto a cidade de Nagasáqui, a embaixada regressou a Kamtchatka a 16 de abril de 1805. A rota escolhida por Kruzenxtern, desta vez, cruzava o Mar do Japão, desde Tsuchima até à extremidade setentrional de Ieso. Explorou-se a parte meridional da ilha Sacalina (que, na opinião de Langsdorff, deve ser chamada pelo nome localmente adotado de ilha Tchoka), conseguindo-se aí conhecer mais de perto os japonêses e observar os ainos. Os gelos do mar de Okotsk obrigaram o navio a desviar-se para o oriente, para as ilhas Curilas, e partir rumo a Petropávlovsk, a fim de desembarcar a embaixada, para quem as pesquisas pelo litoral da Sacalina não possuíam interêsse Conforme explica em seu livro, Langsdorff se utilizou ali

do dicionário de bôlso que para êle compusera Klaprot, constituído de têrmos do dialeto dos ainos.

A 4 de julho o *Nadiejda* chegou a Petropávlovsk. Aí Langsdoff teve de escolher entre dois trajetos a fazer — ou prosseguir viagem no *Nadiejda* ou aproveitar a oferta de Riezanov, que queria levá-lo consigo como médico às ilhas Aleutas e à costa oeste-setentrional da América do Norte, aonde ia tomar posse da Companhia Russo-Americana. Riezanov propunha um acôrdo por escrito em condições vantajosas, proporcionando tôda sorte de cooperação às suas pesquisas científicas.

"Minha escolha" — diz Langsdorff — "foi finalmente feita em favor da América, porquanto considerei meu dever perante a Ciência não deixar escapar tão inusitada e rara viagem, ainda mais em condições que pareciam tão propícias".

Como ponto final da viagem, propôs-se primeiro a ilha Kodiak, onde se estabelecera o centro principal da Companhia. Pela manhã de 14 (28) (3) de junho de 1805, a galeota *Maria,* com Riezanov, Langsdorff e alguns oficiais, mais a equipe de industriais, fêz-se ao mar. Deram a Langsdorff, como ajudante, um caçador amador. A caminho da ilha Kodiak, *Maria* visitou as ilhas Unalasca e São Paulo. Nesta última os viageiros assistiram à caça às baleias. Depois fêz-se uma parada na ilha Unalasca, onde havia, da mesma forma que na ilha São Paulo, um pôsto da Companhia Russo-Americana. A sede do administrador geral da Companhia, A. A. Baranov, se encontrava então na ilha de Sitka, e Riezanov rumou, atrás dêle, para êsses novos domínios russos.

Partindo a 20 de agôsto da ilha Kodiak, a galeota *Maria* já a 26 estava em Norfolk-Sound, e Baranov hospitaleiramente recebeu os visitantes. Novo-Arkhangelsk, eis como se chamava essa povoação, que mal começava a ser erguida. Nela não se encontravam víveres suficientes para a invernada. Nas duras condições da invernia em Sitk, Langsdorff, distanciado do mundo, em plena solidão, escreveu uma carta a seu discípulo Blumenbach (4):

---

(3) O número entre parêntesis (28) se baseia no calendário gregoriano atualmente em vigor na URSS, ao passo que o outro — 14 — se baseia no calendário então vigente — o juliano. Daí a diferença. (N. do T.).

(4) A carta não chegou a ser enviada, por falta de meios, mas Langsdorff a transcreveu em seu livro.

"Um fervor cego pelas ciências naturais, promessas numerosas e repetidas de tôda a ajuda possível aos objetivos científicos, conseqüentemente as mais risonhas perspectivas e minha paixão pelo conhecimento, talvez também um desenvolvimento especial do "órgão da vagabundagem", de que fala Gall (5) — tudo isso constrangeu-me a abandonar o navio expedicionário do senhor capitão Kruzenxtern e acompanhar o senhor Riezanov às costas norte-ocidentais da América".

Adiante descreve êle como a deficiência de alimentação e a inutilidade do caçador que lhe deram como ajudante forçaram-no a dedicar quase todo o seu tempo a procurar subsistência na caça a pássaros e animais selvagens, em canoas aleutianas.

Durante a estada em Sikta, Langsdorff conseguiu visitar as povoações de cóloches e transmitir interessantes informações a respeito dêles. Causou-lhe especial surprêsa o hábito da dilatação do lábio inferior por meio de batoques de madeira, obrigatórios nas mulheres. As jovens, na idade de 13 a 14 anos, perfuram o lábio, passam pela abertura um fio grosso, depois o substituem por uma rodela de madeira. O orifício gradualmente se dilata de tal modo que, afinal, cabe nêle, encurvada, uma tàbuazinha, semelhante a uma colher de sopa, e às vêzes também de maiores dimensões.

Diz Langsdorff: "Quando eu fazia a natural pergunta sôbre a utilidade real dêsse adôrno, que parecia ser tão incômodo, acontecia sempre ficar sem resposta. Sem falar em vários outros hábitos absurdos e ridículos de tantas nações altamente civilizadas e sem querer compará-los uns aos outros — não teria eu todo o direito de perguntar: por que as nobres chinesas consideram belo fingir-se destituídas da possibilidade de livre movimento? Por que as senhoras japonêsas pintam os dentes de prêto? Por que não se inventaram ainda meios de limpeza do nariz que não implicassem conduzir as mucosidades no bôlso? Por que nós, ao querermos apresentar-nos em traje de gala, cobrimos os cabelos com uma leve camada de farinha?"

---

(5) Refere-se certamente a Gall, médico alemão, nascido em Tiefenbrunn, seu contemporâneo (1758-1828), criador da Frenologia. (N. do T.).

As duras condições invernais forçaram Riezanov a empreender nova viagem — em busca de víveres — a Nova Albion, ou Nova Califórnia, precisamente ao pôrto de São Francisco.

Após malogradas tentativas de penetrar na embocadura do rio Colúmbia, o navio *Iunona* (*Juno*) entrou, em fins de março de 1806, na baía de São Francisco. Tal viagem se realizou como parte da expedição geral de Kruzenxtern, sôbre a qual fôra avisado, três anos antes, o govêrno espanhol. Daí ter êste oferecido cordial recepção.

Coube a Langsdorff a tarefa, que achava muito desagradável, de servir de intérprete, falando em latim com os padres missionários, pois não havia outro idioma que fôsse do conhecimento comum de ambos os lados.

Transmitiu êle curiosas informações sôbre os indígenas e seu modo de vida nas missões dos franciscanos e pressagiou brilhante futuro a todo aquêle rico país. Quanto aos trabalhos de ciências naturais, "defrontaram, em nossa expedição, mais dificuldades do que podiam ser imaginadas: as peles que secavam eram atiradas ao mar, os papéis do herbário eram escondidos no fundo da bodega, soltavam-se os pássaros apanhados vivos, cortava-se a cabeça dos pássaros abatidos a tiro, e assim por diante".

"Com tais ocorrências e outras semelhantes, senti-me tão abatido e esmagado, que até cheguei a me conformar com a renúncia a qualquer idéia de trabalhar no setor da história natural e, segundo o desejo do senhor Riezanov, restringir-me à função de intérprete..."

Regressando a 8 de junho a Sitka, ali encontrou um calhambeque de 22 toneladas, que devia, sob comando do americano Wolf, ir a Okotsk. Langsdorff juntou-se a êle. "Já agüentei Sitka suficientemente; fartei-me de peixes, focas e caracóis..." "Raramente se entoa o *Te Deum laudamus* com maior sentimento de gratidão do que aquêle que me fervia na alma ao partir para a Europa". "Parecia-me que a respiração se tornava mais leve ao perdermos de vista o monte Edgecumbe" (à entrada de Norfolk-Sound).

Na visita à ilha Kodiak, como antes também, Langsdorff teve sua atenção atraída pelas condições de vida dos aleutas. Várias páginas de seu livro são dedicadas à descrição do gê-

nero de vida dos aleutas, dos industriais e das personalidades da Companhia Russo-Americana.

Após a visita à baía de Cook, no Alasca, e a segunda visita à ilha Unalasca, Langsdorff chegou a 13 de setembro de 1806 a Petropávlovsk. Tendo-se adiantado a chegada do inverno, nesse ano, teve de passar essa estação fria naquele lugar.

Em seu livro, Langsdorff consagrou todo um capítulo à descrição da criação de cães e aos transportes puxados por cães (6). Êle mesmo se acostumou tanto a êsse gênero de transporte que, em companhia de apenas um kamtchadala, e dirigindo, êle próprio, seus cães, realizou uma longa viagem através da Kamtchatka — de 15 de janeiro a 25 de março de 1807. Nesa ocasião visitou os coriaques (7).

Langsdorff surpreendeu-se com o importante papel que desempenham os alces da vida dessa tribo. "Êsse papel é tão grande como o das focas na vida dos aleutas, pois êsse animal supre quase tôdas as necessidades da tribo".

A 14 de maio daquele ano, o *Rostislav* fêz-se de nôvo a caminho, e a 15 de junho os viajantes chegavam a Okotsk.

Ali Langsdorff equipou uma caravana de 13 cavalos, com tropeiros iacutos, que pôde chegar até Iakutsk graças às provisões por êle trazidas da América em sua bagagem.

Durante a navegação que empreendeu, descendo o rio Aldana, Langsdorff pôde conhecer mais de perto os iacutos e observar seu modo de vida. Surpreendeu-o a variedade de aplicações que êste povo faz da casca de bétula; despertou-lhe observações que aqui transcrevo na íntegra.

"É digno de assombro notar examinando-se várias nações ainda incultas, como elas sabem prover quase tôdas as suas necessidades com uma única e simples coisa fornecida pela natureza.

"Para muitos insulanos dos mares do Sul o bambu é tudo. Os aleutas, esquimós e outros povos dificilmente poderiam

---

(6) Ratzel considera êste capítulo como modelar, em seu gênero (*Allgemeine Deutsche Biographie*, artigo de RATZEL sôbre LANGSDORFF).

(7) Esta viagem proporcionou material para uma pequena dissertação, que se conserva no Arquivo da Academia de Ciências, na qual trata do costume dos kamtchadalas e coriaques de secar cogumelo tóxico para usá-lo como narcótico ou inebriante. Sôbre sua ação fêz-se uma descrição detalhada. (Ver lista suplementar dos manuscritos e trabalhos publicados de G. I. LANGSDORFF.)

subsistir sem as baleias e as focas. Os tchuktchas e coriaques, lapões, samoiedos e outros habitantes das terras do Norte vivem quase exclusivamente de alces e sabem aproveitar inclusive o musgo do ventre dêsses animais. Para os buriatos, quirguises e muitos povos da estepe, as ovelhas são absolutamente necessárias: elas fornecem-lhes roupa, alimentação, vivenda, etc. O iacuto supre a maior parte de suas necessidades com o cavalo e a bétula".

De Iakutsk a Irkutsk subiram pelo Lena. De Irkutsk, Langsdorff dirigiu-se à fronteira chinesa — Kiakta — e depois prosseguiu seu caminho. Ao chegar a Tobolsk, foi tão carinhosamente recebido pelo governador-geral, o famoso Pestel, que ali permaneceu como seu hóspede de 11 de dezembro de 1807 a 22 de fevereiro de 1808. A 16 de março, Langsdorff chegou, através de Kazan e Moscou, a São Petersburgo.

A 24 de julho, foi nomeado para elevada função de assistente em Botânica, na Academia de Ciências. A infatigável aspiração de viajar não abandonou Langsdorff. Mal regressara da viagem ao redor do mundo, já se aprestava, como médico e cirurgião, a participar numa caravana que devia partir de Orenburgo para Samarcanda e Bucara.

A 24 de agôsto, na Sessão da Academia, foi lida sua carta pedindo instruções e um adiantamento de seus honorários.

A 17 de novembro, Langsdorff chegou a Orenburgo, mas ali soube que a expedição seria formada sòmente no ano seguinte. Langsdorff dirigiu-se ao príncipe Volkonskom perguntando como poderia obter permissão durante êsse tempo para ir ao exterior (ver em Protocolos carta de Langsdorff, datada de 14 de dezembro de 1808, de Gorenk, lida na Sessão de 11 de janeiro de 1809). Devendo regressar em agôsto do ano vindouro, Langsdorff pleitou com êxito, a obtenção de férias, junto ao Ministro do Comércio, príncipe Saltikov.

Partindo para o exterior (com destino a Estrasburgo e Göttingen), Langsdorff propôs à Academia que o encarregasse na compra de livros, instrumentos, coleções, etc. (carta de Moscou, 14/XII/1808); além disso, êle já tinha a intenção de editar alguns de seus apontamentos sôbre botânica (desenhos de novas espécies de embriões) já prontos para a publi-

cação, e pediu permissão para fazer isso no exterior (carta de 30/XII/1808).

Langsdorff regressou do estrangeiro no dia 21 de junho de 1809 e desde então assìduamente passou a comparecer às Sessões da Academia e fêz dissertações sôbre zoologia e botânica: na Sessão de 5 de junho, apresentou o relatório *Beschreibund neuer Fischarten;* a 6 de setembro, leu *Naturhistorische Beiträge.* Nesse dia se publicou sua nomeação como assistente em zoologia. A 4 de outubro, fêz um relatório com observações ornitológicas. A 18 de outubro propôs a publicação de um trabalho sôbre a flora de Portugal, apresentando o plano de exposição da obra, mas a Academia recusou a proposta. A 1.º de novembro — *Verzeichniss der Vögel im October;* a 6 de dezembro — idem, *im November,* etc. A elaboração dos materiais da viagem ao redor do mundo tomou também, é claro, muito tempo. Em 1810 êle começou, juntamente com Fischer, a publicação de um grande trabalho versando a botânica, que se prolongou por alguns anos, sob o título: *Plantes recueillies pendant le voyage des Russes autour du monde par Langsdorff et Fischer,* Tübingen, 1810-1818. Anteriormente publicara juntamente com Horner as observações barométricas horárias nos trópicos. A partir de 1811, publicou-se nas *memórias* da Academia (t. III, págs. 286-294) a descrição de nova espécie de tetraz (8).

Em Petersburgo êle concluiu, a 12 de junho de 1811, sua obra em dois tomos sôbre a viagem ao redor do mundo, mais de uma vez citada aqui. No ano seguinte, essa obra apareceu numa suntuosa edição, anunciada aos que se haviam comprometido a adquirir seus exemplares.

A 1.º de abril de 1812 Langsdorff foi nomeado acadêmico extraordinário em zoologia; a 17 de junho, acadêmico extraordinário em botânica (ver sua fôlha de serviço n.º 25/1814, no Arquivo da Academia de Ciências, e a *Relação dos Membros da Academia de Ciências, 1725-1907,* de B. L. Modzalievsky).

Em setembro (ou dezembro?) daquele ano (1812), provàvelmente de acôrdo com seu próprio desejo, Langsdorff foi

(8) *Description du* Tetrao intermedius *n. sp. e no Recueil de l'Ac. Sc.* Nesse mesmo ano — *Description d'un tetras, ou d'une espèce particuliere d'oiseaux très peu connue, qui se trouve aux environs de S. Pétersbourg.*

nomeado cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro, Brasil, conservando-se seu título e seus honorários de acadêmico.

É difícil crer que sua nomeação como cônsul no Brasil tenha sido ditada por quaisquer interêsses comerciais, como o afirma Cabany, referindo-se às "relações comerciais da Rússia com o Brasil"; ela deve ser vinculada, antes, à circunstância de que a Casa portuguêsa dos Braganças, destituida por Napoleão, em 1808, proclamou império o Brasil, e o Rio de Janeiro se tornou assim residência do imperador e da Côrte (9).

Iniciando a viagem em dezembro de 1812, Langsdorff chegou ao Rio de Janeiro em 5 de abril de 1813, tendo cruzado o oceano em 67 dias. Em carta datada de 7 de maio de 1813, isto é, escrita um mês após sua chegada, notificou à Academia que ainda não tivera tempo para ocupar-se de pesquisas científicas, forneceu alguns títulos de trabalhos sôbre botânica, publicados no Rio de Janeiro, e finalmente descreveu a tribo indígena dos botocudos (Boticudo, como escreveu êle), que habita "entre as províncias de Minas Gerais e Rio Doce". Nessa descrição, ressaltou êle a admirável semelhança que, em sua opinião, existe entre essa tribo e os habitantes da costa oeste-setentrional da América do Norte, que êle conheceu no curso de sua viagem de circunavegação da Terra.

Em fins de agôsto de 1813, após nove meses de viagem por mar, chegou ao Rio, vindo de São Petersburgo, o ajudante e preparador Freireis, que lhe enviaram. E as coleções entomológicas e de peles começaram a crescer, se bem já antes, em raras ocasiões, Langsdorff conseguira enviar à Academia alguns dêsses espécimes.

Em carta de 30 de março de 1814, Langsdorff comunicou o envio da "continuação das maripósas dessecadas", referindo-se provàvelmente a algum trabalho que estava sendo publicado. Prometeu remeter amostras de topázio azul brasileiro para o gabinete de mineralogia da Academia. Os botocudos continuavam a atrair sua atenção. Dizia êle: "Em minha carta de 7 de maio do ano passado, chamei a atenção da Assembléia

(9) [Esta bem fundada conjectura de G. G. MANIZER parece ainda mais provável quando se toma em consideração a situação política na Europa nos começos do século XIX e, em particular, a guerra entre a Rússia e a França.]

da Academia de Ciências para uma tribo dêste continente, até agora pouco conhecida, os botocudos (Budocudo) e observei que entre êste povo não muito numeroso impera o costume de perfurar o lábio inferior e nêle introduzir um adôrno — exatamente como no litoral norte-ocidental da América, com a só diferença de que, entre êstes últimos, apenas as mulheres usam essa perfuração labial, ao passo que entre os indígenas brasileiros isso se verifica em ambos os sexos. Consegui reunir com dificuldade algumas palavras da língua desta nação, de modo que a Assembléia da Academia de Ciências tenha a possibilidade de compará-las com as da língua falada em Norfolk-Sound [isto é, na ilha de Sitka — G. G. M.]:

cabeça	keh	*joelho*	ikarum
orelhas	moh	*beber*	itiok
nariz	jun	*fogo*	jumbak
bôca	mah	*água*	manjan
cabelos	rinkeh	*está frio*	dabri
dentes	yun	*está quente*	woga
braço	iporo	*sol*	oda
mão	poh	*lua*	taru
dedo	ponting	*estrêlas*	huneët
unha	pogaringa	*sujo*	mèm
peito	min	*mulher*	matoh
umbigo	igraik	*homem*	jukna
pernas	num	*grande*	nikmun
língua	itjo	*pequeno*	parakbebe
comer	jakiä	*olhos*	ketom"

Ignora-se, naturalmente, o que êle queria dizer com a afirmação de que reunira "com dificuldade" essas 30 palavras, mas entre elas há visíveis equívocos e sua transcrição altera bastante a fisionomia das palavras. É curioso notar que, precisamente nessa ocasião, um outro viajante, o príncipe Wied-Neuwied, se tenha ocupado com os botocudos e logo publicado um livro em que muito se fala nêles. Também se interessou por êles o autor do *Journal du Brésil* barão Eschwege, explorador do Estado de Minas Gerais.

A 27 de junho de 1814, Langsdorff escreveu à Academia sôbre o encontro "com meu camarada de universidade

barão Eschwege, que há muitos anos já vive na província de Minas Gerais, a serviço de Portugal", e junto com a carta enviou à Academia a Memória e o diagrama dos conhecimentos que êsse cientista possuía da terra propondo ainda à Academia aceitá-lo entre os seus membros correspondentes. Com êsse viajante, partiu Freireis para a Serra do Abaeté, a fim de continuar colecionando peças para a Academia; entrementes, Langsdorff comunicava que as coleções já atingiam grandes proporções. Em dezembro de 1815, conforme afirmou em carta de 22 de maio de 1816, êle próprio realizara uma excursão à Serra dos Órgãos, com o fim especial de obter para a coleção peles de anta, "que nestes lugares (cêrca de 18 milhas do Rio de Janeiro) não são muito raras". "Da mesma forma — prossegue êle — consegui matar um grande e belo animal dessa espécie. Tive de preparar a pele no local, devido ao grande calor do verão, ao pêso considerável do animal e a distância em que me encontrava de qualquer habitação. E para isso tive que fazer eu mesmo todos os preparativos necessários. Com alguma dificuldade e esfôrço, coube-me efetivamente a sorte de conservar para a Ciência êste admirável espécime — grande mamífero da América do Sul. Tenho a honra de oferecê-lo à Academia de Ciências".

Comunicou, mais adiante, que juntamente com a pele de anta seguiam 100 peles de macacos, preguiças, marsupiais, etc. "Os caixões, pelos quais paguei mais de 125 rublos, peço entregar a meu sogro".

A preocupação incessante de Langsdorff, durante os anos seguintes, de enviar sempre mais espécimes ao Museu da Academia de Ciências, facilitou bastante o crescimento dêsse Museu. Por essa época exemplares da América do Sul estavam longe de ser encontradiços nos museus, e não me equivocarei se afirmar que a coleção petersburguense, então e posteriormente, ocupava, sob êsse aspecto, um dos primeiros lugares da Europa (10).

A situação interna do Brasil, após o traslado da Côrte (1808), melhorou consideràvelmente. Em 1813 iniciou-se o

---

(10) A. XTRAUKH, *O Museu Zoológico da Academia de Ciências*. Apendice ao tomo LXXI da *Revista da Academia de Ciências*, n.º 3, 1889. Aí se indica o recebimento de espécimes bastante valiosos, relativos ao porco-espinho e a outros mamíferos, consideráveis coleções de pássaros, répteis e grande número de peixes, que Langsdorff soube preparar com especial cuidado (págs. 100, 108, 194, 206, 273, 274).

afluxo de colonos ao nôvo império. Espanhóis, norte-americanos, irlandeses e alemães chegavam anualmente ao Brasil; preferiram estabelecer-se particularmente nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. O Govêrno, que antes só cuidava dos interêsses da Metrópole, passou a fomentar por todos os meios a colonização. Em 1818 elaborou-se o primeiro contrato (Gachet) para o estabelecimento de imigrantes, no qual se previa a remuneração dos gastos de viagem, a concessão de terra, animais, ferramentas de lavoura e tôda espécie de privilégios aos recém-chegados. Entre as colônias que agora surgiam, alcançou um florescimento particularmente elevado a de Nova Friburgo, fundada em 1819, na Serra dos Órgãos (a 850 metros acima do nível do mar), no Estado do Rio de Janeiro.

G. I. Langsdorff, com surpreendente e renovado interêsse — e de acôrdo com as exigências daquela sociedade, no seio da qual teve de viver e atuar — começou a trabalhar em prol da jovem população brasileira, que tanto o maravilhara desde os primeiros dias de seu contacto com o país. Ardorosamente, empreendeu a propaganda pela emigração para o Brasil. Possuindo também, por essa época, propriedade territorial no Estado do Rio de Janeiro, requereu férias ao govêrno russo, em 1820, e partiu para a Europa em busca de colonos para suas terras.

Em novembro de 1820, ao chegar a Paris, publicou um folheto em forma de memória, visando a estimular a emigração para o Brasil, sob o título: *Mémoire sur le Brésil pour servir de guide à ceux qui désirent s'y établir, par M. le Chevalier G. de Langsdorff, Consul général de Russie au Brésil, Membre de l'Académie Impériale des Sciences à Saint-Petersbourg et de plusieurs autres Sociétés savantes* (20 págs.). Depois de Paris, visitou a Alemanha, publicando em Munique, em fevereiro de 1821, uma brochura sôbre o assunto, mas bastante ampliada e com dados complementares. Intitulava-se: *Bemerkungen über Brasilien mit gewissenhafter Belehrung für auswandernde Deutsche*, Groos, Heidelberg, 1821,

---

Observando-se a coleção do Museu exposta nas diversas salas, ainda agora é fácil constatar a considerável quantidade de espécimes da América do Sul, preparados por métodos antiquados, que Langsdorff enviara. Ainda em 1865 o Brasil, ao lado do Cáucaso, do norte do Oceano Pacífico, da Europa e da Ásia Norte, era a região mais ricamente representada no Museu.

contendo 107 páginas. Nessa brochura se publicava em apêndice o decreto do govêrno de D. João VI sôbre os colonos (16 de março de 1820) e o *Ansichten einer deutschen Colonisation in Brasilien,* em que se citavam, a título de exemplo, as cláusulas de um contrato seu com colonos que êle pretendia levar para suas terras. Não ocultava, de modo algum, os aspectos negativos da nova pátria que indicava — o mau estado dos caminhos ou a simples ausência de estradas, as enfermidades, os mosquitos, as pulgas; citava exemplos de colonos que não foram bem sucedidos, por causa de sua falta de paciência, de sua negligência e de seu pouco espírito de poupança. Ao mesmo tempo, citando cifras, mostrava que resultados podem produzir as fazendas racionalmente exploradas. E se tornava mesmo entusiasta, quando se referia às riquezas naturais e ao ótimo clima do país. "Ali não se necessitam nem estufas nem chaminés para calefação da casa. Quem tiver uma camisa limpa, calças de tecido fino, camiseta e um par de sapatos — estará vestido decentemente e bem agasalhado; para o homem comum até mesmo meias e sapatos são supérfluos..."

"...A imaginação mais rica e mais feliz e a mais perfeita das línguas criadas pelo homem sequer de longe podem dar idéia da extensão dos tesouros e magnificências desta natureza". "Quem quer que anseie por motivos poéticos — que vá ao Brasil, pois ali a natureza poética responde a seus pendores. Qualquer pessoa, inclusive a menos sentimental, se deseja descrever as coisas como elas são ali, se transforma em poeta".

As condições que exigia dos colonos eram destinar um dízimo para o govêrno e um dízimo ao proprietário da terra, o que lembrava o velho russo do *obrok* (11).[3]

No comêço da primavera de 1821 Langsdorff se achava em Petersburgo. Em fevereiro, foi agraciado com o título de *Conselheiro de Estado* e com a *Ordem de São Vladimir* e feito membro *efetivo* da Academia. A 28 de março, na sessão da Conferência da Academia, apresentou a mencionada memória, em francês, e uma amostra do euclásio brasileiro para o gabinete de mineralogia da Academia.

---

(11) Obrok — Figura do direito feudal russo, segundo a qual os latifundiários podiam apropriar-se de uma parte da colheita dos camponeses, em forma de produtos ou de dinheiro. (Nota do Trad.).

Antes de regressar a seu pôsto no Rio de Janeiro, Langsdorff foi incumbido da missão, que coincidia inteiramente com os interêsses de tôda a sua vida, a realizar uma viagem pelo interior desta região da América do Sul. A 20 de junho de 1821, Langsdorff, informando a respeito à Conferência da Academia de Ciências, perguntou se não iria receber dela incumbências especiais, e pedia para tomar a serviço da Academia o entomólogo Menetrie, que desejava tomar parte na aludida expedição.

A Conferência decidiu (protocolo n.º 19) não lhe dar incumbências detalhadas, "confiante no ardor com que o senhor Langsdorff, como membro efetivo extraordinário da Academia, se esforçará para que sua viagem pelo interior do Brasil seja benéfica também para a Academia e seu museu". Quanto a Menetrie, foi êle aceito e até sua morte, em 1863, estêve a serviço da Academia. Regressando do Brasil em 1826, foi confirmado como conservador da seção de entomologia do Museu. Entre os outros participantes da Expedição que imediatamente seguiram para o Brasil, estava o botânico Lüdwig Riedel.

G. I. Langsdorff mesmo só chegou ao Rio de Janeiro a 3 de março de 1822, levando consigo do sul da Alemanha e da Suíça 80 colonos. Observe-se que nenhum dêles pereceu na viagem, o que, para aquêles tempos, era considerado admirável.

A especulação com os imigrantes já começara, e pouco antes, por culpa dos agentes dos vários *bureaux,* perecera em caminho tôda uma têrça parte de passageiros suíços — circunstâcia totalmente prejudicial à propaganda que mal começara em favor da emigração para o Brasil.

Os três anos seguintes passou-os êle em breves excursões. Em agôsto de 1825 recebeu a Academia 6 caixotes com coleções reunidas em 1824, durante a viagem à província de Minas Gerais, e uma coleção de desenhos de mamíferos da América do Sul (trabalhos do pintor Rugendas; magníficos desenhos se encontram no Arquivo da Academia de Ciências). Em fevereiro de 1826, Langsdorff foi proposto como acadêmico ordinário em zoologia. Naquele mesmo ano, foram recebidos trabalhos seus contendo observações sôbre a fauna na província de São Paulo e uma carta, acompanhada de memória sôbre o efeito da cainca nos casos de hidropisia, desco-

berta essa que êle fizera durante uma viagem em 1824 e em repetidos experimentos com essa planta imediatamente depois disso. Esta memória, escrita em alemão, se encontra no Arquivo da Academia.

Finalmente, em junho de 1828, após um ano de intervalo, a Academia recebeu uma carta da capital da província de Mato Grosso, cidade de Cuiabá, situada no próprio coração da América do Sul, aonde chegou Langsdorff à frente de uma bem equipada expedição. Junto à carta estavam catálogos de peças, (enviados em caixotes ainda em 1826 e ainda não chegados ao destino, então), um caderno com observações do membro da Expedição N. Rubtsov, sôbre astronomia, meteorologia e geografia. Estavam escritas em russo e traziam o título: *Observações Astronômicas* (12). Finalmente, também os desenhos feitos durante a viagem de junho de 1826 a janeiro de 1827, representando pássaros, que constavam da coleção. A Conferência decidiu agradecer a G. I. Langsdorff e publicar excertos de sua carta no jornal da Academia, como "dignos de atrair a atenção do público". O original da carta não foi por mim encontrado no Arquivo, mas graças à amável ajuda do conservador do Museu — B. L. Modzalievsky (13), consegui encontrá-la publicada em alemão no *St. Petersburgische Zeitung*, n.º 52, de 29 de junho de 1828. Trata-se do único documento publicado na Rússia sôbre a grande expedição pelo interior da América do Sul e, a partir de seu próprio cabeçalho, representa uma fonte de informação muito valiosa. São os seguintes os excertos publicados em tradução russa:

"Extratos da carta do sr. Von Langsdorff à Conferência da Imperial Academia de Ciências de São Petersburgo.

Cuiabá, capital da província de Mato Grosso.
2 de abril de 1827

"Em meu último relatório anunciei o envio de material zoológico e a descoberta da raiz de *Chiococca* (cainca), como *quasi specificum* no tratamento dos hidrópicos e das enfermidades do sistema linfático. Desde então tive a agradável satis-

(12) [As *Observações Astronômicas* de RUBTSOV não se acham, atualmente, no Arquivo da Academia de Ciências.]
(13) Morto em 1928.

fação de fazer repetidos experimentos sôbre o efeito extraordinário dessa raiz medicinal.

"No dia 22 de junho do ano passado, em companhia de um grande séquito de Pôrto Feliz, província de São Paulo, descemos pelo Tietê. Deixamos a parte habitada e civilizada desta provincia e seguimos a corrente do rio, perigoso pela abundância de quedas dágua, até sua desembocadura no imenso Paraná. Durante vários dias descemos por êsse importante rio até à embocadura do rio Pardo, depois subimos por êste último até a suas nascentes, isto é, até os pontos em que, com os afluentes, se tornava acessível à navegação. Êste rio corre inicialmente numa alta cordilheira que atravessa o Brasil de norte a sul e lança suas águas, ao oriente, no Paraná e, no ocidente, no Paraguai. Nesta altura, perto do divisor de águas, existe o povoado do Camapuã, muitas centenas de léguas distante de outros, em qualquer direção. Ali os viajantes, por preços exageradamente elevados, adquiriram sal, ferro, pólvora, munição e comestíveis e transportaram canoas, através da montanha, por terra firme, a uma distância de duas e meia léguas, tudo conduzido em dois carros enormes puxados por 7 juntas de bois.

"A 22 de novembro, cêrca do meio-dia, prosseguimos nossa viagem fluvial. A princípio navegávamos através de saltos dágua em meio a um bosque exuberante, pelo correntoso ribeiro Coxim; a 3 de dezembro desembocamos no rio Taquari e a 12 alcançamos o local em que êste riozinho deságua no grande e magnífico rio Paraguai.

"Até então, descendo o rio, a viagem era rápida e, até certo ponto, confortável, mas dali por diante tornou-se difícil, desagradável e lenta, subindo o Paraguai, o São Lourenço e o Cuiabá.

"Chegou a estação chuvosa e ao nosso avanço contrapunham-se dificuldades ainda maiores, devido à forte correnteza dos rios. Uma quantidade enorme de mosquitos nos cobria a todos remeiros desnudos e as canoas, e nos cercavam como uma nuvem. Nas margens próximas, alagadas, mal se podia encontrar um lugar enxuto para encostar as canoas, num breve descanso. E como cada árvore e cada arbusto (nos pantanais) estavam cobertos por milhões de formigas, era impossível en-

contrar meios de defesa contra os malditos enxames de insetos martirizadores, nem no ar nem na terra. A vida de cada um de nós se tornou pouco alegre. Mal se podiam levar até à bôca duas colheradas de favas frias com sebo (nossa única, habitual e diária alimentação), sem engolir também mosquitos, e em água para refrescar a garganta nem era bom pensar. A água do Paraguai, que flui lentamente, estava sobrecarregada de tôda espécie possível de corpos estranhos: barro vermelho, folhagem e raízes apodrecidas, peixes em decomposição e a fétida urina de centenas de jacarés (*Crocodilus palpebrosus Cuor);* estava coberta por uma escuma repugnante, que provocava asco só de olhar, e quase completamente inservível para beber-se. E além disso, a temperatura atmosférica à sombra era comumente de 26º a 29º. A temperatura da água era quase invariàvelmente de 24º (14), dia e noite. Sob êsse calor incessante, ao ar livre, com uma sêde angustiosa, acossados por nuvens atormentadoras de mosquitos, permanentemente molhados de suor, era-nos impossível obter algo fresco para beber e assim nem se podia pensar em qualquer ocupação intensa e séria. Afinal, após essa viagem perigosa, dura e difícil, que se estendeu por 7 meses e 8 dias, chegamos em fins de janeiro de 1827 à principal cidade da província de Mato Grosso — Cuiabá, pelo grande rio navegável (15), que tinha o mesmo nome daquela cidade.

"Pela relação anexa de material zoológico, a Alta Conferência da Academia de Ciências verá o significativo crescimento que resultará desta viagem para o Gabinete de história natural. Contudo, não deixei sequer um minuto de levar em consideração os desejos de Sua Excelência — nosso ilustre e digno senhor presidente — de, tanto quanto possível, enriquecer a coleção de mamíferos, e assim esforcei-me simultâneamente para atender ao pedido de meu respeitável colega senhor Pander, obtendo crânios e esqueletos de animais admiráveis, de modo que o Museu da Academia se adornará com muitos espécimes

(14) O rio Cuiabá fica quase sêco durante a estação estival, como decerto o próprio Langsdorff verificou posteriormente.

(15) Êsses dados sôbre a temperatura devem ter sido tomados pelo termômetro Reaumur, então usado pelos russos. O termômetro Réaumur, como se sabe, compreende uma escala de apenas 80 graus. Assim, para têrmos a noção exata daqueles dados, em escala de centígrados, devemos dividi-los por 4 e multiplicá-los por 5. (N. do T.)

verdadeiramente únicos, como, por exemplo, o esqueleto de *Parra Chavaria Linn, double* de *Dicholophus cristatus III*, e outros.

"O botânico Riedel trabalhou para a ciência com muito fervor e com grande êxito; conseguiu uma coleção magnífica de plantas e sementes raras, que poderão ser adaptadas, de acôrdo com as indicações, à coleção do Jardim Botânico em São Petersburgo.

"N. Rubtsov prosseguiu diligentemente fazendo suas observações astronômicas, meteorológicas e geográficas, que envio em anexo para explicação do mapa.

"O pintor Adrien Taunay desenhou com habilidade e gôsto numerosas e admiráveis vistas e espécimes raros de história natural. Constituiu-se assim uma interessante coleção de desenhos.

"Tendo em vista que a melhoria dos conhecimentos relativos ao homem me interessa mais particularmente, esforcei-me por que os pintores da Expedição preparassem retratos fiéis de representantes de tôdas as tribos indígenas que pude observar. Já agora tenho a satisfação de possuir retratos muito instrutivos das tribos dos caiapós, guaianás, guatós, xamacocos, bororos e chiquitos. Qualquer pessoa que inadvertidamente observe essas tribos fàcilmente se inclina a considerá-las como sendo de raça mongol (16). Tenho a esperança de que esta coleção de retratos de tôdas as tribos brasileiras, após esta excursão ainda muito longa que empreendo, despertará inusitado interêsse.

"Além disso, esforcei-me em reunir notas e tudo o que se refira aos idiomas dos índios (desde o tempo dos jesuítas) e penso que com isso poderei prestar à ciência um importante serviço.

"Seja-me permitido, ao mesmo tempo, observar que durante esta viagem, no trajeto pelos rios Tietê, Paraná, Pardo, Camapuã, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá, eu me ocupei especialmente de ictiologia, descrevi e desenhei mais de cinqüenta novos tipos de peixe de água doce ou flu-

(16) Esta afirmativa nos lábios de G. I. Langsdorff tem um pêso muito grande, pois êle vira pessoalmente muitos representantes da verdadeira raça mongólica, na Ásia (Japão, Kamtchatka e em tôda a Sibéria).

viais. No futuro pretendo dedicar especial atenção a êste ramo da história natural, que tem sido votado ao desprêzo pela maioria dos naturalistas que viajaram através do Brasil. Tenho a esperança de que o resultado geral da Expedição, que se iniciou sob tão bons auspícios e sob a proteção que dão à ciência o Monarca e seus ministros, corresponderá à expectativa de seu generoso patrono.

"Eu deveria ter salientado, mais acima, que continuando minha viagem passei a estudar as inclinações e oscilações da agulha magnética. Para êsse experimento utilizei o método que se poderia chamar de inglês, até o recebimento de informações mais fidedignas, pois eu o aprendi com o sábio navegante inglês M. Owen. O método consiste em fixar, antes de tudo, o *inclinatorium* pelo nível do plano horizontal, depois as agulhas do pólo sul do *inclinatorium,* com a ajuda de outro pólo sul, baixam até 75°, e então se observam as oscilações da agulha enquanto ela não pára. As observações foram feitas com exatidão e minúcia, mas, como físico, meus conhecimentos são insuficientes. Por isso, construir hipóteses na base dessas observações e delas extrair conclusões — isto já não entra no plano de minha viagem.

"Finalmente, aproveito a ocasião para enviar à Alta Conferência da Academia de Ciências a descrição de material ornitológico reunido de junho de 1826 a janeiro de 1827, juntamente com alguns desenhos, etc. Os originais se encontram em parte nos paquêtes anteriores, em parte nos que enviamos agora daqui e dos quais nos referimos acima, e os poucos que tiveram de ficar, devido a insuficiência de lugar ou por outra circunstância, seguirão junto com as próximas remessas de coleções".

Lendo esta carta, todos aquêles que têm em alta conta os êxitos da ciência, não podem deixar de lamentar que o plano, amplamente meditado e que tivera um início brilhante, visando a uma pesquisa multilateral da natureza e da população de regiões virgens da América Tropical, tenha fracassado.

A carta de Cuiabá foi a última enviada por G. I. Langsdorff. Pela comunicação feita por seu companheiro de viagem Florence, sabemos que, ao partir de Cuiabá, no curso da viagem pelo rio Tapajós, o infatigável pesquisador, que tinha

então 54 anos de idade, adoeceu de uma espécie muito aguda de malária, que se refletiu no sistema nervoso e o fêz perder a memória, acarretando ainda outros prejuízos em sua atividade mental. Isso ocorreu em junho de 1828. O cumprimento da parte restante do plano, que compreendia a Guiana, tornava-se impossível, como é fácil de compreender, sem que se restabelecesse o chefe da Expedição, que assim regressou ao Rio de Janeiro em 1829 (17). Os caixões contendo coleções foram trazidos a Petersburgo. Chegaram os desenhos dos pintores e cadernos com cálculos de Rubtsov, mas os manuscritos do próprio G. I. Langsdorff, como as notas sôbre as línguas indígenas e as observações sôbre seus costumes, que representariam ainda hoje um material extremamente importante — se perderam.[4] É provável que o enfêrmo não tenha querido separar-se dêles. A conselho médico, viajou em 1830 para a Europa a fim de submeter-se a tratamento ali. Fìsicamente, melhorou com grande rapidez e foi instalar-se em Friburgo, mas não pôde mais recuperar seu vigor mental. Em 1831 G. I. Langsdorff foi licenciado da Academia (*Relação dos membros da Academia de Ciências — 1725-1907,* de B. L. Modzalievsky), adjudicando-se-lhe uma pensão vitalícia. Morreu ali mesmo em Friburgo (Breisgau), a 29 de junho de 1852, com a idade de 78 anos. O último trabalho por êle publicado data de 1827 — *Kurze Bemerkungen über die Anwendung und Wirkung der Caincawurzel,* Rio de Janeiro, 1827.

Em meio da exuberante flora tropical da América do Sul, existe uma parasita batizada por Martius de Langsdorfia, em honra daquele que, graças a um infatigável trabalho de pesquisa da riqueza natural dos trópicos, perdeu o mais precioso de sua personalidade tão bem dotada — a fulgurante inteligência que tanto prometia ainda produzir, desinteressadamente, em benefício do homem, proporcionando-lhe conhecimentos da natureza e das pessoas.

---

(17) A segunda parte do presente trabalho é dedicada à exposição da rota da viagem e à publicação tardia do que restou dos materiais da Expedição de Langsdorff, referentes a etnografia.

Ensaio sôbre a expedição ao Brasil do acadêmico

G. I. LANGSDORFF

e descrição dos materiais etnográficos por êle recolhidos

Como material para o presente ensaio, foram utilizados, além do diário de Florence, as coleções do Museu de Antropologia e Etnografia da Academia de Ciências e os desenhos dos pintores da Expedição de G. I. Langsdorff, que se encontram nos Arquivos da Conferência da Academia de Ciências e do Museu Zoológico, e também as etiquêtas do herbário de Riedel-Langsdorff, que constituem um dos tesouros do Jardim Botânico de Pedro, o Grande; breves notas extraídas das *Observações Astronômicas* de Rubtsov, que se encontram, em manuscrito, no Arquivo da Academia de Ciências (de 19 de agôsto de 1825 a 30 de março de 1827).

Em língua russa não existe, publicada, qualquer informação sôbre a expedição de Langsdorff, e o único relato (1) a respeito, composto por um dos seus participantes, foi divulgado apenas em idioma português, em 1875-1876, na *Revista Trimensal,* que se editava no Rio de Janeiro (2). Intitulava-se "Ensaio" ou "Estudo" (*Esbôço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no Interior do Brasil, de setembro de 1825 a março de 1829*).[5] Com efeito, tratava-se apenas de um diário, com passagens ligeiramente modificadas e aumentadas, mas também à pressa, decerto durante a própria marcha. Alguns desenhos em rascunho, do autor dêsse "Ensaio", caíram em mãos de Karl Steinen e foram por êle publicados em 1899 (*Globus*, vol. LXXV) com interessantes comentários. Eis tudo o que é

(1) Além dos extratos, citados acima, da carta de Langsdorff, publicados no *St. Petersburger Zeitung.*

(2) Procurei essa exposição na descrição da viagem. A *Revista Trimensal,* correspondente àqueles anos, não existe nas bibliotecas de Petrogrado, e sou imensamente grato a meu amigo Alberto Eduardo Childe, conservador do Departamento de Arqueologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, pelos exemplares que me enviou dessa *Revista,* a qual já se tornou, mesmo no Brasil, uma raridade bibliográfica.

conhecido até agora. Contudo, a Expedição, dada a grandiosidade do plano, a amplitude das tarefas e a riqueza do material recolhido, poderia marcar época na história dos empreendimentos destinados ao estudo do Brasil, em grau não inferior ao das clássicas viagens do príncipe Wied e do conde Castelnau, se essa matéria-prima tivesse sido, em seu tempo, elaborada e publicada. Na própria imprensa brasileira tem-se deplorado a ausência de quaisquer pistas de um trabalho de fôlego e bem lançado sôbre a Expedição. Aliás, foi lá mesmo no Brasil, e não em Petrogrado, que tive oportunidade de ouvir falar pela primeira vez dessa Expedição.

A culpa dêsse esquecimento em que ela caiu, deve ser buscada, é claro, na doença incurável que atacou seu chefe e inspirador, que não mais escreveu sequer uma linha desde seu regresso à Europa, em 1830, até sua morte em 1852. Sem dúvida, as coleções zoológicas e botânicas já perderam muito de seu valor, agora que quase cem anos já são passados, mas o mesmo não se pode dizer do material etnográfico e dos desenhos feitos durante a excursão. Representam agora realmente um tesouro, pois se referem ao modo de vida quase inalterado de tribos selvagens, das quais uma parte desapareceu quase por completo, desde então. É o caso dos grupos originais da tribo bororo, chamados bororos-dos-campos, ou das tribos mundurucu e apiacá, que já se incorporaram ao modo de vida europeu. Sôbre estas duas últimas quase não existem informações diretas até hoje, e os cem anos decorridos após a Expedição não apagaram, provàvelmente, as recordações sôbre sua existência de selvagens, que ainda eram então.

*

A Expedição de Langsdorff ao Brasil ou seu *Iter Brasiliense,* como está designado nas etiquêtas, estendeu-se de 1822 a 1828, conforme se considera oficialmente.

Como se sabe pela biografia de Langsdorff, essa expedição pelo interior do país foi tomada sob a proteção de Alexandre I ainda em 1821 e custeada com seus recursos pessoais. Sua parte principal – 1825 a 1829 – custou, segundo informações de Taunay, na *Revista Trimensal,* pág. 353, a quantia de 88.200 francos.

Excursões e trabalhos anteriores (1821-1825)

O HERBÁRIO ATESTA que já em 1821-1822 teve início a colecionação de plantas em alguns lugares do litoral: Bahia, Ilhéus, Rio de Janeiro, etc. Riedel, o primeiro ajudante de Langsdorff, conseguiu em 1821 visitar o Amazonas; daí a existência no herbário de plantas dessa região e dêsse ano. Além de Riedel, tomou parte também nessa coleta, por êsses anos, o zoólogo E. Ménétries, que estêve em visita ao Brasil até 1826, e como preparador trabalhou G. Freireis, já mencionado.

Em 1823 prosseguiram as excursões a pequenas distâncias, e o herbário crescia cada vez mais.

Em maio de 1824, Langsdorff, em companhia do pintor Rugendas (3), empreendeu uma grande viagem à província de Minas Gerais. Daí resultou a coleção de notáveis paisagens, uma considerável quantidade de plantas e de material de zoologia.

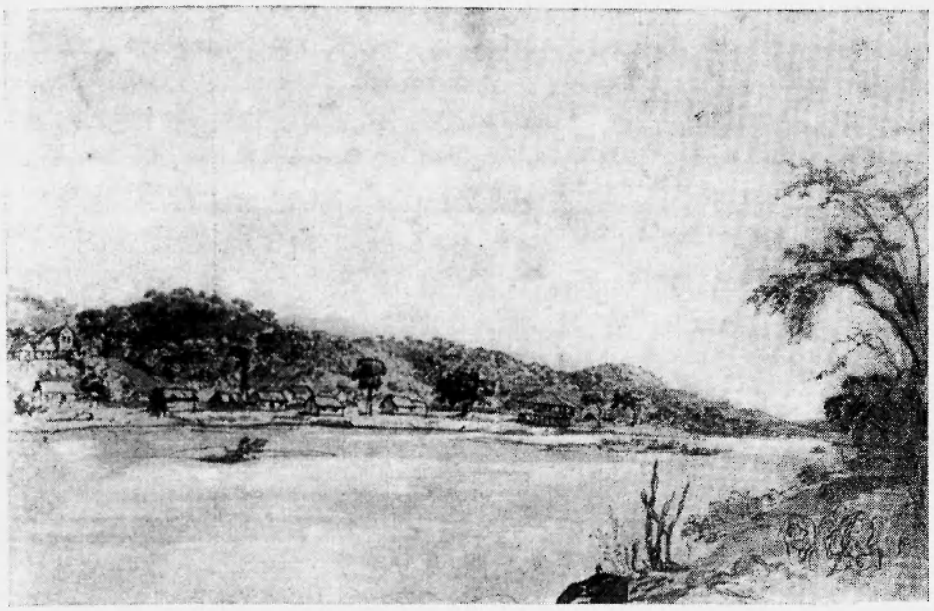
A série de desenhos se inicia com vistas do Rio de Janeiro de então, que ainda não possuía nem os portos nem as modernas construções de nossos dias. As montanhas do Corco-

(3) Publicou *Malerische Reise in Brasilien,* von Mor. Rugendas. Paris und Mülhausen, 1835. *In folio* em 4 partes. O itinerário desta viagem a Minas quase coincidiu com o itinerário de Hermann Burmeister em 1850, que forneceu material para o livro *Reise nach Brasilien,* 1853. Burmeister refere-se em tom altamente elogioso à publicação do álbum de desenhos de Rugendas.

vado e do Pão de Açúcar, hoje providos de funiculares, esplendem em sua grandeza ainda virgem. O início da viagem fornece uma série de tipos de negros escravos, pequenas cenas junto às fogueiras que se faziam no chão, à guisa de lareira, como ainda hoje também podem ser vistas em lugares mais afastados. A vista da alta Serra da Estrêla, que se tem de atravessar por uma estrada ao norte, é reproduzida no presente trabalho no desenho n.º 5.

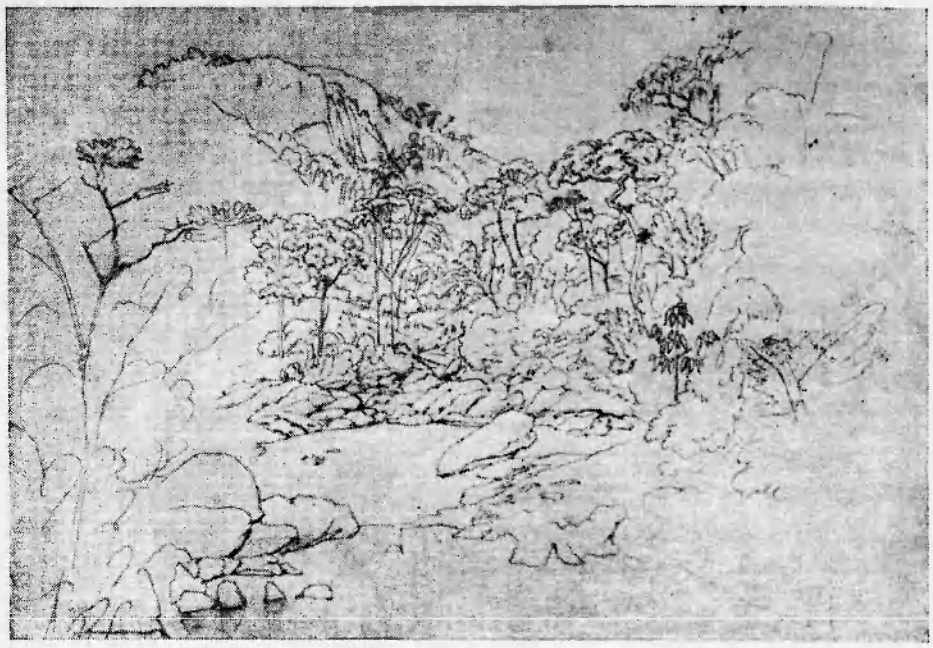
A 14 de maio os viajantes alcançaram o rio Paraíba. Cruzaram-no por uma pinguela que unia as provincias de Rio de Janeiro e Minas Gerais. A 26 de maio, já estavam em Barbacena (agora a estrada de ferro permite fazer a mesma viagem em poucas horas). As montanhas achavam-se ali recobertas das ornamentais araucárias, reproduzidas pelo pintor com singular habilidade. Depois de um pouso de alguns dias nesse local, os excursionistas chegaram em 9 de junho a São João del Rei. Por essa época, ao que tudo indica, ainda não havia cessado a febre das descobertas de minas de ouro, que a história do Brasil registra no século XVIII. O pintor nos oferece no desenho n.º 6 um quadro da descoberta de tais minas, perto do rio das Pombas. Nesse trabalho se mostra, com admirável maestria, como a vida de repente começa a borbulhar à sombra misteriosa e silente das matas virgens tropicais. Os negros escravos, junto aos quais também se encontra o capataz, tendo na mão um látego de duas pontas, lavam a areia, e ao lado se encontra a dona da casa, isto é, de uma choça de palmeiras, improvisada, à maneira dos indígenas.

No comêço de agôsto surpreendemos os viajantes já nas velhas cidades de Mariana e Ouro Preto, adornadas com tantos campanários. Esta última foi capital do Estado até a construção da atual capital, Belo Horizonte, uma cidade de tipo "americano". Ali os pesquisadores passaram mais de meio mês e, em seguida, rumaram para o norte. O desenho do artístico mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, na Serra de Caraça, indica o caminho que seguiram, porquanto também no herbário há exemplares com etiquêta dêsses lugares. A 23 de setembro achavam-se êles na Vila de Caeté, situada daquele lado da serra de Caraça, a 30, em Sabará (Vila de Sabará, no rio das Velhas), que agora também é conhecida como centro de indústria aurífera. Os demais desenhos referentes a essa via-



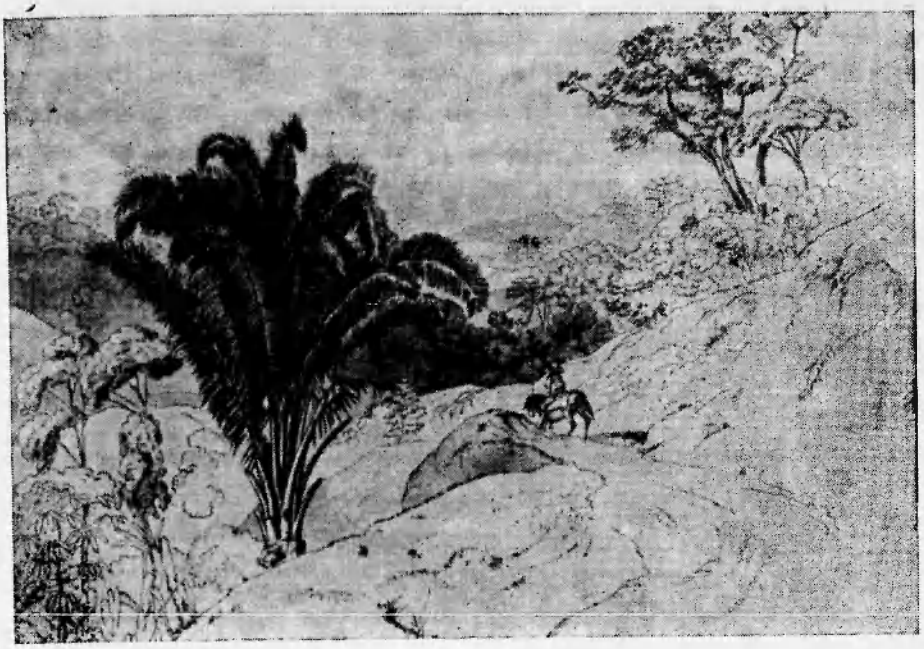
DESENHO 1

DESENHO 2



DESENHO 3

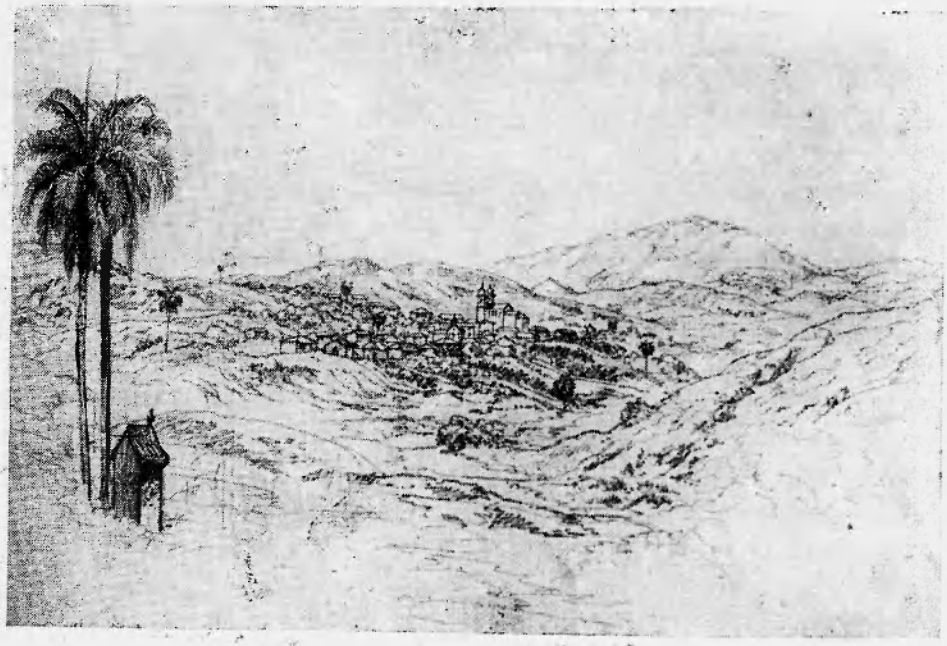
DESENHO 4



DESENHO 5

DESENHO 6

DESENHO 7



DESENHO 8

gem não estão datados e representam arroios impetuosos, fazendas típicas, roça de camponeses, recém-lavrada na mata ("derrubada"), um estreito pontilhão sôbre o riacho, ornamentado como uma cruz na balaustrada. Em Minas Gerais até hoje não acabou o hábito de colocar cruzes de madeira em tôdas as colinas, encruzilhadas ou em outros lugares salientes. A esta viagem se referem quatro desenhos de cabeças de índios maxacaris, feitos em Ouro Prêto. Essa tribo, já naquele tempo, era conhecida apenas por alguns de seus remanescentes esparsos. O príncipe Wied em seu mapa localiza-os próximo da costa em Ilhéus. Sob pressão dos botocudos, êsses índios dirigiram-se até aos brasileiros, no Estado de Minas, em busca de proteção. Em Rio Pardo, Estado da Bahia, desde 1911 que existe um aldeamento dêles, sob contrôle e proteção do Govêrno.

Início da expedição. Trabalhos no Estado de São Paulo

DURANTE O ANO de 1825 elaborou-se definitivamente o plano da grande expedição ao interior do país, como também a composição de seus membros: além do botânico Lüdwig Riedel, foi convidado na qualidade de astrônomo o oficial da marinha russa Nestor Rubtsov, co-pilôto da 14.ª classe – conforme se lê na assinatura das *Observações;* na qualidade de zoólogo, Christien Hasse e, finalmente, como desenhista, o pintor Rugendas (1). Dessas pessoas, no entanto, uma se recusou a participar na viagem – o pintor Rugendas, que se encontrava no Rio de Janeiro, por motivos pessoais. Recomendou como substituto seu jovem desenhista Adrien Taunay (Amado Adrien Taunay), já gozando de notoriedade, apesar de ainda jovem. Quanto a Rugendas, ia tomar parte numa viagem ao redor do mundo na fragata *Urânia,* que visitara algumas das ilhas do Pacífico. Por último, a seu pedido, foi incluído entre os participantes da Expedição, como desenhista, outro francês mais, Hercule Florence, autor do mencionado diário ou esbôço de viagem, que serviu de base a esta exposição. Com essa composição, a 3 de setembro de 1825 a Expedição partiu do Rio de Janeiro na sumaca *Aurora,* na qual, além de grande

(1) A menção feita por Gabany à participação de Ménétries na expedição não corresponde à realidade. Êste entomólogo abandonou o Brasil em 1826, isto é, no início mesmo da Expedição.

bagagem, se encontravam ainda 65 negros escravos enfermos, recentemente chegados da África e com a pele coberta de úlceras infecciosas, adquiridas durante a travessia marítima. Felizmente, um vento favorável permitiu que em 48 horas êles chegassem a Santos. Esta parte da viagem é a única sôbre a qual Rubtsov fala mais detalhadamente em suas *Observações.* É que, como autêntico marinheiro, êle achava muito mais interessante estar no mar do que em qualquer lugar em terra firme.

Eis o que se lê em seu manuscrito: "Agôsto, 29. O comandante da Expedição, conselheiro de Estado Grigóry Ivanovitch Langsdorff, eu, os pintores Adrien Taunay e Hercule Florence embarcamos no navio *Aurora,* que devia levar-nos até o pôrto da Vila de Santos".

"Agôsto, 30. Cêrca das 10,30 horas da manhã, com vento favorável, saímos da baía do Rio de Janeiro, mas por volta do meio-dia, lá para as 2 horas, o vento SO, que estava moderado converteu-se em rajada, e como nossa embarcação não era muito sólida, não indo além das 140 t, fomos forçados a regressar e perto das 3 horas ancoramos em frente às baterias de Villegaignon."

"Setembro, 2. Na bateria de Villegaignon..." (seguem-se cálculos sôbre a altura do sol).

"Setembro, 3. Cêrca de 8 horas da manhã, com vento favorável, levantamos âncoras e partimos da baía. Às 10 horas, saindo da baía, começamos a manobrar no R. SSO para o pôrto da Vila de Santos. Às 5 horas da tarde seguimos no R. SO ½ O; soprava durante o tempo todo um moderado vento de ONO e, ao que suponho, deslocávamos uma velocidade de 6 nós."

"Setembro, 4. Às 6 horas da manhã avistamos a ilha de São Sebastião. O meio dessa ilha ficava no R. ONO, a uma distância de 18 milhas italianas. Às 7½ da manhã, indo no mesmo rumo SO ½ O, lobrigamos a extremidade meridional da da ilha no R. NO, e então seguimos no R. O e logo mais adiante avistamos 3 ilhas juntas, chamadas Alcatrazes, no R. ONO. Às 9 horas, passamos pela extremidade meridional da ilha de São Sebastião. Às 11 horas passamos no rumo das ilhas Alcatrazes, que daqui pareciam uma só, após o que começou a fazer pouco v[ento]."

"Setembro, 5. Até ao meio-dia houve bonança e nos encontramos quase no mesmo lugar que nos achávamos na véspera às 11 horas do dia. Ao meio-dia soprou de NO um vento calmo, e então seguimos no R. O diretamente ao pôrto da Vila de Santos. Às 3 horas da tarde chegamos ao rio Santos, onde arriando tôdas as velas, por aí seguimos rio acima. Às 5 horas da tarde, afastamo-nos 3/4 de versta, ficamos contra a corrente e ancoramos."

"Setembro, 6. Às 7 horas da manhã, seguimos de nôvo para cima. Às 12 horas soprou calmo o vento de SO, levantamos velas e à 1 hora da tarde chegamos ao pôrto da Vila de Santos, onde ancoramos em frente da Alfândega."

"Às 3 horas descemos a terra e fomos à casa do vice-consul inglês William Whitaker."

(Seguem-se cálculos de altura do Sol, com intervalo de 7 a 19 de setembro, devido à nebulosidade do tempo).

Em outro caderno das *Observações* lê-se sôbre a continuação da viagem:

"Setembro, 24. Partimos para um lugarejo chamado Ponte Alta, onde chegamos à noite. Inicialmente, durante 1½ léguas portuguêsas, seguimos pelo rio no R. NO 64º, orientando-nos pela bússola, e chegamos ao pôrto de Cubatão; dali, a cavalo, subimos a serra, chamada de Cubatão (a mesma que do pôrto de Santos a bússola indicava estar a NO 64º). O tôpo da montanha, em linha reta, ficava a pouco menos de ½ légua, mas o trecho era tão escarpado que os jumentos carregados subiam com dificuldade; depois o caminho se tornou muito melhor, plano ou com pequenas elevações, até chegarmos ao lugar pròpriamente dito: Ponte Alta."

Seguem-se cálculos e observações em outros pontos do caminho até São Paulo.

A idéia inicial era a de se dirigirem a Cuiabá, capital de Mato Grosso, pelo chamado Caminho de Goiás, mas em vista de ser muito dispendioso êsse itinerário e muito pesada a bagagem, Langsdorff decidiu aproveitar a via fluvial — precisamente aquela via que já nos séculos XVII e XVIII fôra utilizada para a penetração no fundo do país (o chamado sertão). Começou-se pelo ribeiro Cubatão, de onde as mercadorias foram transportadas por terra à cidade de São Paulo, e daí a

Pôrto Feliz pelo rio Tietê. Então, passou-se a bagagem para a canoa, e dela os viajantes não iriam mais separar-se até ao fim da viagem. Êles se trasladaram por um varadouro no ponto em que se dividem as águas do Paraná e do Paraguai e por grandes corredeiras. (Ver *Extracto da Descripção Geographica da Província de Matto Grosso,* 1797, escrito por Ricardo de Almeida Serra e publicado na *Revista Trimensal* do Rio de Janeiro, 1884). Entre os desenhos de Adrien Taunay encontra-se uma vista do pitoresco ribeiro Cubatão, que banha trechos ininterruptos de mata virgem, o qual é também descrito em tom poético no diário de Florence. Em Santos os viajantes foram recebidos pelo cônsul inglês e ali passaram cêrca de 20 dias visitando seus arredores. Em seguida, através do Pôrto do Cubatão (2), São Paulo, Iundiahu (3), Campinas e Itu (4), dirigiram-se a Pôrto Feliz, no rio Tietê. O dano sofrido pelo cronômetro provocou em N. Rubtsov algumas frases, além das habituais datas e designações de localidades. Lê-se nas *Observações:*

"Novembro, 15. Partimos para a Vila de Itu; à noite chegamos ao lugarejo chamado Jaguaré".

"Novembro, 16. À noite chegamos ao lugarejo chamado Cachoeira."

"Novembro, 17. Partimos para mais adiante, e eu desde êsse dia não mais pude estar com os cronômetros em dia. Pedi então ao sr. Grigóry Ivanovitch Langsdorff desse corda nêles. Êle deu corda, mas sòmente no cronômetro n.º 893, e com tal violência que êsse também parou de funcionar. E eu chegando à Vila de Itu, encontrei-o naquele estado, e vi logo pelo mostrador, que indicava erradamente a hora."

Em Itu, Langsdorff, com Riedel e outros decidiu realizar uma viagem ao sul da província de São Paulo. Florence ocupou-se em preparar a canoa para a viagem, instalando-se em Pôrto Feliz. No início de dezembro, Langsdorff, no entanto, voltou ao Rio, a negócio, ficando na chefia do Grupo L. Riedel. Estêve ausente quase seis meses, mas a Expedição du-

---

(2) "Pôrto dos Povos", lê-se na 'Tradução dos nomes de lugares mencionados no mapa" que consta em apêndice nas *Observações* de N. Rubtsov. O mapa mesmo não foi, porém, encontrado.

(3) "Iundiahu — nome de peixe. Vila dêsse peixe", idem.

(4) "Itu, nome indígena. Significa: água que se afasta", idem.

Desenho 9

rante todo êsse tempo trabalhou, recolhendo material na província de São Paulo. No desenho n.º 9 vê-se um rico paulista (habitante da província de São Paulo)[6].

O paulista esta montado em seu mulo bem ataviado; suas ocupações e suas riquezas estão ilustradas aí, com a caravana de mulos, carregados de açúcar de cana. A sela está recoberta de cordéis, o que – da mesma forma que as peles de ovelha

tingidas — representam elegância, sendo agora, contudo, simplesmente provinciano.

Particularmente bem sucedidas foram as caçadas perto de São João de Ipanema, onde em dezembro de 1825, em janeiro e fevereiro de 1826, se conseguiram muitos mamíferos, peixes, pássaros e répteis. Depois disso, em março, empreendeu-se uma excursão a Sorocaba. Tôdas essas excursões podem ser acompanhadas pelas *Observações* de N. Rubtsov. Infelizmente, como matemático, era muito lacônico e se limitava quase a anotar algumas datas. Curiosa é a seguinte nota: "11 de março de 1826. Partimos de volta à Fábrica de Ferro (da Vila de Castro). Disseram-me que nesta estrada freqüentemente aparecem, vindos da mata, uns selvagens chamados xavantes, que matam a gente; por isso não nos detivemos em lugares ermos e viajamos de manhã à noite; entretanto, não vimos nenhum dêles". Atualmente não existe sequer a lembrança de "gente selvagem" em centenas de milhas em tôrno dêsses lugares.

Abril transcorreu, pelo visto, nos preparativos finais para uma viagem de quase três anos. Em maio, afinal, todos se reuniram em Pôrto Feliz, no rio Tietê.

De Pôrto Feliz a Camapuã. Xavantes e caiapós

Meio mês passaram aqui os viageiros e sòmente a 22 de junho de 1826 teve início a descida pelo rio: "A 22 de junho, cêrca do meio-dia, partimos para a província de Mato Grosso pelo rio Tietê, descendo a corrente", registrou lacônicamente N. Rubtsov em suas *Observações* (seguem-se cálculos da altura do sol, etc.). A caravana se compunha de duas grandes canoas de um só pau (na primeira iam Langsdorff e uma jovem alemã trazida, desta última vez, do Rio de Janeiro; na segunda Riedel, Taunay e Hasse) e um batelão, no qual viajavam Florence e Rubtsov. Em tôdas essas canoas, que zarparam sob salvas de espingardas e gritos da multidão que os acompanhou até ali, ondulava a bandeira *andrèanina* (1) da marinha russa. Hasse só acompanhou um pouco a Expedição, logo regressando. Resolveu casar-se com a filha de um fazendeiro, em cuja casa pousaram os expedicionários, e desistiu de participar na viagem. (Aconteceu que não se casou e pôs fim à própria vida, alguns anos depois, suicidando-se em Campinas).

(1) Compõe-se de uma cruz azul, obliquamente deitada sôbre fundo branco. Sua designação — andrèanina — origina-se de uma lenda religiosa, segundo a qual Santo André a teria deixado em Kiev, aonde chegara para converter os infiéis. Mais tarde a Marinha de guerra russa adotou-a como símbolo seu. Kiev, atual capital da Ucrânia, já foi, há uns dez séculos, o centro de tôda a Rússia. (Nota do Trad.)

Tietê, "rio verdadeiro. Tietê, nome indígena" – observou Rubtsov. Afluente do Paraná, pela margem esquerda. Apesar do grande número de corredeiras e de algumas cochoeiras grandes, êle começou a desempenhar o papel de caminho ainda no século XVII. Durante as freqüentes paradas no caminho, com a passagem das canoas por lugares perigosos, cresceram as coleções e os pintores esboçaram alguns desenhos. A 3 de junho, N. Rubtsov registrou: "Faz-da do Defunto Peishoto (abandonada pelas pessoas, devido a se encontrarem por aqui selvagens e onças) à margem S. do rio..." (seguem-se cálculos).

A 5 de julho a caravana chegou à cachoeira de Uputunduva. Essa cachoeira, conforme escreveu Florence, "é visitada pelos índios desta região, porque o rio aí dá vau. Até agora, porém, nem seus rastros temos visto. Segundo contam as pessoas que conosco trabalham, êsses índios, chamados xavantes, são inimigos de todos os cristãos. Às vêzes tem-se procurado chamá-los, mas êles fazem sinal com a mão que nada querem conosco e ameaçam-nos brandindo arcos e flechas... Convém não se meter mato a dentro para não receber inesperadamente alguma flechada mortal. Ainda há poucos anos, mataram um infeliz remador que por ali passava. Êle demorara-se em terra para acender o cigarro e quando quis saltar sôbre a canoa, foi varado por uma flecha, morrendo três horas depois.

Todos os índios que aparecem na parte ocidental da província de São Paulo e para lá do Tietê, são chamados xavantes. Tenho escassas informações a respeito dêles; creio, porém, que são pouco numerosos e errantes na vasta zona entre Curitiba, o Tietê e o Paraná até às Sete Quedas, país que não foi explorado senão por uma expedição, a qual subiu algumas léguas pelo Paranapanema acima, na procura de negros quilombolas". (Fl. I, pág. 375). (Trata-se de negros escravos que se escondiam na mata e construíam suas colônias independentes, chamadas quilombos). Êsses xavantes do Estado de São Paulo, ou Otis, junto com seus aparentados faiés e opaiés (ou araés) do rio Ivinheima, são muito pouco conhecidos até hoje (2).[7]

(2) Ver alguns dados a respeito dos Trabalhos do XVII Congresso de Americanistas, pág. 250 e seguintes, no artigo de H. v. IHERING [*A Etnografia do Brasil Meridional*]. Material recolhido por Kurt Unkel em Campos Novos.

A 18 de julho a caravana chegou à primeira grande cachoeira, o Salto de Avanhandava. O traslado da bagagem e das canoas por um varadouro, tomou muito tempo, de modo que só a 24 pudemos recomeçar o avanço. Florence faz uma descrição minuciosa da cachoeira, e num desenho (N.º 50 da coleção) a representa pictòricamente. As caçadas eram sempre coroadas de êxito. Aconteceu de num só dia matarem de 3 a 4 antas, já para não falar em todos os pássaros possíveis. No dia 7 de agôsto, a Expedição alcançou a cachoeira de Itapurá, não longe da foz do Tietê. Aí três dias passaram contornando o despenhadeiro. A 11 de agôsto as canoas já penetravam no Paraná. A 12 de agôsto as observações se limitavam à altura do sol e às inclinações magnéticas. "Agora nos encontramos – lê-se no diário de Florence – na região dos índios caiapós, cuja aldeia fica na margem dêste rio, (o Paraná), em ponto quase fronteiro à foz do Tietê, um pouco acima. No lugar onde paramos havia uns gravetos queimados entre cinzas, bem como uma rêde de cipó suspensa à alta ramada de uma árvore, sem dúvida para pôr quem lá dormira ao abrigo das onças. Creio que fôra algum índio, o qual fizera sua cama tão alto por se achar sòzinho, pois tenho como certo que não deve haver o menor receio daquelas feras, quando se viaja em grupo". (Fl. I, pág. 387). Pelo que se sabe, entre os caingangues essa é uma forma hábil de esconder-se; provàvelmente constitui adaptação de um uso que fôra próprio dos xavantes do Estado de São Paulo, mas agora quase extinto.

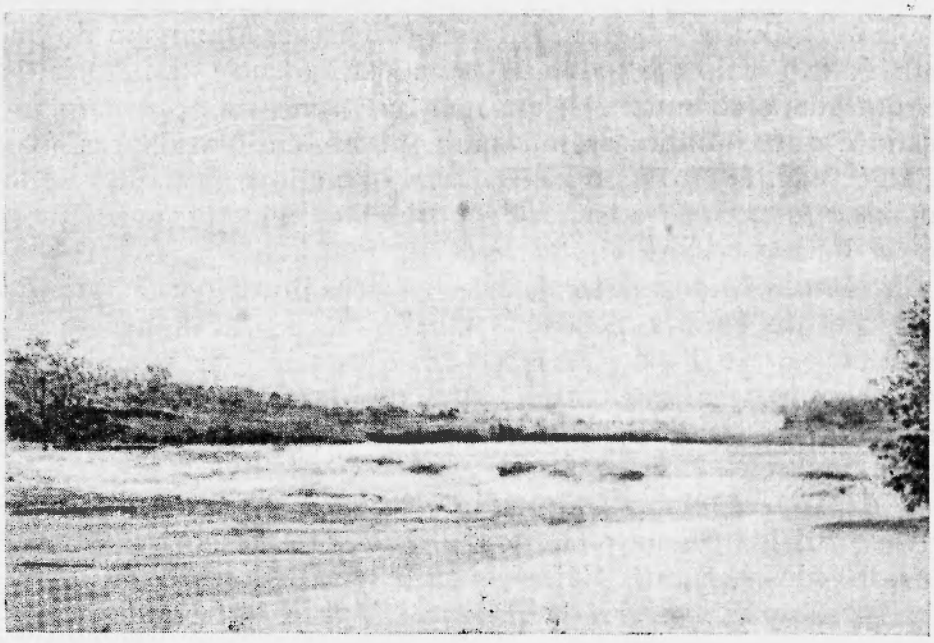
Os membros da Expedição subiram pelo Paraná duas milhas acima ruma à esplendorosa cachoeira de Urubupungá, da qual Adrien Taunay fêz um desenho. Até agora, quando por êstes lugares já passa a estrada de ferro, a mata ainda não se afastou das margens do rio e o homem ainda tem muito que lutar contra ela. No desenho representa-se uma parada à margem do rio, em meio à natureza virgem. Os caçadores agora se ocupam em assar a anta, enquanto imensos peixes (pacus, provàvelmente) jazem aos montes perto do fogo. Até agora nestes lugares podem-se fisgar peixes sem maiores ardis, tão numerosos são êles e tão ávidos, apesar da irracional devastação causada pela pesca a dinamite, introduzida pelos "civilizados". A viagem foi interrompida para uma visita à aldeia dos caiapós, composta de 10 palhoças. Não havia ninguém ali,

pois os índios se achavam em suas plantações à margem do Sucuriú. No meio das palhoças, havia um rancho que parecia de propriedade comum. Ali estavam uns troncos de palmeira furados, "que os índios usam como tambores em suas danças" (3). (Fl. I. pág. 389). Langsdorff ofereceu como presente ao dono da casa facas, machados e outros objetos de metal; entretanto, os indígenas não os viram como tal.[8]

No dia 15 de agôsto alcançaram a foz do rio Verde, grande afluente do Paraná, pela margem direita, e a 18 de agôsto penetram no rio Pardo, "célebre entre os paulistas pela beleza das campinas em que corre" (Fl. I, pág. 392). De nôvo empreenderam a subida do rio, que é muito penosa, vencendo rápidos e cachoeiras. Gasta-se nisso dois meses, ao passo que na descida o tempo consumido não vai além de seis a sete dias. Adrien Taunay fêz dois desenhos de cachoeiras no rio Pardo (des. 10), um dêles em aquarela. Florence fala com êxtase sôbre êste trecho da viagem: "À vista, já farta da monotonia de ininterruptas matas, abrem-se vastas perspectivas cortadas de oiteiros, riachos e capões. As campinas permitem aos viajantes seguirem por terra, enquanto as canoas sobem, lenta e custosamente, o estreito e tortuoso curso. Pode então cessar o incômodo de estar-se obrigatòriamente sentado ou deitado numa barraca de quatro a cinco pés de largo. No meio dêsses campos o caçador fàcilmente depara veados, perdizes e outros animais, cuja carne lhe alegra a mesa, aumentando assim o prazer de atravessar tão bela região. O olhar não se cansa de admirar as côres várias que de todos os lados embelezam: aqui é uma verdejante várzea; ali fica o cercado com suas árvores baixinhas e engrouvinhadas; adiante se alarga um campo de macega mais alta que um homem e de um colorido tirante a amarelo pardacento. Muitas vêzes, grandes áreas de terreno, colinas inteiras, apresentam um aspecto sombrio, enegrecido: é que por ali passou uma chama devoradora, ateada pelo viajante. Os troncos estão despidos de fôlhas, requeimados pelo incêndio. Se, porém, medeiam quinze dias ou um mês, arrebenta viçosa verdura naquele fundo lúgubre e acinzentado.

Quando, por desenfado, se ateia fogo aos campos que cercam os acampamentos, o espetáculo à tarde se transforma, mas

(3) Não seriam gamelas para guardar bebida, semelhança do *kiki* dos caingangues ?



DESENHO 10

nem por isso é menos notável. As labaredas se alargam, formam linhas de compridas chamas que sôbre todos os objetos deitam claridade resplandecente, por tal modo intensa que se pode enxergar um alfinête caído no chão. Essa linha de fogo se afasta, estende-se em grandes círculos, sobe e transmonta, por vêzes, oiteiros. Clarões vivos se desprendem, destacando-se de sombras opacas. Rolos de fumo enevoam os céus: o rio parece fogo, e as taquaras nos bosques estouram dando violenta saída ao ar contido entre os nós e que se dilata com o calor repentino.

Não raro gozávamos daquela esplêndida iluminação até depois de meia noite" (Fl. I, págs. 392-394).

No dia 24 de agôsto houve uma parada a fim de pôr em ordem as coleções. Então, "o ajudante do guia, bom caçador, matou dois veados brancos". ..."Quando o caçador via um veado, tirava logo a roupa e, nu em pêlo, ia quase arrastando-se até pegar a espingarda" (Fl. I, pág. 394).

"3 de setembro. Matou-se um lôbo. Era do tamanho dos da Europa e estava muito magro, prova de que, apesar da

abundância de veados e caititus (Dicotylus), pouco achava que comer" (Fl. I, pág. 395).

Os palmitos de alguns tipos de palmeira (como os de guacumás, guarirovas, gerivás) figuravam sempre no cardápio dos viajantes (4). Alguns frutos silvestres, como marmelo-bravo, a mangaba, o caju, também tornavam mais variada a mesa. "Dia 4, Taunay encontrou uma flor que causou grande alegria a Riedel" (Fl. I, pág. 396).

No dia 24 a caravana encontrou-se na cachoeira do Tamanduá (5) com um batelão e uma canoa do negociante Rodrigues, que regressava de Cuiabá a Pôrto Feliz. O batelão era tripulado por índios guatós, dos que vivem às margens do Paraguai e do São Lourenço (sôbre êles ver mais adiante).

No dia 27, Riedel, Florence e Taunay desceram da monção e foram a pé até ao salto do Corau. "Levávamos conosco apenas uma espingarda de caça, algumas cargas de chumbo fino, uma bala e dois biscoitos, que constituíram nosso jantar. Chegados antes do pôr-do-sol ao salto, demo-nos pressa em formar provisório abrigo com fôlhas de palmeira guacuri. Felizmente o sr. Taunay matou um lagarto que nos serviu de ceia e que a fome tranformou em manjar suculento. Deparou-se-nos também um cacho de bananas que pendia de raquítico tronco. Caso houvessem estado maduras, não teriam escapado à gente de Costa Rodrigues: por incomíveis as deixaram, mas nosso apetite era tal que assadas, assim mesmo verdes, foram regalo precioso. Durante a noite cada um de nós, por causa das onças, fêz duas horas de sentinela. Quando o dia clareou de todo chegaram as canoas". (Fl. I, pág. 398).

Ali na cachoeira encontraram-se com um grupo de negros, vindos de Camapuã, aonde Langsdorff enviara duas pessoas em busca de cavalos. Os negros estavam todos com papeiras do tamanho da cabeça, que pendiam até aos peitos, tornando-lhes a voz opressa. Nos arredores havia muitos cupins (montículos de terra escura feitos por uma espécie de formiga que traz êsse nome), os quais chegam às vêzes à altura de um ho-

---

(4) [Palmito de palmeira existe na coleção da Seção Central e Sul-americana, n.º ... 1878. Xamacoco paraguaio.]

(5) "Tamanduá — animal que se alimenta de formigas", lê-se na "Tradução dos nomes...", de N. Rubtsov.

mem a cavalo (nos manuscritos de Florence existem desenhos de vários tipos de cupins) (Fl. I, pág. 399).

No dia 7 de outubro estavam na cachoeira Canoa Velha, quando chegaram finalmente os cavalos. Pela manhã do dia 8, todos os viajantes, com exceção de Riedel e Taunay, partiram a cavalo, para a frente. Langsdorff e sua acompanhante adiantaram-se a Florence e Rubtsov. A êstes aconteceu então um contratempo: o cavalo do pintor caiu no meio de um ribeiro impetuoso e, de fraqueza, não podia levantar-se. Florence ficou ali sòzinho, tôda a noite, enquanto Rubtsov correu em busca de auxílio. Enquanto isso, o animal que assim repousara coisa de uma hora, melhorou e pôde prosseguir viagem.

A 9 de outubro, passando a vau o rio Pardo e atravessando lugares colinosos, os cavaleiros jantaram no pôrto chamado Sanguessuga, ponto de passagem das canoas a caminho do rio Pardo.

"Por aclive suave chegamos ao alto de uma montanha, donde avistamos Camapuã bem embaixo de nós. É ela o espigão mestre de uma vastíssima zona. Por trás de nós ficavam os afluentes da bacia do Paraná; para diante quantos vão ter ao Coxim e ao Taquari, na bacia do Paraguai. A descida pareceu-me o triplo da distância que havíamos subido" (Fl. I, pág. 401).

"As monções, ao sair do rio Pardo, sobem o Sanguessuga, rompendo ramos e ervas, cortando às vêzes grandes árvores que, caídas de margem a margem, impedem a passagem e vão ter ao pôrto do Sanguessuga, distante duas léguas de Camapuã. Daí transportam-se primeiro as cargas em carros do estabelecimento; depois as próprias canoas, colocadas em carroções baixos e puxados por sete juntas de bois, são trazidas por um bom caminho que, por espaço de légua e quarto, corta uma planície e em seguida transpõe a montanha de que falei, alta talvez uns 150 pés acima do horizonte, descendo perto de 450 pés por suave rampa até ao povoado. Existe apenas um único trecho pouco mais íngreme. É na verdade digno de admiração poder pensar que de Pôrto Feliz a Cuiabá percorrem-se 530 léguas por meio de 10 rios, havendo só duas léguas de varadouro, e nem é menos de pasmar ver passarem grandes canoas por cima de montanhas" (Fl. I, págs. 401-402).

De Camapuã ao rio Paraguai. Os guaicurus

"Camapuã é uma fazenda pertencente a uma sociedade que tem sua sede em São Paulo. Em estado de decadência desde que a navegação dos rios vai sendo abandonada pelos negociantes, conta perto de 300 habitantes, dos quais a têrça parte é constituída de negros escravos. Aí se fabricam grosseiros tecidos de algodão para uso dos moradores e para remessas à cidade de Miranda (à margem do rio do mesmo nome), onde são trocadas por cabeças de gado vacum e cavalar. Da cana-de-açúcar, além do açúcar fazem uma aguardente péssima". (Fl. I, pág. 402) (1).

O mencionado geógrafo do século XVIII cita êste lugarejo, dizendo que a possibilidade de abastecer-se, aqui, de víveres força os viageiros a preferirem o caminho que passa por êle a quaisquer outros, inclusive aos mais curtos e mais fáceis, como, por exemplo, ao varadouro que une o rio Piquirá (bacia do São Lourenço ao rio Sucuriú (bacia do Paraná). (R. Serra, pág. 167).

Segundo Florence, "a situação de seus habitantes é de extrema miséria. Pelos bens que possuem, pouco distam do estado selvagem, mas nem por isso são ou se consideram mais infelizes. Sòmente alguns homens, tidos por endinheirados,

(1) O trecho acima difere da tradução do visconde de Taunay, onde se lê: "A produção principal é de cana-de-açúcar, depois da do feijão e milho da qual fazem péssima aguardente". (*Viagem fluvial* ... pág. 49).

é que andam vestidos com calças e camisa de pano grosso. Os outros só usam ceroula, quase tanga, e a maior parte das mulheres traz sôbre o corpo apenas uma saia. Só comem milho, feijão e algumas ervas: raramente provam a carne de seus magros porcos ou comem ovos e carne de vaca. E tudo isso quase sempre sem sal, que é ali produto extremamente caro". (Fl. I, pág. 403).

A Expedição encomendou aí 120 alqueires de farinha de milho, cuja preparação tomou muito tempo, pois os habitantes locais não tinham sequer um monjolo, (primitivo moinho de água brasileiro), sendo todo o trabalho feito a mão moendo-se o milho em pilões. A Expedição não conseguiu ver os indígenas desta região.

"Durante nossa estada aqui, ouvimos falar no aparecimento de índios nos arredores: foram reconhecidas as pegadas, e chegou-se mesmo a surpreendê-los, procurando furtar umas reses. Fugiram. Tratava-se, provàvelmente, de caiapós ou guaicurus". (Fl. I, pág. 404).

Quando estava tudo pronto para a continuação da viagem, as canoas foram arrastadas no leito do ribeirão Camapuã até o curso do rio Coxim, onde já deviam alcançá-las os passageiros e tôda a bagagem, que vieram atrás para não sobrecarregar as canoas.

No dia 21 de novembro, depois de uma estada de 43 dias em Camapuã, a Expedição venceu 7 léguas até o pôrto de Furado, onde a esperava a caravana.

22 de novembro: ao nascer do sol trouxeram, amarrados, dois negros desertores. O comandante pedia a Langsdorff para entregá-los em Albuquerque.

A viagem prosseguiu com muito maior rapidez do que antes, pois agora descia-se a corrente do rio. De início os ramos das árvores e os arcos formados pelos bambus pensos não permitiam estender a capota nas canoas. "O rio Coxim é pitoresco com seus despenhadeiros, seus paredões rochosos, seus campos, seus bosques e suas montanhas; sua pequena largura, os matagais, as belas taquaras arqueadas (guaytivocas), bancos de areia prateados, a abundância e variedade de peixes – durante todo o tempo entretêm o viajante" (Fl. I, pág. 407).

Na coleção de desenhos de Florence, encontra-se um, feito no rio Coxim, representando admirável cabeça de *Anas moschata*.

A 3 de dezembro, quando a caravana penetrou no rio Taquari, agarrou uma arraia. Nesse mesmo dia, passou por uma cachoeira — a última antes de Cuiabá — e a saudou com uma triunfante salva de espingarda, enquanto os trabalhadores dançaram e cantaram a noite inteira. Nesse dia, ao encontro da caravana, apareceu uma missão militar governamental que ia pesquisar a existência de varação mais curta, através do Sucuriú, e à cuja cabeça estava o tenente Manuel Dias. "Êle nos comunicou — disse Florence — o rompimento de hostilidades contra os índios guaicurus[9], em conseqüência de uma série de atos de traição por êles praticados. Sôbre isso ouvíramos falar já em Camapuã, por notícia vinda de Miranda" (Fl. I, pág. 413).

"Durante a paz e no tempo em que recebiam do govêrno favores de víveres e presentes, mataram à falsa fé um brasileiro que vivia em um sítio pouco distante do forte de Miranda: depois atacaram e degolaram um cabo de esquadra e vários soldados que formavam um destacamento bastante afastado daquele forte. Em seguida a essas provas de deslealdade abandonaram os arredores de Nova Coimbra onde viviam aldeados e puseram-se a bater campo como inimigos. Manuel Dias deu-nos conselho de tomarmos precauções, quando atravessássemos o país dêles."

Eis circunstanciadamente os acontecimentos que se verificaram após a declaração de guerra:

"Logo depois do rompimento, o comandante do forte de Nova Coimbra mandou a Cuiabá pedir socorros por um próprio que encontramos no Paraguai já de volta, no dia 10 de dezembro. Iam três homens numa canoinha e disseram-nos que na capital se preparava uma monção de 14 igarités (grandes canoas) com 300 homens, entre soldados de primeira linha e milícias, comandados pelo tenente-coronel Jerônimo, vice-presidente da província. Com efeito, essa frota passou por nós no dia 3 de janeiro seguinte e, dez meses depois, estando em Cuiabá, vimo-la voltar com a tropa que tinha ido pacificar os revoltosos. Do presidente recebera Jerônimo instruções

para impedir, segundo as ordens do Imperador, que os índios, ainda levantados, fôssem tratados com dureza, devendo-se o mais possível procurar, por meio de dádivas e boas palavras, congraçar com êles.

De todos os selvagens que habitam as margens do Paraguai, são os guaicurus os mais numerosos. Ouvi até dizer que têm 4.000 homens em armas. Tornam-se temidos pela deslealdade com que procedem, rompendo sùbitamente, no meio da paz e durante a troca de opiniões aparentemente cordiais, relações amistosas sem outro motivo que não o amor à pilhagem, o que decerto não executam sem sangue nem muitas vítimas.

Estão com efeito os anais de Mato Grosso cheios das traições dêsses infiéis. Errantes nas margens do Paraguai e Taquari e estendendo suas excursões em vastíssimo território, fizeram no princípio do descobrimento grande dano às monções que por entre êles passavam. Foram já por vêzes até Camapuã, e não há muito tempo que arrebataram de lá perto de 500 cavalos. Costumam também entranhar-se pelo país dos caiuás e caiapós perto do Paraná, a fim de os reduzir à escravidão. Não poupam em suas devastadoras correrias nem sequer os espanhóis das margens do Paraguai, indo mesmo em tempo de paz saquear-lhes as povoações, cujos despojos vendem aos brasileiros. Não sei se depois de pacificados continuam nessas práticas.

Aldeiam-se perto de Nova Coimbra.

Nutrem a convicção de que constituem a primeira nação do mundo, a quem portanto tôdas as demais devem tributo e vassalagem. Nem excetuam os brasileiros, que, no momento, dêles recebem todo o mal possível. Têm escravos da tribo xamacoco e de todos os vizinhos mais fracos e covardes, pelo que buscaram os guanás, para fugirem a igual sorte e àquelas rapinas, a proteção brasileira. Só os guatós, apesar de pouco numerosos, impõem-lhes respeito pelo valor e hombridade. Êsses bárbaros levam tão longe a ousadia que não trepidam em meter nos ferros da escravdião até os próprios espanhóis. Vi chegar a Cuiabá uma menina branca dessa nacionalidade e de 12 anos de idade, que o tenente-coronel Jerônimo tinha tirado de entre os guaicurus, onde vivia em cativeiro. Fôra com

a mãe raptada de sua aldeia natal no Paraguai, ainda criança de peito, ficara só no mundo e tomara todos os hábitos dos índios, cuja língua adotara.

Os guaicurus são todos cavaleiros e bons corredores. Possuem numerosa cavalhada roubada aos espanhóis ou criada nos campos. Às vêzes vão vender em Cuiabá animais de sela por 9$000 ou 10$000. Há índios que têm dois, três e mais. Montam na anca, o que faz com que usem rédeas muito compridas.

Vi uma mulher xamacoco que fôra comprada aos guaicurus pelo comandante de Albuquerque. Tinha a cara picada de pontinhos, tatuada, à maneira de seus senhores. O retrato dessa môça acha-se na coleção enviada para São Petersburgo" (2).

"Os guaicurus uma vez foram desafiar os portuguêses até em Vila Maria (São Luiz de Cáceres, à margem do rio Paraguai, G.G.M.), saqueando-a e tudo levando a ferro e fogo. Em não poucas ocasiões travaram renhidos combates com as monções. Uma delas, composta de 50 a 60 canoas e cêrca de 600 homens, sofreu completa derrota. Em outro ataque mataram êles a tripulação inteira, escapando só cinco pessoas que se esconderam na mata. Contam que num dêsses encontros, um mulato de São Paulo, famigerado pela colossal corpulência e fôrça extraordinária, sustentou com o auxílio de sua espôsa, o choque de várias canoas tripuladas por guaicurus..." (Fl. *I*, pág. 413-416).[10]

Em dezembro Riedel e Taunay embarcaram num batelão, a fim de tomar a dianteira dos outros até Cuiabá. Nesse mesmo dia, vadeando o rio, no ponto em que êle é cortado pelo caminho de Miranda a Cuiabá, os viageiros descobriram na margem esquerda vestígios recentes de grande cavalhada — supondo, com razão, tratar-se dos guaicurus, que com freqüência percorrem essa zona.

Mais de uma vez depararam com onças, as quais gostam de ficar perto da água. Começaram a pescar as vorazes piranhas, peixe abundantíssimo no rio Paraguai e em seus tributários. Na coleção de desenhos do Museu Zoológico existe o

(2) Êste retrato se extraviou, não se encontra na coleção, mas o rascunho foi conservado pela família de Florence e publicado por K. Steinen. Ver *Globus*, vol. LXXV, pág. 6.

desenho de um grande peixe dessa espécie, muito bem executado por Florence: com o focinho dobrado para cima, exibindo suas legendárias mandíbulas (no desenho está escrita a data de 4/XII, rio Taquari). Para dar uma idéia de sua voracidade, Florence contava que um dos trabalhadores que os acompanhavam pescou num instante 60 dêsses peixes, simplesmente imergindo na água e retirando em seguida, algumas vêzes, um macaco morto. As piranhas vinham agarradas na carne. Jogou-se ao rio um corpo esfolado de capivara (*Hydrochoerus*). Formigando, num torvelinho que fazia espadanar as águas, as piranhas avançaram sôbre o corpo — e dentro em pouco nada mais restava daquela prêsa. À medida que se aproximavam do rio Paraguai, começava a cair sôbre êles a chusma insuportável dos mosquitos.

Aqui se atravessa um lugar todo recortado de afluentes, braços de rio, lagunas que, na estação chuvosa, se fundem num só e vasto lago, conhecido entre os geógrafos antigos como Lagoa dos Xaraies.

"Nestas vastas planícies cresce em grande abundância o arroz silvestre, cuja altura deve ser superior a sete ou oito pés, pois fora da água tem dois a três, sendo o terreno submerso em profundidade de cinco a seis. Quando os guatós, índios canoeiros, fazem a colheita, sacodem as espigas dentro de suas barquinhas e num instante as enchem até às bordas; entretanto, por falta de cultura, é a qualidade do grão inferior à do nosso" (3). (Fl. I, pág. 420).

11 de dezembro. "Nosso guia escolheu o pouso na margem direita, porque receava podermos do outro lado ser atacados pelos guaicurus. Acampamos debaixo de árvores baixinhas que orlavam o rio numa pequena distância. Além ficava um campo de arroz de dois pés de altura, campo vastíssimo, a perder de vista e de um verde belíssimo. Alguns grupos de árvores se destacavam aqui, ali, na esplêndida alfombra, madeiros de troncos liso reto como fustes, cuja folhagem se expandia como chapeletas de cogumelos.

Ao longe, no rumo NO, víamos as altas montanhas que acompanham o Paraguai de ambos os lados e em cujas fraldas moram os índios guatós". (Fl. I, pág. 420.

---

(3) [Refere-se, parece, a uma planta aquática chamada forno-d'água, que tem um grão farináceo parecido ao do milho.]

O rio Paraguai. Os guanás

A 12 DE DEZEMBRO a caravana penetrou nas águas do rio Paraguai. Nesse mesmo dia acampou bem em frente à embocadura do Taquari, para que N. Rubtsov pudesse fazer suas observações astronômicas. De noite, do lado de onde acabavam de vir os viajantes, foram vistos os clarões de incêndio nos campos, fumaça e chamas — era fogo ateado pelos índios guaicurus, pois decerto nenhum brasileiro se decidiria a revelar sua presença ali, depois do rompimento de hostilidades. Langsdorff "distribuiu a todos os companheiros espingardas, pistolas, pólvora e balas e mandou colocar sentinelas que durante a noite estiveram alerta a fim de evitar um ataque de surprêsa".

No dia 13, verificou-se uma tempestade, que os obrigou a pousarem na margem, pois as ondas ameaçavam as canoas. Um aguaceiro terrível veio aumentar o tormento a que os sujeitavam inumeráveis mosquitos.

No dia 14 pela manhã alcançaram a povoação de Albuquerque, à margem direita do rio, em terreno alto e enxuto. A povoação tôda se compunha de quatro filas de casas em tôrno de uma praça, uma pequena capela que intitulavam de igreja, e uma casa para os militares. Com exceção de uns cinco brancos, a população era constituída de crioulos, caburés, mestiços e índios.

No dia 16, N. Rubtsov, a julgar pelas *Observações,* examinou a agulha magnética na povoação de Corumbá, que não desempenhava então qualquer papel, tornando-se em 1915 capital do Estado.

No quarto dia de parada ali, chegou a canoa (ver. des. de Florence em *Globus,* vol. LXXV, pág. 5) com índios da tribo guaná — 9 homens e 2 mulheres. "Um dêles, já velho, tinha a "patente" ou credencial de "capitão-mor", que exibiu com grande respeito; estava assinada pelo antigo governador-geral da província João Carlos Augusto de Oeynhausen". O esbôço de desenho da canoa guaná atesta que de aparência "indígena" sua tripulação só conservou os cabelos longos — vestidos, não são inferiores aos brasileiros.

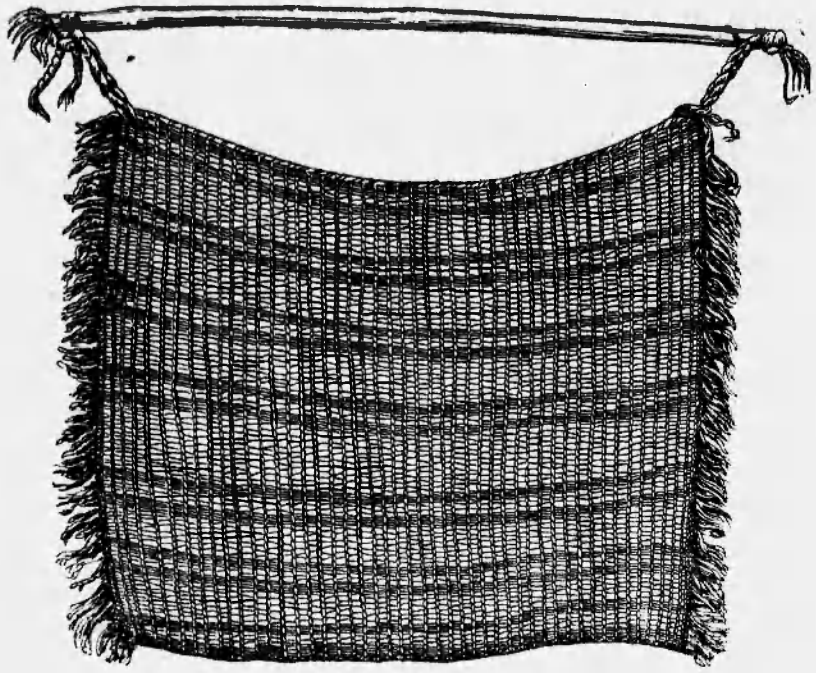
"Os guanás moram na margem oriental do rio Paraguai, um pouco acima da vila de Miranda: acham-se todos juntos e aldeados numa espécie de grande povoação. Usam língua própria, mas em geral sabem alguma coisa de português, que falam à maneira de quase todos os índios ou dos negros nascidos na costa africana. De tôdas as tribos das margens do Paraguai, esta é a que mais contactos tem com os brasileiros. Lavradores, cultivam o milho, o aipim e a mandioca, a cana-de-açúcar, o algodão, o tabaco e outras plantas do país. Fabricantes, possuem alguns engenhos de moer cana, e fazem grandes peças de pano de algodão, com que se vestem, além de rêdes e cintas, suspensórios, silhas de selim e tabaco. Grande parte dêles emprega-se nas plantações ou moendas, ganhando dois a três vinténs por dia, além do sustento, ou então se entrega à pescaria, indo levar o peixe à cidade de Cuiabá, em cujo pôrto habitam numas choupanazinhas" (Fl. I, pág. 423).

Ali K. Steinen encontrou ainda alguns guanás em 1888 (*Globus,* vol. LXXV). Em nossa coleção de desenhos existe um excelente esbôço de aquarela figurando guanás, feito em novembro de 1827, também em Cuiabá, pelo próprio Florence.

Em seu diário, Florence descreveu pormenorizadamente o trabalho de tecelagem dos guanás, e essas notas me parecem dignas de ser reproduzidas na íntegra:

"As peças de algodão trançado, que aqui são conhecidas pela palavra portuguêsa panões (1), não têm, via de regra,

(1) A tradução de *panões* é "lenços grandes" ou chales.



DESENHO 11

mais que quatro varas de comprimento e duas ou três de largura. São tramadas de um modo para mim desconhecido, os fios verticais inteiramente cobertos pelos horizontais de lado e de outro, o que faz com que o tecido seja muito espêsso e próprio para barracas, por ser impermeável à mais violenta chuva. (2) (No manuscrito encontra-se um desenho representando detalhes dessa tecelagem. O tecido, quando usado, deixa ver o modo por que é feito; também isso está ilustrado no manuscrito).

As mulheres guanás que fazem êsses panos usam um grande quadrado de cinco a seis pés de largura, de madeira apoiado sôbre duas estacas perpendiculares. Nesse tear cruzam os fios com uma règuazinha de pau, não de uma vez, mas por grupos de 100 ou 150 fios, que vão segurando um por um. Assim, se a cadeia tem 1.000 fios cruzam sete ou dez dêsses grupos, a fim de fazerem passar o fio em tôda a largura da cadeia. Por aí se vê quanto tempo é preciso para acabar um panão.

(2) Ver mais adiante como os apiacás tecem.

As mulheres de Cuiabá que fazem rêdes, seguem o mesmo sistema. Para concluírem uma de duas varas em largura e comprimento, consomem seis dias ou mais.

Os panões têm riscas largas e de diferentes côres: escuro carregado, prêto, branco, pardacento, ruivo e azul claro; mas essas côres, que os fabricantes tiram de minerais e vegetais, não conservam a viveza senão por pouco tempo; depressa, descoram, parecem sujas, desmaiam; nunca, porém, de todo". (Fl. I, págs. 423-24).

"As roupas dos guanás para os homens consistem em um pano que enrolam como tanga, atado à cintura, caindo quando muito, até os joelhos e num pedaço de fazenda quadrado regular ou puxando mais para o comprido, o qual tem no meio uma abertura por onde enfiam a cabeça e que não lhes resguarda mais que os ombros, peitos e espáduas. Quando sentem frio, cobrem-se com um panão que, sendo grande, pode dar duas voltas inteiras ao redor do corpo. As mulheres também usam o pano enrolado à cintura e caindo até aos joelhos; qualquer que seja o tempo, usam o panão ou para se resguardarem dos pés à cabeça, ou então prêso muito apertado por cima dos seios, mostrando-se assim menos nuas que os homens. Às vêzes, também, cobrem com êle os ombros e deixam-no cair até meia canela.

Já muitos guanás usam calças e camisas de algodão grosseiro que se tece em Cuiabá, bem como em todo o interior do Brasil. É o traje da gente miúda". (Fl. I, pág. 424).

"Estes índios, talvez por viverem menos expostos às intempéries que os outros, têm a tez mais clara do que as outras tribos que vi em minhas viagens, com exceção dos mundurucus mansos do Pará.

Quanto à fisionomia, possuem os traços gerais e característicos da raça mongólica, como acontece com os aborígenes do Brasil; achei-lhes, porém, um quê de ameno e de suave muito especial. Se não se aproximam muito do tipo europeu, como os guatós, não são, contudo, indiáticos puros como os caiapós ou os xamacocos, dos quais tive ocasião de ver alguns indivíduos. Sem a expressão traiçoeira e má dos guaicurus, nem a ferocidade dos botocudos e bororos, talvez se pareçam com os apiacás; em todo caso é tipo digno de atenção e apre-

senta um contraste interessante com o das outras nações indígenas.

Não tatuam a pele, nem mutilam o nariz, o lábio inferior ou as orelhas; não se pintam de urucu (3) como tantas outras tribos. Se em épocas anteriores tiveram essas práticas singulares, já são por demais civilizados para nelas perseverarem.

As mulheres são bem feitas de corpo: têm um rosto interessante, os olhos ordinàriamente apertados e um tanto oblíquos, o nariz pequeno, afilado, bôca em geral grande, lábios grossos, dentes claros e bem implantados". (Fl. I, pág. 425).

Os rostos das três figuras representadas no desenho de Florence são singularmente característicos, como posso confirmar, baseado em minha própria experiência (eu vi os índios chanés, aos quais também pertencem os guanás, em seus aldeamentos em 1914). Todos os pêlos do rosto inclusive as sobrancelhas e as pestanas, foram extraídas (coisa que não fazem os parecis setentrionais, entre os quais se contam também os aruaques, a julgar pelas fotografias e pelas informações de K. Steinen, como se verá mais adiante). Por outro lado, isto faz parte dos hábitos das tribos do Gran-Chaco, estreitamente relacionados entre si, como os guanás, os guaicurus e outras. É direito do indivíduo (mulher) cortar os cabelos negros e lisos e envolvê-los com uma fita branca — procedimento também muito aceito no Chaco (ver as coleções de xamacocos e guaicurus-cadiueus; entre êstes últimos eu mesmo vi êsse penteado; no entanto, êle é conhecido também entre os carajás). (Ver F. Krause: *In den Wildnissem Brasiliens,* 1911).

"Em vésperas de festins costumam os guanás preparar certa bebida fermentada, cuja fabricação, porém, basta ser conhecida para se ter dela o nojo mais absoluto. Partem entre os dentes grãos de milho e cada qual vai cuspi-los dentro de uma grande panela de barro, onde se produz a fermentação depois de adicionada certa porção de água" (4). (Fl. I, pág. 425).

"Entre as mulheres reina a mais completa devassidão, tanto mais quanto os próprios maridos, desconhecendo o que

---

(3) [Pólem da planta *Bixa Orellana*].

(4) Êste processo de fermentação é muito difundido no Brasil e conhecido, além do Chaco, entre os caingangues (*Arthropos*, 1914) e entre os puris (na Bahia).

seja o ciúme, as entregam a estranhos com a maior facilidade, mediante algum dinheiro ou peças de roupa" (Fl. I, pág. 425).

"O modo de falar denuncia uma língua muito doce, destituída de energia: exprimem qualquer sentimento mais forte por uma aspiração de garganta seguida de um som que bem se pode comparar ao fraco gemido de quem está sofrendo.

"Com tôda sua indústria e amor ao trabalho que tanto os distinguem de outros índios, são êles em geral covardes; prostituem suas mulheres, movidos por sórdido interêsse; cometem o roubo e o furto com a maior desfaçatez e, a dar crédito a boatos muitas vêzes não infundados, têm as mães o bárbaro costume de matar os filhos no ventre, por não quererem antes dos 30 anos ter o trabalho de criá-los. Citaram-me a respeito vários exemplos; acredito, porém, que prática tão horrorosa já tenha cessado há algum tempo. (Fl. I, pág. 426).[11]

"No dia 19 de dezembro, partimos de Albuquerque. O comandante acompanhou-nos até à praia e, em honra ao senhor Cônsul (isto é, a Langsdorff – G.G.M.), mandou dar umas salvas. Iam conosco vários guanás.

Nossa navegação continuou com extrema lentidão, tanto mais incômoda quanto os mosquitos não nos deixavam um instante de sossêgo. Foi um suplício indizível.

Tornava-se, além disso cada dia mais penoso subir contra a corrente, dado o crescimento do rio que já tendo, naquela estação chuvosa, recebido bastante água das cabeceiras, não permitia mais às zingas alcançarem o fundo. Recorriam então nossos guias a umas varas compridas, terminadas em forquilha, com as quais, agarrando os ramos de árvores e troncos ou apoiando a extremidade de encontro a êles, empurravam as canoas para diante. (Fl. I, pág. 426) (5).

"Os aguaceiros não pouco nos incomodavam: molhavam tudo, até dentro das barracas que eram muito mal feitas.

"Ao chegar ao pouso, achávamos um solo encharcado, onde não se podia dar um passo sem meter o pé no lôdo. Não havia outro jeito senão dormir em rêde e dentro do mosquiteiro (6), sob o qual sentíamos ao dôbro o calor daquele clima abrasador.

---

(5) [Semelhantes varas existem, segundo M. Schmidt, entre os guatós.]

(6) [Sôbre o mosquiteiro, ver a página 97].

"As margens do Paraguai são tôdas bordadas de aguapés, planta que se alastra pela superfície das águas e cujas fôlhas grandes e redondas formam maciços que seguem desde abaixo das barrancas até acima as ondulações do terreno. Se se destaca um torrão de terra, correm os aguapés para o rio e, levados pela corrente, formam às vêzes não pequenas ilhas flutuantes.

Há dias, ainda a navegar o Taquari, ouvíramos com muita freqüência o canto das anhumapocas e aracuãs. (Fl. I, pág. 427).

Com freqüência víamos êste interessante pássaro, sempre aos pares; quando muito, três juntos. Seu canto, erguendo-se na solidão dos pântanos recorda o som do sino no campo.

O casal de aracuãs é inseparável. Se canta o macho, responde a fêmea, repetindo as mesmas notas mas em tom diferente. Quando avultam os pares, então o alarido é forte. Êsse canto imita os gritos de uma galinha que está sendo perseguida, com diferença de que é cadenciado e repetido alternadamente por um e outro". (Fl. I, pág. 428).

Os guatós. O São Lourenço e o Cuiabá

"No dia 26 de dezembro ouvimos, por volta do meio dia, o latido de cães e cantar de galos. Aproximávamo-nos de um ponto habitado. Que alegria!

Chamava-se Dourados o lugar; abicamos, e daí a pouco chegaram umas canoas cheias de guatós.

Em pé, à proa, os maridos remam; as mulheres sentadas à pôpa vêm governando por meio de uma pá: as crianças acocoram-se no meio sôbre esteiras. As embarcações, com três palmos e meio de largo sôbre 20 ou 25 de comprido, se tanto, levam sempre no bôjo cães, arcos e flechas para caçadas e pescarias.

Os homens apresentam-se vestidos com uma calça de algodão; as mulheres com uma saiazinha, deixando o resto do corpo descoberto. Estas roupas, que conseguem dos brasileiros por meio de barganhas, são em geral muito sujas por não serem lavadas ou, se passadas por água, por não levarem nunca sabão. Vi um velho completamente nu: trazia o membro viril prêso por um cordel que dava volta à cintura" (Fl. I., pág. 428-429).

"Os varões deixam crescer o cabelo: amarram-no no alto da cabeça e fazem uma espécie de penacho; as mulheres e as crianças usam-no corrido. Os adultos andam nus; as môças, cobrem as partes pudendas com rôlo de cordas da casca da

palmeira tucum, suspenso a uma embira amarrada à cinta. Todos êles trazem nas orelhas, como brincos, penas vermelhas, negras ou de côres várias.

Os guatós vivem quase sempre sôbre a água, metidos em canoas que como já disse acima, têm dimensões diminutíssimas. Quando tôda a família está embarcada, a borda da canoa fica com dois dedos acima da água, o que não os impede de manejarem com a maior habilidade as flechas para fisgarem peixes ou traspassarem pássaros. Matam, além disso, jacarés que lhe servem de principal alimento, porque dêles nunca há falta. Em terra não são menos destros caçadores. Valentes agressores da onça, procuram de princípio enfurecê-la, fazendo-lhe a flechadas ligeiros ferimentos: quando a fera irritada se atira, o guató a espera de pé, imóvel, e crava-lhe a zagaia, lança curta armada de um osso de jacaré ou espigão de ferro, conseguido por troca com os brasileiros (1).

Êles matam muitos bugios, guaribas, lontras, etc., e preparam com cuidado as peles, assim como as da onça.

Os guatós em geral são pouco agricultores: plantam apenas algumas raízes e milho. Costumam apanhar os frutos de um grande bananal, que foi plantado por um antigo sertanista à margem esquerda do São Lourenço (já dissemos de que maneira) e colhem o arroz bravo que cresce nos pantanais circunvizinhos.

Seu artesanato consiste em tecer com casca de tucum (2) grosseiros mosquiteiros, dentro dos quais dormem; abrigos, porém, por tal modo espessos e pesados, que só por fôrça do hábito é possível suportar o calor que faz debaixo dêles (3). Fabricam ainda um tecido quadrado de pé e meio a dois de lado e que prendem por duas extremidades a um pau para servir de ventarola e com elas afugentam os temíveis pernilongos. Só à noite o deixam: tal é a importunação daqueles teimosos e sanguissedentos insetos". (Fl. I, págs. 429-430).

---

(1) Iu. Kozlovsky, que em 1894 estêve entre os últimos remanescentes dos guatós, relata uma cena muito viva de luta de um índio com uma onça, cujo crânio guarda depois como troféu e que é inclusive uma condiçao necessária para o reconhecimento de sua maioridade e seu direito de contrair matrimônio na adolescência. (*Revista del Museo de la Plata*, t. VI, 1895); artigo de Julio Kozlovsky ("Tres semanas entre los indios Guatós") encontra-se ai também cópia de fotografia de guató.

(2) [*Bactriz setoza* Martius.]

(3) Ver descrição da fotografia dêsse objeto em Kozlovsky.

Na coleção etnográfica da Expedição existem apenas três objetos dos guatós — precisamente três ventarolas ou abanos. Um dêles está representado no desenho 11. É o único objeto no gênero que facilita a vida nos lugares que abundam em mosquitos. Consiste de um pedaço retangular de esteira singularmente delgada ou de tecido grosso, feito de fibra da casca da palmeira tucum (espécie de *Astrocarium*) e suspenso nas extremidades por cordéis atados a uma vareta, de tal modo que entre esta "bandeira" e seu "cabo" fica um espaço no qual se pode correr livremente a mão. De acôrdo com as observações de Kozlovsky, as ventarolas de semelhante construção trazidas para o Museu de La Plata, mas feitas de algodão, são usadas pelos índios, que as carregam permanentemente no ombro e matam, como se fôsse um pega-moscas, os mosquitos nas partes inacessíveis do corpo, como por exemplo nas costas, nas pernas, segurando no meio da vara e erguendo vigorosamente no ar essa original bandeira. A ornamentação dos dois abanos consistia em listras transversais, feitas provàvelmente com suco de jenipapo (4). Pelas técnicas de fabricação, o trançado em forma de esteira da ventarola corresponde exatamente ao trançado do mosquiteiro, descrito e figurado no quadro 11 do referido artigo de Kozlovsky. Sôbre o processo de sua fabricação, não há informação.[12]

"Todo o comércio dos guatós consiste em trocar com os brasileiros peles de onças ou canoas por facas, machados, zagaias e outras ferragens ou então por peças de pano de que fazem calças para si e saias para as mulheres.

A tribo é pouco numerosa. Não a calculo em mais de 300 almas. Ouvi falar numa taba de guatós, na baía de Guaíva (5) e que contém mais de 2.000 selvagens muito bravios, inimigos de qualquer contacto com brancos, embora em nada malfeitores, e tão arredios que, segundo contam, não fraternizam com os que víramos em São Lourenço, por causa do comércio a que se entregam com os brasileiros.

Apesar do que muito se diz sôbre a existência dêsse núcleo populacional, tenho minhas dúvidas em dar-lhe fé, pela exageração com que os naturais do país costumam contar qual-

(4) [*Genipa brasiliensis.*]

(5) Alguns escrevem ainda êste nome como Gaíba [assim chama também a êsse lago M. Schmidt].

quer fato. Quis por mim tirar informações dos guatós de São Lourenço, mas só tive respostas ambíguas: verdade é que, segundo a voz corrente, guardam êstes o mais completo segrêdo.

Os guatós são bem feitos, robustos, de tez cobreada escura e cabelos corridos, o que os prende ao tronco indiático, porque no mais parecem tipo europeu. Vi um homem de porte alto, boa figura e nariz aquilino; outros contudo apresentavam o cunho característico da raça". (Fl. I, pág. 430).

"Tive notícia de que outrora os guatós de São Lourenço haviam morado entre os brancos e se misturado com êles, voltando porém, depois, por gôsto pela vida primitiva, aos antigos hábitos. Talvez daí provenha a parecença com os europeus, sem que por isso tenham os cabelos e a côr sofrido alteração.

No meio do queixo crescem-lhes uns fios de barba.

A fisionomia das mulheres e crianças é interessante: quando môças, algumas são até bonitas.

Dizem que os guatós vivem com mais de uma mulher: a maior parte dos que vi levavam uma única. Lembro-me, porém, que numa ocasião troquei algumas palavras com um dêles que tinha na sua canoa três mulheres. Perguntei-lhe se tôdas eram suas; respondeu-me que sim. Pedi-lhe então por gracejo uma e êle retorquiu-me zangado que eu deveria ter trazido comigo a minha. Repliquei-lhe que não fôra isso possível. "Pois bem, disse-me êle, se você tivesse aqui sua mulher, eu a trocava por uma destas".

Bem ao contrário dos guanás, são muito ciosos de suas espôsas, a quem amam extremosamente e das quais recebem grandes provas de ternura e fidelidade. Aos filhos dedicam vivo afeto e os mais cuidadosos carinhos.

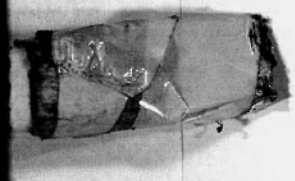
Não são nada propensos ao furto como os guanás.

A língua dêles é rápida. Quando estão dois a conversar, nada se ouve senão monossílabos ou palavras curtas que sucedem de um a outro alternadas e breves. O *sim* é uma forte inspiração seguida de um som gutural" (6). (Fl. I, pág. 431).

(6) Êste gesto expressivo observou-se também entre outras tribos da América do Sul; é duvidoso que não seja um sinal comum da raça, como também o erguer das sobrancelhas em sinal de afirmação.

Em desenho que se encontra em nossa coleção, datado de dezembro de 1826, Florence pinta uma família guató no interior de sua casa (des. 94) (7). A palhoça tem uma espécie de telhado assente em quatro suportes com ramificações para cima, sob o qual está construído um leito de fôlhas de palmeiras e se estende o grosso mosquiteiro descrito no diário de Florence. Ela consiste também de sua própria água porquanto a água é a verdadeira fôrça natural dos "ictiófagos" (8) guatós. O único móvel presente é o "girau" — mesa de altas pernas — e todos os seus trastes se resumem numas bôlsas de fôlhas de palmeira trançadas. Em frente à casa, vê-se uma canoa e remo. A canoa serve de casa para o guató, durante as alagações, e sua descrição foi feita acima por Florence.

É preciso acrescentar que semelhante forma de pequenas embarcações — "cachuvéus" — como as designam os brasileiros, movidas por um remo pontiagudo e em forma de fôlha, muito instáveis e ágeis, assim como os tipos de remo pintados por Florence e adotados por tôda parte no curso superior do Paraguai, decerto sobreviverão com o último índio, pois são extraordinàriamente adaptáveis ao deslizamento entre os juncos, pelas pequenas lagunas e braços de rio. No desenho de armas estão representados apenas os arcos e flechas — estas últimas com ponteiras de osso.[13]



Os índios mesmos, como se viu, mal se vestem: uma pequena tanga para os homens e uma saia para as mulheres, e eis tudo. Deve-se chamar a atenção para a bem desenvolvida caixa torácica dos homens: não só Florence como também outros viageiros antigos asseveram que os guatós sempre os surpreenderam por sua "boa" compleição, inteiramente "européia". A explicação para isso é naturalmente simples: a vida na canoa e o constante remar em posição assentada conduziram ao desenvolvimento de tôda a musculatura do peito, que representa um sinal de beleza, de acôrdo com nossa tradição. Êsses mesmos traços distinguem também outros índios remeiros, como os bacairis, descritos por K. Steinen (*Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens,* Berlim, 1894).

---

(7) [Êsse desenho não se reproduz aqui.]

(8) Expressão usada por Martius, quando fala sôbre êles em seu trabalho "Beiträge..."

Após hora e meia de pouso em Dourados, para a refeição, os viageiros prosseguiram em seu caminho.

"Os guatós seguiam-nos sempre aumentando em número, pois à medida que abicávamos às choupanas, os moradores vinham logo se juntar aos companheiros que iam conosco. Assim até ao pouso. O sr. cônsul (i. e., Langsdorff — G.G.M.) mandou dar-lhes comida, o que fazia decerto com que não nos deixassem" (Fl. I, pág. 432).

"A 27 de dezembro, de manhã cedo, alcançamos a foz do São Lourenço (ainda chamado de rio Porrudos, tributário do rio Paraguai pela margem esquerda e em cuja margem direita desemboca o rio Cuiabá, que conduz à capital da província). Aí repousamos um dia inteiro.

Nosso acampamento ficava entre o dos guatós à esquerda e o dos guanás, que nos acompanhavam desde Albuquerque, aquêles em número de mais de 30, entre os quais uma multidão de mulheres e crianças. Ambas as tribos haviam feito uns como ranchos com fôlhas de palmeiras, esteiras e peles; entretanto, quando caiu a chuva que desde a manhã ameaçara, vieram pedir-nos abrigo, acolhendo-se às nossas barracas.

Desde êsse dia até 1.º de janeiro de 1827, fomos vendo palhoças de guatós. O São Lourenço estava cheio e, portanto, muito correntoso. Subíamos com lentidão desanimadora".

"1.º de janeiro. Deixaram os guatós de nos seguir. De manhã vimos a choça de um dêles, muito conhecido e estimado de nossos guias que já tinham viajado por estas paragens".

Num dos dias seguintes visitaram ainda um índio dessa tribo, ao qual Langsdorff convidou para ir com êle até Cuiabá. Em um instante tôda a família estava pronta para a viagem, só deixando em terra a palhoça vazia. Numa canoinha de 14 pés de comprido e 14 polegadas de largo, meteram todos os trastes.

"Posteriormente, êsse índio foi assassinado, quando regressavam a casa, devido aos ricos presentes que conduziam (facas, machados, anzóis) e que lhe foram oferecidos por Langsdorff em Cuiabá. Êsses presentes despertaram a cobiça de dois guanás, que viviam em Cuiabá. Florence relata que os guatós arrebataram os criminosos aos brasileiros, que os conduziam presos para Cuiabá, e deram cabo dêles. Cortaram-

lhes as cabeças e as fincaram à beira do rio São Lourenço, em altas varas, com pedaços de peles. As correntes de ferro foram devolvidas ao coronel Jerônimo, a quem disseram: "Isto vos pertence. Guató não é ladrão. Guaná tinha matado guató. Guató mata guaná". (Fl. I. pág. 435)[14]

No dia 3 de janeiro Florence dedicou tôda uma página a reclamar contra a perseguição insuportável dos mosquitos. Os remeiros, visando a afugentá-los, queimavam na proa das canoas ninhos de cupins; no entanto, sua espêssa fumaça quase sufocava os passageiros.

No dia 4 a caravana entrou no rio Cuiabá, onde atracou junto a um bananal, que crescia no lugar de uma fazenda há muito abandonada por um audacioso faiscador de ouro, de origem paulista.

No dia 17 G. I. Langsdorff mandou gente em busca de víveres, pois as reservas começavam a esgotar-se. No dia seguinte, o guia, querendo abreviar o caminho, conduziu a caravana diretamente por planícies e bosques alagados e por pouco não perdeu a rota.

No dia 25 a caravana tomou um guia numa povoação e de nôvo se meteu pela planície alagada. Vencidas as corredeiras, criadas pela enchente das terras, atravessou matagais, cortando ramagens e até grandes árvores. Plantas espinhosas, formigas nas paradas e terreno úmido, mesmo em lugares elevados, causaram não poucos dissabores aos viageiros. Em estreitos canais, sinuosos e já com água baixa, foi preciso até desbastar a margem, com enxada, a fim de puxar as canoas.

Cuiabá. Excursão ao tabuleiro. Os parecis

"ENFIM, a 30 de janeiro de 1827 atingimos o tão desejado pôrto de Cuiabá. Aproamos ao troar das salvas de mosquetaria que partiam de entre os nossos e eram correspondidas de terra. O guarda da alfândega levou-nos para o seu escritório, enquanto esperávamos os animais que deviam levar-nos até a cidade, distante um quarto de légua.

Os srs. Riedel e Taunay tiveram a bondade de mandá-los com prontidão, avisando que viriam receber-nos. Com efeito, não tardaram a chegar em companhia de várias pessoas da localidade e de um negociante italiano chamado Angelini.

Fomos imediatamente ter com o presidente e dêle tivemos o mais cortês e amável tratamento durante os oito ou dez dias que nos reteve em seu palácio como hóspedes." (Fl. I, pág. 441).

A cidade de Cuiabá foi fundada em 1727 depois que neste lugar, em que está construída, foi descoberto (1718) um punhado de ouro. Os faiscadores de ouro para ali se dirigiram e no início do século XIX a população da cidadezinha atingia 6 mil pessoas (agora são 30 mil). E no comêço do século XIX a cidade se tornou mesmo capital do Estado de Mato Grosso.

Neste lugar a expedição russa passou quase um ano inteiro — até fins de novembro de 1827. Excursões, por vêzes

prolongadas, pelos arredores da localidade, enchiam o tempo dos viajantes.

Florence consagrou algumas páginas de seu diário à descrição da cidade, de seus costumes e da ocupação de seus habitantes, à extração de ouro e à estranha liberdade de costumes nestes remotos lugares. Em nossa coleção de desenhos, encontra-se um de Adrien Taunay, datado de abril de 1827, figurando o rio Pari — tributário da margem esquerda do Cuiabá, pouco além da cidade (des. 12).

O pintor se interessou pelo processo singular de pescaria praticada pelos negros: êles se instalam nas pedras junto a pequenas quedas dágua, formadas pelo ribeiro, e nelas colocam cestos sôbre varas compridas; o peixe pequeno, com a massa em tais lugares, cai no cêsto. Dêsse modo se pesca grande de quantidade de peixes. Em geral, Cuiabá é famosa desde há muito pela abundância de peixes, e Ricardo Serra (autor de um trabalho, 1797) compara-a sob êsse aspecto, com um pôrto marítimo. Entre os desenhos de peixes, trazidos pela Expedição, grande parte provém precisamente dali.

Desde fins de abril, até maio e junho de 1827, a Expedição com todos os seus integrantes, empreendeu uma grande excursão ao Distrito da Chapada, região de terrenos elevados e planaltos, situada no rumo norte-oriental de Cuiabá. Estas montanhas, que de baixo parecem pontiagudas, são apenas as extremidades de altas áreas destruídas (ver sua descrição no livro de K. Steinen, *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens,* 1894, págs. 18 e seguintes). Estão cobertas de savanas virgens, tão características de tôda a bacia do Paraguai, com suas embiraçus (des. 14) estranhamente retorcidas, com seus bosques de palmeiras e os matos bravos pelo leito dos riachos. Essa paisagem foi maravilhosamente representada em desenhos de Adrien Taunay. Os resultados finais de muitos séculos de erosão, que se evidenciam em maciços de formas extravagantes e dispostos em camadas horizontais, são mostrados no des. 16. Florence, autor do desenho descreveu eloqüentemente em seu diário êstes penhascos, comparando-os às grandiosas ruínas de castelos, pedestais, jarras, etc. Os terrenos escarpados no vale *Bocaina do Inferno* estão figurados do des. 58 recolhido ao Arquivo da Academia de Ciências.

Após a visita a êsses penhascos, Langsdorff decidiu subir ao tôpo da serra de São Jerônimo. Aos viageiros uniram-se nesta emprêsa o vigário local, o comandante e o filho do governador. Assim relatou Florence essa escalada:

"Começamos então a ascenção, agarrando-nos às plantas por um declive de 45º e numa altura de 60 pés. Chegados ao fim dêsse primeiro trecho, deparou-se-nos uma grande fenda que separa um enorme bloco do flanco do São Jerônimo. Daí a vista mergulhada a prumo até embaixo apresentam-se à direita rochas que têm de ser galgadas, umas após outras. Para os meus companheiros foi um instante; quanto a mim, mal me abracei com pés e mãos a um dêsses rochedos, vertigens seguidas me puseram a cabeça tonta. Debalde tentei dois ou três arrancos; todos os mais passaram e sumiram-se; eu ali fiquei, contristado de minha derrota" (Fl. I, pág. 457-458).

Numa casa vizinha os expedicionários se encontraram com o já referido negociante italiano Angelini, que muito viajara pela América e conhecia de perto o próprio Bolivar, o Libertador. Dirigia-se à Europa, levando grandes planos de mineração, para a volta em Cuiabá e Goiás.

Todos juntos rumaram para a povoação de Vila Guimarães, fundada em 1751 pelo Conde de Azambuja e elevada à categoria de vila em 1817. Agora é conhecida como Santana da Chapada. Ali houve uma missão de jesuítas e em 1827 possuía de 600 a 800 habitantes, descendentes de índios aldeados e cristianizados.

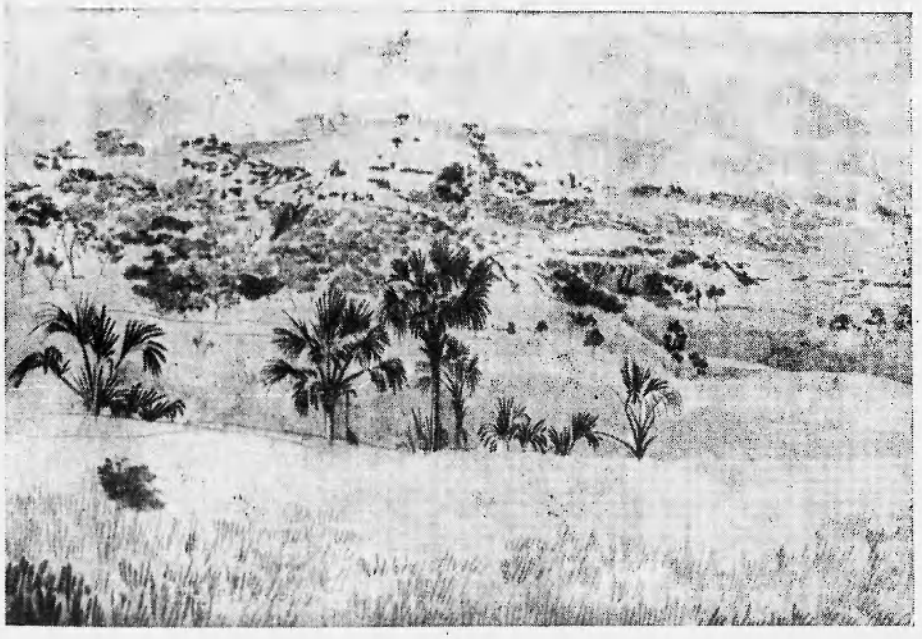
"Os índios de Guimarães vivem na miséria e quase nada possuem de seu. Alguns se empregam em procurar ouro numa mina, distante quatro léguas, muito pobre, mas cujo metal é superior ao de Cuiabá". Na coleção de desenhos da Expedição existe uma vista desta povoação, desenhada por Adrien Taunay. Daí também é tôda uma série de retratos de índios e mestiços, o que revela a amplitude de interêsses e a seriedade com que atuavam os expedicionários. Entre êsses desenhos, destacam-se alguns de índios parecis meio-sangue, e o de uma índia pareci puro-sangue.

Esta tribo de agricultores, cujo nome designa uma vasta região a noroeste de Cuiabá (Campos e Serra dos Pa-

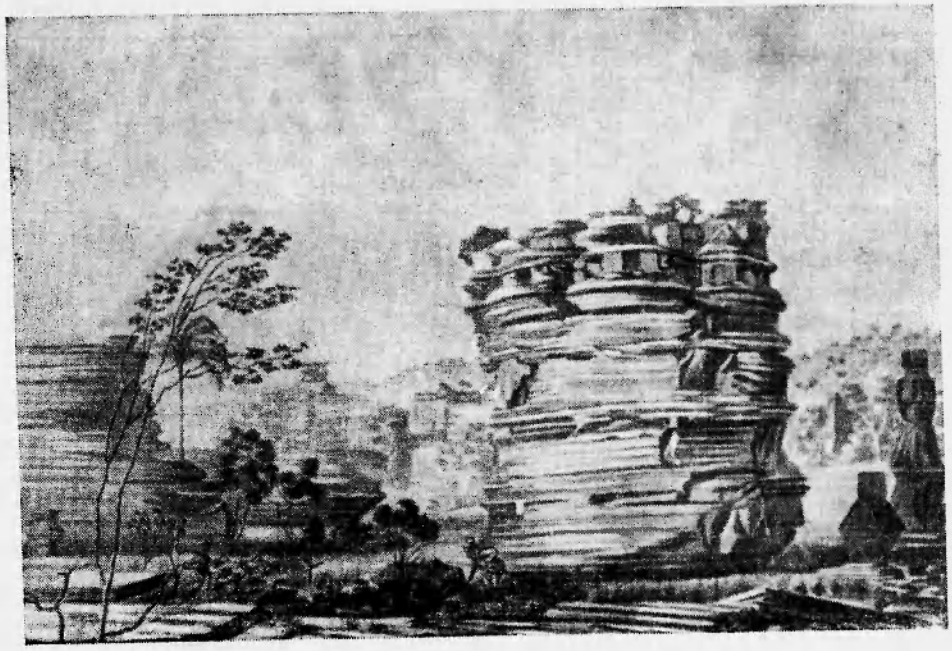
DESENHO 12

DESENHO 13

Desenho 14



Desenho 15



DESENHO 16

DESENHO 17

recis), nunca foi hostil aos brancos (1). Encontraram-na pela primeira vez no início do século XVIII os caçadores de escravos e faiscadores de ouro em Mato Grosso e fàcilmente submeteram-se aos poderosos adventícios. Agora os parecis já estão quase extintos. Êles realizam um comércio de peneiras, cestos e artefatos de plumas com a população de Cuiabá, Diamantino e São Luís de Cáceres (Vila Maria), que retribui com aguardente, garrafas, roupas, etc. Os caburés, descendentes de mestiços, pertencem a uma família qualquer de parecis. A essa tribo pertence igualmente, decerto, o índio ali desenhado.

O cabixi, representado no des. 17, pertence a uma tribo provàvelmente aparentada dos parecis, mas hostilmente se refere êle aos portuguêses e, com intranqüilidade, à caravana que então se encontrava a caminho de Vila Bela, vinda de Cuiabá (ver K. F. Steinen, obra citada, pág. 426, onde se dão informações sôbre um grupo pacífico dessa tribo no Rio Cabaçal).[15]

Nesta povoação despediu-se dos membros da Expedição o referido Angelini, que regressava ao Rio de Janeiro.

"Êle leva consigo, a pedido de G. I. Langsdorff, nossas coleções — dizia Florence no diário. — Boa porção de caixotes cheios de material botânico e zoológico, diversos relatórios e manuscritos, cartas nossas para o Rio de Janeiro e a Europa e um maço de desenhos de Taunay e meus — tudo isso endereçado ao sr. Kielchen, vice-cônsul da Rússia, que deve dar destino às cartas e fazer chegar o mais a São Petersburgo". (Fl. I, pág. 463).

Os desenhos de Taunay e Florence relativos a essa parte da viagem chegaram aos lugares indicados; é de supor que os "relatórios" e "cartas" também tenham chegado e, se se perderam, então isso aconteceu depois.

Em Guimarães (Sant'Ana) a expedição se deteve mês e meio. Fazia muito frio. Florence referiu-se inclusive ao fato de que o frio nestas paragens "matava gente, como na Rússia". Depois, os viajeiros se dirigiram para o norte, rumo ao lugarejo

(1) V. *Revista Trimensal*, t. XXV, pág. 442, Rio de Janeiro, 1862, e K. Steinen, ob. cit., págs. 424-440. Steinen observou-os apenas durante dois dias, mas conseguiu reunir informações valiosíssimas. Magnífica coleção de artefatos dêles e fotografias do etnógrafo Dr. Roquette Pinto existem no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

denominado Quilombo, onde se encontravam lavras diamantinas, a uma distância de 12 léguas. A vegetação nesse lugarejo é opulenta. Particular admiração causou a Florence o uauaçu (*) "palmeira de estípite muito alto que ergue aos céus o altivo pendão, sem curvar as fôlhas para a terra". "O terreno está cheio de seixos grandes e miúdos: é a matriz ordinária ou ganga em que se encontram os diamantes. Estivemos uma hora parados perto de mineiros ocupados em catar a preciosa gema. As pesquisas consistem na lavagem da terra com água. Durante meia hora, G. I. Langsdorff fêz trabalharem dois de seus negros, que encontraram dois diamantezinhos que juntos podiam valer 18 francos" (Fl. I, págs. 465-466).

Florence fêz uma sombria caracterização, em seu diário, do proprietário da escrava que encontrara, oito anos antes, nesses lugares, o primeiro diamante, no valor de 6 mil francos e que nem sequer recebera, depois disso, a liberdade. Os negros durante a noite rezavam uma ladainha que se inicia com a frase: "Triste coisa é nascer". O proprietário mostrou aos viageiros a adega onde encerrava a espôsa durante o tempo em que se ausentava de casa.

No caminho de volta a Cuiabá visitaram a Bocaina do Inferno, com sua famosa cachoeira de 200 pés de altura. A. Taunay dela fêz um desenho.

(*) Trata-se do babaçu.

Excursão a Vila Maria. Primeiro encontro com os bororos

Em agôsto de 1827, Riedel e Taunay foram explorar Diamantino; a 26 dêsse mesmo mês, Florence e N. Rubtsov partiram para Vila Maria, à margem do rio Paraguai (um estirão de quase 300 quilômetros). Langsdorff ficou sòzinho na cidade. Na fazenda Jacobina, Florence executou muitos desenhos interessantes de índios bororos, publicados por K. Steinen (*Globus,* vol. LXXV), mas não encontrados entre as coleções existentes no Arquivo da Academia de Ciências. K. Steinen, o mesmo que estêve entre os bororos, fêz em tôrno dêsses desenhos interessantes comentários, aos quais remeto os leitores. Em compensação, possuímos grande coleção (15 originais) de desenhos feitos por Adrien Taunay de outros grupos daquela tribo e de artefatos recolhidos entre êles e datados de dezembro daquele ano (sôbre êste segundo encontro com os bororos, ver o capítulo seguinte).

Em vista do interêsse que representa para a etnografia êste trecho do diário de Florence, eu o transcrevo na íntegra, aproveitando os dados por êle fornecidos mais adiante como comentários aos desenhos de A. Taunay, cujos textos explicativos se extraviaram. E isto é tanto mais importante quando se sabe que em russo quase nunca se publicou coisa alguma sôbre os bororos.[16]

"1827 — 4 de setembro. — Quando estávamos acabando de almoçar, ouvimos um barulho de corneta e pela rua à direita do grande pátio, apareceu-nos um grupo de índios. Vermelhavam de urucu: adiantaram-se um a um, tocando o primeiro na frente um instrumento que parecia ser um chifre de boi (des. 19), e cujo som é singular. Vinham 11 homens, 3 mulheres e 2 crianças, todos nus, com exceção de um único, trazendo alguns dêles à cabeça como ornamento penas de variegadas côres." (Fl. II, pág. 241) (des. 18).

Uma parte dos artefatos abaixo descritos consta da coleção dessa viagem; outra parte, da viagem de Riedel e Taunay.

"Era um cacique da tribo vizinha dos bororos que acudia, com alguns dos seus, a um convite do tenente-coronel (proprietário da fazenda Jacobina), o qual nos preparara, por sua amável simpatia, esta surprêsa.

Quando chegaram ao meio do pátio, fomos ter com êles. Eram todos altos, bem feitos e robustos. Suas fisionomias tinham uma fereza que ainda não víramos em outros índios, nem jamais tornaremos a ver. As compridas e espêssas cabeleiras caíam-lhes até ao quadril, cobrindo as espáduas e avolumadas ainda mais por punhados de longas crinas de cavalo, negras e lisas como seus grosseiros cabelos (des. 20). Alguns as traziam levantadas sôbre a cabeça, formando um cone do comprimento da cara e de base tão larga como o crânio. Êsse cone, amarrado por cordas em espiral, terminava num pendão de cabelos. Os bárbaros das ilhas da Sonda não podem imaginar nada de mais selvático. Todos êles, homens e mulheres, tinham os cabelos da frente cortados em duas fieiras horizontais sôbre a testa, isto é, as das fontes caíam sôbre a linha das orelhas, ao passo que a da testa era no meio ultrapassada por uma madeixa flutuante que descia até às sobrancelhas.

À cabeça vários traziam enfeites de penas de araras de côres vivas, artìsticamente dispostas em leque; outros, coroas feitas hàbilmente de dentes e unhas de onças e outras feras. O crescente de unhas com suas falanges e de dentes caninos tinha a ponta curva voltada para dentro, tudo sòlidamente encastoado pelas raízes ou falanges em fios de tucum. As maiores estão na frente e vão diminuindo regularmente para as extremidades que, como nas coroas de louros dos heróis, são atadas por dois cordéis". (Fl. II, pág. 242).

"Apresentou-se o cacique metido em camisa, calça e véstia de pano já usado e todo rôto, o que tornava os outros, apesar da nudez, mais interessantes para nós. Os homens usam ligar o prepúcio com uma embira que lhes passa pela cintura, à maneira dos guatós; outros o cobrem com um cartucho de fôlhas. As mulheres têm um hábito singular não sei se para se cobrirem, caso em que longe ficam da louvável intenção. Antes de tudo direi que por êsse motivo ou por qualquer outro, apertam a cintura com uma casca de pau de 10 polegadas de largo e com tal fôrça que as carnes na altura do estômago e sôbre o ventre e quadril formam ressalto, o que contribui para torná-las disformes; mas voltando ao uso singular, acrescentarei que dessa cinta pendem na frente e atrás dois filamentos da largura de duas a três polegadas." (Fl. II, pág. 243).

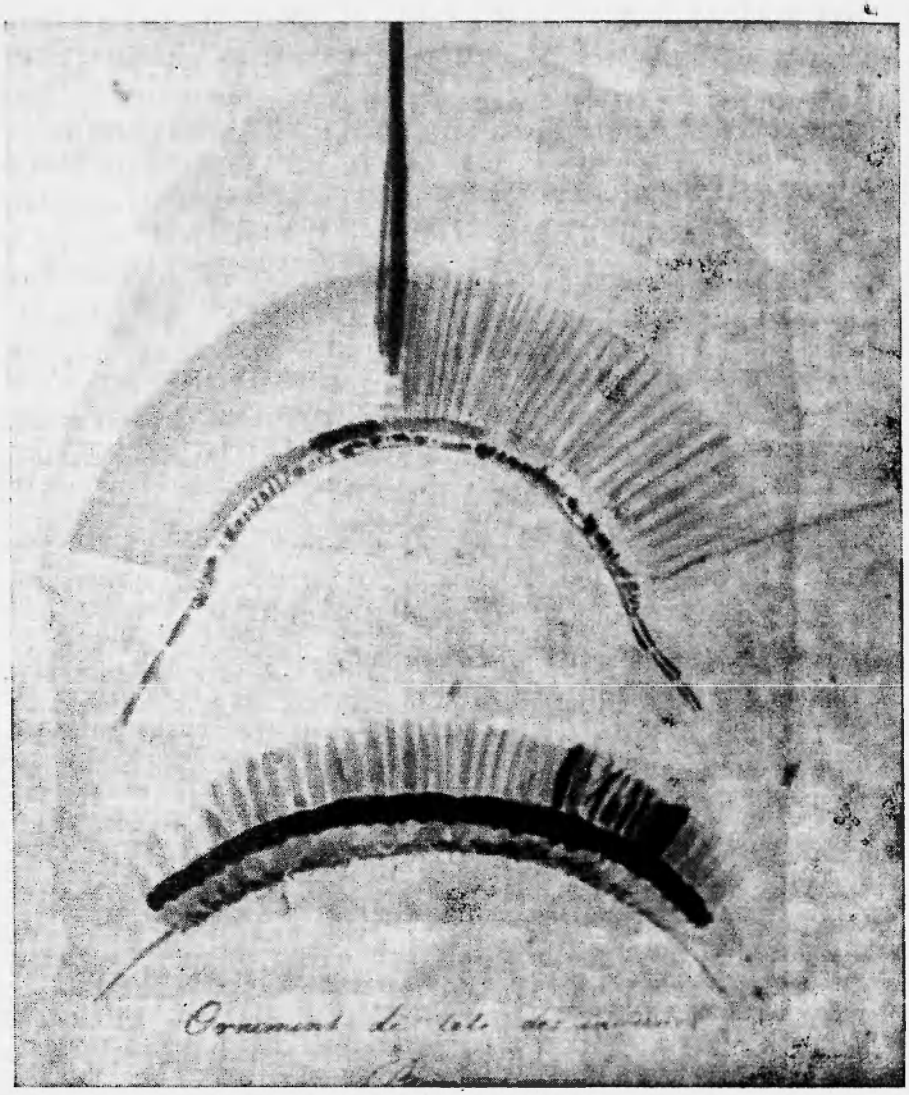
"Uma velha tinha o braço esquerdo estropiado por uma bala que recebera da gente do tenente-coronel por ocasião da guerra que êste movera à tribo, em conseqüência das rapinas e assassinatos que faziam nos escravos da Jacobina.

Tinha um dos índios na virilha direita um bubão, do qual saía pus e lhe corria pela coxa. É um "presente" dos europeus, pois os selvagens, que com êles não têm relações, não conhecem êsse mal.

Dizia-se o cacique tenente-coronel e chamava João Pereira Leite, nome que tomara do nosso anfitrião, de quem era afilhado. Apesar porém do batismo, não ficara menos selvagem. Assim é que fazendo-se muitas vêzes alarde de zêlo e grandes serviços prestados à religião, tudo se reduz a nada.

D. Ana mandou e fêz entrar seus hóspedes na grande cozinha: fêz-lhes dar de comer e distribuir aguardente, com a qual quase se embebedaram, o que teria acontecido se dependesse dêles. Voltaram em seguida para o pátio e, sendo convidados, executaram seus jogos e danças.

Consistem estas em formar um grande círculo, no qual conservam-se afastados uns dos outros. A princípio não fazem mais do que levantar um pé e depois outro, seguindo uma toada lenta que marcam batendo com as mãos, e acompanhada de um canto rouquento, baixo e demorado como o compasso. De repente param, dão um grande berro e saltam, uns fazendo contorções, outros abrindo os braços com o rosto voltado para o céu e o olhar desvairado, outros abaixando-se como



DESENHO 18

se fôssem acocorar-se. Em seguida recomeçam com a monótona dança.

Enquanto os bororos a executavam, dois dêles, dentro do círculo, representavam o jôgo do tamanduá. Um põe-se de quatro pés com uma criança agarrada às costas: é a fêmea do tamanduá-bandeira e seu filhote. Outro vem incitá-lo, pondo-lhe a ponta de um pau no nariz. Imitando com muita fidelidade os movimentos letárgicos do animal, o que faz de

tamanduá levanta vagarosamente a cara e uma das mãos, com os dedos curvos como que querendo agarrar o pau: quando se adianta, o outro recua." (Fl. II, págs. 243-244).

"Êsses índios imitam também suas lutas com a onça, a caçada da anta, lôbo, veado, etc.

Falam depressa; articulam entrecortadamente as palavras, e têm quase todos voz rouca. Tudo isso está em harmonia com suas outras qualidades físicas e morais.

Dêles tirei os seguintes retratos:

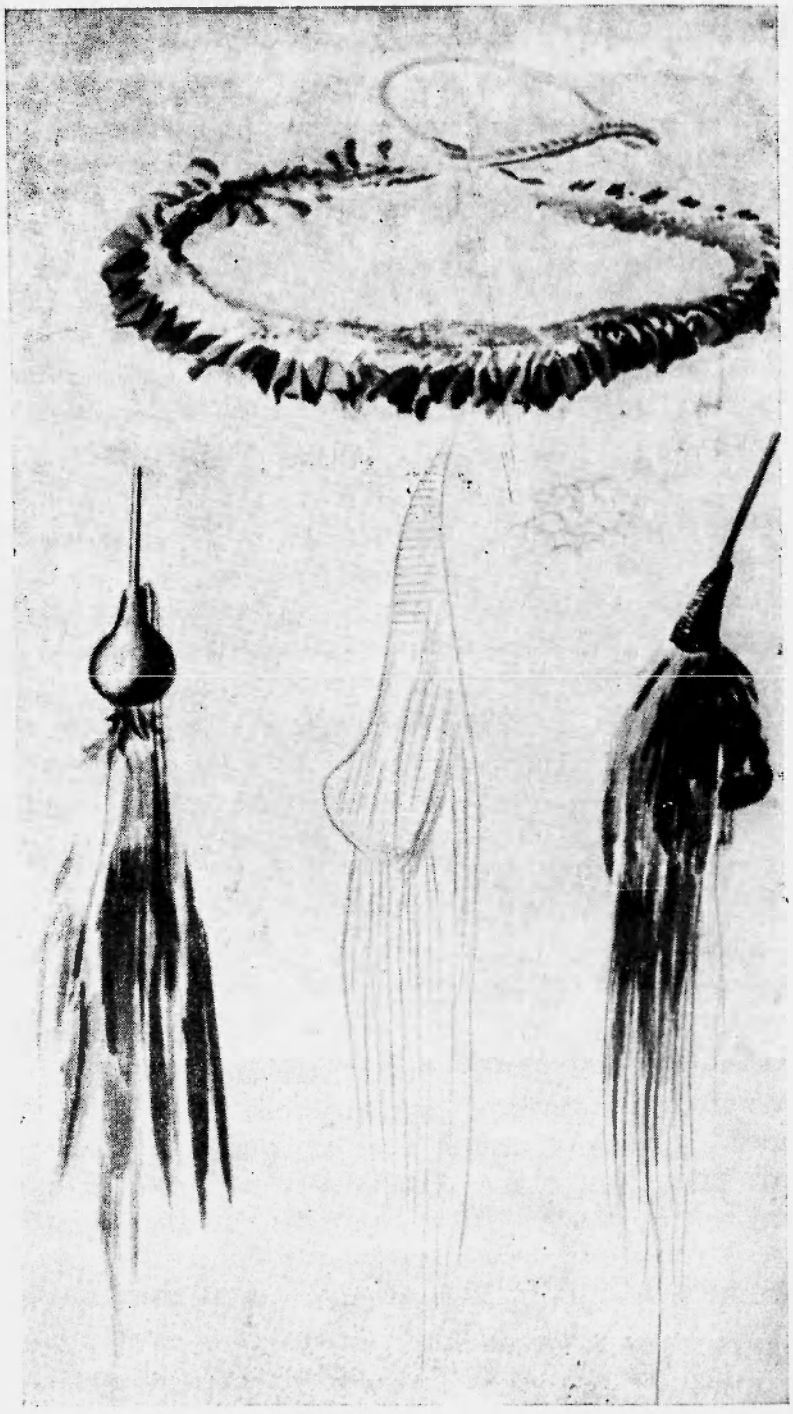
1.º — (*Globus*, 1899, Vol. LXXV, pág. 7)

"Um môço alto, esbelto e robusto; fisionomia máscula, mas feroz. Dois cúbitos de socó (ardêida) passam pela cartilagem que separa as narinas: outro de oito polegadas de comprido é metido num buraco que existe sob o lábio inferior e pende-lhe até ao peito. Êsse osso é retido dentro da bôca por uma maçã ou cebola que o termina para impedi-lo de cair. Uma bela coroa de dentes e unhas de animais selváticos ornalhe a testa, e diversos crescentes nacarados servem-lhe de brincos. Os espessos e longos cabelos aumentados de um punhado de crinas de cavalo cobrem os ombros e descem até aos rins. A cara, peito e cabelos estão pintados de vermelho por meio de urucu. Faltam sobrancelhas que êle arrancara; igualmente a barba: quanto a esta não sei se pelo mesmo motivo". (Fl. II, pág. 244).

2.º — (*Globus, idem*, pág. 7)

"Môço de alto porte, robusto, mas não tão bem feito como o primeiro. Figura feroz, acompanhada dos traços comuns à sua raça; cabelos espessos. Traz em lugar de coroa um aderêço de penas amarelas e vermelhas, e por trás dêste uma auréola formada de três fieiras de penas em arcos concêntricos, dispostos a modo de raios. A primeira fieira é de penas pardacentas, a segunda de penas azuis, e a terceira de penas brancas.

Tem como todos os bororos o membro oculto dentro de um cartuchinho de fôlha de palmeira e prêso pela pele do prepúcio a uma embira que passa pela cintura, e ornada de pedaços de cúbitos de pássaros". (Fl. II, pág. 245).



DESENHO 19

3.º — (*Globus, idem,* pág. 7, des. 7)

"Homem de 40 anos; porte elevado, figura risonha, embora selvática. Não traz o osso no nariz; só o do lábio inferior. Cabeleira tinta de urucu e um tanto anelada. Enorme trunfa de cabelos formando um cone de pé sôbre a cabeça, um pouco penso para trás, amarrado por cordéis em espiral e terminado de um punhado dos mesmo cabelos. Coroa de garras em tôrno da base do cone e meias-luas nas orelhas." (Fl. II, pág. 245).

"Tem além disto, entre a coroa e o cone, na frente, um feixe de pauzinhos, uns singelos, outros com pontas de osso, que lhe serve de facas para fazerem as flechas.

Traz suspensa ao peito uma cabacinha cheia de furos, donde saem penas amarelas e azuis, e na qual assoviava quando entrou na fazenda. (des. 19)

Tem seis dedos no pé esquerdo. O arco e flechas que empunha ultrapassam de um têrço sua altura. (Fl. II, pág. 246).

4.º — (*Globus, idem,* pág. 7, des. 8)

"Mulher carregando, além de uma criança a cavalo sôbre os ombros, um cesto suspenso às costas por uma embira que passa pela testa. Êsses fardos a obrigam a curvar a cabeça e o corpo, e não lhe permitem levantar uma fronte altiva, como os injustos homens de sua horda. Os cabelos, embora cortados do mesmo modo que os dos homens, são mais curtos e em desordem. Tem, como único ornamento, as meias-luas nas orelhas (1).

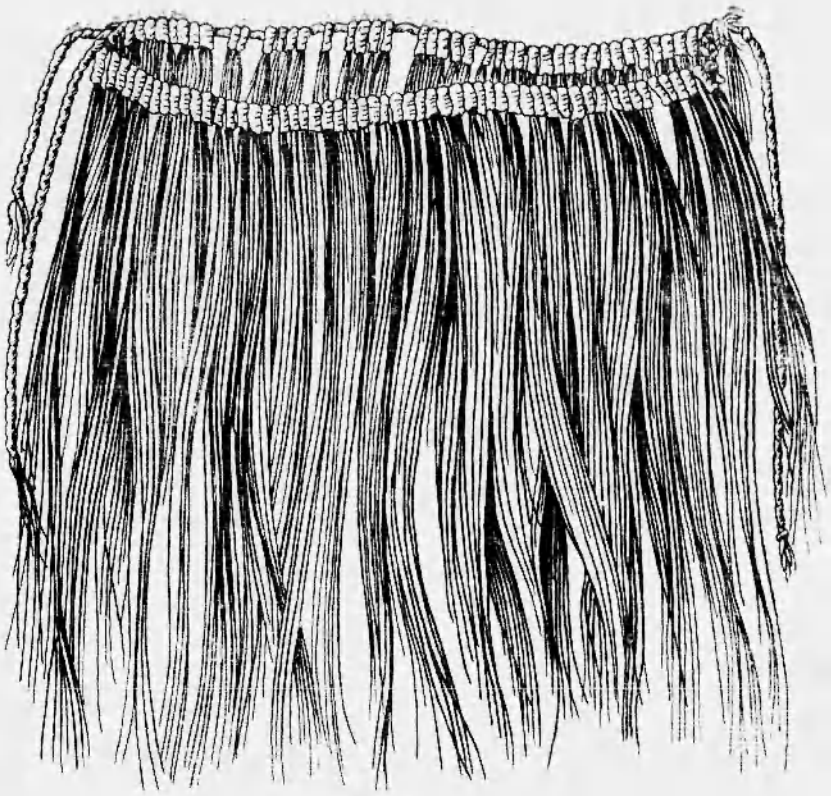
O largo cinto de casca e os fios que caem sôbre as partes naturais são informes objetos que às mulheres bororos parecem indispensáveis, pois tôdas os trazem.

A criança já tinha os traços ferozes de sua gente". (Fl. II, pág. 246 (2).

"Não há 10 anos eram êsses bororos ainda mais selvagens, pois não tinham relações algumas com brasileiros. O

(1) [Neste desenho estão representadas três mulheres; a descrição de Florence, pelo visto, refere-se a uma delas.]

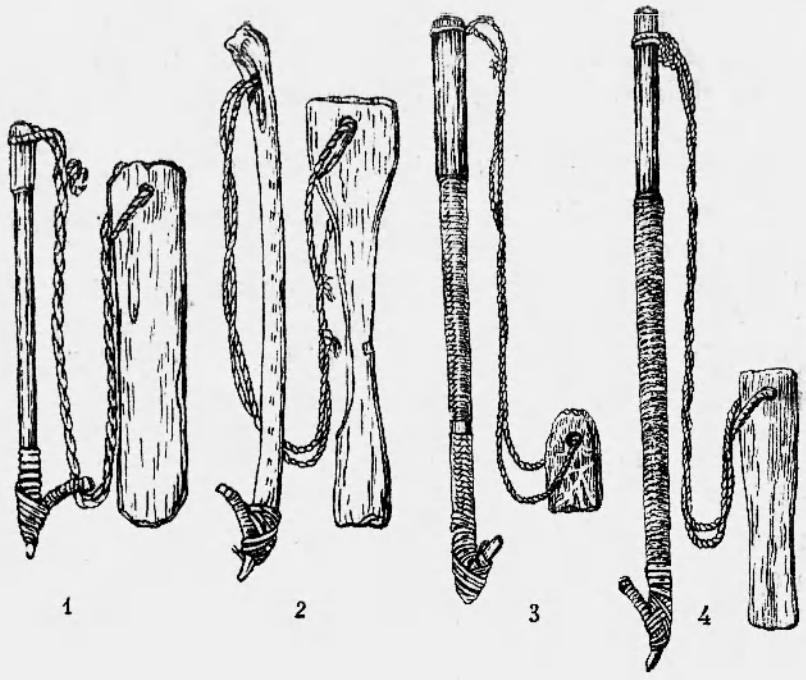
(2) [Estas descrições de Florence foram aproveitadas por K. Steinen (*Globus,* Vol. LXXV, pág. 8].



DESENHO 20

proprietário da fazenda Jacobina, com permissão do rei D. João VI, fêz-lhes uma guerra que durou seis anos, durante a qual sua gente matou 450 bororos e fêz 50 prisioneiros que, mais ou menos, se sujeitaram aos trabalhos da fazenda, principalmente costeio dos gados. Não foi senão depois de aprisionado o cacique, êsse mesmo que viera ver-nos, que êsses índios consentiram em se tornar amigos. Desde então, periòdicamente os índios apareciam na fazenda em busca de víveres e particularmente de aguardente, de que são ávidos. Mais fàcilmente acostumam-se as mulheres nas fazendas, porque em sua tribo são escravas e infelizes. Têm fôrça de trabalho, gostam de se vestir decentemente e ufanam-se de ser cristãs, não querendo mais passar por caboclas." (Fl. II, pág. 248).

"Nem todos os bororos haviam contudo sido pacificados pelo tenente-coronel. Dividem-se êles em bororos dos campos, dos quais fazem parte os que nos vieram ver e bororos do Ca-



DESENHO 21

baçal, indomáveis ainda e que praticavam roubos e assassinatos, não na gente da Jacobina por temerem represálias, mas em viajantes e noutras fazendas. Num dêsses dias, tinham matado o correio de Mato Grosso (Vila Bela – G.G.M.) no caminho que devíamos então seguir." (Fl. II, pág. 248).

A 5 de setembro de 1827, Rubtsov e Florence chegaram à localidade de Vila Maria, dificilmente digna dessa qualificação de vila, em face de suas insignificantes dimensões. Além de negros, mulatos e seis ou sete brancos, havia ali 300 (3) índios caburés, descendentes de selvagens catequizados e aldeados no tempo de D. Maria I. "Muitos homens e mulheres andam nus da cintura para cima.

A 10 de setembro, antes de partirmos para a embocadura do Jauru, tributário esquerdo do Paraguai, a fim de ver a pirâmide na fronteira, aliás célebre nestes lugares, aconteceu-nos encontrar de nôvo os bororos que estavam em Jacobina."

(3) Êste número, na citação russa, aparece como 13 mas no diário de Florence (publicado por Edições Melhoramentos, sob o título *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas*), consta como sendo 300. (N. do T.)

Desta vez, com êles vinha maior número de crianças e mulheres, e cêrca de 20 cães. Florence fêz ainda alguns desenhos, dos quais dois vêm descritos no diário.

5.º — (*Globus, idem,* pág. 7, des. 8)

"Homem alto de 35 anos de idade; bem feito, de peito largo, braços e pernas musculosos, mas pescoço curto (4). Por trás da cabeleira penas em pitoresca desordem. Seu arco e flechas têm um têrço mais de comprido do que êle, e apesar de meus esforços, não pude chegar a distender a corda" (Fl. II, pág. 251).

6. — Retrato de duas mulheres (*Globus, idem* pág. 7, des. 8)

"A da esquerda parece ter 40 anos; mostra-se alegre e é um tanto cheia de corpo. Carrega às costas um fardo, que pôsto em terra era da altura dela. Êsse fardo compõe-se de esteiras, couros, peles enroladas, e jacás cheios de vários artefatos, pêso enorme para essas infelizes mulheres que são os animais de carga daqueles índios. Tudo aquilo é amarrado com embiras e suspenso por uma faixa mais larga que lhes passa pela cabeça, acima da testa, o que as obriga a abaixarem o pescoço e a fronte, e a curvarem o corpo para diante.

Com tal carga, levam por cima uma criança escanchada nos ombros e um cãozinho. Ainda não é tudo, pois quando os maridos matam um porco-montês (Dicotylus) ou qualquer outra caça, metem-nos num dos jacás que elas trazem às costas.

Mais môça, de cinco pés de altura, robusta e bem feita é a segunda mulher. Tem também sua carga e criança. Em sua fisionomia tristonha e de olhos fixos no chão julga-se quase lobrigar a impressão secular de uma reação lenta transmitida de mães a filhas contra as injustiças dos homens.

A vista daquelas desgraçadas, assim reduzidas a dura escravidão, e dêsses índios de fronte altiva, fêz-me lembrar o que disse Orellana a respeito de povoações de mulheres que viviam segregadas dos homens para se subtraírem à tirania dêles e assentes à margem do grande rio que êle ia descobrindo, pelo

(4) De acôrdo com minhas próprias observações (artigos *Botocudos* e *Cain-gangues*), esta é uma particularidade característica e muito difundida entre os índios.

que o chamou das Amazonas. Talvez sejam os bororos descendentes de alguma tribo emigrada daquelas bandas, visto como, depois da ocupação portuguêsa, muitas hordas selvagens, como os tupinambás, não querendo sujeitar-se ao domínio dos invasores, retiraram-se para o sul do Brasil.

Desenhei ainda um rapaz e uma menina. Aquêle não carregava senão um arcozinho e flechas, ao passo que esta levava já um cêsto com diversas coisas, pouco pesadas em verdade. Tinha o corpo pintado de urucu e já trazia a cinta de casca de pau (descrita acima) e os filamentos. Tinha seis dedos no pé esquerdo". (Fl. II, págs. 251-252) (5).

*

Ao descer o rio Paraguai, no dia 10, os viajantes foram alcançados por algumas canoas de guatós. "Tornei a ver êsses índios com o prazer com que, ao frescor de uma bela tarde, avistam-se amigos de antiga data. Nunca vira êstes, pois são da grande baía Guaíva (ou Guaíba) que tem duas léguas de fundo, na confluência do Paraguai e do São Lourenço, mas pertenciam à tribo dos guatós, dentre tôdas a mais estimável.

Eram três homens, três mulheres e quatro crianças. A fisionomia não indicava selvageria como a dos bororos. Um dêles veio pedir-me alimentos para si e sua família, dizendo que desde a véspera nada haviam comido, não tendo conseguido matar nenhum jacaré, nem apanhar um só peixe...

Tinham vindo, poucos dias antes, em maior número de Guaíva e de São Lourenço para venderem peles de onça e de outros animais a um engenheiro morador umas quatro léguas daí. Uns haviam voltado logo; êsses ficaram para construir uma piroga". (Fl. II, pág. 253).

No dia 13 os viajantes já estavam de volta a Vila Maria; dia 14, na fazenda Jacobina. Daí foram às minas de ouro.

Finalmente, a 4 de outubro, Florence e Rubtsov chegaram a Cuiabá e começaram a se preparar para a continuação da viagem, junto com G. I. Langsdorff. Por essa ocasião os outros membros da expedição — Riedel e Taunay — regressaram também de sua viagem a Diamantino.

(5) [*Globus*, pág. 8, des. 9.]

Divisão da expedição. Segundo encontro com os bororos

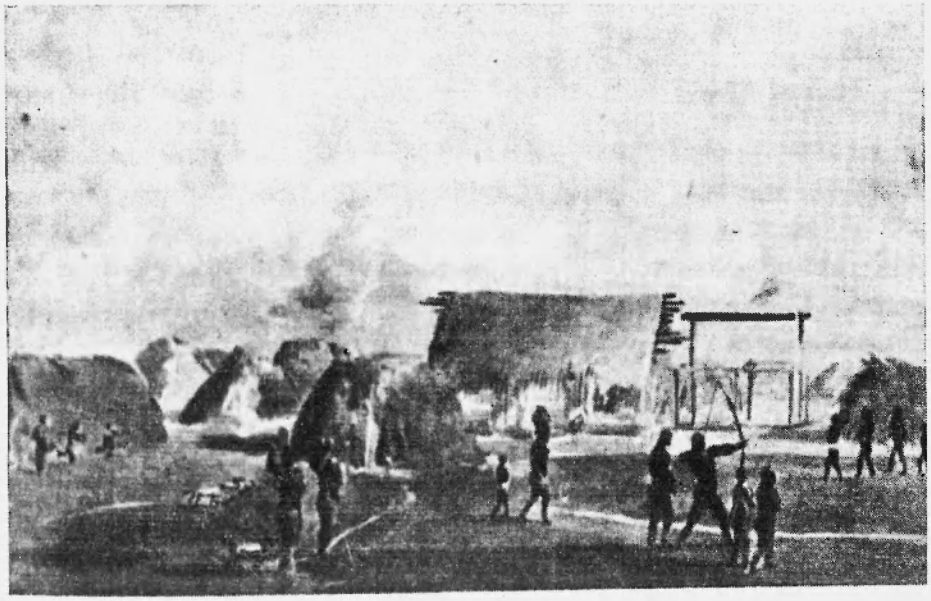
G. I. Langsdorff decidiu, com vistas à exploração de uma área maior, dividir a Expedição em duas partes: Riedel e Taunay deviam seguir para Vila Bela de Mato Grosso, à margem do Guaporé, e dali descer pelo Mamoré e Madeira ao "rio das Amazonas" e, por êste, prosseguir até a foz do rio Negro; os demais, encabeçados por G. I. Langsdorff, deviam atingir o Amazonas, descendo pelo Arinos, Juruena e Tapajós. Na Barra do rio Negro, atual cidade de Manaus, onde êsse rio deságua no Amazonas, ambas as partes da Expedição deviam reencontrar-se. Pretendiam dali subir pelo rio Negro, alcançar o Orenoco, através do Cassiquiari, e percorrer as Guianas. Acompanhemos os dois grupos da Expedição até sua junção — a sorte de ambas foi trágica e tornou impossível o prosseguimento da viagem.

Riedel e Taunay partiram oito dias antes dos demais, a 28 de novembro de 1827. Florence, naturalmente, não relatou em seu diário a partida dêles, limitando-se a citar, em certo trecho, a carta de Riedel em que noticiava a morte do pintor. Mas o tradutor do diário, sobrinho do falecido, apresenta no prefácio excertos de uma carta de Taunay e de outra de Riedel — a do primeiro, referente a Vila Bela, e a do segundo sôbre as circunstâncias da morte do pintor. Ademais, na coleção do Museu de Antropologia e Etnografia, conservam-se todos os desenhos de Taunay, feitos até no dia mesmo de sua

morte, e os objetos coletados no trecho da viagem continuada por Riedel. Na base dêsse material e da magnífica coleção de objetos bororos, recolhidos no trajeto da viagem a Vila Bela, é possível reconstruir as peripécias do percurso, bem como extrair dos trabalhos dos expedicionários preciosos dados para a ciência.

A primeira etapa da viagem foi Vila Maria, aonde chegaram em setembro Rubtsov e Florence. Daí, cruzando o rio Paraguai, o percurso tomava o rumo oeste-noroeste, em direção a Vila Bela, à margem do Guaporé, a qual fôra capital da província, até havia pouco.

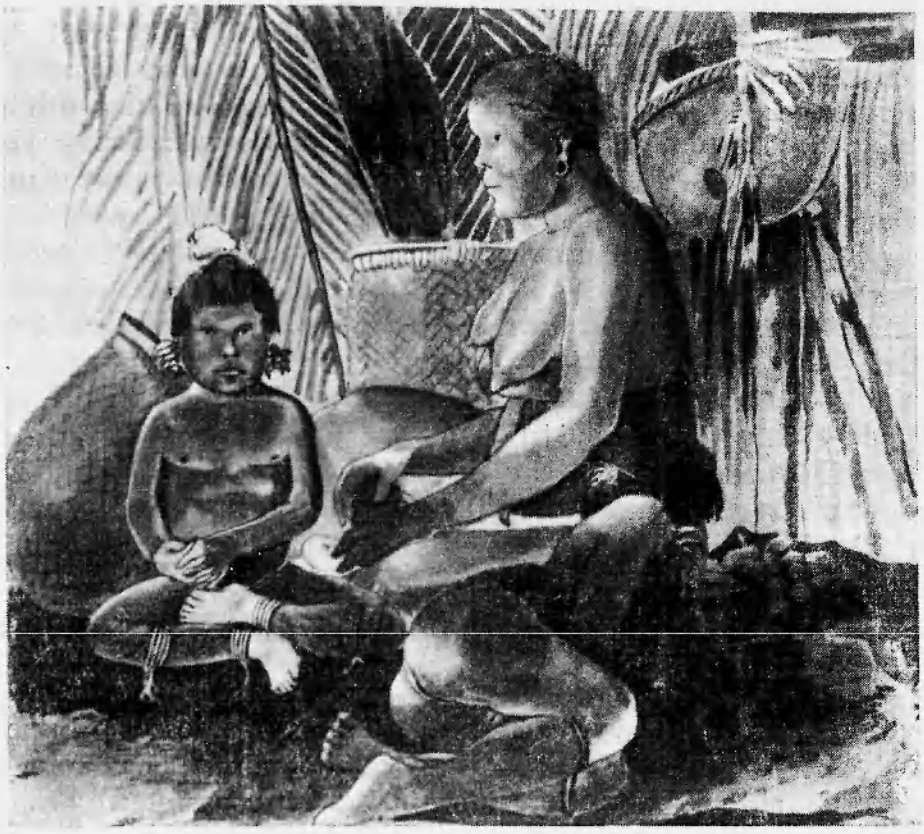
No caminho de Vila Maria a Vila Bela, Riedel e Taunay visitaram a aldeia bororo — Pau Sêco — situada entre os rios Paraguai e Jauru, a 7 milhas da margem direita dêste (e não à esquerda, como por equívoco se diz na descrição do des. 22). Era no início de dezembro de 1827. Ao que parece, êsses índios pertencem ao grupo dos bororos-aravirás ou cabaçais — formando a parte extremo-ocidental da tribo, sôbre a qual dizia Florence que era inimiga inconciliável dos brancos. Os desenhos de Taunay apresentam um quadro completo do gênero de vida dêsses selvagens.



DESENHO 22

Uma vista geral da aldeia tem-se no des. 22. As palhoças cobertas de fôlhas inteiriças de palmeira, sem qualquer ajustamento prévio, representam simplesmente grandes choças oblongas, sem paredes. Vêem-se figuras femininas com os cintos característicos. Como os homens, elas aparecem nos desenhos com as cabeças raspadas. Êsse hábito singular distingue marcantemente a população desta taba daqueles outros representantes da tribo, que, dois meses antes, foram desenhados por Florence com cabeleiras compridas, na fazenda Jacobina, é verdade que pertencentes a outro grupo — os bororos dos campos (ver acima *Globus,* Vol. LXXV). Os homens figuram no desenho armados de arcos e flechas. O interior da choça está excelentemente representado no des. 23. Em primeiro plano a mulher, cuidando de quebrar nozes entre duas pedras. Os côcos da palmeira bocaiúva constituem, conforme nota do pintor em

DESENHO 23



DESENHO 24

um dos desenhos, a principal alimentação dos bororos ("la base de leur nourriture"), além da carne de caimão.

Todos os índios das savanas se parecem, sob êste aspecto e até certo ponto, com os bororos — as nozes de palmeiras invariàvelmente acompanham tôdas as suas refeições (por exemplo, os cadiueus, entre os quais tive ocasião de viver em 1914). A primeira coisa que salta à vista na palhoça (des. 23), são os altos jiraus, como os chamam os brasileiros, e sem os quais não sabe passar nenhuma construção em lugar êrmo. Nesta espécie de mesa ou *étagère* colocada no alto, junto ao teto, guarda-se protegendo-o contra os cães, tudo que há de bom. As cestas em forma de mochila, feitas de fôlha de palmeira, não são nada características, pois são igualmente comuns a tôdas as tribos

do curso superior do Paraguai. Essas ficam no solo. Ao fundo da cabana vê-se deitado no chão um homem (os bororos não usam rêdes), tendo entre os dentes um pequeno tubo comprido e reto enfiado num cachimbo. Uma cegonha doméstica tuiuiú vaga em liberdade. Outra representação do interior de palhoça temos no des. 24. Aqui chamam a atenção a corneta militar, adornada de plumas e as crinas de cavalo (1), no pé do jirau. Duas dessas cornetas se encontram na coleção trazida pela Expedição (764 58, 59, des. 19). Por sua construção, parecem-se muito com as cornetas cadiueus trazidas por A. Fritsch, F. A. Fielstrup e por mim (ver meu artigo *Música e Instrumentos Musicais de algumas Tribos do Brasil,* no tomo IV da Colet. do Museu). A. Taunay desenhou ambos êsses intrumentos musicais e especialmente no des. 19, debaixo do qual se lê: "Cornets dont ils tirent des sons dans leur marche". No desenho vê-se que êles consistem em flautas de taquara, terminadas numa ponta estreita, de chifre de boi. Um cordel sujeita adornos de plumas e cabelos. A corneta é munida de um laço para ser conduzida. As duas amostras de flautas do Museu se extraviaram. A propósito, citamos outro instrumento musical bororo, que existe entre os artefatos trazidos pela Expedição — N.º 764-5 e des. 24 representado por A. Taunay no des. 19: "sifflet". Consiste de um tubo de taquara inserto numa cabaça, furada em seis lugares. Pendem dêsse apito plumas de arara, de gavião e cabelos negros (de cavalo ?), semelhantes aos que adornam a corneta acima descrita. Êsse apito ou gaita, sujeito por um cordel, é carregado ao pescoço. Ao que parece, é igual ao citado no diário e pintado por Florence (ver acima e em *Globus,* vol. LXXV, pág. 7, des. 6).

Voltemos ao desenho n.º 24 — ambiente de vida doméstica.

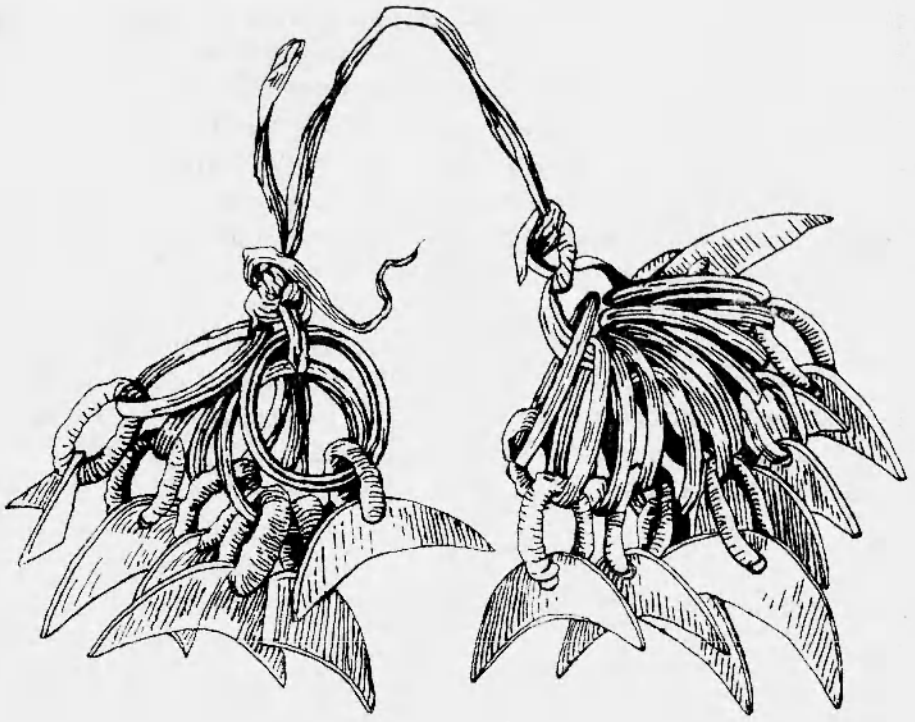
Além da cesta e do aparelho de pedra para quebrar nozes composto de uma bigorna chata de pedra e de um martelo de pedra esferoidal, deve-se chamar a atenção para a pele de onça, que serve de esteira para a menina. Conforme

(1) As crinas de cavalo servem como adôrno habitual desta tribo. Entre os bororos elas são usadas também como *chignon* ou cabeleira postiça (ver acima e também a coleção 765-43 e no *Globus* vol. LXXV, pág. 8, próximo ao des. 4). Entre os chanés, terenos, guanás e outros, elas têm uma utilidade semelhante (ver coleção do Museu de Antropologia e Etnografia, objetos terenos trazidos por F. A. Fielstrup e por mim; N.º 2 547-5).

se verá mais adiante, também outras partes da onça — seus dentes e garras — são utilizadas por êsses índios (via de regra, os índios nunca utilizam apenas uma parte de animal ou planta, e sim, sempre, várias). A mulher sentada e a môça deitada estão ataviadas com cintos ou espartilhos de embira, prêsa aos quais desce uma faixa delgada da entrecasca de tília que passa por entre as pernas. O espartilho ("Ceinture d'une jeune fille") se encontra entre os artefatos adquiridos pela Expedição (n.os 764-61); nêle faltam a liga e as mencionadas ataduras (o espartilho está representado no Museu por dois exemplares de A. Fritsch; trata-se de uma faixa de entrecasca de tília embrandecida). Êste gênero de roupa ou enfeite é usado já pelas crianças (des. 26 e também diário de Florence e *Globus,* vol. LXXV pág. 8, des. 9).

O lóbulo da orelha das mulheres está repuxado para baixo por um laço, mas nêle não se acha qualquer brinco. Na criança, ao contrário, como em tôdas as crianças que aparecem nos desenhos, existem as argolas características em forma de molhe de meias-luas de nácar (des. 25). Nos desenhos de Florence, devido talvez à seriedade da circunstância em que ocorreu seu encontro com os índios, que apareceram na fazenda de um branco como inimigos seus, todos êles, sem exceção, figuram com êsse adôrno. No des. 19, Taunay representa separadamente êsses adornos, qualificando-os de "argolas de orelha, cujas meias-luas são feitas de conchas". Na coleção há dois pares dêsses enfeites: o primeiro (764-51-52) consiste de borletas de algodão, das quais pendem alguns triângulos engastados em cascas de árvore e suspensos por filamentos que atravessam uma fieira de contas. O segundo (764-56, des. 25) é formado por alguns cordéis de enlace de aros prêtos feitos da casca de nozes de bocaiúva (citadas acima, como alimentação habitual (2), da qual estão suspensas meias-luas de nácar muito bem trabalhadas. Êste adôrno, segundo K. Steinen (*Globus*, Vol. LXXV, pág. 8) em geral não se encontra entre os grupos bororos do rio São Lourenço, e também não existe em nossa coleção de Fritsch, que visitou precisamente êste último

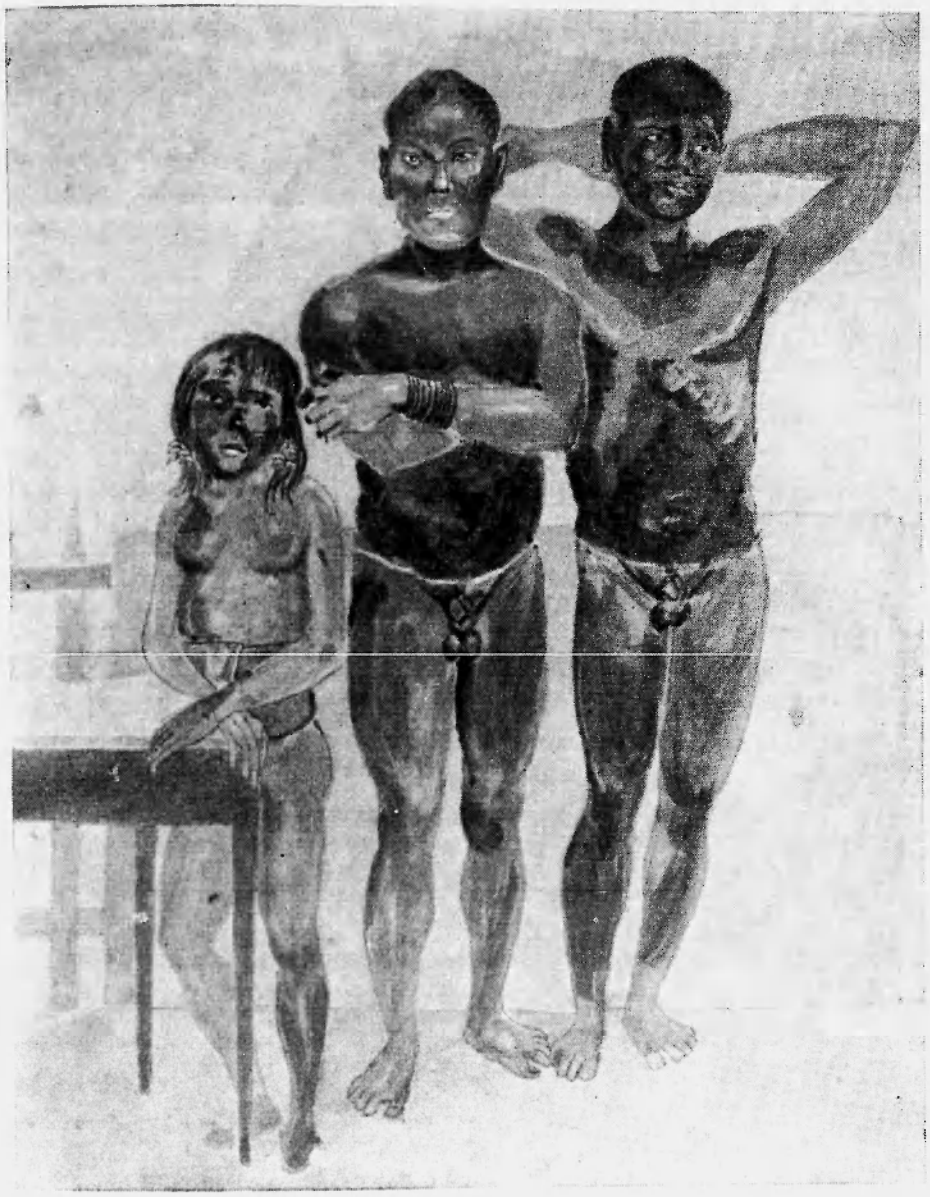
(2) Êsses aros usados como brinco e fabricados com cascas raladas na pedra, eu ainda vi entre os índios faiés da bacia do Paraná e do rio Ivinheima, com os quais me encontrei perto da cidade de Aquidauana. Os faiés constituem um dos grupos de xavantes.



DESENHO 25

grupo. Entretanto, entre os artefatos trazidos por Fritsch encontra-se um curioso brinco, composto de seis daqueles aros prêtos, estreitamente vinculados uns aos outros, ataviados com borletas de plumazinhas vermelhas. Fritsch observava que êste foi o único exemplar dêsse tipo encontrado por êle, mas não diz de que modo o usavam (coleção n.º 1381 — 103). A forma das meias-luas de nácar, ao contrário, é reproduzida em sua coleção no adôrno de chumbo (1381 — 66), usado no peito. Nas velhas coleções de Natterer, existentes no Museu de Viena e oriundas dos bororos ocidentais, isto é, daqueles que aqui examinamos com as palavras de K. Steinen, encontram-se vários brincos de orelha com foices, muito semelhantes aos descritos (ver *Globus,* vol. LXXV, pág. 8).

No des. 27 o pintor foi particularmente feliz na representação da mãe com a criança; a "roupa" da mãe está bem visível e foi magnìficamente apanhada a expressão de curiosidade que se estampa em seu rosto. Convém chamar a atenção para essa estranha postura sôbre uma perna, enquanto mantém a

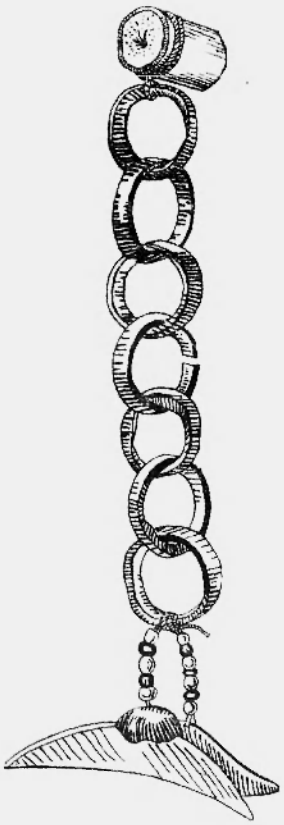


DESENHO 26

outra suspensa — hábito êsse também observado por mim entre os botocudos e os caingangues e, decerto, comum a todos os índios, como atitude de "imóvel expectativa" e de "atenção". Todo o peito e a superfície da coxa estão cobertos por linhas horizontais, provàvelmente pintadas e não tatuadas. Pintas

DESENHO 27

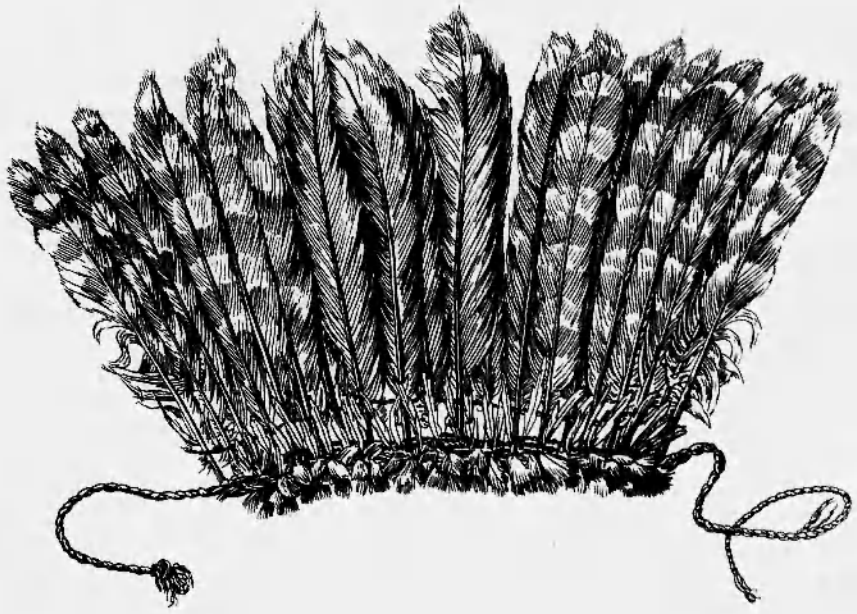
vermelho-vivas na cabeça raspada, nas mãos, no peito, etc., nesta e em outras figuras, algumas delas demasiado vivas, observam-se no des. 26, o que indica possuírem êstes bororos o hábito de pintar o corpo de vermelho com casca de urucu. No desenho 26, a jovem adolescente está ataviada com os brincos característicos. Nos homens representados nesse desenho vê-se bem o cartucho colocado no pênis e por cujo orifício passa parte da pele do prepúcio (ver acima o diário de Florence). Em um dêles vê-se atravessando o septo nasal um ossinho fino — adôrno característico dos bororos ocidentais, não adotado pelo grupo oriental, como afirmara Steinen. No des. 27, o homem está desenhado com toucado de dança e as armas nas mãos. Nas orelhas e no nariz, os brincos e varinhas já conhecidos por nós. Em tôrno da bôca, um traço largo e prêto — processo de pintar o rosto, digno de atenção por seu primitivismo (ver os botocudos). No lábio inferior, inserto um longo ossinho ou varinha (como se vê no desenho a lápis *Retrato de um dos chefes bororos* (3). Essa varinha existe apenas na coleção de Fritsch, mas em compensação nos materiais da expedição de Langsdorff há um curioso objeto (764 — 55, des. 28) que representa, pelo visto, uma variante da cadeiazinha de batoques, pendente do lábio inferior (K. Steinen: *Unter dem Naturvölkern Zentral-Brasiliens,* pág. 475). Semelhantes cadeiazinhas, representadas por Steinen, existem também na coleção de A. Fritsch no Museu de Antropologia e Etnografia.



DESENHO 28

A cadeiazinha descrita (des. 28) consiste de sete aros prêtos feitos de casca de nozes de palmeira. Ao aro de baixo estão presos duas meias-luas triangulares por filamentos com contas; uma das meias-luas contém uma espécie de espata feita da casca de uma semente qualquer (ver acima

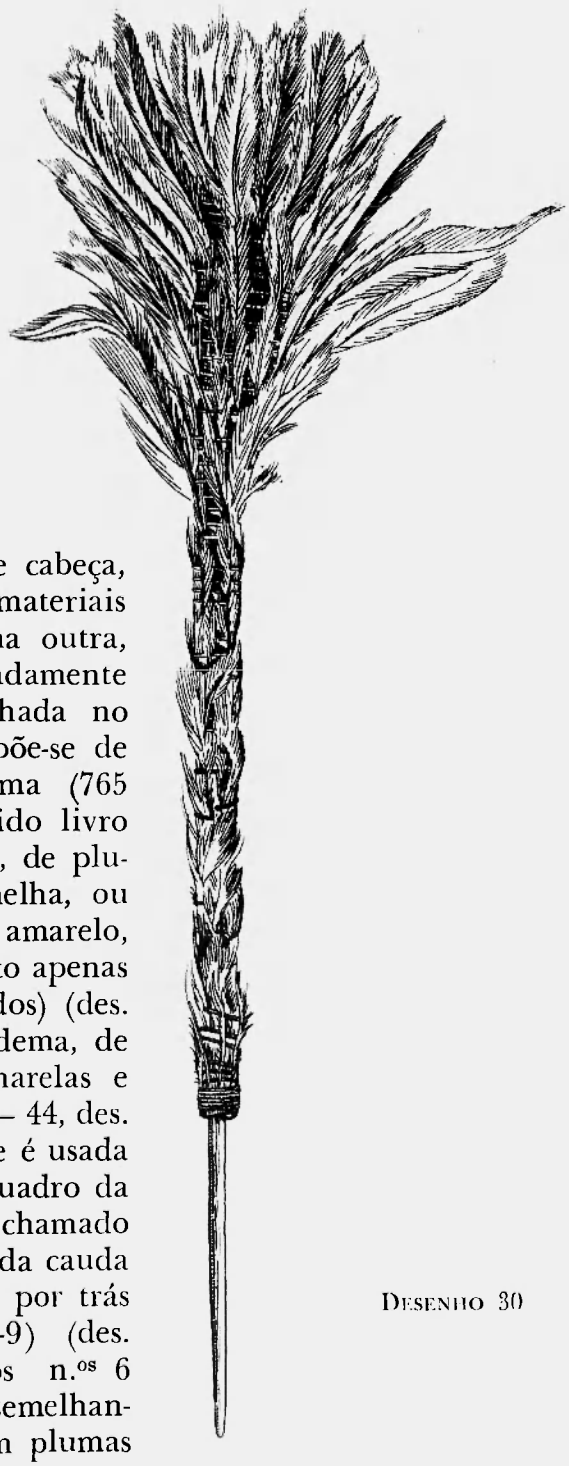
(3) Não se reproduz aqui o desenho.



DESENHO 29

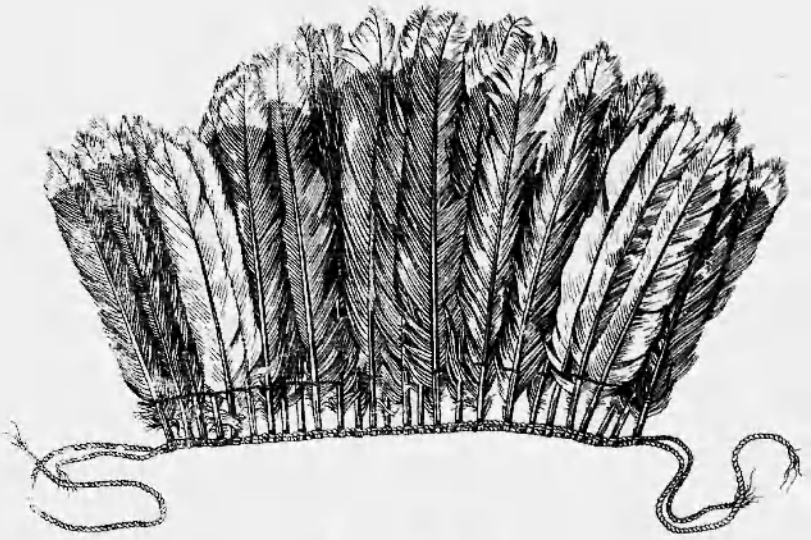
brincos, 764 — 17). O batoque no lábio é feito de um pedaço de junco e é bastante brando, mais brando do que os habituais tembetás desta tribo. Na cabeça do homem, coberta de longos cabelos (cabeleira postiça com crinas de cavalo?), coloca-se um adôrno em forma de leque, feito de plumas azuis dispostas como auréola. Esta é uma das variedades de diadema; um semelhante a êsse foi desenhado por Florence (ver acima e também em *Globus,* pág. 7, des. 7). Na coleção, no n.º 765, existem três dêsses diademas (n.os 3, 4, 5, des. 29). Consistem de várias plumas grandes, ligadas na base por fios trançados, formando uma rêdezinha com pequenas plumas vermelhas. Estas penugens também são adaptadas ao bordo interior do travesseiro do diadema, visível no citado desenho de Florence em *Globus.* Na coleção existe ainda um adôrno em forma de vassoura, com uma cabeça de alfinête cravada na frente do diadema (765 — 23). Compõe-se de duas varinhas finas, ligadas entre si, no tôpo das quais esplende um tufo de plumas verde-escuras, amarradas à base comum por um cordel flexível. O alfinête está representado no desenho de Florence (des. 30) n.º 765 — 22 da coleção. Num delgado espetozinho de madeira acha-se implantado um pedaço de junco besuntado de

cêra. Com um fio encerado, atam-se a êle penugens vermelhas e amarelas, que formam um tufo na parte superior da agulha. Semelhantes penugens estão amarradas com grossos cordéis de cânhamo, o que lhes comunica mobilidade. Êstes originais adornos não se encontram, ao que parece, no rio São Lourenço. Sôbre êles nada diz K. Steinen e na coleção de Fritsch tais artefatos inexistem.

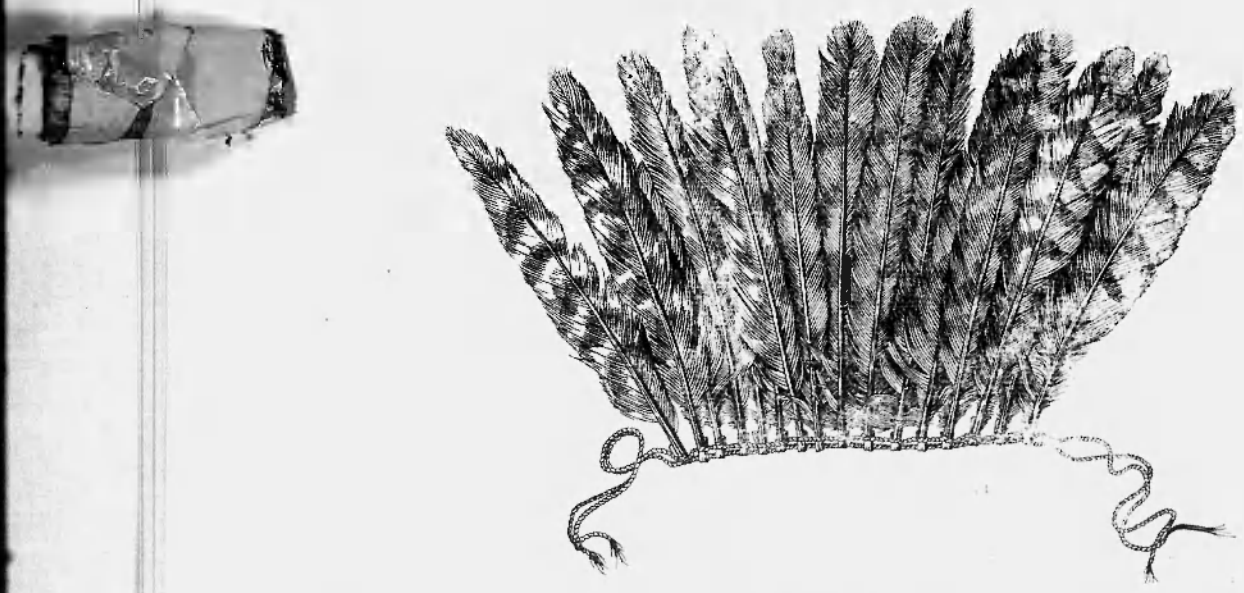


DESENHO 30

Além da ornamentação de cabeça, que já descrevemos, existe nos materiais recolhidos pela Expedição uma outra, também típica, pormenorizadamente descrita por Steinen e desenhada no quadro 1 de seu livro. Compõe-se de três partes: 1) imenso diadema (765 – 1, 2) *parico* (ver no aludido livro desenho à parte, na pág. 478), de plumas da cauda de Arara vermelha, ou seu substituto – um diadema amarelo, de menores dimensões, composto apenas de 3 plumas (no centro e nos lados) (des. 18, o de cima); 2) outro diadema, de plumas curtas – brancas, amarelas e pretas, cortadas na ponta (764 – 44, des. n.º 18, o de baixo). Esta parte é usada como viseira (ver o referido quadro da obra citada); por fim, 3) o chamado *curugúgua,* de plumas rajadas da cauda do milhafre (macauã ?), usado por trás do *parico,* no cocuruto (765-9) (des. 31-b). Além dêsse, existem os n.ºs 6 (des. 31-a), 7 e 8, muitíssimo semelhantes pela forma, mas feitos com plumas



DESENHO 31-A



DESENHO 31-B

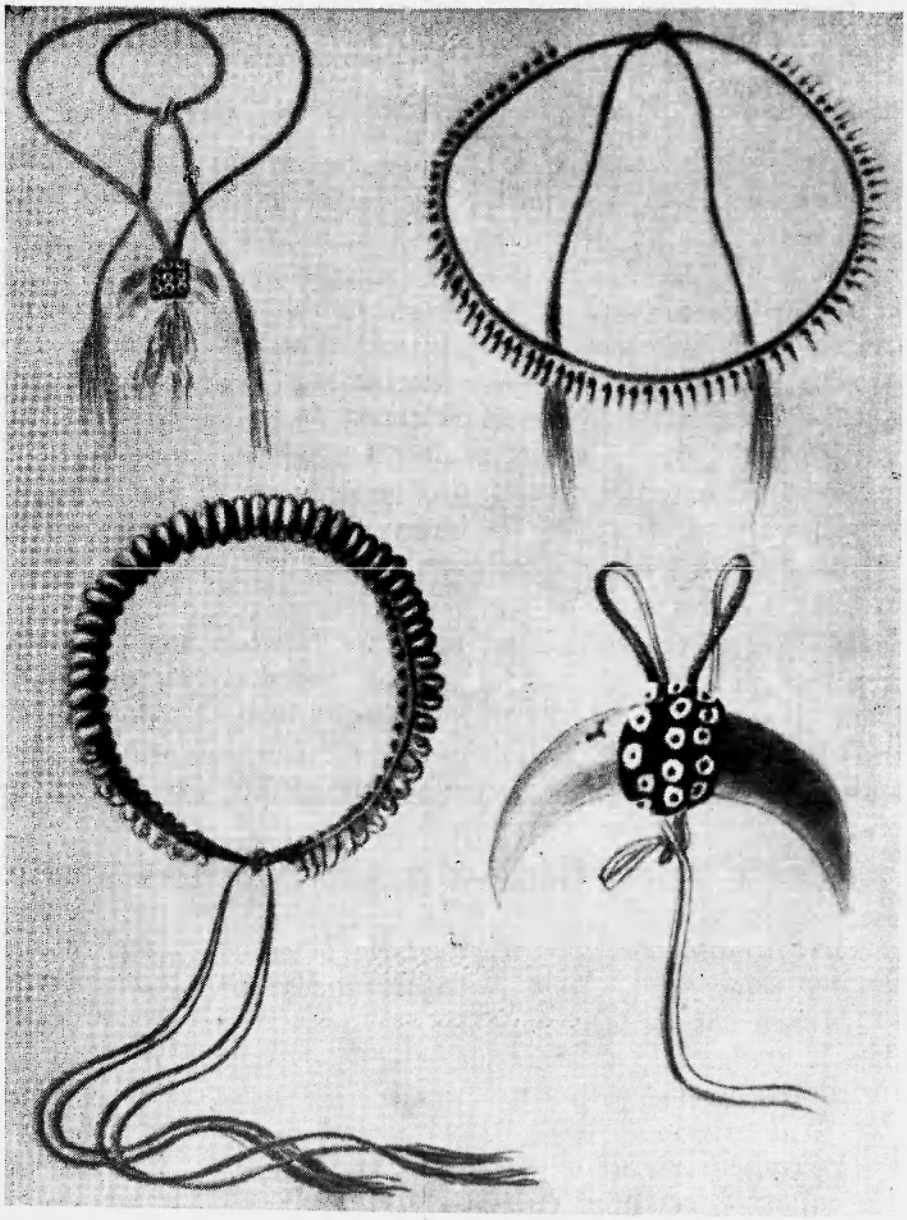
de outro pássaro. O n.º 765 – 14 da coleção, é, parece, um pequeno (talvez de criança ?) *parico*.

Não existe entre os desenhos de indígenas feitos por A. Taunay ao menos um com adôrno de cabeça característico dos bororos; as coroas de garras de onça, que se vêem em quase todos os desenhos de homem, são de autoria de Florence.

Contudo, a coroa que existe entre os objetos da coleção do Museu (764-55) procede precisamente de Riedel – Taunay e está figurada por êste último no desenho à parte, n.º 32 (o primeiro à esquerda, em baixo), feito, como outros desenhos de objetos isolados, já na chegada a Vila Bela de Mato Grosso (na velha etiquêta consta: "Couronne d'ongles des indiens Bororos"). Ela consiste, conforme aliás também descreveu Florence, de uma série contínua de garras de onças, dispostas com muita regularidade, tendo as menores nas extremidades e as grandes no meio. No total, um conjunto de 47 garras, isto é, retiradas no mínimo de três feras. Serve-lhe de base um aro de madeira delgada, totalmente oculto por um rôlo espêsso de fios.

As garras colocam-se na parte de fora do aro e a êle se prendem por nós de cordel grosso, encerado ou embreado. Além disso, estão firmemente unidos entre si (do lado de fora) por quatro séries de nós que se atam uns aos outros. Esta construção torna-os inteiramente imóveis no aro e empresta extraordinária solidez a todo o objeto.

A coroa desenhada e publicada no livro de K. Steinen, pág. 220, e referente aos bororos orientais, tem um total de 24 garras, amplamente separadas uma da outra e seguras apenas por uma série de nós. Uma coroa semelhante encontra-se no Museu da Academia, entre os objetos recebidos de A. Fritsch (n.º 1381 – 58) composta de 17 garras, que mal se sustinham no aro e também unidas apenas por uma série de nós. Talvez essa diferença deva ser atribuída à própria diferença também existente nas tradições dêste e do outro grupo, mas talvez a razão se encontre simplesmente em que os bororos se tenham tornado menos "bravos" (corajosos, selvagens) e atualmente se empenhem mais raramente em corpo-a-corpo com as terríveis feras do bosque e se torne assim mais difícil obter-lhes as garras.



DESENHO 32

De dentes da onça fazem adôrno de peito, também representado na coleção da Expedição russa (n.º 764 – 53, des. 33). Compõe-se êsse adôrno de todos os quatro caninos da fera, simètricamente dispostos, e de dez molares – cinco de cada canto, ao lado dos caninos. Os dentes estão atados a um cordel, que passa em tôrno do pescoço, mas além disso, os caninos estão enrolados em fios na parte meã de cada um dêles. No rio São Lourenço (K. Steinen, quadro 1), êsse adôrno é munido de um suporte constituído por uma varinha horizontal atrás dos dentes, usando-se um ou dois dos molares de cada lado (ver também a coleção de A. Fritsch no Museu de Antropologia e Etnografia, n.º 1381 – 27 e 101).

Outro adôrno de peito, confeccionado com dentes, mas de construção mais complexa, é o que se compõe de caninos de *Dicotylus* – porco-montês (coleção n.º 765 – 40 des. 32, à esquerda e ao alto). Os dentes são dispostos em pares, com a cavidade voltada para baixo, e unidos no meio por uma grossa placa de pez. E, fincados no piche, aros de nácar (4). Sob a ligadura, a borleta da qual pendem cordéis que servem para dependurar êsse objeto ao pescoço. Há também um adôrno de dois dentes apenas dêsse animal, de origem bororo oriental – adquirido por Fritsch (n.º 1.381 – 100), mas os dentes são presos por barbante embreado e não soldados com pez, como no caso descrito.

A forma exata da meia-lua pode ser observada em outro adôrno de peito, fabricado com garras de tatu-canastra (*Dasypus giganteus*). (N.º 765 – 39, des. 32, em baixo, à direita). Como no caso precedente, as unhas estão soldadas numa chapa de pez, na qual se encastoam 9 aros de nácar. As pontas dos cordéis também aqui pendem para baixo, em forma de leves borletas. Estão reproduzidas no livro de K. Steinen (pág. 479) e figuram na coleção de A. Fritsch, adornos idênticos (n.º 1381 – 24, 25) pertencentes a índios do grupo oriental da tribo. Sofreram êsses adornos uma evolução, refletida no crescimento das dimensões das borletas, que pendem para

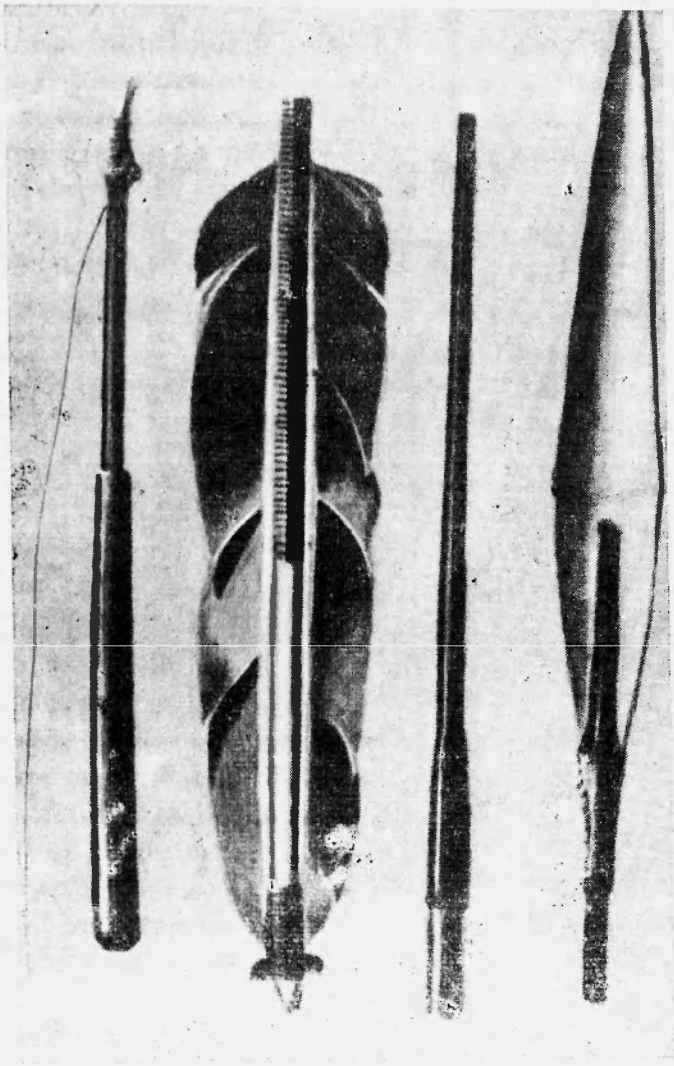
(4) Os aros de nácar soldados em fundo escuro, formando um ornamento primitivo e liso, são usados não só pelos bororos: os matacos do tributário superior do rio Pilcomaio assim se adornam, e os chiriguanos (grupo da tribo guarani), que habitam o sopé dos Andes bolivianos, empregam por êsse mesmo método contas no botoque labial – tembetás (F. F. Outes e C. Bruch. *Los aborigenes de la República Argentina*. Buenos Aires, 1910, pág. 71-81).

DESENHO 33

baixo, e até mesmo no aumento das plumas, juntamente com a redução da quantidade de pez. As mechas naturais de cordéis se converteram num grosso pingente artificial, rivalizando com as garras, que perderam sua primazia.

Não só as garras de tatu, como também seus dentes são usados em adornos: o des. 32 (do lado direito, em cima) que corresponde ao objeto n.º 765 — 41, representa um cinto (?) de homem, feito de um grosso cordel trançado, do qual pendem dentes cilíndricos dêsse desdentado. Essa é ainda uma ilustração da regra de aproveitamento multilateral dos materiais, já referida e no presente caso aplicada ao tatu.

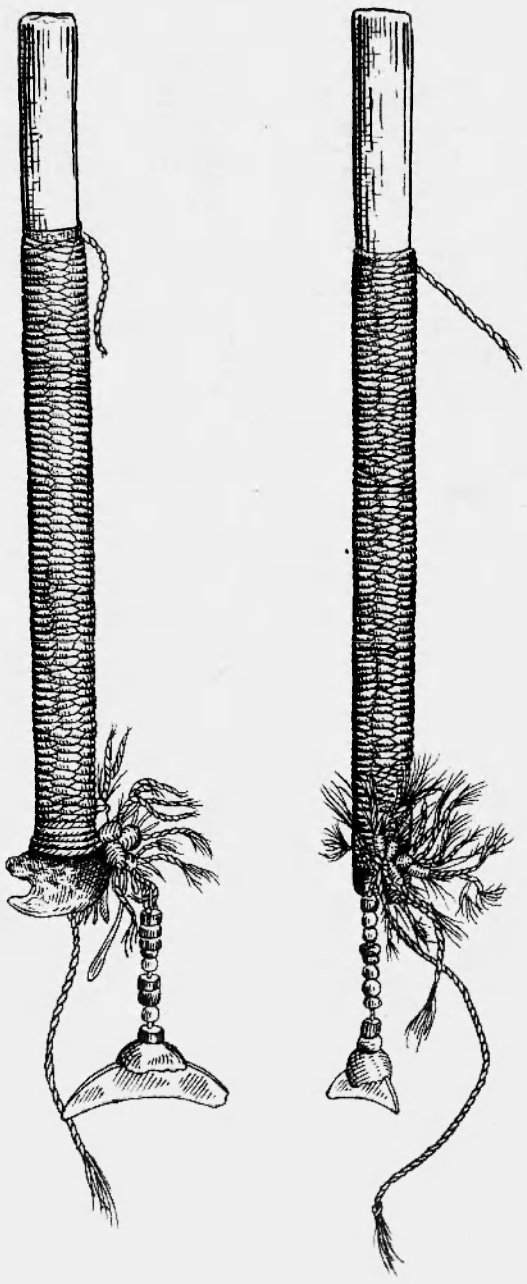
Outro cinto (?) de homem é feito de ossinhos de pássaros (conforme está representado no desenho de Florence em *Glo-*



DESENHO 34

bus, vol. LXXV, des. 7) alternados com grãos escuros em forma de lentilha. Seu comprimento é de aproximadamente 2 metros. Como já se disse acima, os ossinhos de pássaros são usados também como adôrno nasal.

Por fim, ainda um cinto de homem – n.º 764 – 40 da coleção (des. 19) – "ceinture de sabots de cerfs". É feito de um trançado de fôlhas de capim, do qual pendem pequenos



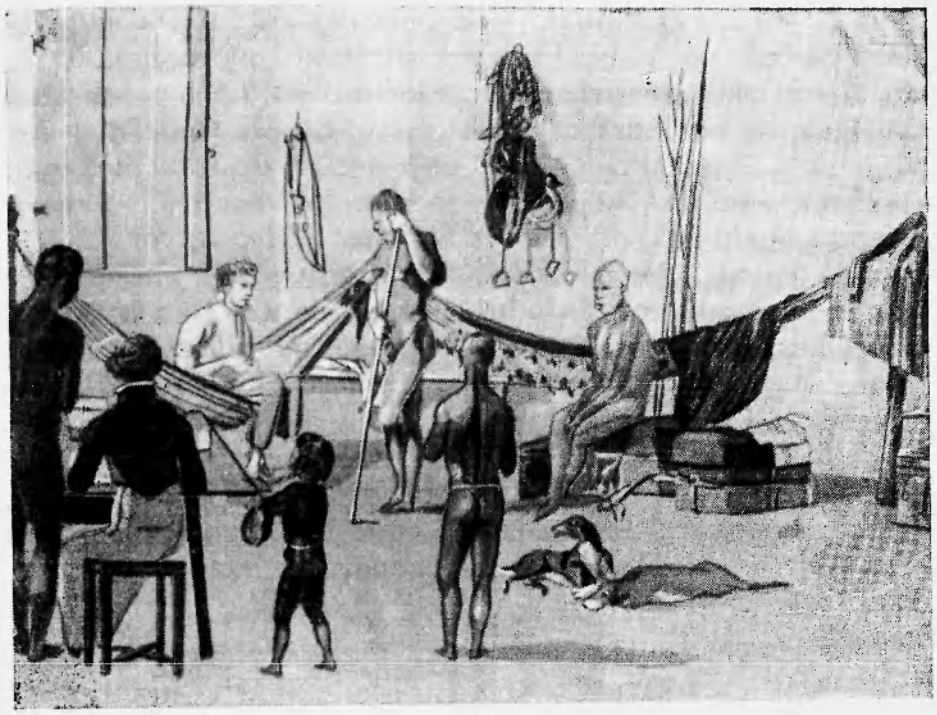
DESENHO 35

cascos de veado, que emitem ruído quando em movimento. Tais adornos são bastante difundidos tanto no Chaco, como entre as tribos da bacia do Paraná (por ex., os faiés, os caiuás).

Muito interessantes, como amostra de trabalho de imitação, são as peças n.os 764 — 46, 47, 48, 49. Esta fileira de *garras* ou *dentes* feitos de casca de noz de palmeira, está fixada ao cordel pelo mesmo processo que as garras na coroa acima descrita (n.º 764 — 45). Se é usada na cabeça ou na perna — ignora-se. O bracelete é visto apenas em um desenho (26): trata-se de um objeto muitas vêzes enrolado sôbre si mesmo. Os braceletes de perna (abaixo dos joelhos e no tornozelo) são usados pela criança e pela môça que aparecem no desenho n.º 24.

No que diz respeito às armas bororos, não temos amostras na coleção (5). Em compensação, temos o desenho da flecha feito por A. Taunay (des.

(5) Salvo o pequeno arco para espadelagem do algodão (Será apiacá ? N.º 765 — 54).



DESENHO 36

34), onde se vê bem o modo tangencial de sua plumagem e de seu enrolamento com a casca de cipó-imbé (*Philodendron*). No des. 27, acima examinado, vêem-se nas mãos do guerreiro ataviado o arco e as flechas com ponteiras de taboca. Parece que em nada se diferenciam das que existem no Museu e que pertenciam ao grupo oriental dos bororos. Nenhum arco guarnecido de penugem e plumas foi desenhado. O hábito generalizado de guarnecer com plumas, tão original e que se destaca em tôdas as coleções de objetos dos bororos do rio São Lourenço, não se refletiu em nenhum dos objetos das coleções de Langsdorff. Não indicará isso que seu surgimento é recente ?

Para a fabricação das flechas êstes índios utilizam um instrumento original (des. 21), semelhante ao que vem descrito por K. Steinen sob a designação de *Kapivara Meissel* (obra citada, pág. 287). A diferença essencial está em que neste caso, se usa o dente de cutia (*Dasyprocta*), muito mais fino. Dos sete artefatos dessa espécie (des. 35, coleção n.º 764

– 17/2), dois estão munidos de uma fieira de contas enfiadas num cordel, tendo na base um pingente, sôbre uma casca, um nácar em forma triangular. Além disso, há nesse artefato um feixe de peninhas de vivas côres. Esta circunstância não só atesta a importância de tal instrumento de trabalho, como concorda admiràvelmente com o que foi descrito no diário e representado pelo desenho de Florence (*Globus,* vol. LXXV, des. 6, na pág. 7), onde tais instrumentos são enfiados no cabelo como adôrno. Os outros quatro (6) não têm êsses penduricalhos, mas, por outro lado, estão munidos de malhas com tàbuazinhas de madeira leve roídas, cuja serventia me abstenho de tentar advinhar. Os cabos de três dêsses objetos são feitos do lenho da palmeira (provàvelmente *Astrocarium*), e o quarto – do cúbito de um pássaro qualquer. Nenhum dêles reproduz exatamente aquêle que está figurado no des. 34 (primeiro à esquerda) de A. Taunay – exemplar êste que, decerto, se extraviou.

Em conclusão, chamam ainda a nossa atenção as cenas domésticas, que o artista apreendeu com êxito. O índio relata aos ouvintes atentos sua luta corporal com a onça. Como todos os índios, êle não se satisfaz com a expressão em uma língua, e reproduz todos os seus movimentos e faz intervirem até o arco e a flecha durante a exposição dos fatos.

Em outro desenho, figura-se o canto noturno dos índios. O pajé de cócoras, com um grande maracá (característica comum a tôdas as tribos) na mão, e os outros em círculo diante dêle (7).

No desenho 36 estão pintados os próprios viageiros – Riedel e Taunay – na casa, certamente, de algum fazendeiro onde se instalaram, perto do acampamento dos índios. As figuras de selvagens, tal como no des. 26, compõem um quadro de contemplação imóvel e perplexidade – posição habitual em que ficam quando se encontram com europeus. Então se acumulam temas para conversações durante um mês inteiro ou mesmo anos.[17]

---

(6) Trata-se de um lapso, decerto: o autor fala inicialmente em sete artefatos; em seguida, descreve dois dêles, e agora refere-se aos "quatro" restantes. Ao que parece, são seis e não sete os instrumentos a que alude. (N. do T.)

(7) [Os desenhos não estão reproduzidos aqui.]

Vila Bela. Morte de Taunay. O caminho de Riedel

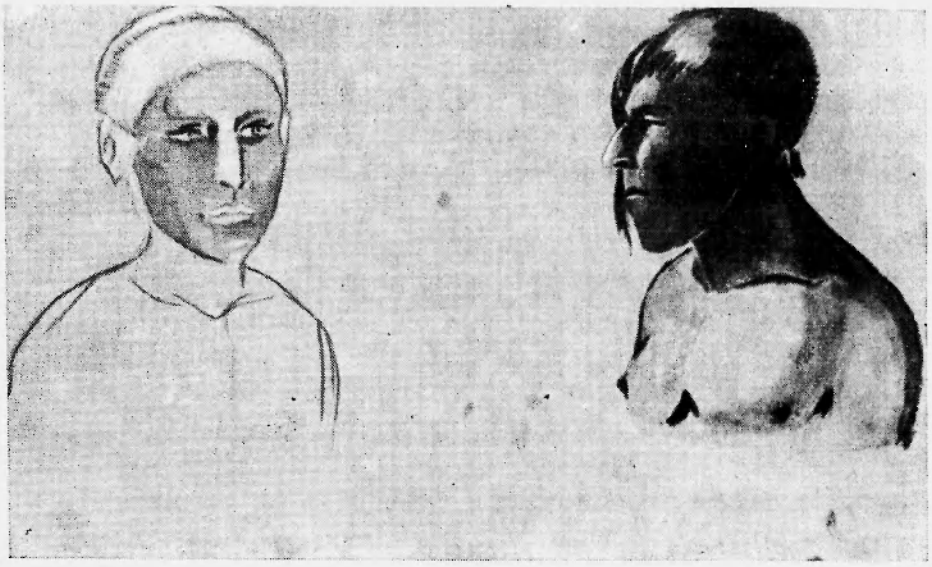
A 18 DE DEZEMBRO DE 1827 os viajantes já tinham alcançado Vila Bela (Vila Bela de Mato Grosso), fundada em 1752 e ex-capital da província, que depois se transferiu para Cuiabá.

Em carta a um irmão, escrita dessa cidade (da qual um sobrinho seu publicou extratos no prefácio ao diário de Florence), Taunay descreveu o que restou da grandeza de outrora na antiga e quase abandonada capital. No palácio dos governadores tudo permaneceu como dantes, desde a partida do último dêles — móveis, quadros, armários, escrivaninhas — e foi gradualmente envelhecendo. No pátio cresceu o matagal. Riedel e êle instalaram-se ao lado do palácio, enquanto aguardavam se liberasse a casa que lhes tinha sido predestinada.

No palácio o artista tirou uma cópia de tôda a série de retratos dos reis de Portugal e dos governadores da província de Mato Grosso, cópia que hoje se acha na coleção do Museu da Academia de Ciências (1).

Os viageiros, segundo se estabelecera, iriam permanecer de três a quatro meses em Vila Bela. Entretanto, se se evi-

(1) [Atualmente faz parte do Arquivo da Academia de Ciências da URSS (depósito n.º 63, inventário 2), tôda a coleção de desenhos dos pintores da Expedição.]



DESENHO 37

denciasse não terem conseguido os outros, nesse inverno, descer o Amazonas, deveriam regressar a Cuiabá e organizar nôvo plano.

Êles decidiram aproveitar êsse período de espera fazendo excursão a Casal Vasco, povoação situada nas proximidades da fronteira com a Bolívia, a uma distância de cêrca de 14 léguas. Partiram a 30 de dezembro. A 1.º de janeiro de 1828 visitaram São Luís e Salinas — dois pontos extremos do império brasileiro no Chaco Setentrional, e no terceiro dia, regressando, detiveram-se em Casal Vasco. Nessa pequena povoação Taunay fêz dois desenhos, que estão em nossas coleções no Museu. Representam tipos de índios da tribo chiquito ou chiquitano (des. 37). Os narizes aduncos por demais acentuados, e a côr da pele clara distinguem-nos bruscamente de outros índios e, provàvelmente, são o resultado de um século de estada dos espanhóis entre êles. Dobritzhoffer, em seu magnífico livro sôbre os abipons, refere-se lisonjeiramente ao caráter pacífico e acolhedor desta tribo, no meio da qual a missão se elevou, em fins do século XVIII, a 20 mil habitantes, formando uma freguesia composta de oito aldeamentos, espalhados ao sul do rio Guaporé e de Vila Bela (a povoação mais

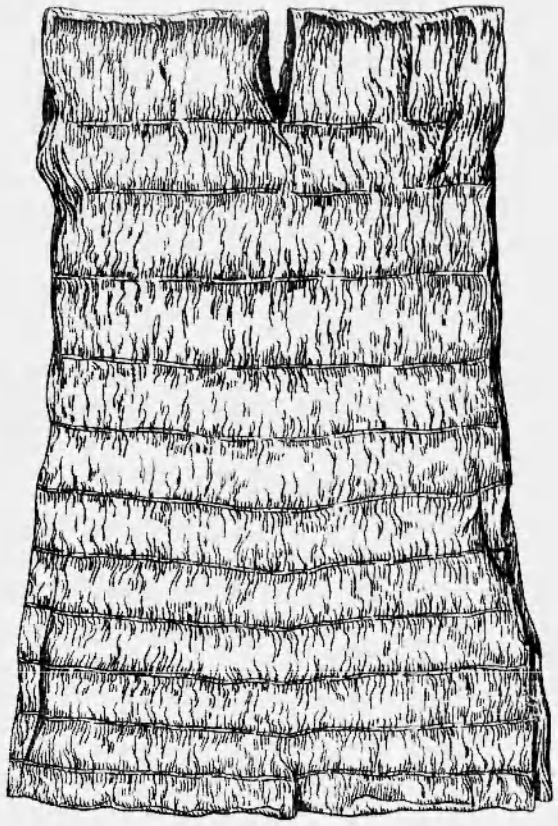
próxima é São Rafael, a algumas milhas dali). Atualmente podem-se encontrar êsses indígenas bolivianos perto de Corumbá, onde vivem como colonos, ao lado de brancos e negros, cujos hábitos e modos êles assimilaram completamente.

Êsses desenhos feitos por Taunay foram seus últimos trabalhos, pois no caminho de volta de Casal Vasco a Vila Bela, afogou-se no rio Guaporé. Eis como relata Riedel o trágico acontecimento, em carta aos parentes do pintor, datada de Vila Bela, 10 de março (2):

"Deixamos Casal Vasco na manhã de 5 de janeiro para voltarmos à cidade. Vosso irmão, meu infortunado amigo, que não podia afazer-se a acompanhar nossa resumida e lenta caravana, tomou a dianteira e daí a pouco o perdi de vista. Entretanto pelos rastos do seu animal vi que até três léguas de Mato Grosso seguiu caminho certo, mas nesse ponto desabou um temporal acompanhado de violenta chuva, que num instante inundou todos aquêles vastos campos. Alcanço o pôrto de Guaporé, sem encontrar meu amigo, supondo-o, porém, abrigado em algum rancho arredado da estrada. Numa canoinha passo o rio, não sem perigo, porque as águas iam-se avolumando e chego, às 4 horas da tarde, a Mato Grosso, onde me comunicaram a fatal notícia. Relutei em dar-lhe crédito, mas daí a pouco trouxeram-me o cavalo que êle montava — triste prova da verdade. Corro ao pôrto; acho várias pessoas empenhadas em procurar o corpo... debalde! pois as águas turvas e carregadas de lôdo tornavam a pesquisa inútil.

A uma légua da cidade perdeu-se Adrien; atravessou duas vêzes o rio Alegre e entrou num canavial, onde uma negra lhe ensinou uma vereda que por matos e pântanos levava à margem do Guaporé, defronte da cidade, uns trezentos passos acima do pôrto. Chegando ali, viu do outro lado uma lavadeira e pediu-lhe que fôsse avisar o *passador*. A trovoada roncava com fôrça e chovia a cântaros. Adrien impacienta-se; prende a rédea ao animal e, recomendando-o à lavadeira, toca-o para a água. A mulher avisa-o do perigo, mostra-lhe o barqueiro que vinha chegando. Nada, porém, o desvia da funesta intenção; atira-se a nado; chega ao meio do rio; perde as

(2) Esta carta é citada no prefácio à tradução portuguêsa do diário de Florence.



Desenho 38

fôrças; afunda; luta; dá um grito; levanta um braço e, vítima da excessiva temeridade, desaparece, no momento em que chegava a canoa. Infelizmente o *passador* não sabia mergulhar..." E. T., pág. 352).

O corpo do pintor, encontrado no dia 8 de março, foi sepultado perto do pôrto, na igreja de Santo Antônio, oculta em vasto e denso bosque de laranjeiras.

Pondo-se de acôrdo, mediante carta, com o chefe da Expedição, L. Riedel não regressou a Cuiabá, prosseguindo a viagem sòzinho.

Em maio vamos surpreender o botânico no rio Madeira entre as famosas cascatas e corredeiras, que recentemente foram contornadas pela estrada de ferro (amostra de herbário n.º 1270). Ali havia numerosos caripunas (então índios pacíficos), com os quais Riedel manteve contacto, conforme o

atestam duas peças dêles — rêde e camisa de embira (des. 38, coleção n.º 764 — 67). Os caripunas (Martius, obra cit., págs. 45 e seguintes), naquele tempo, foram observados por outro viageiro — o austríaco Natterer, que também descia o rio Madeira. De acôrdo com suas informações, êles usam camisa comprida feita de embira da figueira, que protege contra as dolorosas mordeduras de insetos — hábito que parece ter sido copiado pelos brancos das vizinhas colônias missioneiras. A camisa existente em nossa coleção (des. 38, n.º 764-67), em cuja etiquêta se lê — "Chemise des indiens Caripunas du Rio Madeira" — é desprovida de mangas e traz, no meio da extremidade superior, um corte que permite enfiá-la até ao pescoço. Tem o aspecto de um retângulo e lembra, por seu primitivismo, o poncho da região dos Andes e dos pampas. Acho impossível que tenha sido plagiada dos europeus; creio, antes, que seja puramente americana, tanto pelo talhe como pelo material. A rêde (764 — 68) em cuja etiquêta se lê — "Hamac des indiens Caripunas du Rio Madeira" — é muito elástica e sólida. De côr marron-claro, ligeiramente avermelhada, consiste de uma rêde de largo trançado, de fios de embira fracamente torcidos. Não possui qualquer atavio.

Em junho de 1828, conforme atesta uma amostra do herbário — n.º 1305 —, Riedel encontrava-se já na localidade de Borba, à margem esquerda do curso inferior do rio Madeira, a um quilômetro e meio de seu desaguamento no Amazonas. Ali permaneceu até agôsto, e em setembro o surpreendemos próximo à Barra do rio Negro (atualmente, Santos). As excursões pelo rio Negro enriqueceram o herbário. Sòmente em novembro de 1828, depois de ter recebido notícias de Santarém sôbre a enfermidade de Langsdorff e constatada assim a impossibilidade de prosseguir viagem, é que Riedel veio até Santarém, na foz do rio Tapajós, aonde chegou a 1.º de julho, a outra parte — a parte principal da Expedição, com G. I. Langsdorff à frente. Voltaremos mais adiante à história desta parte da Expedição.

Viagem de G. I. Langsdorff, N. Rubtsov e Florence

Negros de Diamantino. De Diamantino até às terras dos índios apiacás

A 5 DE DEZEMBRO DE 1827, oito dias após a partida de Riedel e Taunay de Cuiabá, G. I. Langsdorff, Rubtsov e Florence seguiram para o norte, rumo ao primeiro ponto da etapa de sua rota: Diamantino (Nossa Senhora da Conceição do Alto Paraguai).

Cruzando o rio Cuiabá no dia 9, a 11 a Expedição já escalava a escarpada Serra do Tombador. No dia seguinte visitou as nascentes do rio Paraguai, no lugar chamado Sete Lagoas, e às 4 horas da tarde já estava em Diamantino.

A estada ali prolongou-se por 3 meses. Êsse povoado, atualmente quase desaparecido, ainda atraía então os faiscadores de ouro e garimpeiros de diamantes.

Florence, não se cansando de admirar a natureza circundante, refere-se, porém, desfavoràvelmente à povoação.

"O horizonte é limitado em Diamantino; os arredores incultos e o clima por demais insalubre. Reinam muitas febres intermitentes, cuja perniciosa influência é atestada pela falta de côres dos habitantes.

Durante nossa estada de três meses, dessas febres morreram três rapazes, uma mocinha, cuja enfermidade não durou mais de três dias, duas ou três pessoas de idade e cinco

ou seis crianças. Por tôda parte só se vêem doentes; entretanto, a população não passa de 3.000 almas.

Tão sòmente as pedras preciosas puderam levar os aventureiros a fundar a vila de Diamantino. Não que o solo não seja produtivo, mas não é no centro da América, sem estradas, sem meios de transporte, nem escoadouros, que se vão arrotear terras. Além disto, os mineiros só sabem revolver o terreno, o que faz com que não se enxerguem plantações, além do que exige o consumo da localidade..."

O trabalho é feito com a ajuda de negros escravos. Cada "mineiro" tem dezenas dêles. Na beira de qualquer riacho, além de uma pequena casa, coberta de mato ou de telha, para o senhor, há miseráveis palhoças para 30 a 40 negros, empregados na lavra diamantina; nos lugares mais ricos existem também plantações.

Os negros tinham a obrigação de dar semanalmente 800 diamantes por 4 dólares (1); às vêzes isso lhes permitia formar capital e comprar sua alforria ao senhor. "Conheci um velho prêto cabinda que, depois de conseguir a dinheiro sua libertação, a de sua mulher e filhos, comprara por seu turno lavras e escravos. Êsse negro por sua vez, já tinha dado a liberdade a uns vinte cativos seus e possuía ainda trinta, todos sãos, fortes e contentes". Os viageiros tiveram ocasião de assistir, no dia de São Benedito — santo de côr preta (2) — a uma festa da população negra, com danças nacionais, que se prolongou por todo o dia. Em outra festa, "os negros exibiram o mais estúpido desperdício, usando uma peça de sêda francesa, caríssima em Diamantino, como tapête para a rainha da festa".

De negros os mais diferentes, pela composição tribal, nascidos e crescidos ainda não se sabia onde no "Continente Negro", fêz Florence cinco admiráveis desenhos que se encontram em nossa coleção (três dêles — des. 39, 40, 41).

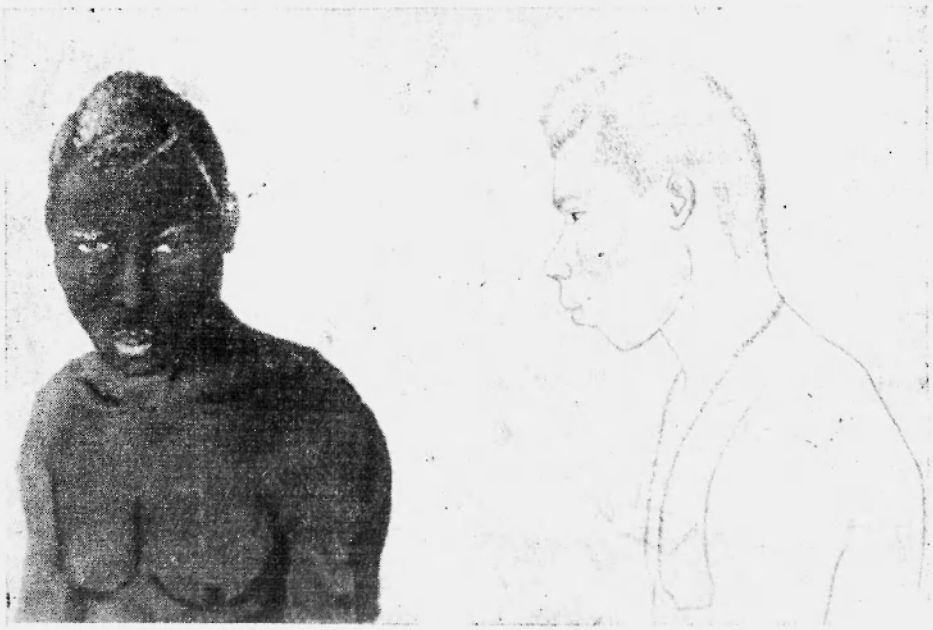
---

(1) Naturalmente, simples equívoco na tradução para o idioma russo, já que neste caso, como em tantos outros, a fonte em que se baseou o autor foi o diário de Florence, na sua edição em português. E, nesse diário, o período relativo ao assunto diz o seguinte: "Quase sempre segue-se o segundo alvitre, isto é, impor ao negro a obrigação de dar por semana um diamante de 4$800, devendo êle sustentar-se e vestir-se com o excedente que achar". (Nota do Trad.)

(2) Uma estatueta dêsse santo negro se encontra no Museu da Academia [n.º 2.541 — 2], trazida por mim. Êste é um exemplo singular de adaptação da religião às condições locais. São Benedito é completamente negro e é o padroeiro de todos os negros.

O desenho 39 representa um negro cabinda. Os cabindas pertencem aos bantos ocidentais e eram importados em grande quantidade, de Luanda (C. M. Delgado de Carvalho — *Geografia do Brasil,* pág. 212). No desenho 40 lê-se "Nègre Congo", designação dada à tribo, ao que parece, e depois usada para qualificar os últimos remanescentes dos escravos importados, que ainda não tinham perdido seu idioma pátrio e ainda não sabiam português. Finalmente, no desenho 41, uma negra de nome Rebôlo, com uma protuberante roseta de cicatrizes na fronte (sôbre os negros em Mato Grosso, ver artigo de Max Schmidt: "Die Negerbevölkerung des Staates Matto Grosso in Zentral-Brasilien. Koloniale Rundschau Monatschrift für die Interesen unserer Schutzgebiete und ihrer Bewohner". 1907, H. 4 de abril, págs. 225-242).

No dia 9 de março de 1828 a Expedição deixou Diamantino rumo ao pôrto do rio Prêto, para onde, antes, tinha sido transportada sua bagagem e onde finalmente devia equipar-se para a viagem ao Amazonas. Seguiriam o rio Prêto e o afluente rio Arinos, que deságua no Juruena, o qual recebe no curso inferior o nome de Tapajós.



DESENHO 39

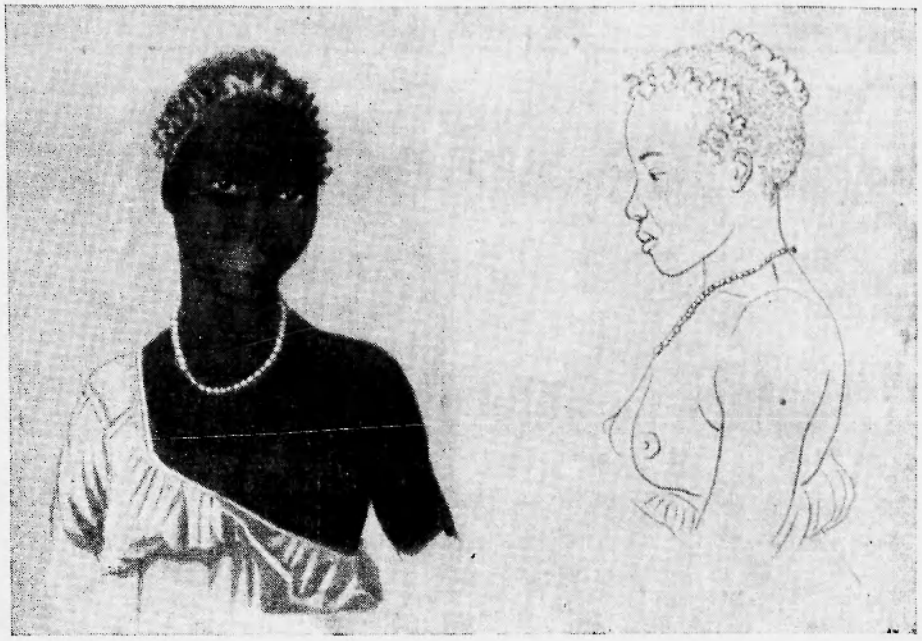
DESENHO 40

O govêrno brasileiro propôs a Langsdorff, em troca da embarcação em que chegou a Cuiabá, aceitar outras três que já se encontravam no pôrto do rio Prêto. Sôbre êsse mesmo lugar onde agora se instalavam os membros da expedição, Florence, em seu diário, disse o seguinte:

"Lugar bastante tristonho é o pôrto do rio Prêto; a corrente estreita e escura, com fundo de vasa como indica o nome; o terreno úmido; o ar pouco livre, encerrado numa floresta de légua e meia de circunferência, e tão sujeito às febres intermitentes, que os negociantes não se arriscariam ali ter senão quando tôdas as canoas estão prontas.

Apesar de todos êsses inconvenientes, há nesse local um não sei quê, que impressiona o viajante. É verdade que se cortaram as grandes árvores para abrir uma clareira, mas ao chegar passa-se por baixo de cipós de diâmetros e dimensões de pasmar e, à esquerda, vêem-se pacovas (*Heliconia*, em outros lugares chamada *caité* — G.G.M.) com cachos floridos de tamanho a que não estávamos acostumados. Percebe-se que se atingiu a bacia do Amazonas.

*



DESENHO 41

Já sôbre nós estendeu a noite seu tenebroso manto. No meio de uma floresta, em estreita barraca, onde não posso pôr o pé fora por causa da chuva que nesta estação calmosa cai quase incessantemente, quê fazer?

Escrevamos...

*

Estiveram logo a braços com as febres intermitentes, chamadas aqui *sezões,* os srs. Langsdorff e Rubtsov, e mais oito guias".

Pouco depois o número de doentes elevou-se a quinze.

"31 de março de 1828. Há 22 dias que viemos meter-nos neste maldito pôrto. O sr. Langsdorff ministra e toma vomitórios e outros medicamentos. Quanto a mim, só tive felizmente dois dias de violentas dores de cabeça, seguidas de fraqueza. Enfim, hoje pelas 10 horas da manhã, nossa flotilha, composta de duas canoas, um batelão e uma canoinha, montada por um guia, dois pilotos, três ajudantes e 28 remadores,

deixou o pôrto para ir ter, pelo meio de regiões insalubres, e por caudais muitas vêzes perigosos, a Uxituba, pôrto do Tapajós pouco distante do Amazonas.

A navegação no correntoso rio, por entre o matagal, em meio a troncos caídos e grossos galhos de árvores, na superfície mesma da água, ameaçava a cada instante a integridade física dos passageiros. Felizmente, só dois remeiros ficaram feridos nesse dia."

No dia 1.º de abril, às quatro horas da tarde, os componentes da expedição entraram no rio Arinos, e pernoitaram na sua margem direita.

No dia 2 de abril chegaram aos postos de registro do rio, que controlam as mercadorias vindas da província do Pará e espreitam escravos fugidos e desertores.

Dia 3 de abril. Rubtsov sentia-se tão mal que Florence chamou a si o trabalho de observações com a bússola.

Dia 4 de abril. A febre, afinal atacou também a Florence.

Nos dias 6 e 7 êle registrou no diário que se encontrava à mercê dos ataques de febre e dos arrepios de frio. Com isso cessou a anotação regular do diário. Sofrendo menos, no entanto, do que seus companheiros, pôde tomar alguns apontamentos, durante os pousos prolongados, e completá-los de memória ao chegar a Santarém (na foz do Tapajós).

No dia 10 de abril fizeram uma pousada na Aldeia Velha — lugar do antigo aldeamento de índios apiacás, em cujas terras a expedição vinha de penetrar.

Os índios apiacás

Considerando que a Expedição de Langsdorff foi a única até então a visitar êsses indígenas e que o material a êles referente também é único no gênero, considero oportuno aproveitar alguns dados pormenorizados, vindos à luz, em relação a essa tribo, apesar de serem insignificantes por seu volume. Tanto mais que nada sôbre êles foi publicado em russo, e a época a que se referem é muito próxima daquela em que se fêz a viagem de G. I. Langsdorff.

Os apiacás estabeleceram relações normais com os brasileiros no início do século XIX. Eis o que a respeito se relata na *Revista Trimensal,* em 1844, vol. VI: "Memória sôbre os usos, costumes e linguagem dos apiacás, etc.", de José da Silva Guimarães, natural de Cuiabá, Comendador da Ordem de Cristo e Membro Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, escrita por ocasião e representando até então a única fonte, se bem que indireta, de informações sôbre os costumes dessa tribo (1). Pelo que se sabe, a circunstância favorável ao estabelecimento de relações com êsses indígenas

(1) Vim a saber da existência dêsse magnífico trabalho por referências de Steinen em *Globus*, vol. LXXV. Dada a importância de suas informações para a interpretação da coleção de artefatos e desenhos de nosso Museu, considerei necessário extrair dêle vários trechos, tanto mais que o original em português já se converteu em raridade bibliográfica, particularmente na Rússia (utilizei o exemplar da *Revista* que há na biblioteca da Academia de Ciências).

surgiu em 1815, quando se concedeu, pelo prazo de 10 anos, isenção de impostos para o comércio entre as províncias de Pará e Mato Grosso, através dos rios Arinos e Tapajós. Isso obrigou o governador mato-grossense a adotar medidas para a segurança da rota. Concretamente: conquistar a benevolência da população ribeirinha e dos destros remeiros — os índios apiacás. Até então, como ocorria por tôda parte, os viageiros estavam acostumados, desde a infância, a temer os índios, e inùtilmente atiravam em direção ao bosque, provocando com isso a inimizade dêles e a tendência completamente compreensível de evitarem encontro com os brancos. Recebendo presentes do governador, os apiacás começaram a aparecer aos viajantes, entre os quais logo se encontraram alguns que desejavam permanecer no meio dêles, como acontecia muito freqüentemente, em circunstâncias semelhantes, por tôda parte na América do Sul. Em 1818 alguns jovens foram levados a Cuiabá com a caravana vinda do Amazonas, e ali foram constantemente cumulados de atenções e de presentes; e êles retribuíram, entre outras coisas, com sementes de plantas medicinais para serem cultivadas. Em 1819 já o próprio chefe dos apiacás comparecia com um grupo de seus compatriotas diante do governador. Com êle veio um tal Brás Antônio — brasileiro de rio Negro, que morava com os índios já havia três anos. Serviu como intérprete; e isso lhe era tanto mais fácil quanto na Amazônia todos falavam, até recentemente, a "língua geral"[18], e a tribo apiacá (é verdade que, de acôrdo com informações suas e com uma pequena lista de palavras organizada por Castelnau, êles não possuem um verdadeiro vocabulário)[19] pertence ao mais puro tupi e se exprimem nessa língua. Também através daquele intermediário foram recebidos todos os dados transmitidos pelo autor e que utilizarei mais adiante, complementando com êles o diário de Florence e as descrições de objetos trazidos pela expedição. Voltemos ao diário.

"11 de abril. De manhã, pouco depois de começarmos viagem, avistamos uma piroga tripulada por cêrca de 20 índios daquela tribo. Sua aparição nos alegrou e surpreendeu, pois não contávamos senão pela tarde chegar às suas habitações. Ao nos verem, soltaram gritos de alegria. Não tardou que à margem esquerda enxergássemos a *maloca* dêles (grande ran-

cho que serve para todos os moradores do lugar), e para a qual dirigimos as canoas. Na praia 20 ou 30 homens, igual número de mulheres e muitas crianças enfileiraram-se para nos verem chegar. Um dêles, que nossos guias chamavam de cacique e que de longe tal nos pareceu, envergava uma farda e tinha à cabeça um chapéu armado, o que fêz com que Langsdorff fôsse pôr seu uniforme de cônsul-geral da Rússia, com o tricórnio de plumas, espadim ao lado e condecorações (2). Desembarcamos no meio dêsses selvagens, cujas mostras de alegria confirmaram tudo quanto ouvíramos contar sôbre a amabilidade de seu caráter.

Não parecia o pretendido cacique gozar de nenhuma distinção entre sua gente. De nada lhe valia a patente de capitão-mor que, com efeito, recebera do presidente José Saturnino. Apresentou-se com uma velha farda militar, sem dragonas, um sovado chapéu armado à cabeça, calças de algodão grosso, aliás sem camisa, nem gravata, nem espadim e de pés no chão.

Há pouco tinham vindo ter a êsse lugar, atraídos por um ribeirão piscoso, e levantado um grande rancho coberto de sapé, onde moravam em comum, embora fôssem nada menos de 80, entre homens mulheres e crianças. Também as rêdes em que dormiam eram suspensas umas em cima das outras, e as havia em tal quantidade que a custo se caminhava no interior do rancho. A disposição das rêdes está bem clara naquele desenho em que uma parte do interior da cabana, sua metade esquerda, é ocupada por elas.

A propriedade dos apiacás é comum. Cada aldeia se compõe de uma só casa grande, onde vive todo o grupo. O índio de uma maloca se traslada para outra com a mesma facilidade com que terá abandonado a anterior, porque na casa de qualquer grupo êle está em sua própria casa.

Chegada a ocasião, vão todos semear o milho e outras sementes e plantar mangaritos (batatas); assim também, durante a colheita, cada qual vai recolher o produto do trabalho comum e transportá-lo para o depósito no desvão, do qual

(2) O tradutor brasileiro do diário de Florence considera que ali e mesmo antes o sábio já revelava o início de um transtôrno nervoso. Contudo, pode-se duvidar de que isso tenha fundamento real. O próprio Florence indica o início da doença muito mais tarde.

cada um pode tirar o quanto queira (3). Assim procedem também com o que obtêm na caçada ou na pescaria, com canoas, petrechos de pesca, instrumentos, etc.

A propriedade pessoal entre os apiacás limita-se às flechas, arcos e adornos".

Quanto à aparência dêsses índios e às preocupações com essa aparência, encontramos o seguinte no diário de Florence:

"Êsses índios são muito mansos, de porte regular e bem feitos de talhe. A expresão da fisionomia é menos selvática; algumas mulheres môças parecem-se até com as mulheres do sul da Europa. A tez é menos cobreada, porque moram em grande florestas e constroem casas espaçosas.

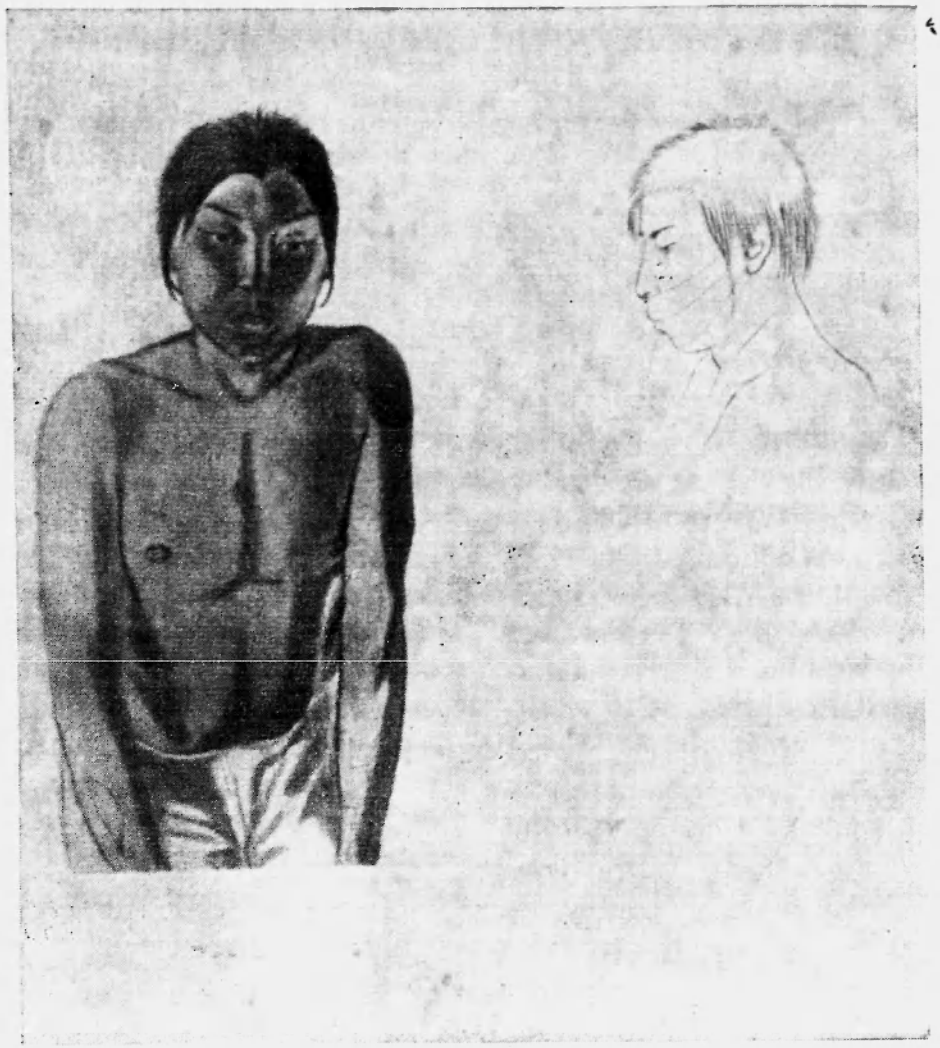
Inteiramente nus andam êsses índios, alguns vermelhos de urucu. Os homens amarram ao prepúcio um cartuchinho de fôlha de pacova, cuja ligadura faz entrar o membro que desaparece de todo. As mulheres não se cobrem, mas seus gestos são decentes.

Os homens traçam na cara desenhos que são os mesmos para todos; os das mulheres são menos complicados. Além dessa tatuagem, que parece distintiva da tribo, pintam o peito e o ventre à vontade, traçando, contudo, sempre ângulos retos e paralelos uns aos outros.

Nos braços e pernas desenham figuras grosseiras de animais e peixes; algumas vêzes, de homem ou mulher".

Temos a possibilidade de conhecer também os detalhes dêsses desenhos na pele, graças a que Florence fêz alguns retratos e esboços dêsses índios ainda em Diamantino e no rio Prêto, aonde costumam ir trabalhar ou em "visita", e depois em suas aldeias. A tatuagem do rosto dos homens (des. 42) consiste de três linhas que vão de orelha a orelha, passando por baixo do nariz, pelos cantos da bôca e pelo queixo[20]. Ela se faz com o auxílio de espinhos de palmeira tucum (*Astrocarium*) e do suco de jenipapo. De acôrdo com as informações reunidas pelo conde de Castelnau em Diamantino, essas linhas têm relação com o alcanço da virilidade: os rapa-

(3) Semelhante desvão há também no desenho 43, sob o próprio teto, e nêle se enxergam, amontoados, os víveres.



DESENHO 42

zolas usam sòmente a linha intermédia que passa pelo canto da bôca, acrescentando posteriormente as outras duas, que representam condição de admissão aos festins canibalescos (Martius, *Beiträge zur Ethnographie...*, pág. 207). Nas mãos gravam figuras de gente e de animais. "Em seus corpos — diz Guimarães, à pág. 304 — trazem engenhosamente impressas suas façanhas nos combates com o inimigo e com as feras, nos quais foram vencedores". Além das linhas, trazem

um quadrângulo em tôrno da bôca. Não está claro se isso é tatuagem ou pintura. A tatuagem do rosto das mulheres consiste de uma listra densa formada de linhas retas, que vai de orelha a orelha através do queixo. "Além da tatuagem que usam no corpo, êles ainda se pintam com suco de jenipapo, que tem uma côr preta. Os desenhos são variados e mudam constantemente por outros novos, quando a tinta desmaia, e isto acontece sempre dentro de 20 dias ou um mês".

"Se as mulheres não tatuam o corpo, em compensação empregam o jenipapo para listrarem de prêto ora o quadril, ora as pernas.

Vi apiacás que se tinham pintado desde a cintura até ao tornozelo. Dir-se-ia que usavam negras calças apertadas. Outros haviam imitado nos braços umas espécies de mangas, e, como tinham braceletes artìsticamente feitos, parecia que serviam para retê-las (des. 43).

Êsses braceletes são enfeites, ora colados ao corpo, ora cercados de fina penugem que agrada à vista.

Arranjados com arte e de esplêndidas côres são os seus enfeites de penas. Para isso fornecem-lhes a plumagem as araras tão lindamente coloridas de azul, amarelo, encarnado e roxo, os verdes papagaios e vários outros belos pássaros. Com nozes, grãos de capim que têm a rijeza e o lustro do esmalte, dentes, unhas de animais, etc., fazem também ornamentos".

A estas breves observações limitou-se também Florence, mas temos a possibilidade de conhecer muito mais sôbre êste aspecto do modo de vida da tribo, estudando seus desenhos e a coleção de objetos trazidos pela expedição. Os adornos dos apiacás podem ser bem vistos no des. 43, composto de acôrdo com esboços feitos nessa e nas aldeias indígenas vizinhas. Os esboços mesmos já foram publicados por Steinen em *Globus*, vol. LXXV. As mulheres atam a cabeça com uma madeixa de filamentos de papel, pintados com tinta vermelha; êsses mesmos rolos usam nos punhos. Nas orelhas inserem torcicolos de casca (?) cilíndricos, que distendem o lóbulo da orelha. No pescoço de três môças, na parte dianteira, vêem-se longos cordéis com borletas nas pontas. Abaixo do joelho de todos êles, sem exceção, e nos tornozelos de

alguns — vêem-se delgadas faixas. Essas môças, além da tatuagem habitual no rosto, trazem ainda, pintados com tinta prêta, desenhos nas pernas e nalgas, em forma de listras longitudinais.

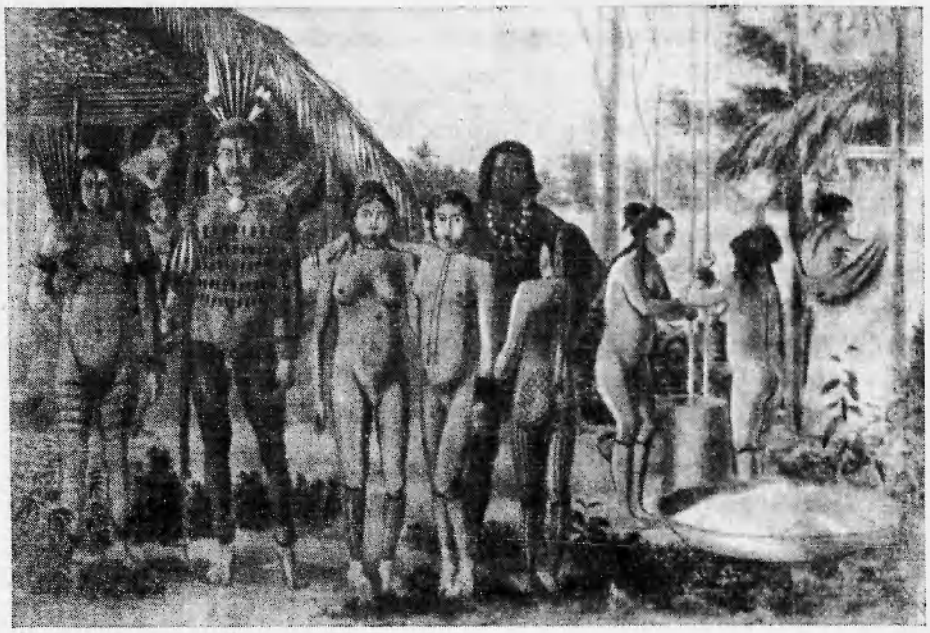
Os homens se enfeitam muito mais que as mulheres. Além da tatuagem, êles também se pintam com tinta preta: em todos êles notam-se quadrângulos negros em tôrno dos lábios (talvez em cima da tatuagem, de que fala o diário); em dois dêles, além disso, havia uma faixa vertical atravessando a fronte, o nariz e o queixo. O peito e o ventre do último à esquerda e do segundo da fila estão cobertos de ornamentos geométricos retangulares, sôbre os quais falou Florence. Linhas verticais cobrem as coxas de um e o tronco de outro. Os braços, do punho ao ombro, e as pernas — do assento ao tornozelo, no segundo à esquerda, estão cobertos de uma densa tintura preta. Trata-se das mesmas "calças" mencionadas antes. Alguns se mostram bastante sujos de urucu, dissolvido na manteiga de nozes de palmeira guaçu (segundo Guimarães, pág. 299). Os adornos de dança dos homens são muito ricos e variados. É curioso que os apiacás, assim como os mundurucus (de que falaremos adiante), a fim de obterem os materiais necessários a êsses adornos, domestiquem alguns pássaros, como, por exemplo, a arara. O adôrno de cabeça do guerreiro apiacá, em forma de diadema, está representado num quadro existente na coleção, em dois exemplares (n.º 764 — 15 — 16 e 40 — 42); compõe-se de um trançado assente sôbre uma auréola (des. 44), como um aro espêsso com a forma de goteira, e diademas atados a essa auréola. A própria "auréola" lembra os "aros de cabeça" das tribos camiurá e meguinacu (coleção n.º 785 — 10 e 144 do Museu de Antropologia e Etnografia da Academia de Ciências). Velha etiquêta na base da auréola diz: "Pièce que les Apiacás portent à la tête, et où ils mettent leurs ornements de plumes", enquanto que na etiquêta russa está apenas o nome — "Langsdorff". O diadema é feito de plumas amarelas (plumas da cauda do japu — *Cassicus* ou *Ostynops,* usadas também no Xingu), tendo no meio grandes plumas da cauda de arara vermelha. Pelo lado dessas últimas, dispõem-se simètricamente plumas com raias transversais (provàvelmente, de

gavião). Êste adôrno de cabeça chama-se, em seu idioma, *açoiaba* (Martius, obra cit., pág. 207).

Nas orelhas os homens enfiam enfeites de duas espécies: ou espessos cilindros ou plumas, prêsas a um fragmento de junco, pendentes. Dêste último adôrno existem 3 pares na coleção da expedição: n.os 64 — 1, 2 — 3, 4-5, 6. Uma grande pluma está enfiada na extremidade inferior do batoque de junco, enrolado em fio, ao qual se prendem plumazinhas de côres vivas, que cobrem o lugar da soldadura. No des. 43 êsse adôrno enfeita as orelhas do último indivíduo à esquerda (4).

No pescoço de um dos homens — uma concha bivalve; no de outro, daquele que tão abundantemente se embeleza com urucu e está na segunda fila, um colar de estranho formato. Tal colar se encontra na coleção (n.º 764 — 9; ver des. 45). Compõe-se êle de um cordel em cuja parte superior, estão presos, aos pares, ossinhos de pássaro, ou, mais exatamente, os tubozinhos confeccionados com êsses ossos. Cada par é munido de um par de borletas feitas dos mesmos fios de algodão que cingem suas pontas. Ao todo, num colar há 18 dessas combinações. Já vimos antes as borletas nas pontas dos cordéis, dependurados do pescoço das môças; os tubozinhos arranjados com ossos de pássaros encontram também aplicação nos braceletes. É o caso do n.º 764 — 8 (des. 46). Em sua velha etiquêta, lê-se "Brasselet que les Apiacás portent près de l'épaule". Compõe-se êsse objeto de cordéis atados entre si, enfiados em tubozinhos e munidos de um penduricalho com três conchas de moluscos lamelibrânquios, tendo ainda restos de um tufo de penugens, das quais ficaram sòmente algumas hastezinhas. Além disso, há os de fios vermelhos, semelhantes aos das mulheres, enrolados nos pulsos, como o que usa o dançarino (o primeiro à esquerda). E há ainda os de faixa cinza-escura, feitos de penugem densamente unida, do mesmo tipo usado pelos mundurucus, como se verá abaixo. Devem-se recordar ainda as cápsulas de fôlhas verdes de palmeira ou Helicônia, como afirmou Flo-

(4) Dentre as tribos vizinhas, são os bacairis (ver monografia de Steinen, quadro VI) que enfiam plumas nas orelhas. Êles também enfiam plumas no batoque de junco.

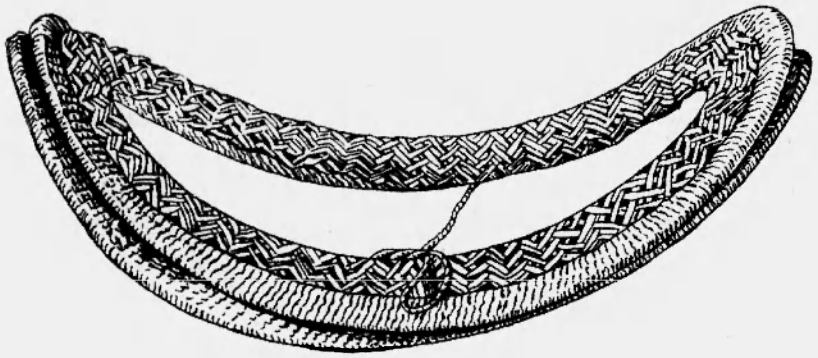


DESENHO 43

rence, usadas nos membros genitais, análogas às dos bororos, mas não ligadas à cintura.

Os representantes categorizados dessa tribo trazem nas mãos bastões de dança de diferentes tamanhos e formas. O menor dêles, em forma de penacho de plumas de arara, é visto na mão do que se acha na extrema esquerda do quadro, e faz parte de nossas coleções (n.º 764 — 7, des. 47). As plumas de cauda de arara estão atadas com um cordel a um pedaço de junco, no meio do qual está cravada uma delas. Na parte de baixo das plumas, enfeixadas por um barbante comprido, estão várias penugens amarelas, que lhes servem de *guarnição.* Em uma das plumas grandes, vê-se uma borleta, feita da metade de uma casca; e em outra, os restos daquela. Sacudida a casca, produz-se um ruído, o que é muito conveniente para as danças. Outros bastões, com ponteiras de junco, são de construção mais complexa: são enfeitados com plumas em tôda a sua extensão, munidas com borletas e rosetas de plumazinhas. Êste estilo de bastões (assim como o bracelete de plumas) lembra os dos mundurucus.

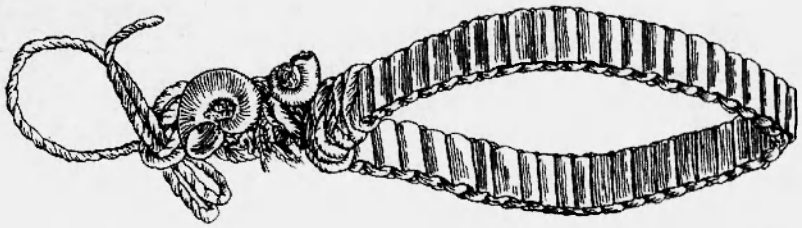
Nas coleções existe ainda um adôrno, não representado nos desenhos de Florence — um colar (coleção n.º 764 — 13, 14, des. 48). Martius (pág. 596, obra citada) falava de uns "Halsringen" apiacás, adornos feitos com dentes e garras de animais. Trata-se, parece, de objetos semelhantes a êsse. Tais colares são bastante grandes (43 e 35 cm de diâmetro) e feitos de junco flexível ou de aros de madeira, pregados com dentes de macaco. Cada aro é munido de cordéis. Não seriam usados como adôrno de peito, antes que como colar?



DESENHO 44

DESENHO 45

Armas não temos nas coleções; foram roubadas em caminho pelos índios mundurucus; e os desenhos mesmos dão apenas uma representação incompleta delas (ver as flechas com ponteiras duplamente denteadas – *Globus,* pág. 31, des. 5).



DESENHO 46

O quadro de Florence possibilita vislumbrar a economia doméstica e as ocupações, preferentemente da metade feminina da população.

"Quanto aos homens, êles caçam, lavram a terra, fazem plantações e semeaduras, fabricam armas e vão à guerra – diz Guimarães (obra cit., pág. 304). – Nisso sòmente consistem suas ocupações, ao passo que às mulheres são confiadas as tarefas de mondar as plantações, fazer a colheita, armazenar os produtos, cozinhar, fiar e tecer". Elas tecem, segundo êle, sobretudo *tapuiranas* – rêdes usadas para carregar defuntos até à sepultura. Esta divisão de funções, de acôrdo com o sexo, na economia indígena, parece ser regra geral (ver, por exemplo, o livro de Steinen e meus artigos sôbre os botocudos e os caingangues).[21]

Ela é confirmada também por Florence. Eis o que lemos em seu diário sôbre as ocupações normais dos índios, que êle teve ensejo de testemunhar.

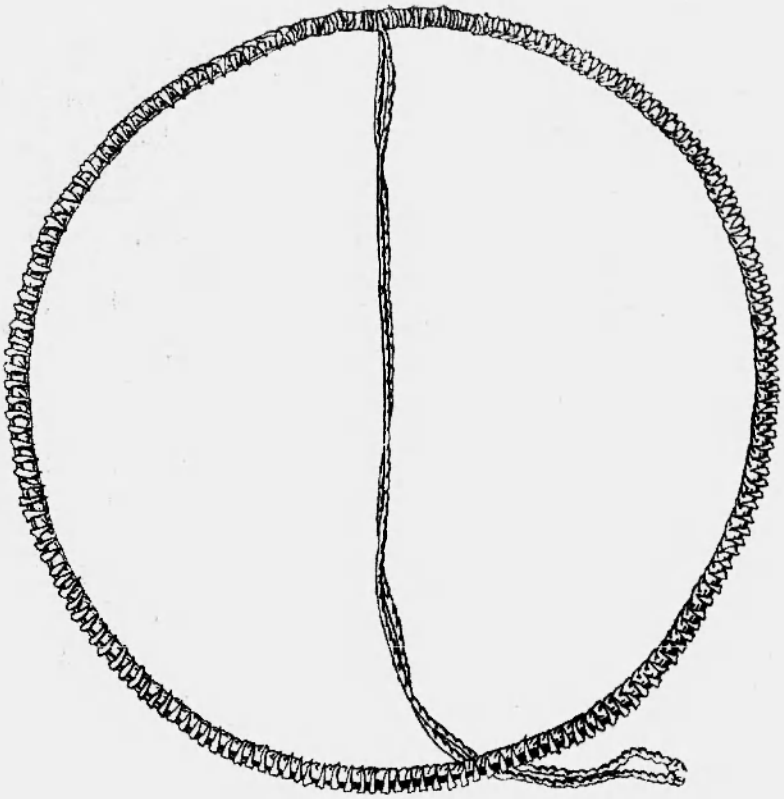
"No dia seguinte (12 de abril – G.G.M.) embarcaram numa piroga uns vinte índios para irem buscar peixe com o *pari,* na embocadura do ribeirão piscoso, na margem direita, a montante. Acompanhei-os na canoinha. Oito ou dez remavam bem; a piroga corria ligeira fendendo as ondas, mas a água entrava pelas beiradas que comumente não têm mais de dois dedos de altura, o que fazia com que outros índios, armados de cuias, estivessem ocupados em esvaziá-la. Um naufrágio nada significa; cada qual agarra o que lhe fica mais próximo e nada para a margem. Um só dêles basta para puxar a canoa e pô-la em sêco.

Em 10 minutos chegamos ao pari, nome que dão a uma paliçada em parte fora da água, em parte submersa, feita com estacas fincadas no álveo do rio e atravessadas por outras, sendo os interstícios tapados com juncos. A água eleva-se e transborda. Na base da paliçada praticam buracos circulares, a cuja bôca adaptam mundéus que ficam retidos contra a correnteza por um pau. Os índios mergulham dentro da paliçada, voltam à tona com os mundéus, tiram o peixe e tornam a mergulhar para repô-los em seus lugares. Em pouco tempo ficou a piroga cheia de peixes, pelo que regressamos à maloca, onde nos ofertaram parte da pescaria.

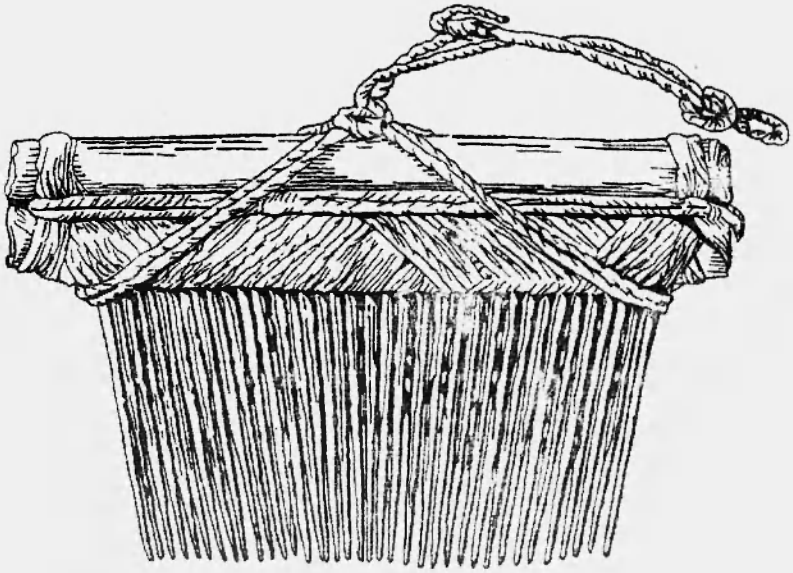
Tôdas as manhãs êles iam ao pari. De volta entregavam o peixe às mulheres e durante o resto do dia em nada mais se ocupavam a não ser em fazer colares de sementes, arcos, flechas, ornamentos de penas, etc. As mulheres trabalham mais: põem o peixe a cozer e, quando o há em abundância, assam-no em pratos de terracota; fazem-no secar e socam-no com as espinhas, o que constitui a farinha de peixe, com a qual enchem sacos, que guardam como mantimento".

Segundo Guimarães (pág. 308), como objeto de comércio com os brancos havia ainda, entre os apiacás, farinha de milho e farinha de mandioca; o processo de fabricação desta última, no entanto não foi descrito.

DESENHO 47

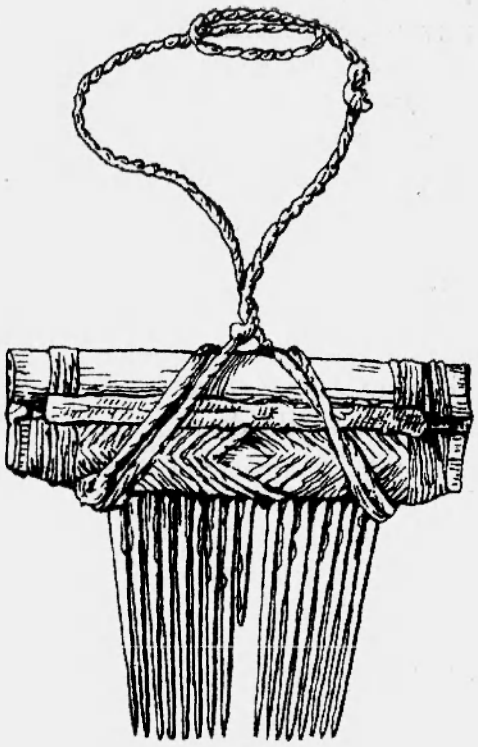


DESENHO 48



DESENHO 49

Fabricam ainda o *camuí* (5) — milho socado e cozido, conservado em pote de argila cheio de água. Quem quer que queira e quando queira, aproxima-se e, com seu colherão de cuia, tira a bebida do pote e toma.



DESENHO 50

Êsse milho triturado, segundo Guimarães, entra também na composição da cerveja, preparada com o suco doce e escaldado da raiz de *mandicaba*. Essa bebida é conservada em potes de argila. No desenho 43 vê-se um dêsses potes — está situado à esquerda, junto à cêrca, em forma de roldana (êle está mais bem representado no esbôço publicado em *Globus,* vol. LXXV, pág. 34, des. 9). O pote tem o fundo redondo, como todos os potes dos índios. A invenção de um suporte especial para mantê-lo em equilíbrio, é um grande progresso, em comparação com sua colocação habitual numa covinha feita na terra, entre os cadiueus, chanés, caingangues e outras tribos. Florence mencionou, ligeiramente, a arte das mulheres dessa tribo na preparação de vasos de argila.

"Hábeis na arte cerâmica são os apiacás e a argila que usam, de qualidade excelente. As panelas onde fervem o camuí têm três palmos de alto sôbre igual diâmetro, e entretanto as paredes são tão finas e o todo tão leve que pesam metade das nossas panelas de iguais dimensões.

Os potes, vasos, panelas, têm no geral a figura de dois cones truncados unidos pela base. A louça é ornada dos mes-

(5) Trata-se certamente do *cauim*. A palavra, no entanto, vem escrita assim — CAMUÍ — tanto em russo como em português, no diário de Florence. (N. do T.)

mos ângulos retos, paralelos entre si, como pintam no corpo, mas o desenho todo apresenta mais variedade".

Êsses adornos vistos nos potes foram reproduzidos no quadro. Em outra parte do diário, Florence dizia que os mundurucus pintavam tôdas as suas vasilhas com adornos semelhantes aos de sua tatuagem (os losangos são o único tipo de adôrno usado pelos cadiueus).

"Como cesteiros não são menos hábeis, servindo-se ora de vime, ora de arestas de caniço. Cestos, joeiras e peneiras são perfeitamente trançados e arredondados. Como na Provença, tecem uns descansos de vime para panelas, que no Brasil só vi entre êsses índios".

Êsse modo de pilar e triturar, em tôdas as tribos da América do Sul que cultivam o milho, desempenha importante papel na economia doméstica (6). No diário de Florence lê-se a respeito o seguinte:

"Para pilarem o milho são comumente duas. O pilão parece obra de carpinteiro munido de boa ferramenta; o que ainda mais surpreende é que as mãos são varejões bem direitos de 12 pés de altura".

No quadro de Florence também está representada esta ocupação. Duas mulheres com penteados característicos estão ocupadas em triturar milho num grande pilão, com a ajuda de longas maças. Seus movimentos devem ser rìtmicamente combinados para que uma não atrapalhe a outra (entre os caingangues, conforme tive ocasião de ver, às vêzes se ocupam até três pessoas num só pilão). O milho triturado ou amassado enche grandes cestos, que ficam ao lado, numa coordenação realmente magnífica de trabalho. Êsses cestos têm a forma de regulares taças planas. Além da cerâmica e da construção de cestos, as mulheres dessa tribo conheciam ainda uma arte mais — a tecelagem com fios de algodão. Florence não mencionou as plantações de algodão, mas é evidente que existiam (7).

---

(6) [Sôbre as regiões em que se pila e rala o grão de diferentes formas, ver E. Nordenskjöld: "Eine geographische und ethnographische Analyse der materiellen Kultur zweier Indianerstämme in El Gran Chaco. (Südamerika)". Vergleichende ethnographische Forschungen, I, Goteborg, 1918, pág. 78-84].

(7) [Sôbre as plantações de algodão, ver W. Chandless, "Notes on the Rivers Arinos, Juruena and Tapajos, *in The Journal of the Royal Geographical Society*, vol. XXXII, London, 1862.]

"Apesar de andarem nus, os apiacás sabem fazer tecidos de algodão muito fortes, cerrados e cuja trança cobre a fiada, do modo por que já descrevi (ver a referência aos guatós — G.G.M.) Tecem rêdes, braceiras, suspensórios, mas nada que seja coisa de cobrir-lhes a nudez".

No quadro de Florence está claramente representado como tecem os apiacás. Vê-se, à esquerda, uma tecelã. Ela se colocou numa rêde, muito cômodamente, defendendo-se dos raios solares com a inteligente adaptação de uma cortina de fôlha de palmeira. Seu tear, a céu aberto, era inteiramente primitivo — não se viam nem o pente nem o batente. Sua posição era quase vertical, a trama para cima e a tela, pronta, para baixo. Dificilmente podia-se chamar a essa adaptação tear e a êsse trabalho, tecelagem. Isso era simplesmente (como, por exemplo entre os caingangues) uma esteira muito fina trançada com as mãos, sem a ajuda de quaisquer aperfeiçoamentos mecânicos, além da dobadeira. É curioso notar que o enrolamento em tal espécie de rêde — "esteira" para defuntos, a que se aludiu antes, é também análogo ao uso que fazem os caingangues dos seus tecidos curus (ver meu artigo sôbre os caingangues). A arte da tecelagem era conhecida então dos referidos parecis, vizinhos próximos dos apiacás, mas não, de nenhum modo aparentados seus pelo idioma.

"14 de abril de 1828. Deixando a maloca (casa-aldeia — G.G.M.) (8), fomos ter depois do meio-dia à grande habitação dos apiacás, na qual havia pouca gente, e que consistia em uma única e vasta choupana coberta de sapé. Ali se viam cães, dois ou três porcos, algumas galinhas e patos, animais domésticos trazidos uns 10 anos atrás por um português chamado Peixoto, homem empreendedor que até chegara numa feita a levar por êsses rios um belo cavalo e que muitas vêzes fizera essa viagem.

Havia ali cêrca de 80 araras que êsses índios criavam por causa das belas penas e da carne: alcandoravam-se na cumeeira, na choupana e nas árvores vizinhas. Voavam para a floresta, mas voltavam e deixavam-se apanhar e levar para onde se quisesse.

---

(8) [Casa comum].

A roça de milho era comum, do mesmo modo que a colheita. Essa choupana, bem como a outra, estava apercebida de milho, guardado numa tulha formada de paus atravessados, muito chegados uns aos outros e a pouca distância do teto.

Êles tinham muitos mangaritos, raiz tuberosa como a batata-inglêsa mas cujo gôsto agradável faz supor que foram cozidos com manteiga.

"21 de abril de 1828. Vimos um índio paralítico das pernas; assentava-se por cima de taquaras rachadas em duas metades: quando queria caminhar retirava a de detrás para colocá-la adiante.

Ser-me-ia difícil tirar uma conclusão qualquer do que vi durante os 10 dias de estada entre os amáveis apiacás.

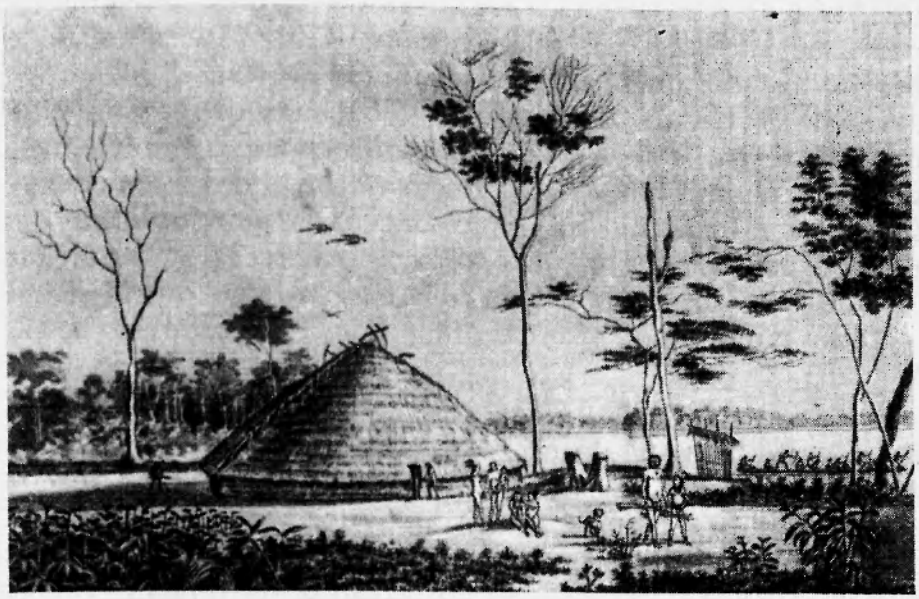
Nesse tempo, chegou da primeira maloca uma rapariga que viera por terra para ver seu amante, contratado por nós a fim de ir até ao Pará. Ela fêz-lhe muitas carícias, e, na ocasião da partida, o tal argonauta desapareceu com sua Armida. O mesmo fêz, escondendo-se no mato, outro índio, chamado pelos guias Alexandre, e que viera conosco do Diamantino, fugido da casa de um morador que o maltratava.

"22 de abril de 1828. Passamos a cachoeira do Rebojo, a primeira do rio Arinos. Suportamos moléstias e privações.

"23 de abril. Partindo de madrugada, às 7 horas da manhã passamos por diante da embocadura do Juruena, à esquerda, rio tão largo como o Arinos, que aí perde o nome. Depois da junção das águas é, de uma margem à outra, impossível distinguir uma piroga cheia de gente. A largura será de umas 450 braças. Quando o vento era forte, nossas canoas tinham que deixar o meio da corrente. Foi aí, contudo, que agarramos uma preguiça, que atravessava o Juruena. Metemo-la numa canoa e à noite a amarramos a uma árvore: de manhã, porém, desapareceu.

"24 de abril. Todo o dia infinidade de ilhas. Alcançams às 4 horas da tarde a última maloca dos apiacás no Juruena.

Aí se achavam perto de 100 índios. A casa era no meio de uma clareira feita aos poucos na floresta. A alturas desmesuradas, árvores sêcas erguem seus troncos; outras, ainda



DESENHO 51

verdejantes, lançam a ramada em planos horizontais, como se vê nas Índias Ocidentais. Debaixo de uma dessas havia uma gaiola feita de estacas fincadas em terra e coberta de sapé que continha uma *guacami*, espécie de gavião branco, do tamanho de águia" (9).

Desencadeou-se a tempestade, e o Juruena parecia um mar encapelado; foi preciso ocultar as canoas em lugar abrigado. Aí Florence fêz o desenho acima (51).

Nêle se vê bem o aspecto exterior da cabana dos apiacás, circular na base e coniforme no teto, ao contrário da do outro desenho (43), onde parece que a casa é quadrangular, e o teto em forma de dois declives que partem da cumeeira. O desenho permite fazer-se uma série de complementos à descrição dessa aldeia, realizada no diário. A terra em tôrno é calcada, e os tocos atestam a constante derrubada de matas. Guimarães (pág. 303) indica que os apiacás talavam as árvores com a ajuda de machados de pedra. O ferro êles co-

(9) Êste costume de manter nas aldeias grandes aves de rapina, que lhes serve como uma espécie de brasão, foi constatado também em outras tribos do Xingu e no Araguaia (K. Steinen e F. Krause).

nheceram e começaram a roubar dos viajantes, sòmente depois que entraram em relações com os brancos. Talado o bosque, faz-se a queimada em seguida e plantam-se mandioca, amendoins, batatas, feijões, etc., ("bananas não foram citadas", observou Steinen). O machado de pedra, reforçado na cavidade, onde o cabo é mais grosso (é usado nas solenidades), figura na mão de um indígena (des. 43) e foi publicado em *Globus*, pág. 32, des. 6. Sua forma e o processo de reforçá-lo são idênticos aos dos machados dos bacairis e de outras tribos do alto Xingu e de São Manuel (des. 20 no livro de K. Steinen).

No teto da palhoça sentavam-se algumas araras domesticadas. Na margem do rio via-se uma gaiola. de que falou o pintor, na qual se encontrava um grande milhafre. À direita do rio desliza a canoa, conduzindo doze pessoas, uma das quais com o arco faz pontaria num peixe ou caimão, outro está na direção e alguns impelem a canoa ou remam.

Em seu diário. Florence, descreveu a construção de canoas dêsses índios, que muito se assemelham às canoas dos bacairis no rio Xingu, descritas por K. Steinen. Isso, aliás, não pode surpreender, assim como não surpreende a similitude em outros aspectos da vida dessas tribos, tão próximas vivem umas das outras. Eis o que disse o pintor:

"Com rapidez arranjam uma piroga; tiram a casca de uma árvore; por meio de travessões de pau mantêm-na aberta, fazem uma prega em cada ponta, que retém por meio de cipós e está tudo pronto. Quanto a remos, nada mais têm do que rachar uma cana de *guatiivoca* (espécie de bambu enorme da América do Sul, também chamada taquaruçu — G.G.M.), cujo diâmetro chega a nove centímetros, e conseguem dois remos tão fortes quão leves. Cada homem rema de pé ou assentado com um só remo que êle segura com as duas mãos e nunca é fixo à beira da canoa".

Voltemos agora ao desenho. Êle contém ainda tôda uma série de detalhes instrutivos, atinentes ao modo de vida dos apiacás.

Pelo lado esquerdo da casa, que parece ter duas entradas, regressa o caçador, trazendo nos ombros a caça obtida. À entrada, voltada para os espectadores, está a mulher, e en-

quanto duas conversam, outras duas estão sentadas no chão e uma afasta insetos da cabeça de outra. O caçador, com sua jovem mulher, (ou filha, mas não filho; ver K. Steinen), atrás dos quais corre o cachorro, dirige-se aos presentes. Aqui é preciso chamar a atenção para um detalhe, omitido por Steinen — o cinto e o colar da jovem. Tanto um como outro têm aparência de um cordel enrolado muitíssimas vêzes em tôrno do corpo e formando uma saliência extraordinàriamente espêssa. Felizmente, na coleção de nosso museu existe a chave do enigma dêsse estranho adôrno. Trata-se de quatro cordéis compridos, enfiados em contas, trazidos pela expedição de Langsdorff, n.os 764 — 10, 11, 12 e 54. A velha etiquêta dizia: "Ornement que les Apiacás portent au cou, ou à la ceinture". O mais curto dêles tem metro e meio; o mais comprido, 11 metros. Compõem-se todos êles de pequenas e cilíndricas contas pretas, que se alternam com contas brancas ou dentes. As contas (segundo Guimarães, obra cit., pág. 300) são fabricadas de casca de noz da palmeira *tucumã* (*Astrocarium ?* — G.G.M.). A casca é trabalhada com pedra (10) até ficar do tamanho desejado, em forma cilíndrica, e é perfurada com dente de peixe chamado rubago. "Introduzindo essas contas, têm-se os colares, alguns dos quais são feitos de dentes de inimigos; com êles os maridos presenteiam suas espôsas". O n.º 11 tem de comprimento 3 metros, e é precisamente um dêsses cintos-colares com dentes de gente (os molares são usados, ao lado de outros). O adôrno n.º 12 é extremamente longo: 11 metros. É todo composto também de dentes de macacos, introduzidos nos intervalos entre as contas, e — segundo contei — somam 1.070 ! Semelhante cordel, enrolado em tôrno da cintura, também deve aparecer no des. 43. Guimarães (pág. 299, obra citada) informa que as mulheres usam êsses colares quando vão ao encontro dos vencedores que regressam do campo de luta e quando vão participar das danças motivadas por êsse ou qualquer outro triunfo.[22]

Encerrando a descrição dos resultados desta parte da viagem, merecem ser transcritas ainda algumas observações de Florence sôbre os apiacás, feitas nesta parte do diário.

(10) Dêsse material e por êsse processo fazem tais contas também os índios nhambiquaras do rio Juruena, conforme me comunicou o Dr. Roquete Pinto, cuja coleção de artefatos dessa tribo eu trouxe para o Museu da Academia (N.º 2538).

"26 de abril. Antes de deixar esta última habitação dos apiacás, sôbre êles direi ainda algumas palavras.

Entre o homem e a mulher, há casais tão duradouros como a vida. A mulher não é escrava como entre os bororos; sua fisionomia é prazenteira, seus modos afáveis. Não vi vestígio algum de poligamia.

Entre êles, como nos povos civilizados, há mulheres que não pertencem a ninguém, com a diferença, porém, de que não tendo elas nem vestidos nem artifícios, deixam patentes às vistas o funesto presente da sífilis que lhes inocularam os estrangeiros.

Entre os apiacás reina a maior igualdade: nossos guias, acostumados ao estado de civilização, no qual por tôda parte se depara um superior, julgavam ver um cacique em cada índio apessoado; entretanto, não notei que gozassem de mais distinção do que os outros, nem dêles recebessem a menor mostra de obediência.

Na grande maloca havia, contudo, um índio môço e bom de gênio, com que o Sr. Langsdorff se entendia para ter tudo quanto necessitava. Foi com êle que tratou uma porção de farinha de milho, imediatamente socada e torrada, suficiente para os gastos de um mês. Mandou também matar um porco para nós.

Êsse índio formava com a mulher um par ditoso. A cada momento estavam a brincar e a fazerem-se festas um ao outro. Como êle sabia um pouco de português, à minha vista perguntou-lhe um dia o Sr. de Langsdorff se tinham alguma vez movido guerra aos tapanhunas, seus vizinhos, e, com a afirmativa, se costumavam comer os prisioneiros. Respondeu igualmente que sim.

Foi êsse o único traço que colhi de antropofagia dos índios; julgo, porém, que o Sr. de Langsdorff deveria ter apresentado a pergunta de outro modo, indagando simplesmente o destino que davam aos prisioneiros, a fim de evitar a menor iniciativa na resposta". (Sôbre o canibalismo dos apiacás falam também Guimarães e Castelnau, embora com palavras alheias).

"Da sociedade que formam parte pode-se dizer que o mesmo que de sua nudez, alimentação, etc., comparados com

o estado do povo entre nós. Tudo entre êles é simples; nada, portanto, repelente. Vão nus; também nunca vestem farrapos nem roupa suja e remendada. O corpo está sempre limpo, dispostos pela nudez em que vivem a se atirarem por qualquer coisa à água. Desconhecem o grande princípio da propriedade; também entre êles não há ladrões nem assassinos, nem envenenadores, nem falsários, nem ratoneiros, nenhum dêsses males morais que afligem os homens civilizados".

"Entre os índios vêem-se raros velhos. Um homem e uma mulher eram os únicos que mostravam ter de 50 a 60 anos.

O guarani ou língua geral brasílica falam os apiacás".

"...começando pelos apiacás, quantos índios encontrei no Juruena, Tapajós e Amazonas, exprimem-se em guarani".[23]

Salto Augusto. O bosque de tucuris. Doença de G. I. Langsdorff

"26 DE ABRIL DE 1828. De manhã deixamos a morada dos apiacás, última dessa tribo no Juruena e em nosso caminho.

28. Encontramos uma caravana com mercadorias, vinda de Santarém. Seu proprietário, um negociante, estava febril, à morte".

No dia 29 entraram na cachoeira de São João da Barra, da qual Florence desenhou uma vista, a nanquim, que se encontra em nossa coleção de desenhos.

Lagsdorff e Rubtsov estavam tão debilitados que não podiam caminhar, sendo preciso conduzi-los em rêdes.

No dia 30 alcançaram Salto Augusto. Esta cachoeira, também desenhada por Florence, é a maior e a mais difícil em todo o trajeto. Nela por pouco não pereceu tôda a gente de uma das canoas da Expedição.

Aí foi preciso transportar as canoas por um varadouro numa extensão de 400 passos, por um declive de cêrca de 150 pés. O local é muito selvático e sombrio.

"Perto havia um cemitério onde, no ano passado, tinham sido enterradas 40 pessoas, vítimas das sezões que assaltam os viajantes dessas insalubres correntes. Aí fôra plantada uma grande cruz de 20 pés de alto, a fim de colocar essa terra e restos debaixo da proteção do respeito religioso. O tumulto e as agitações da catarata mais exaltam êsse sentimen-

to, tornando-se a presença da morte um dos mais assinalados característicos dessa grandiosa natureza.

Cheiro cadavérico, vindo do lado do cemitério, fêz-nos descobrir a cova de um apiacá que, voltando de Santarém com o negociante, morrera de febres a dois dias de viagem de sua tribo. Havia um buraco, que fôra sem dúvida aberto por um enxame de abelhas, pois as víamos sair em grande quantidade. Demo-nos pressa em cobrir com terra essa cova.

2 de maio de 1828. Todos os nossos puseram mãos à obra para arrastar a primeira canoa, mas em vão. Não tínhamos senão uma polé, que ali acháramos, deixada pelos que nos precederam. A roda quebrou-se, e o resto do dia passou-se em fazer outra, sem que o conseguíssemos. Um machado e duas tesouras ficaram inutilizados nessas madeiras rijíssimas e preciosas, de que estão cheias as florestas do Brasil.

Continuaram muito doentes os srs. Langsdorff e Rubtsov. A fraqueza era tal que não podiam sair da rêde: a perda de apetite, completa. Os calafrios voltavam-lhes diàriamente às mesmas horas, precedendo acessos de febre de tal violência que os faziam involuntàriamente soltar gritos entrecortados e dar pulos de agitar as árvores, onde a rêde, mosquiteiro e tôldo estavam armados. Vi a folhagem dessas árvores, cujo tronco tinha uns 33 centímetros de diâmetro, tremer na altura de 40 palmos.

Querendo examinar a parte do salto que fica por detrás da ilha, passei, por volta das 4 horas da tarde, numa canoinha em que iam também o guia e outro guia, o rio num ponto em que êle já dá alguma navegação. Com efeito descortinei a segunda seção da queda, duas vèzes tão larga como a primeira, sem poder contudo ver-lhe a base, oculta, como é, por árvores e rochedos da margem esquerda, isto é, à nossa direita.

Formou-se uma trovoada que se adiantou sôbre nós. Retido, porém, pelo trabalho de tirar a vista, deixei-me ficar, tanto mais quanto o guia se divertia pegando volumosos peixes, como se costuma pescá-los perto das grandes quedas...

"Não tive tempo senão de tirar muito à pressa um esbôço. A trovoada desabou sôbre nós com tal fúria que, antes de alcançarmos a canoa, correndo sôbre as rochas, já estávamos varados pela chuva. Despi-me todo, na crença de que

a roupa molhada e fria poderia fazer-me mal e pus-me a trabalhar de remo para ativar a circulação e não me deixar tolher pela chuva e vento. Cheguei, porém, à barraca transido de frio; o capote e a cobertas mal me davam algum calor. Tôda a noite ardi em febre, acompanhada de grande dor de cabeça e extrema fraqueza, com todos os sintomas, enfim, das febres intermitentes. Com efeito, fui de nôvo atacado e durante 10 dias por elas muito maltratado, não tanto, porém, como os meus companheiros, a quem eu dava o braço para ajudar a caminhar. Desde então tive mais ou menos calafrios e febre até Santarém".

"3, 4 e 5 de maio. Arrastamos uma canoa e começamos a puxar a outra. De 34 pessoas, sòmente 15 estavam com saúde e destas apenas oito não adoeceram antes de sezão."

"Ainda tive fôrças para desenhar um pirarara, peixe de um metro de comprido e pouco apreciado.

"6 de maio. Durante a descida, o batelão — e essa era a melhor embarcação da caravana — se despedaçou nas pontas das rochas.

7 de maio. A terceira canoa ficou sèriamente danificada na proa, apesar das precauções tomadas.

O Sr. Langsdorff ficou furioso, particularmente com o guia, que desde o rio Prêto tinha sido causa de muitos sinistros.

"O resto dêsse dia e o seguinte até meio-dia foram empregados nas reparações da canoa. Por ela e pela outra distribuiu-se todo o carregamento e excedente da que se perdera. O resto ficou em terra dentro de uma barraca, tendo o Sr. Cônsul intenção de parar uma légua abaixo numa mata chamada tucurizal para fazer uma canoa, sendo então fácil mandar buscar êsses objetos e mantimentos.

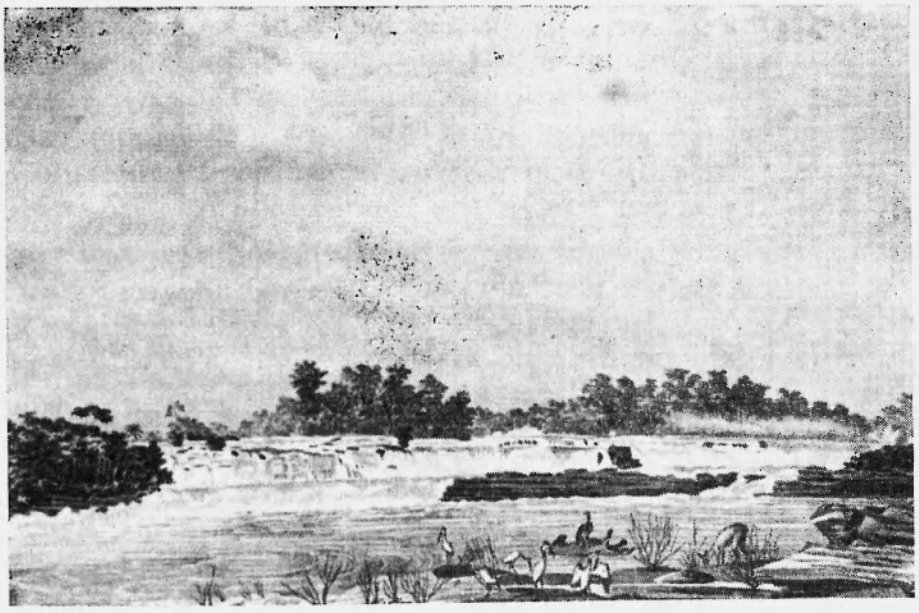
Dentro de uma hora a caravana chegou a essa floresta de tucuris, e Langsdorff mandou derrubar várias árvores a fim de limpar o acampamento. Ali tiveram de permanecer até 20 de maio, enquanto se construía uma canoa de um só tronco.

No terceiro dia os trabalhadores encontraram a 300 passos do pouso, um tucuri de bom tamanho para dar a canoa

necessária. Gastaram o dia inteiro para derrubá-lo. Para isso, tiveram de construir um andaime, pois a parte inferior do tronco não servia para canoa.

"Essa árvore (*Bertoletia excelsa* — G.G.M.) era muito quebradiça, como o demonstram aquelas embarcações nossas que se desfizeram em pedacinhos, como se fôssem de vidro. Ela se eleva acima de qualquer outra e seus ramos e espêssa folhagem coroam um caule reto como uma coluna, e de tal grossura a ponto de não poder ser, às vêzes, abarcado por cinco homens. Dá frutos das dimensões de um côco da Bahia."

O tucuri é de grande socorro para o índio e o viajante. Carrega extraordinàriamente, e cada côco basta para fartar um homem. Esses frutos, quando maduros, representam perigo para os que passam por baixo, pois podem cair sôbre êles. "De dia e de noite, quando havia ventania, ouvíamos cair essas imensas nozes com um baque surdo. Quando os guias iam trabalhar na canoa, atravessavam com cautela a mata e, se havia vento, punham-se todos a correr. Eu mesmo pouca confiança tinha no meu chapéu de palha do Chile e no capote, pois não impediriam que sentisse dolorosíssima



DESENHO 52

pancada na cabeça ou no ombro, receios tanto mais justos quanto ouvia e via cair à direita e à esquerda muitos dêles.

"Durante nossa estada no Diamantino, muito se regozijava o Sr. Langsdorff com a idéia de que ia ver o tucuri. Pelo que dizia, era árvore quase desconhecida na Europa, e havia recebido recomendação expressa de sábios para colhêr tôdas as indicações possíveis a seu respeito.

Onze dias levaram os índios a fazer a canoa, tempo que nos pareceu sobremaneira melancólico por causa das moléstias e do tédio de estarmos retidos numa floresta. Voltei ao Salto Augusto para acabar de desenhar a segunda seção (des. 52) e, 24 horas depois, regressei ao pouso. A caça produzia pouco — tivemos que nos alimentar com caldos de cuatás (*Ateles*) e barrigudos (espécie de *Cebus*), aí muito numerosos, em razão dos frutos do tucuri.

"Nesse lugar foi que se manifestou o estado desastroso em que caiu o Sr. Langsdorff, isto é, a perda da memória das coisas recentes e completo transtôrno de idéias, devido à violência das febres intermitentes. Essa perturbação, da qual nunca mais se restabeleceu, obrigou-nos a ir para o Pará e voltar para o Rio de Janeiro, pondo assim têrmo a uma viagem, cujo plano, antes dessa desgraça, era vastíssimo, pois devíamos subir o Amazonas, o rio Negro, o Branco, explorar Caracas e as Guianas e regressar ao Rio de Janeiro, atravessando as províncias orientais do Brasil. Talvez tivéssemos também tomado outra direção, a do Peru e Chile, por exemplo. Não havia sido pelo govêrno da Rússia determinado ao Sr. Langsdorff nem tempo nem caminho certo.

"Ainda em Diamantino o Sr. Langsdorff recebeu carta do viajante inglês, Mr. Burschell, na qual lhe comunicava que ia partir para a Inglaterra, por negócios de família, e lhe propunha explorar o Cassiquiari" (1)

---

(1) Na versão do visconde de Taunay, *cit.*, êste trecho é mais extenso: "Parece que o canal de Cassiquiari não é ainda bem conhecido, pois quando estávamos no Diamantino, recebeu o Sr. Langsdorff uma carta, escrita do Pará, do viajante inglês Mr. Burschell, na qual lhe referia que chamado à Inglaterra por negócios de família, via-se obrigado a renunciar ao plano de exploração do canal Cassiquiari, projeto que o cônsul não pusera dúvidas em aceitar". (N. do T.).

Os índios mundurucus

"No sexto ou sétimo dia de nossa estada no tucurizal, passou um bando de mundurucus pela floresta fronteira ao nosso acampamento e do outro lado do rio. Um ajudante do pilôto, que estava a caçar, trouxe-nos três dêles na canoinha. Por diversas vêzes foi buscar outros e, dentro em pouco, conosco tivemos 20 índios, dos quais duas mulheres velhas e uma môça. Na margem de lá ficara ainda maior número, composto na maior parte de mulheres e crianças. Os que transpuseram o rio haviam deixado nas mãos dos companheiros os arcos, flechas e bagagens.

Deram mostras de satisfação em ver-nos. Como os apiacás andam nus, sarapintados no pescoço, ombros, peito e costas, de um desenho que semelha um mantéu agarrado ao corpo.

Os mundurucus raspam os cabelos da cabeça, deixando acima da testa um feixe redondo e curto: por trás usam cabelo que chega até às fontes, de modo que todos, homens, velhos, mulheres e moços, são calvos por inclinação.

Em cada orelha, fazem dois furos, nos quais introduzem cilindros de dois centímetros de grossura. A marcação (tatuagem) do rosto consiste em duas linhas que vão do nariz e da bôca às orelhas, e de um xadrez em losangos no queixo. Além dessas riscas, pintam-se com suco de jenipapo, que é

da côr da tinta de escrever. Às vêzes traçam linhas verticais em algumas partes do corpo." O desenho 54, feito precisamente ali, ilustra essa descrição, não exigindo mais comentários.

"Debaixo do braço trazia um dêsses índios um pedaço de caititu (porquinho-do-mato) (*Dicotylus*) assado embrulhado em fôlhas sêcas. A vista dêsse manjar, que tinha cara de ser excelente, acordou-me o apetite modificado uns dias atrás pela moléstia. Pedi-o ao índio, que prontamente mo cedeu. Com a mesma satisfação saborearam-no os Srs. Langsdorff e Rubtsov, ainda mais faltos de apetite que eu. Sem sal nem tempêro algum, achamos êsse assado suculento, provindo a excelência do modo por que os índios o preparam. Embrulham-no em fôlhas e, espetado em comprido pau fincam-no em terra à distância calculada do fogo, conforme é o calor mais ou menos intenso. Coze tão lentamente que são necessários até dois dias, mas dessa maneira torna-se a carne mais tenra, conservando-lhe as fôlhas o caldo e preservando-a da fumaça.

Em razão da marcha que durara muitos dias, estavam quase esfaimados êsses índios. Demos-lhes uma boa refeição e foram-se para outro lado do rio, depois de terem feito suas despedidas.

Moravam a alguns dias de viagem dali, nas margens do rio Tapajós, onde cultivavam mandioca e fabricavam farinha que os negociantes do Pará iam-lhes comprar.

A aparição, dêles, pois, em lugares que nunca visitavam, dava margem a comentários; mas como sabíamos pelo negociante que encontráramos no dia 28 de abril, que haviam morto um brasileiro malfeitor, destruidor de suas plantações, supusemos que o receio de serem perseguidos os forçara a abandonar suas moradas, pouco afastadas dos estabelecimentos brasileiros."

A bagagem, deixada perto da cachoeira, foi saqueada pelos índios — desapareceram a farinha de milho, objetos de ferraria, os arcos e flechas com que os haviam presenteado os apiacás, uma rêde de pescar e outros objetos.

Finalmente, a 20 de maio a nova canoa foi posta à água e prosseguiu a viagem, à frente da qual se encontrava agora Florence, por fôrça das circunstâncias. À noite a canoa de-

parou-se com negociantes que, deixando atrás a caravana e subindo o rio, trataram de adiantar-se a ela a fim de não sofrerem mais as grosserias da tripulação, que se tornava insuportável desde o momento em que se encontrava em lugares selváticos. A propósito, observou Florence:

"Nossos tripulantes faziam-nos, é certo, alguns furtos de pequeno valor, mas nunca nos faltaram com o respeito devido, e isso pelo receio que lhes inspirava o cônsul, o qual desde o princípio mostrara-se severo para com êles. Demais, tinham-no na conta de general".

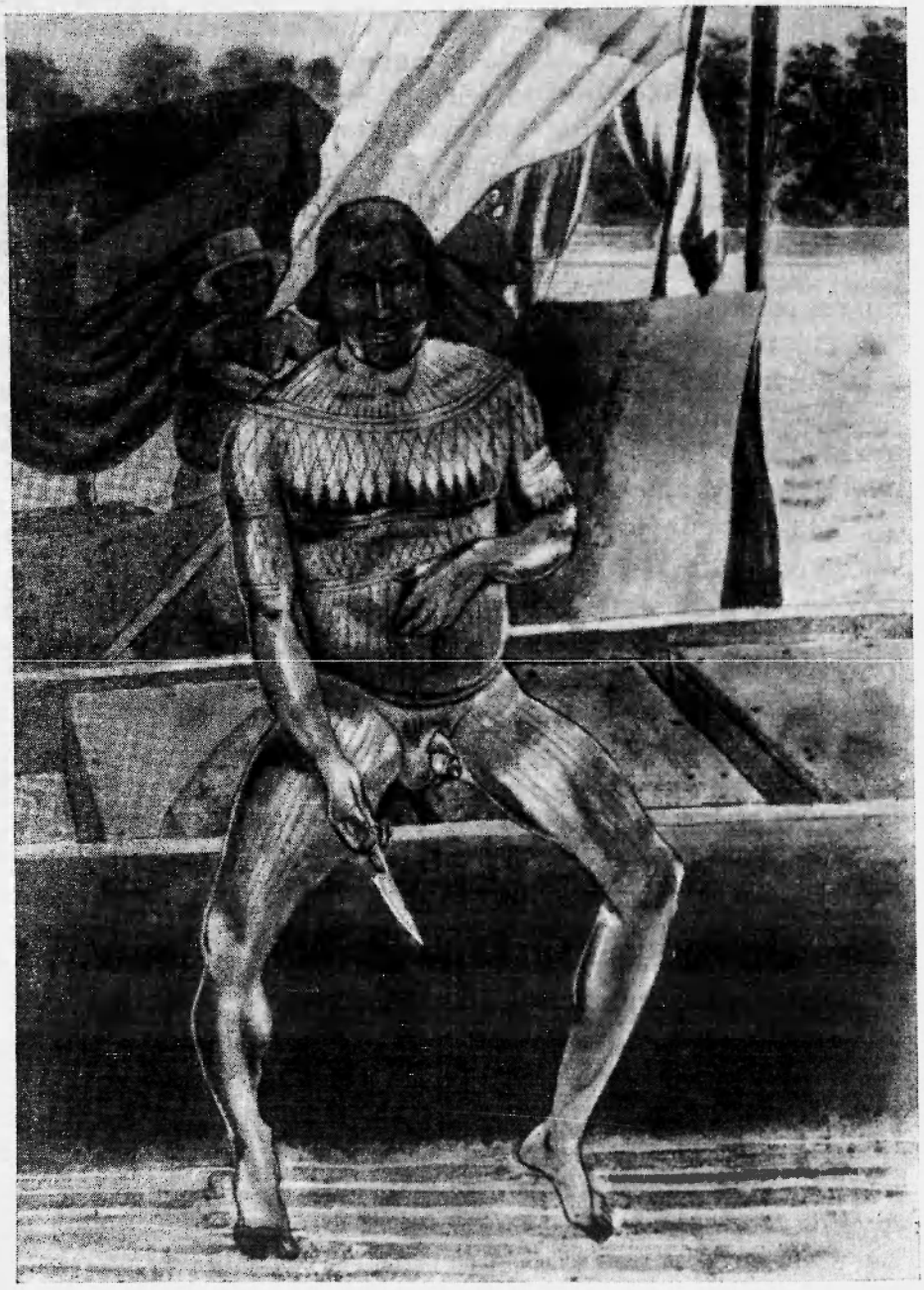
De nôvo o caminho se tornou difícil, acidentado, com várias corredeiras e cataratas, através das quais era preciso ir tateando, com risco pessoal e das bagagens. Estavam todos tão doentes, que pela segunda vez (a primeira foi no tucurizal) esqueceram-se em que dia do mês estavam.

Em uma das cachoeiras atrasou-se uma das canoas da caravana — e êles passaram a noite inteira a dar tiros de espingarda e a buzinar com uma corneta, a fim de ajudar a orientar os que se perderam, e no dia seguinte saíram a procurá-los, sem o menor resultado: a canoa sofrera um acidente, e sua equipagem, decerto pereceu. "Tudo isso afligiu muito o sr. Langsdorff", observou Florence.

Uma noite os guias ficaram tolhidos de mêdo e não puderam dormir, porque sentiram que "alguém", do outro lado da margem, atirava pedras nêles, e Florence ficou surprêso de encontrá-los em vigília, e ainda mais surprêso com a explicação de seu supersticioso mêdo.

Dentro de poucos dias a expedição penetrou na região dos índios mundurucus. Das margens vislumbravam-se suas palhoças. Na margem esquerda e no interior do país, êles têm ainda rancharias mais importantes (Fl. III, pág. 163).

"Em duas delas penetramos, saltando em terra. A primeira consistia em duas ou três choupanas, perto das quais via-se uma plantaçãozinha de mandioca e algodão. Numa destas entrei e lá achei cinco mulheres e igual número de crianças sentadas em rêdes, e vestidas tão sòmente de uma tanga grosseira que os negociantes lhes vendem a trôco de mantimentos. Tinham o pescoço cercado de colares de sementes de gramíneas ou de contas de vidro que conseguem também por aquêle meio de permuta. Pareceram-me, con-



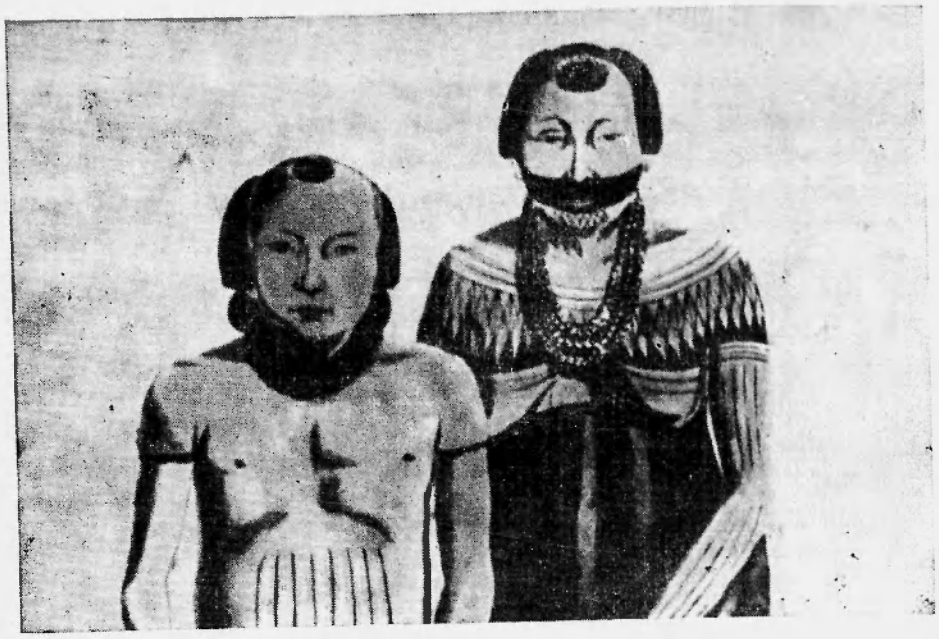
DESENHO 53

tudo, aborrecidas com nossa visita, naturalmente pela ausência dos maridos que então cuidavam das plantações. Querendo eu desenhar êsse grupo, voltei à canoa para buscar o álbum, mas de volta achei a porta fechada e nossa gente da parte de fora da choupana. Abri-a devagar, mas como as mulheres tinham acendido dentro um fogaréu, era tal a fumaça que não me arrisquei a entrar. Ao invés dos apiacás, pelo menos nessa ocasião, haviam usado dêsse meio para nos repelirem.

No pôrto de outra casa pouco distante da beira do rio, fomos jantar. Vários mundurucus vieram até nossas canoas, acompanhados de mulheres e crianças. Por duas facas de nenhum valor, deram-me dois cestos de cará (*Discorea*) e aipim (*Manihot*)..."

Ali, ao que parece, foram feitos os dois desenhos seguintes de um índio e uma índia dessa tribo. Êles são extraordinàriamente valiosos, porquanto há uma ausência quase total de desenhos de mundurucus, na literatura científica. No des. 53, um índio sentado na extremidade da canoa com uma faca na mão; naturalmente, em troca dêsse precioso objeto, êle concedeu em posar sob a bandeira *andrèanina*. O penteado, a tatuagem no rosto e os adornos nas orelhas são os mesmos dos anteriores, mas o rosto está coberto de suco de jenipapo. A pintura no corpo é mais completa e mais instrutiva. Consiste em uma compacta rêde de laços romboidais, nos quais alguns trechos são enegrecidos. A musculosa figura dêsse homenzarrão concorda com a asserção de Martius (ver "Beiträge", pág. 337) de que os mundurucus são extremamente altos e fortes. Êsse escritor viu também alguns indivíduos pequenos dessa tribo na missão Nôvo Monte Carmen do Canona (2), a alguns quilômetros do rio Madeira, em seu pequeno afluente, em 1820, e tôdas as informações por êle fornecidas baseiam-se predominantemente em relatos ouvidos. Contudo, essas informações são talvez as únicas existentes na literatura em geral, e é preciso levá-las em consideração. Sôbre a tatuagem de todo o corpo, e não sua pintura, como dizia Florence, êle afirmou o seguinte:

(2) Assim está escrito no original, em caracteres latinos. Deve haver equívoco, porém, na grafia dêsse nome, que não se encontra nos dicionários históricos e geográficos. Trata-se, decerto, da palavra Canomã, nome dum braço do rio Madeira, pela margem direita. (N. do T.)



DESENHO 54

"Entre êles ou se tatua todo o rosto (provàvelmente coberto de tinta preta, como na figura do desenho 53 — G.G.M.) ou se faz no meio dêle uma pinta azul-preta de forma semi-elíptica, da qual se bifurcam e descem duas linhas rigorosamente paralelas, passando pelo queixo e pela mandíbula inferior, até o peito. De meio de um ombro a outro, passando pelo peito, correm duas ou três linhas separadas entre si pelo espaço de cêrca de 2,2cm e, por baixo delas, até o fim do peito, encontram-se losangos verticalmente dispostos — com os espaços internos ora em branco, ora recobertos. No resto do corpo, a mesma coisa, mas não tão completamente pintado, e nas extremidades repetem-se aquelas mesmas linhas, com losangos ou sem êles. (idem, pág. 387)."

As discrepâncias quanto ao processo de realizar o desenho, apesar da coincidência de dados, em ambas as fontes (isto é, em Florence e Martius) sôbre o que êle representa, pode ter duas explicações: 1) é possível que as informações de Martius, colhidas apressadamente, não sejam corretas; 2) é possível que os índios tenham passado de um processo a outro, isto é, da tatuagem à pintura. Tal fenômeno já se

verificou, por exemplo, com tribos do grupo triguaicuru, onde os abiponas se tatuavam inteiramente (e sob êste aspecto acompanham os mundurucus, conforme Dobritsgoffer notava), enquanto os atuais cadiueus, daquele mesmo grupo e que outrora se tatuavam, agora conservam os mesmos adornos, mas os fazem pintando o corpo, e não tatuando-o.

Antes de chamar a atenção para o desenho seguinte, chamamo-la ainda para a cápsula do órgão sexual do índio, não atada, mas livre, como entre os apiacás.

No des. 54, "Mulher e criança mundurucus", vêem-se bem a tatuagem e a pintura no corpo e no rosto da mulher adulta. Na criança (moçoila) existem apenas listras no ventre. Eis o que disse Martius (obra citada) sôbre isso: "As mulheres raramente pintam todo o rosto; elas usam apenas uma mancha em forma de meia-lua e cornos agudos voltados para cima". A pintura do corpo, a julgar pelo que se vê no desenho, não se distingue da do homem. Assim também acontece com o penteado da mulher. Martius (obra citada, pág. 388) descreve o penteado dos mundurucus como o hábito indígena de aparar os cabelos atrás e na frente. Êsse penteado, que Florence também desenhou, era conhecido apenas nas cabeças de inimigos mumificadas pelos índios (des. 55, cabeça mumificada pertencente à coleção do Museu de Antropologia e Etnografia, descrita por K. K. Guil'zen no tomo IV da Coletânea do Museu). Êsses crânios, não sei por que, foram atribuídos à tribo dos parintintins. Martius lembrou apenas que as mulheres mundurucus cortavam os cabelos em caso de morte de parentes, isto sem entrar em detalhes e baseando-se, naturalmente, em palavras alheias. É muito provável que êsse singular penteado esteja relacionado com idéias religiosas e se faça sòmente nas ocasiões devidas (por exemplo, em caso de morte, festa, guerra, etc.), deixando-se no resto do tempo os cabelos crescerem livremente. Sendo assim, a contradição entre as observações de Martius e os desenhos de Florence terá surgido simplesmente de que um viu os mundurucus em tempo normal, e outro — em circunstâncias extraordinárias quaisquer. Eu mesmo observei que os caingangues só rapam a barba e as fontes na véspera de celebrações fúnebres, deixando em seguida que os pêlos cresçam livremente. Aliás, a julgar pelos desenhos, também os mun-

DESENHO 55

durucus tiram tôda a barba do rosto. Os adornos femininos geralmente admitidos são os colares, sendo visível que as meninas usam colares de grãos perfurados e as mulheres, de contas européias.

Para concluir as observações sôbre a aparência dos mundurucus, é preciso referir ainda o adôrno de dança, sôbre o qual Florence não deixou escapar sequer uma palavra em seu diário, embora pudesse fazê-lo, de vez que chegou até a desenhá-lo.

Nas coleções de peças mundurucus trazidas pela Expedição de Langsdorff, encontra-se, além do aludido troféu (cabeça),

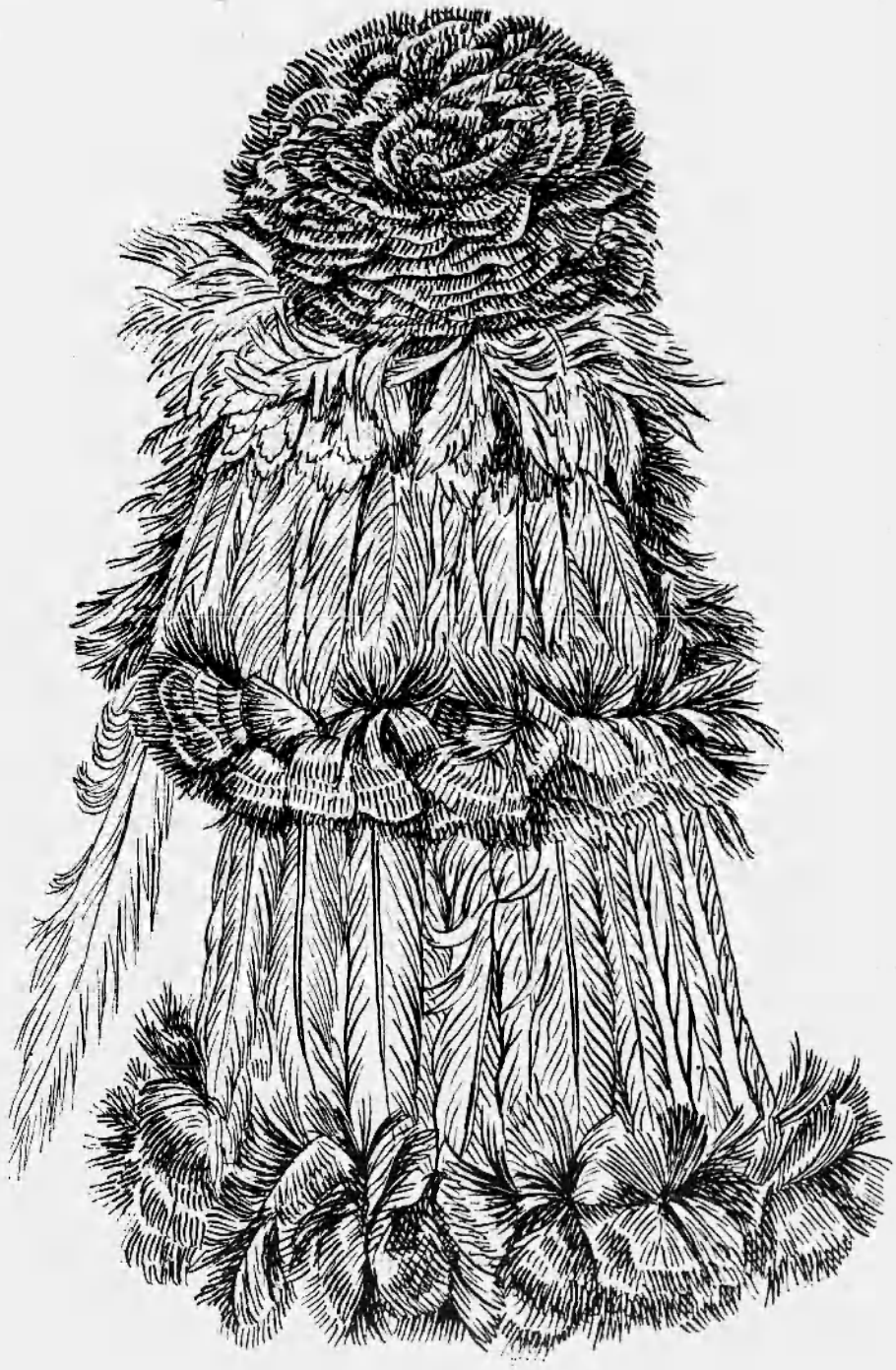
todo um costume de baile e sua representação num desenho em côres de autoria de Florence (123)[24], datado de agôsto de 1828, na cidade de Santarém. Esta aquarela representa "o chefe (tuxaua) em costume de festa" (*Principal mundurucu en costume de fête*).

"Os mundurucus — dizia Martius (pág. 289, obra cit.) — são grandes artistas na confecção de adornos de plumas. Negociam com elas. As plumas são rigorosamente classificadas, atadas ou coladas com cêra preta e guardadas em cestos. Alguns pássaros são pegados e mantidos vivos para êsse fim. Além dos galináceos, encontram-se em seus pátios penélopes, patos, urubus-reis e urubus brancos, araras vermelhas e azuis e muitos papagaios (3). Afirmam também que existe entre êles o hábito de arrancar plumas dos papagaios e depois untar com sangue de rã os lugares depenados, até que as novas plumas que aí crescem mudem de côr, precisamente do verde para o amarelo."

Esta última informação é muito estranha; ela foi imaginada, provàvelmente, pela pessoa de quem Martius a recebeu, para explicar a abundância de plumazinhas amarelas nos adornos dos mundurucus, e cuja procedência desconhecia.[25]

O traje de dança consta de: 1) gorro de plumas ("akeri", Martius) ou boné, do qual pende para trás algo como um penacho feito de plumas da cauda da arara, com um tufo de penugens pretas na extremidade de cada pluma comprida. Nas fontes, penduricalhos de plumazinhas pretas e vermelhas com borleta na ponta. Êste adôrno de cabeça existe na coleção em três exemplares (n.os 764 — 34, 35, 68). O adôrno de cabeça (n.º 35, des. 56) distingue-se do boné pela côr preta das plumas; a base do gorro é formada por um entrançado de espessos fios brancos de algodão, no qual estão sòlidamente ligados os filamentos de plumazinhas. E as penugens pretas e amarelas são naturalmente tiradas dos lados do macho e da fêmea de uma das espécies de patos com dimorfismo sexual. Delas e das plumazinhas vermelhas da arara

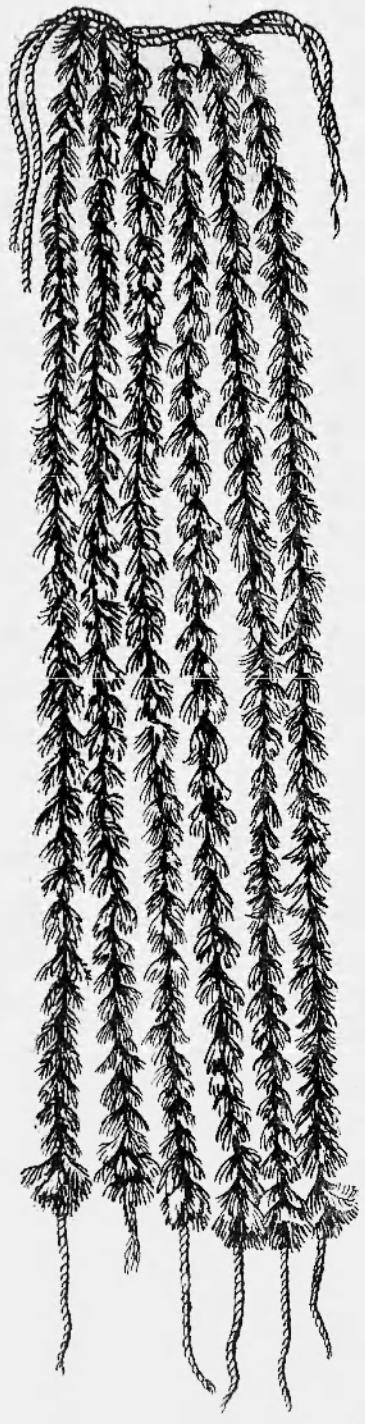
(3) Além dos apiacás e mundurucus, mantêm também pássaros vivos em suas cabanas, para aquêle fim, outras tribos, que usam complicados adornos de plumas, como os carajás no rio Araguaia (Fritz Krause: *In den Wildnissen Brasiliens*).



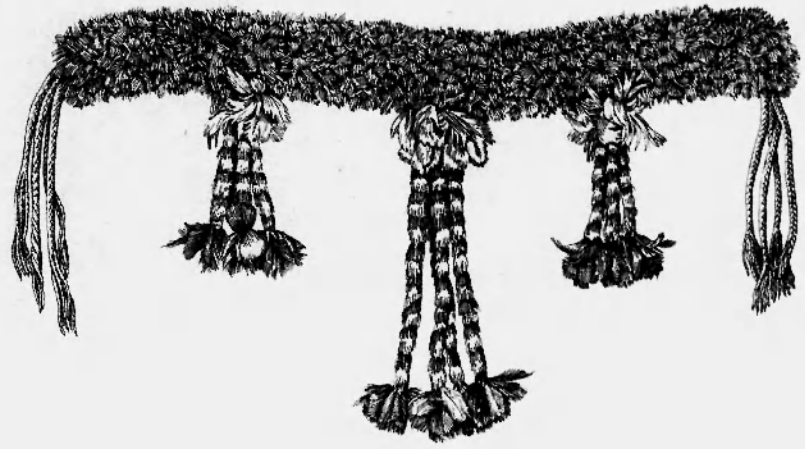
DESENHO 56

são feitas as bandoleiras ("paroara", Martius), que constituem a segunda parte do traje. Das seis (n.º 764 — 72, 73, 74, 75, 76 e 77) — três são pretas, uma amarela e duas vermelhas. Elas são usadas tôdas de vez na coxa esquerda, passando, através do ombro direito, durante a dança, e lembram uma espécie de mantilha (4). A terceira parte de que se constitui o traje é o cinto (des. 58, coleção 764 — 39). Êle é preparado, assim como o boné, com penugens densamente entrançadas, só que menores, e munido de penduricalhos com borletas, semelhantes àqueles dependurados das fontes. Finalmente as mãos e os pés ficam enfaixados por uma série de braceletes. Acima do cotovêlo se colocam braceletes negros com penduricalhos semelhantes aos citados acima (coleção 764 — 31, 32, 33). Um dêles (des. 59) está provido, como também no desenho de Florence, de penduricalhos de plumas amarelas. Nos punhos, travesseiros de penugem de côr cinza-escura com listras amarelas transversais (coleção 764 — 70, 71) e, debaixo do joelho, outros travesseiros, mas de côr escura (coleção 764 — 26, 30). Êstes últimos, ao que parece, são idênticos àqueles adornos, já referidos, usados nas mãos pelos apiacás. Nas pontas de todos os braceletes estão atados, com grossos cordéis de algodão, borletas de penugens. A técnica de prender as penugens ali é a mesma usada nos bonés.

(4) [Bandoleira n.º 77, des. 57; bracelete de pé, n.º 764 — 27, des. 60.]



DESENHO 57



DESENHO 58

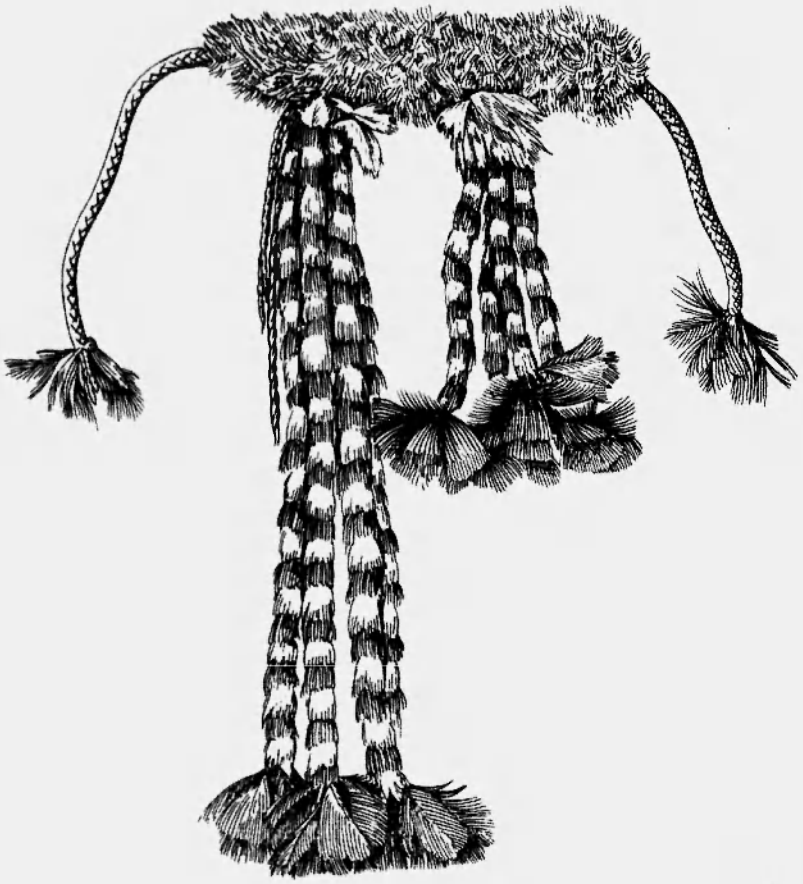
Na mão do "chefe" vê-se um bastão de plumas azuis com faixas amarelas e pretas, também de plumas, com borletas na ponta de cada uma das plumas de cauda de arara de que elas se compõem. Na coleção existe também êsse bastão (coleção 764 — 69) e, além disso, há ainda dois de plumas vermelhas (coleção 764 — 36, 37, des. 61). Não é difícil notar a grande similitude entre êsse bastão e o "cetro" dos apiacás, acima descrito. Na coleção encontra-se ainda um objeto (n.º 764 — 38; talvez um adôrno de peito), cuja utilização ignoro. Voltemos agora ao diário.

"No dia seguinte paramos algumas horas horas numa grande choupana cheia de rêdes e onde se achavam perto de quarenta pessoas. Algumas mulheres se ocupavam em socar mandioca, outras em tirar-lhe o suco que é veneno (5) mortal; outras ainda em secá-la ao fogo numas grandes panelas de barro.

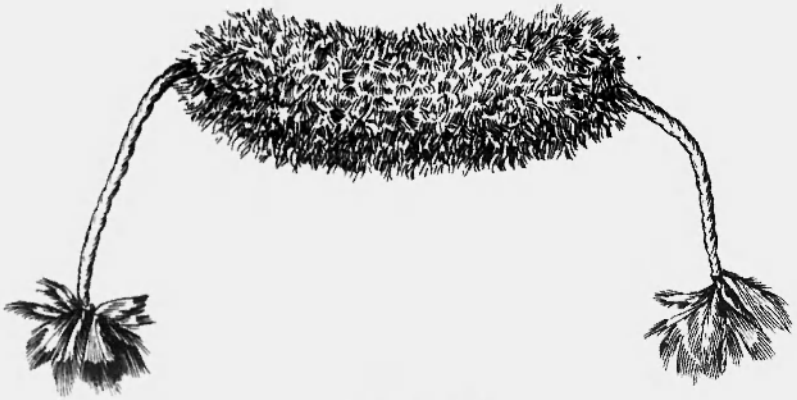
O modo de extraírem o suco é muito curioso e demonstra como êsses pobres índios estão atrasados em sua indústria.

Suspendem a uma das linhas da choupana uma manga feita de juncos e de embiras, tendo 20 centímetros de diâmetro e dois a três metros de comprimento, tôda cheia de massa de mandioca, de modo que toma um volume duplo do que tem quando vazia. Na extremidade inferior prendem dois paus atravessados em cruz, onde se assentam quatro mulheres que

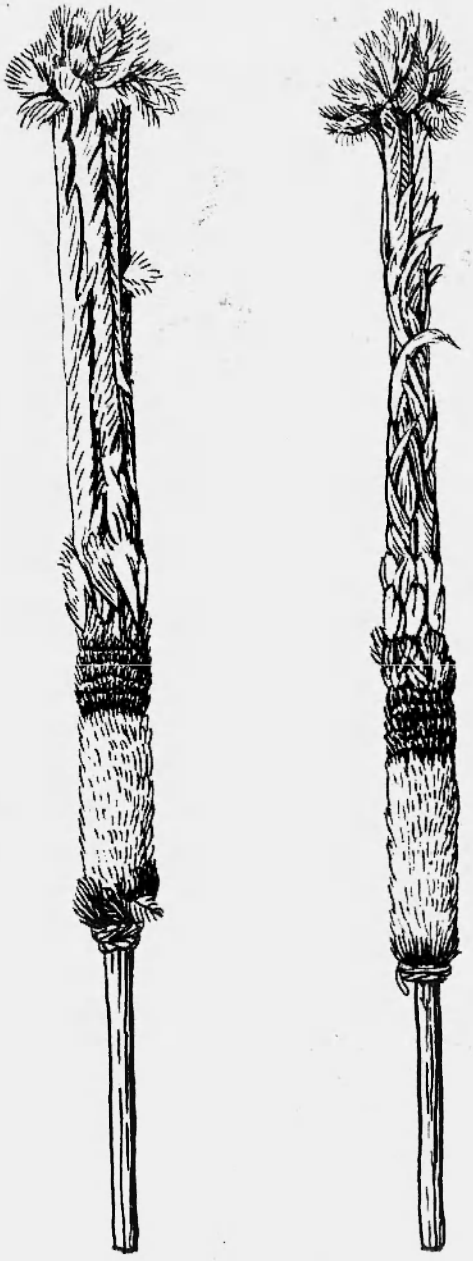
(5) [Ácido cianídrico.]



DESENHO 59



DESENHO 60



DESENHO 61

com o pêso distendem a tira e fazem escorrer o suco num côcho. Por êsse processo é fácil conceber quão pouco deve cair o suco." Na coleção do Museu existe uma dessas mangas, decerto trazida pela Expedição de Langsdorff, e precisamente dêsses índios (6).

"No meio dos mundurucus fui assentar uma espécie de tenda de negociante, buscando trocar facas, machados e colares de tôdas as côres por galinhas, patos e raízes nutritivas; única coisa que pude, apesar dos esforços, conseguir. Entretanto, a privação daqueles alimentos nos era extremamente sensível, mais ainda por causa dos nossos dois companheiros, cuja fraqueza era tanta que não podiam sair em viagem da barraca e, em terra, da rêde.

Como as demais choupanas de mundurucus e, em geral, as casas de pobres em todo o Brasil, essa era construída de paus-a-pique colocados bem juntos uns dos outros com um trançado horizontal de tiras de palmeiras ou taquaras amarradas com cipós, grade que, tapada com terra amassada na água, forma muros e tapumes perfeitamente fechados... A coberta é feita de sapé ou fôlhas de palmeira."[26]

(6) [Êsse processo de tornar inofensiva a mandioca é adotado em grande número de tribos indígenas da América do Sul.]

Fim da Expedição

13 DE JUNHO DE 1828. "De madrugada avistamos choupanas de mundurucus, mais bem construídas e, à esquerda, outras de maués, tribo diversa daquela e que mora nessa margem, estendendo-se para o interior, onde fica mais bravia. As plantações e a região, embora pouco cultivada, trouxeram-nos agradável diversão à vista cansada de ver tantos desertos. Ao surgir o sol, arvoramos a bandeira russa que os contrapilotos salvaram com descargas ao passo que os guias iam remando e cantando e os proeiros batendo cadencialmente com os pés à proa ou com as mãos no chato das pés."

Nesse mesmo dia alcançaram a povoação de Itaituba onde morava o comandante do distrito. Esta povoação surgiu por iniciativa dêle e é habitada por índios da tribo maué.

Na margem oposta do rio fica o distrito de Uxituba, onde a maior parte da população é composta de mundurucus.

Ali a Expedição despediu o pessoal contratado e se trasladou das canoas para um pequeno veleiro, que se achava ancorado e pronto para partir rumo a Santarém.

"No dia 18 de junho desfraldamos as velas e, impelidos pela brisa da margem, rumamos para nordeste.

Tão fraco se achava o Sr. Langsdorff, que só carregado em rêde é que pôde ser embarcado."

O vento estava desfavorável e a viagem se estendeu por treze dias, e assim mesmo com a ajuda do trabalho infatigável dos remos.

No dia 10 de julho de 1828, a Expedição chegou finalmente a Santarém. Esta cidade está representada numa grande aquarela de Florence, que consta de nossa coleção de desenhos da Expedição. Como em tôdas as outras cidades do Amazonas, daquele tempo, ali se ouvia mais conversa em *língua geral brasílica* do que em português. Próximo à cidade havia também uma povoação indígena, a qual, assim como a cidade, se chamava antigamente Tapajós.

Florence empreendeu uma excursão aos arredores, enquanto aguardava carta de Riedel.

A questão era que "o estado de saúde do Sr. Langsdorff — escreveu êle — não permitia a continuação da viagem; assim, enviamos um portador a Rio Negro (Manaus) a fim de levar cartas ao Sr. Riedel, dando-lhe conta de todo o ocorrido e marcando a capital do Pará como ponto de nossa reunião".

No dia 1.º de setembro de 1828, os viageiros deixaram Santarém, dirigindo-se a Belém (capital da província do Pará). O Amazonas recebeu-os tempestuoso e agitado, com vagas que, no dizer de Florence, atingiam 6 metros. Em seguida a embarcação aproximou-se de um estreito braço do rio no qual ramos de árvores pendiam sôbre a embarcação roçando nela. Cruzaram a embocadura do Tocantins e, finalmente, a 16 de setembro estavam no Pará, onde a Expedição foi amàvelmente recebida pelo comandante das tropas da província e desfrutou de sua hospitalidade.

"Quatro meses (1) inteiros esperamos aqui pelo sr. Riedel. Afinal chegou êle, por seu turno magro e combalido pelas moléstias que apanhara no rio Madeira, onde sofrera tanto como nós."

"Como já tínhamos fretado um brigue brasileiro para alcançarmos o Rio de Janeiro, dez dias depois da chegada daquele nosso companheiro, partimos para o mencionado pôrto trazendo a bordo o ex-presidente da província..."

---

(1) Ainda em dezembro de 1828, Florence continuava a trabalhar. Daí a existência em nossa coleção do desenho de uma onça domada.

"Quinze dias depois de saídos, estivemos a naufragar nos baixios da costa do Maranhão. Quarenta e seis dias depois alcançamos a cidade do Rio de Janeiro, dando fim a nossa penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior do vasto Império do Brasil."

Como já se sabe, do Rio de Janeiro Langsdorff foi enviado à Europa, em busca de tratamento. Florence liquidou suas obrigações, instalou-se na província de São Paulo, contraindo casamento com a ex-noiva de Hasse. (*) Faleceu em 1879, deixando vinte e um filhos de dois matrimônios.

Em 1829 os materiais coletados pela expedição foram trazidos a São Petersburgo pelo astrônomo N. Rubtsov e distribuídos pelos respectivos museus e gabinetes da Academia de Ciências. Sôbre Rubtsov o tradutor brasileiro do diário de Florence, sem indicar a fonte de suas informações, assevera que uma enfermidade das pernas — resultado da malária que o atacara — quase o privou da possibilidade de andar, morrendo logo depois de seu regresso à Rússia, algures no mar Cáspio. O jardim botânico de Pedro, o Grande comprou então a maior parte das plantas vivas de Riedel e o enviou, juntamente com o jardineiro Luchnat, várias vêzes ao Brasil, onde foi fundada, no Rio de Janeiro, uma sucursal do jardim, a qual subsistiu alguns anos. Em face da riqueza do Brasil em plantas úteis e, antes de tudo, "farmacêuticas", o estabelecimento do jardim era naturalmente justificado. Entretanto, exigia muitos gastos e foi logo liquidado. O nome de Riedel, como o de Langsdorff, permaneceu indelével na história da pesquisa da flora brasileira.

(*) V. pág. 76.

NOTAS SUPLEMENTARES

APÊNDICE I

ABREVIATURAS DOS TÍTULOS DE TRABALHOS CITADOS

"B" — *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807*, v. G. H. *Langsdorff*. 2. vols. Citação ou edição de 1812 — 4.ª ilustrada, ou 1813, "Wohlfeile Ausgabe" — sem ilustração — 8.º.

Cabany — "Galérie des Notabilités de Bade et de la Russie Notice Nécrologique sur le Baron George-Henri de Langsdorff, Conseiller d'état de S. M. L'Empereur de Russie, Ancien Consul Général de Russie au Brésil, célèbre Voyageur et Botaniste, Membre de l'Académie Impériale des Sciences de Saint-Petersbourg et de plusieurs Sociétés savantes de divers pays, Chevalier de l'Ordre russe de Saint-Wladimir et de l'Ordre de Saint-Anne de deuxième classe, Commendateur de l'Ordre du Lion de Zaehringen de Bade, Chevalier de l'Ordre du Mérite Civil de Bavière, chevalier de l'Aigle rouge de Prusse, etc., etc. Mort à Fribourg en Brisgau (Grand-Duché de Bade), le 29 juin, 1852", por E. de Saint-Maurice Cabany, extraído do *Nécrologe Universel du XIX.e siècle*, Paris, 1853 (1).

E. T. — "A Expedição do cônsul Langsdorff ao interior do Brasil", por Alfredo d'Escragnolle Taunay, membro do Instituto Histórico, etc., *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, 1875, t. XXXVIII, Pt. 1, págs. 337-354.

Fl. I. — "Esbôço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829, escrito em original francês pelo 2.º desenhista da Comissão cientí-

(1) A possibilidade de utilizar esta curiosa obra — o que muito agradeço — devo a M. P. Adelung, cuja família guardava recordações de G. I. Langsdorff.

fica, Hercules Florence traduzido por Alfredo d'Escragnolle Taunay". *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, 1875, t. XXXVIII, primeira parte, págs. 355-469.

Fl. II — *Idem*, continuação na parte seguinte do periódico: *Revista Trimensal*, etc., 1875, t. XXXVIII, segunda parte.

Fl. III — *Idem*, continuação na primeira parte do tomo seguinte da *Revista Trimensal*, etc., 1876, t. XXXIX, primeira parte, págs. 157-182.

Guimarães — *Memória sôbre os usos, costumes e linguagem dos apiacás e descobrimentos de novas minas na província de Mato Grosso*, por José da Silva Guimarães, natural de Cuiabá, Comendador da Ordem de Cristo, e membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. *Revista Trimensal*, 1844, t. VI.

Apêndice II

CATÁLOGO DAS PEÇAS TRAZIDAS DO BRASIL PELA EXPEDIÇÃO DO ACADÊMICO G. I. LANGSDORFF

Tribo guató

1, 2, 3. Abano contra mosquitos. A etiquêta diz: "Tissu dont se servent les Guatós pour chasser les moustiques". Material provàvelmente de fibra de tucum. Dimensões: 1 — 48 × 38cm, 2 — 48 × 38cm, 3 — 44 × 38cm, n.º 764 — 62 (des. n.º 11), 63, 64.

4*. Machado de pedra. Lê-se na etiquêta: "Usado pelos guatós antigamente". Comprimento 13cm (n.º 765 — 65).

Tribo bororo

5. Pequena gaita, feita com cabaça e flauta de junco. Desenho de A. Taunay, com explicação sôbre como "assobia" (n.º 764 — 57 a — b; desenho n.º 19). Cabacinha com 10cm de altura.

6, 7. Cornetas que serviam de ressonadores para as gaitas de junco, conforme está representado no desenho de A. Taunay (des. n.º 19), com a inscrição em baixo: "Cornets dont ils tirent des sons dans leur marche" (n.º 764 — 58, 59).

8*. Adôrno labial em forma de uma correntezinha (n.º 764 — 55). No catálogo: 'brinco' (?). Os aros da correntezinha (7) têm 2cm de diâmetro, (des. 28).

(*) Com asterisco estão marcados os objetos que perderam suas etiquêtas, mas que pertencem, pelo visto, àquela coleção.

Entre parêntesis estão os números do registro de S. A. Xternberg, feito em fevereiro de 1911.

9*. Objeto feito de crina (n.º 765 — 43; des. n.º 20).

10*, 11*, 12*. Três diademas. Na relação não se indica a tribo (n.º 765 — 3, 4, 5; des. n.º 29).

13, 14. Picos fumegantes correspondentes ao desenho de Florence (*Globus*, des. n.º 7) e de A. Taunay (n.º 765 — 22; des. n.º 30; n.º 765 — 23).

15. Cinto de môça. "Ceinture d'une jeune fille Bororó", lê-se na etiquêta (765 — 61). Largura do cinto: 16cm.

16, 17, 18. Brincos de madrepérola em forma de meia-lua. Correspondem ao desenho de A. Taunay (n.º 19) (n.º 765 — 51, 52, 56; des. n.º 25).

19*, 20*. Parico — diadema. A etiquêta se extraviou (n.º 765 — 1, 2).

21*. Outro diadema, pequeno (n.º 765 — 14).

22*, 23*, 24*,25*. "Kurugúgua (?) — diademas bororos, que se usam caídos para trás (n.º 765 —6, des. n.º 32; n.º 765 — 7, 8, 9 — des. n.º 31).

26, 27, 28. Diademas correspondentes ao desenho de A. Taunay (des. n.º 764 — 41, 43, 44).

29. Ornato de cabeça, em forma de coroa, feito de garras de onça. Sob o correspondente desenho de A. Taunay (des. n.º 32), está escrito: "Couronne d'ongles d'once, des Indiens Bororós' (n.º 764 — 45).

30. Adôrno de peito, feito de dentes caninos de *Dycotylus*, correspondente ao desenho de A. Taunay (des. n.º 32, n.º 765 — 40). Numa placa de resina, acham-se incrustados 8 aros de madrepérola.

31. Adôrno de peito, feito de garras de *Dasypus giganteus*. Em uma das garras, lê-se: "Ongles de tatu Canastra". Corresponde ao desenho n.º 32 de A. Taunay. Aros de madrepérola — 15 (n.º 765 — 39). Distância entre as extremidades das garras — 25cm.

32. Cinto ou colar de dentes de *Dasypus giganteus*. Corresponde ao des. 32 de A. Taunay. Comprimento: 72cm. (n.º 765 — 41).

33*. Colar ou cinto feito de fragmentos de ossos de pássaros, alternados com grãos semelhantes a lentilhas, perfurados no meio. Comprimento: mais de 2m. Talvez apiacá. No catálogo, entretanto, lê-se: "Colar bororo"). (n.º 764 — 50)

34. Colar bororo, feito de cascos de veado. Corresponde ao des. n.º 19 de A. Taunay, com a indicação: "Ceinture de sabots de cerf". Comprimento: 78cm. (n.º 764 — 60).

35. Adôrno de peito típico, feito de 4 dentes caninos e 10 molares de onça (des. n.º 33, n.º 764 — 53).

36*, 37*, 38*, 39*. "Colares bororos" feitos, segundo o catálogo de dentezinhos recortados de casca de noz (n.º 764 — 46, 47, 48, 49).

40*, 41*, 42*, 43*. Talhadeiras de dentes de *Dasyprocta aguty*. Segundo o catálogo procedem da tribo apiacá. Ns longos cordéis presos a elas, vêem-se pedaços de madeira branda. O material do cabo de uma

delas é de palmeira airi, e de outra, osso de pássaro (des. 21, n.º 764 — 22, 23, 24, 25).

44*, 45* Segundo o catálogo, "um par de argolas de índio apiacá". O hastil é feito de material leve, que parece de junco grosso (nisso assemelha-se a um batoque de junco, com adornos de plumas, que os índios apiacás usam nas orelhas). Na forma corresponde ao "cinzel de dente de capivara", observado por K. Steinen, na tribo bororo (ver n texto) (des. n.º 35, n.º 764 — 17/2).

46*. No catálogo não se indica a tribo. Varinha que pode ser para brinquedo ou para espadelagem de algodão (conforme é descrito no trabalho de F. Krause: *In den Wildnissen Brasiliens*, pág. 293, sôbre a tribo carajá). Se é de fato esta última, então êle pertence ou aos apiacás ou aos mudurucus. Comprimento — 44,5cm. Argola de 8 continhas (n.º 765 — 54).

47. Lê-se na etiquêta: "Chemise des indiens Caripunas du Rio Madeira". Material — embira de figueira. Camisa sem mangas. Comprimento: 109cm (des. n.º 38, n.º 764-67).

48. Lê-se na etiquêta: "Hamac des Indiens Caripunas du Rio Madeira". Trançado de cordéis de embira mal torcido. Côr marrom, sem adôrno e sem pintura (deve ser urucu). Comprimento: 2,9m (n.º 764 — 66).

Tribo apiacá

49, 50, 51, 52*. Na etiquêta do n.º 51 lê-se: "Ornement que les Apiacás portent au cou, à la ceinture". Todos êstes objetos são grandes aros (de 1,5 até 11m) formados de contas pretas feitas de casca que se alternam (nos n.os 50, 51 e 52) com dentes. Semelhantes objetos são descritos também por Guimarães na *Revista Trimensal* (t. VI, 1844). N.º 52, no catálogo, atribuído aos bororos (n.º 764 — 10, 11, 12, 54).

53, 54. Ornatos circulares de cabeça. Lê-se na etiquêta: "Pièces que les Apiacás portent à la tête, et où ils mettent leurs ornements de plumes", e na etiquêta correspondente, em russo, está escrito: "Langsdorff" (des. n.º 44, n.º 764 — 15, 16).

55, 56. Diademas correspondentes ao representado por Florence no des. n.º 43. Segundo o catálogo, referem-se aos bororos (n.º 764 — 40, 42).

57, 58, 59, 60, 61, 62. Adornos de orelha para homem, constituídos de batoques de junco, enfeitados com plumas. Correspondem aos representado por Florence no des. 43, à esquerda (n.º 764 — 1, 2, 3, 4, 5, 6).

63. Colar masculino composto de 18 pares de ossinhos de pássaros. Representado por Florence no des. 43. Os ossinhos têm um comprimento de 4,5 e 5cm (des. 45, n.º 764 — 9).

64. Bracelete. Lê-se na etiquêta: "Brasselet que les Apiacás portent près de l'épaule". Comprimento do ossinho que serve de amostra: 1,5cm (des. 46, n.º 764 — 8).

65. "Bastão com penas, de apiacás", lê-se na etiquêta. Corresponde ao representado por Florence no des. 43. Enfaixado na parte inferior com cordão atando as plumas e que pode ser fàcilmente retirado (des. 47, n.º 764 — 7).

66, 67, "Pente apiacá", segundo se lê na etiquêta. O junco de que é feito é o mesmo usado nos adornos de orelha (des. 49, n.º 764 — 20, 21).

68, 69. Segundo o catálogo "Colar em forma de aros de junco". N.º 68, em 43,5cm e n.º 69 — 36,5cm de diâmetro. Não será um adôrno de peito? Os aros são pregados com dentes de macaco. Descrito por Martius, *Beiträge...*, pág. 596 (n.º 764 — 13, 14, des. 48).

70*, 71*. Na relação não há o nome da tribo nem a denominação do objeto. Talvez sejam botoques de orelha de mulher apiacás, mas também pode ser de homem mundurucu. Material — osso de pássaro e pequenas plumas negras (n.º 765 — 26 a-b).

Tribo mundurucu

72*. Cêsto para espremer o suco venenoso da mandioca ralada. Feito de junco, chama-se no Brasil tipiti. Sua utilização é descrita no diário de Florence (Fl. III, pág. 164). No objeto que o catálogo designa como aljava, não existe etiquêta (n.º 765 — 53).

73*. Cabeça humana mumificada — troféu de guerra, descrito, por K. K. Guil'zen, na *Coletânea do Museu de Antropologia e Etnografia*, t. IV, págs. 351-358 (des. 55, n.º 2.445 — 1).

74, 75, 76. "Buta" (Martius) — cetros ou bastões para dança. No catálogo, n.os 74 e 75, são atribuídos a uma certa "tribo Batudo". Correspondem à representação do desenho de Florence (764 — 36, 37 e 69). N.os 69 e 37 ver no des. 61.

77, 78, 79. "Akeri" (Martius) — ornatos de cabeça, para baile. N.º 79, de côr negra, e os demais de côr amarela, com uma parte no cocuruto em azul-vermelho, feita da cauda da arara. Correspondem à representação do desenho de Florence. N.os 79 e 80, são atribuídos no catálogo, a uma certa "tribo Batudo" (n.os 764 — 34, 35, e 68). N.º 35 ver no des. 56.

80, 81, 82, 83, 84, 85. "Paro-oara" (Martius). Bandoleiras de plumas ou lenços de pescoço para adôrno de baile. Representado igualmente no desenho de Florence. N.os 82, 83 e 84 vermelho-róseos, 85 — amarelo, e 68 e 87, prêtos (n.os 764 — 72, 73, 74, 75, 76 e 77). N.os 764 — 77 ver no des. 57.

86*, 87*. Idem, mas no catálogo a tribo é dada como "desconhecida" (n.º 765 — 17, 19).

88. O cinto, que faz parte do costume de baile, está representado no mesmo desenho de Florence. Segundo o catálogo, "tribo Batudo" (?). (n.º 764 — 39). Ver des. 58.

89, 90. Par de braceletes, usados acima do cotovêlo. Representados em desenho de Florence. Pertencem, segundo o catálogo, à "tribo Batudo" (?) (n.º 764 — 31, 32). N.º 32 ver no des. 59.

91. Bracelete, usado acima do cotovêlo, como se vê no desenho de Florence. Distingue-se dos anteriores pela presença de plumas amarelas guarnecendo a extremidade inferior. Segundo o catálogo, "tribo Batudo" (?) (n.º 764 — 33).

92, 93. Um par de braceletes, usados no pulso conforme se vê no desenho de Florence (764 — 70).

94, 95, 96, 97, 98. Bandoleiras usadas abaixo da articulação do joelho, na barriga da perna. Assemelham-se aos braceletes da tribo apiacá.

Também representadas no desenho de Florence. Segundo o catálogo, pertencem à tribo Batudo" (?) (n.º 764 — 26, 27, 28, 29, 30). N.º 27 ver no des. 60.

99. Cinto (?) ou adôrno de peito (o que é mais provável). Segundo o catálogo — cinto da tribo Batudo" (?) (n.º 764 — 39).

Apêndice III

CATÁLOGO DOS TRABALHOS PUBLICADOS E DOS MANUSCRITOS DO ACADÊMICO G. I. LANGSDORFF

1. *Commentatio medicinae obstetriciae sistens phantasmarrum sive machinarum ad artis obstetriciae exercitia facientium vulgo Fantomae dictorum brevem historiam,* Göttingen, 1797.
2. *Nachrichten aus Lissabon über das weibliche Geschlecht, die Geburten und Entbindungskunt in Portugal,* Lisboa, 1799 (1800 ?).
3. *Observações sôbre o melhoramento dos hospitais em geral, dedicadas ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor Luiz Pinto de Sousa Coutinho,* por Jorge Henrique Langsdorff... Médico do Hospital da Nação Alemã em Lisboa, etc... Lisboa, 1800 (ACB).
4. Referência à carta ao acadêmico Kraft, datada da ilha de Santa Catarina, 24 de janeiro de 1804", *Revista Tecnológica,* edição da Academia de Ciências, t. I, parte 3, 1804, págs. 181-186 (ACB).
5. "Notas sôbre recheadura e dessecação de peixes, apresentadas ante a Academia de Ciências pelo senhor Langsdorff, como correspondente da Academia e da Sociedade Científica de Göttingen", *Revista Tecnológica,* edição da Academia de Ciências. t. II parte II, São Petersburgo, 1805, págs. 156-159 (ACB).
6. "Extrato da carta do senhor Langsdorff ao acadêmico Kraft, sôbre Kamtchatka", *Idem,* na secão *Notícias Breves,* VI, págs. 156-159 (ACB).
7. Langsdorff e Horner, "Observations metéorologiques faites d'heure en heure entre les deux tropiques dans la mer du sud pour examiner les oscillations du baromètre" présenté le 20 janvier 1808, *Mémoires de l'Acd. Imp. d. Sc.,* V Série, t. 1 págs. 450-486 (ACB).
8. "Descrição dos desenhos feitos pelos habitantes da ilha de Washington em seu próprio corpo", *Revista Tecnológica,* edição da Academia de Ciências, t. VII, parte 2, 1810, págs. 114-127 (ACB).

9. *Plantes recueillies pendant le voyage des Russes autour du monde,* Langsdorff e Fischer, Tübigen, 1810-1818

10. "Description du Tetras intermedius n. — sp." *Mémoires de l'Académie* de *St.-Petersbourg,* t. 3, págs. 286-294 (ACB).

11. *Description d'un tétràs, ou d'une espèce particulière d'oiseau très peu connue, qui se trouve aux environs de St.-Pétersbourg.* Recueil de l'Académie des Sciences, 1811, (ACB).

12. *Über den Kamtschadalischen Fliegenschwamm. Annalen der wetteranischen Gesellschaft für die gesammte Naturkunde,* B. I, S. 249. (A respectiva memória, em manuscrito, encontra-se no Arquivo da Academia de Ciências em francês).

13. *Über die Entstehung einer neuen Insel im Alëutenarchipel* (citado por Ratzel, em sua nota sôbre Langsdorff em *Allgemeine deutsche Biographie;* êle não indica a revista em que foi publicado êsse artigo).

14. "Remarques sur le Kamtschatka et sur ses productions naturelles", *Mémoires de la Société Impérale des Naturalistes de Moscou,* t. III Moscou, 1812 (ACB).

15. *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807,* 2 vols., Frankfurt-am-Mayn, 4.º 1812 (contendo 44 quadros), Idem *Wohlfeile Ausgabe ohne Kupfer* — ibidem, 8.º, 1813, (ACB).

16. *J. G. Langsdorff's Reise um die Welt für die Jugend* adaptado por v. R. K. Gutmann, Viena, 1816 (ACB).

17. *Voyages and Travels in various parts of the world during the yars 1803, 1804, 1805, 1806 and 1807,* 2 vols., Londres, 1813, 14, 3 (contend) mapa e quadros.) P. B.

18. *Mémoires sur le Brésil pour servir de Guide à ceux qui désirent s'y établir,* Dénugon, Paris, 1820, (ACB).

19. *Bemerkungen über Brasilien mit gewissenhafter Belehrung für auswandernde Deutsche,* Heidelberg [Verlag von Karl] Groos, 1821, (ACB).

20. *Kurze Bemerkungen über die Anwendung und Wirkung der Caincawurzel,* Rio de Janeiro, 1827 (a respectiva memória. em manuscrito, se encontra no Arquivo da Academia de Ciências).

21. "Auszug aus einem Schreben des Herrn von Langsdorff, and die Konferenz der K. Akademie d. Wiss. in St.-P.", *St.- Petersburgische Zeitung,* n.º 52, 29 de junho de 1828.

No arquivo da Academia de ciências encontram-se as seguintes memórias em manuscrito, de autoria do acadêmico G. I. Langsdorff:

1. *Subsídios para a história natural de algumas espécies de galo-do-mato.* Obra de G. Langsdorff. Sem indicação do ano. [Depósito 63, invent. 1, n.º 31.]

2. *Observations zoologiques faites dans la Province de Rio de Janeiro dans les années 1822-1823,* por G. de Langsdorff e E. Ménétries", (apresentada à Conferência aos 25 de agôsto de 1824). [Dep. 63, invent. 1, n.º 28, anais 11].

3. *Description du rat à ventre blanc, Mus leucogaster,* por G. de Langsdorff (apresentado à Conferência aos 25 de agôsto de 1824). [Dep. 63, invent. 1, n.º 29, anais 2.]

4. *Collection d'oiseaux et de Mammifères. Oiseaux récoltés dans la province de Minas Geraes pendant l'année 1824.* Langsdorff. Precede ao catálogo um pequeno artigo sôbre a natureza do que, no Brasil, se conhece pelo nome de campo" [Dep. 63, invent. 1, n.º 32].

5. *Anzeige von einem in Brasilien entdeckten und bei Wassersuchten ser wirksamen, Heilmittel Cainca genannt* de G. v. Langsdorff (*) (lido na conferência aos 11 de outubro de 1826). Em nota ao pé do escrito, lê-se "Villa de Ytu. 6 febr. 1826" [Dep. 63, invent. 1, n.º 30, anais 7].

Além disso, conservam-se cartas suas desde o ano de 1802 (de Lisboa), continuando pelos anos seguintes — 1803, 1804 (da ilha de Santa Catarina), 1805, 1807, 1808, 1809, 1810, 1812, 1814, 1815, 1816, 1818, 1822. Posteriores a essa última data, não existem cartas suas.

(*) O título está truncado já na edição soviética, de forma que é impossível, com as fontes atualmente disponíveis, restabelecê-lo. Fica aí, pois, a necessária ressalva. (N. Editôra).

APÊNDICE IV

CATÁLOGO DE ILUSTRAÇÕES

N.º DO DESENHO	OS DESENHOS E SEUS AUTORES
1	14 Mai. 1824. Rio Paraiba et Registo. Rugendas *fecit*. Rio Paraíba e Registo. Província do Rio de Janeiro. 14 de maio de 1824. Desenho de M. Rugendas, a nanquim. (Arquivo da Academia de Ciências da URSS, Dep. 63, invent. 2, n.º 17.) Medida do original: 38,5 × 28cm.
2	30 Septembre, 1824. Vue de la (Vila) ville de Sabara, Prov.ce de Minas Geraes. Rugendas *fecit*. Cidade de Sabará na província de Minas Gerais. Desenho de M. Rugendas. Nanquim. Desenho não terminado. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 36.) Medida do original: 36 × 25,5cm.
3	1824. Province de Minas Geraes. Rugendas *fecit*. Província de Minas Gerais. Não há texto explicativo. Segundo o inventário de G. G. Manizer: "Recanto selvagem junto a um arroio". Desenho de M. Rugendas, a lápis. Desenho não terminado. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 37.) Medida do original: 35,8 × 27cm.
4	Province de Rio de Janeiro. Rugendas. Província de Rio de Janeiro. Não há texto explicativo. Grupo de pessoas de diferentes nacionalidades. Desenho unicolor de M. Rugendas. Algumas figuras, não terminadas. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 10.) Medida do original: 40 × 27cm.
5	Serra de Estrêla. Province de Rio de Janeiro. Rugendas *fecit*. 1824. Serra ao norte do Rio de Janeiro. Desenho de M. Rugendas, unicolor. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 13.) Medida do original: 42 × 30cm.

N.º DO DESENHO	OS DESENHOS E SEUS AUTORES
6	12 Juillet, 1824. Descoberta nova preto (sic) do Rio das Pombas. Cidade Imperial de Ouro Prêto. Rugendas *fecit*. Descoberta de nova mina de ouro perto do Rio das Pombas. Des. de M. Rugendas. Nanquim preta. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 25.) Medida do original: 34 × 23cm.
7	Août 1824. Cidade Imperial de Ouro Prêto. Rugendas *fecit*. Cidade de Ouro Prêto. Agôsto de 1824. Desenho de M. Rugendas. Nanquim líquida. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 30.) Medida do original: 37,5 × 25,5cm.
8	23 Septembre 1824. Vue de la Villa de Kaété. Prov.ce de Minas Geraes. Rugendas *fecit*. Vista da cidade de Caeté. 23 de setembro de 1824. Desenho de M. Rugendas. Nanquim líquida. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 35.) Medida do original: 36 × 25,5 cm.
9	Riche habitant de S. Paul qui conduit ses mulets chargés de sucre. Adrien Taunay *fecit*. 1825. Rico morador de São Paulo, que acompanha suas mulas, carregadas com açúcar de cana. 1825. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 3.) Medida do original 21,5 × 17,5cm.
10	Août ou Septembre, 1826. Vue d'une Caxoeira du Rio Pardo. Adrien Taunay *fecit*. Cachoeira no Rio Pardo. 1825. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 53) Medida do original: 34 × 24cm.
11	Abano contra mosquitos, dos índios guatós. Pertencente à coleção da expedição de G. I. Langsdorff. N.º 764 — 62. Comprimento: 48cm.; largura 38cm.
12	Au Rio Pary, prés de Cuyaba. Avril de 1827. Adrien Taunay *fecit*. Vista do rio Pari, perto da cidade de Cuiabá. Abril de 1827. Desenho de A. Taunay. Nanquim líquida. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 55.) Medida do original: 22,8 × 18,2cm. O modo original de pesca é descrito pelo pintor no verso do desenho (ver pág. 73, 98-99).

N.º DO DESENHO	OS DESENHOS E SEUS AUTORES
13	Juin, 1827. Vue de la deserte de la serra de la Charada (*sic*) et de partie de la pleine de Cuyaba. Adrien Taunay *fecit*. Vista do deserto na serra da Chapada e de uma parte do vale do Cuiabá (do lado oriental). Junho de 1827. Desenho de A. Taunay. Nanquim líquida. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 61.) Medida do original: 60 × 44cm.
14	Environs de Diamantino. Janvier, 1823. Embira uçu. Hercule Florence, *fecit*. Arredores da cidade de Diamantino. Embira Uçu. Aquarela de H. Florence. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 64.) Medida do original: 49,3 × 35,3cm.
15	Juin, 1827. Autre vue prise dans le District de la Chapade. Adrien Taunay *fecit*. Outra vista tomada no distrito de Chapada. Junho de 1827. Desenho de A. Taunay. Nanquim líquida. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 59.) Falta tradução de 2 palavras. Ver original russo p. 158.
16	Environs de Guimarães. Mai 1827. Hercule Florence *fecit*. 3me vue des Rochers de la Chapada. Arredores da cidade de Guimarães. Rochedos da Chapada. Maio de 1827. Desenho de H. Florence. Nanquim líquida. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 62.) Medida do original: 45,5 × 34,8cm. Êste desenho foi publicado pela primeira vez no trabalho de V. F. Gnutcheva: *Materiais para a história da expedição da Academia de Ciências nos séculos XVIII-XIX*. (Trabalhos do Arquivo da Academia de Ciências da URSS, liv. 4, M.-L., 1940.)
17	Indien Cabexi elevé à Cuyaba. Cuyaba. Novembre, 1827. Hercule Florence *fecit*. Índio da tribo cabixi, educado na cidade de Cuiabá. Cuiabá. Novembro de 1827. Aquarela de Hercule Florence. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 98.) Medida do original 22 × 29cm.
18	Ornements de tête des Indiens Bororós. Décembre, 1827. Adrien Taunay, *fecit*. Adornos de cabeça bororos feitos de plumas multicores. Dezembro de 1827. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 111.) Medida do original: 22 × 28,5cm. Os objetos desenhados se encontram no Museu de Antropologia e Etnografia (n.os 764 — 41 e 44).

N.º DO DESENHO	OS DESENHOS E SEUS AUTORES
19	Suite des ornements des Bororós. Décembre, 1827. Adrien Taunay *fecit*. Objetos Bororos. Dezembro de 1827. Aquarela não terminada de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 112). Medida do original: 22,5 × 28,5cm. Os objetos desenhados se encontram no Museu de Antropologia e Etnografia: 1. Cinto de casco de veado (764 — 60); 2. Pequena gaita feita de cabaça (764 — 57); 3, 4. Cornetas para dar avisos (764 — 58 e 59); 5. Brincos de orelha (764 — 51).
20	Adornos (postiços) de crina de cavalo. Bororo. (Col. 765 — 43).
21	Instrumentos para preparação de flechas. Bororo. 1. Prêso a uma varinha, atado com uma fibra vegetal, está um dente de animal. Na outra extremidade da varinha, está uma tàbuazinha prêsa por um cordão de fio duplo. O comprimento da varinha é de 15cm, o da tàbuazinha — 13,7cm (Col. 764 — 25); 2. A ponta de um dente está fixada a um osso tubular. Na outra extremidade do osso, está uma tàbuazinha de madeira prêsa por um cordão de fio duplo. Comprimeito do osso — 19cm; comprimento da tàbuazinha — 17cm (Col. 764 — 22); 3. Instrumento semelhante ao n.º 1. Comprimento da tàbuazinha — 5cm (Col. 764 — 24); 4. Instrumento semelhante aos de n.os 1 e 3. Comprimento da varinha — 24cm; comprimento da tàbuazinha — 10cm (764 — 23).
22	Décembre, 1827. Adrien Taunay *fecit*. Vue du village des Indiens Bororós, nommé Pao-Seco, lequel est situé a 7 lieues du Paraguay et sur son coté gauche, sur la route de Villa Maria. Pau Sêco, taba de índios bororos, situado a 7 léguas do rio Paraguai, em sua margem direita, entre Vila Maria e Vila Bela do Mato Grosso. Dezembro de 1827. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. n.º 2, n.º 108.) Medida do original: 27,3 × 22,3cm.
23	Décembre 1827. Adrien Taunay *fecit*. Aldea des Bororós. Hutte des Bororós. Maloca bororo. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 109.) Medida do original: 27,8 × 20,5cm.
24	Décembre, 1827. Adrien Taunay *fecit* Intérieur d'une hutte des Indiens Bororós. Vista interna de uma palhoça bororo. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 105.) Medida do original: 27,3 × 20,5cm.

N.º DO DESENHO	OS DESENHOS E SEUS AUTORES
25	Brincos de orelha bororos. Consiste em um molho de anéis, a cada um dos quais está prêsa uma meia-lua de madrepérola, 2/3 em forma natural (Col. 764 — 56).
26	Décembre, 1827. Adrien Taunay *fecit*. Indiens Bororós a l'entrée de la maison de Mrs. Riedel et Taunay. Índios bororos à entrada da casa em que habitaram Riedel e Taunay. Dezembro, 1827. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 101). Medida do original: 22 × 27cm.
27	Décembre, 1827. Homme et femme Bororós. Adrien Taunay *fecit*. Homem, mulher e criança bororos. Dezembro de 1827. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63 invent. 2, n.º 102.)
28	Adôrno labial bororo. No batoque de junco, colocado no lábio, estão fixados 7 anéis de casca de côco e dois discos de madrepérola. Diâmetro do batoque: 1,9cm; diâmetro de cada anel — 2cm (Col. 764 — 55).
29	Ornato de cabeça bororo, de plumas multicores. Comprimento médio das plumas — 23 — 27cm (Col. 765 — 5).
30	Alfinête de cabeça, bororo. Comprimento: 19cm. (Col. 765 — 22).
31-a	Peça de um adôrno de cabeça bororo, de plumas marrons. Comprimento: 28cm (Col. 764 — 9).
31-b	Peça de um adôrno de cabeça bororo, de plumas pretas e brancas. Comprimento: 33,5cm (Col. 765 — 6).
32	Suite des ornements des Bororós. Adôrno de cabeça, adôrno de peito e cinto (?) bororos (Col. 765 —). Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 113.) Medida do original: 22,4 × 25cm.
33	Adôrno de peito feito de dentes de onça. (Col. 764 — 53).
34	Flèches des Bororós. Décembre, 1827. Adrien Taunay *fecit*. Flechas bororos e instrumentos para sua preparação. Dezembro de 1827. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 114.) Medida do original: 22,2 × 28,2cm.

N.º DO DESENHO	OS DESENHOS E SEUS AUTORES
35	Instrumento para preparação de flechas. Comprimento: 14,7cm (Col. 764 — 17/2).
36	Pao-Seco, Décembre, 1827. Adrien Taunay *fecit*. Quelques Bororós font une visite à Mrs Riedel et Taunay dans la maison qu'ils occupaient près de leur village. Bororos em visita a Riedel e Taunay. Dezembro de 1827. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 103.) Medida do Original: 27 × 22,3cm.
37	Indien Xiquito demeurant à Casalvasco. Décembre, 1827. Adrien Taunay *fecit*. Índio chiquito, que mora em Casal Vasco. Aquarela de A. Taunay. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 117.) Medida do original: 28,8 × 22,8cm.
38	Camisa de embira. Índios caripunas. (Col. 764 — 67). Comprimento: 110cm; Largura: 58cm.
39	Diamantino de Matto Grosso. Février, 1828. Nègre Cabinda. Hercule Florence *fecit*. Diamantino. Fevereiro de 1828. Negro da tribo cabinda, Aquarela de H. Florence. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 80.) Medida do original: 22,2 × 29cm.
40	Diamantino de Matto Grosso. Février, 1828. Nègre Congo. Hercule Florence *fecit*. Diamantino. Fevereiro de 1828. Negro do Congo. Aquarela de H. Florence. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 79.) Medida do original: 22,4 × 29cm.
41	Diamantino de Matto Grosso. Février, 1828. Négresse Rebolo. Hercule Florence *fecit*. Diamantino. Fevereiro de 1828. Negra de nome Rebôlo. Aquarela de H. Florence. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 81.) Medida do original: 21 × 27cm.
42	Port de Rio Preto. 25 Mars, 1828. Apiacá, travaillant au Diamantino de Matto Grosso. Hercule Florence *fecit*. Rio Prêto. 25 de março de 1828. Apiacá trabalhador em Diamantino. Aquarela de H. Florence. (Arquivo da Academia de Ciência, dep. 63, invent. 2, n.º 121.) Medida do original: 22,7 × 30,8cm.

N.º DO DESENHO	OS DESENHOS E SEUS AUTORES
43	Apiacás. Avril, 1828. Habitation des Apiacás sur l'Arinos. Hercule Florence *fecit*. Abril de 1828. Maloca apiacá à margem do rio Arinos. Aquarela de H. Florence. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 124.) Medida do original: 51 × 40,8cm.
44	Peça de adôrno de cabeça apiacá — base à qual se fixa o diadema de plumas. (Col. 764 — 16). Comprimento do diâmetro: 17cm; largura 14cm.
45	Colar apiacá, feito de fragmentos de ossinhos tubulares. (Col. 764 — 9). Comprimento: 1 metro.
46	Bracelete apiacá de fragmentos de ossinhos tubulares, usado no antebraço (Col. 764 — 8). Comprimento: 29,5cm.
47	Bastão de dança apiacá (Col. 764 — 7). Comprimento: 70,5cm.
48	Adôrno apiacá feito de dentes e garras de animais (Col. 764 — 14). Diâmetro: 35,5cm.
49, 50	Pentes apiacás (Col. 764 — 20 e 21). Comprimento: 10,5 e 7cm.
51	Avril 1828. Habitation des Apiacás sur le Juruenna. Hercule Florence *fecit*. Aldeia apiacá na margem do rio Juruena. Abril de 1828. Desenho de H. Florence. Nanquim líquida. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 123.) Medida do original: 30,8 × 22cm. Um desenho análogo, mas apenas esboçado, de Florence, foi publicado por K. Steinen (*Globus*, 1899, t. 75, n.º 2, pág. 30).
52	Mai 1828. Chute du Juruenna, dite Salto Augusto. 2.ème feuille. Maio de 1828. Cachoeira no Juruena, chamada Salto Augusto. 2.ª fôlha. (Arquivo da Academia de Ciencias, dep. 63, invent. 2, n.º 67.) Medida do original: 67,5 × 40cm. No inventário de Florence, referente aos dois desenhos desta cachoeira, existe a seguinte indicação: "A designação desta grandiosa cachoeira foi dada pelo português Tomaz França, em homenagem a Carlos Augusto de Oyenhausen, que durante a descoberta dessa cachoeira, cêrca de 20 anos atrás, era o capitão-mor da província de Mato Grosso".

N.º DO DESENHO	OS DESENHOS E SEUS AUTORES
53	Mundurucu. Aux bas-fond appelés Tiacoron, la riv. Tapajós, Juin 1828. Hercule Florence *fecit*. Mundurucus à margem do rio Tapajós. Junho de 1828. Aquarela de H. Florence. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 126.) Medida do original: 21,2 × 31,5cm.
54	Femme et enfant Mundurucus. Aux bas-fonds appelés Tiacoron, á la Riv. Tapajós. Juin, 1828. Hercule Florence *fecit*. Mulher e criança mundurucus à margem do rio Tapajós. Junho de 1828. Aquarela de H. Florence. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, invent. 2, n.º 127.) Medida do original: 20,4 × 27,5cm.
55	Cabeça mumificada — trofeu de guerra, mundurucu (Col. 2.445 — 1).
	Costume de baile mundurucu
56	Adôrno de cabeça (visto por detrás). (Col. 764 — 35) Comprimento: 38cm.
57	Bandoleira de seis grinaldas de plumas multicores (Col. 764 — 77). Comprimento: cêrca de 1 metro.
58	Cinto de plumas (Col. 764-39). Comprimento: 1 metro.
59	Bracelete de plumas pretas e vermelhas, usado acima do cotovêlo. (Col. 764 — 32).
60	Bracelete usado na perna, abaixo do joelho (Col. 764 — 27). Comprimento da parte trançada: 18cm; Largura, 3cm. Comprimento da ligadura: 20-22cm.
61	Bastões de chefe, adornados com plumas multicores (Col. 764 — 69 e 37). Comprimento: 71 e 70cm.

Comentários do redator(*)

1. Mate (*Ilex paraguaiensis*) – que assim se chama o chá-paraguai – é uma bebida muito difundida, sendo consumida principalmente no Paraguai e no Brasil. A produção de mate atualmente é um dos ramos principais da economia do Paraguai.

2. A escravidão do Brasil foi oficialmente abolida em 1888; entretanto, a situação dos peões atuais pouco se distingue da situação dos escravos.

3. Ao empreender a propaganda da emigração para o Brasil, Langsdorff, é claro, não visava apenas a "trabalhar em prol da jovem população brasileira que tanto o maravilhara".

Sendo um homem extraordinàriamente empreendedor e enérgico, Langsdorff compreendeu a vantagem que então representava o aproveitamento daquelas colossais extensões de terra não cultivadas. O desejo do govêrno, por um lado, de desenvolver, o mais ràpidamente possível, a economia do império brasileiro através do incremento das plantações, e a escassez de braços para tal trabalho, por outro, conduziram a uma série de medidas em favor dêsse desenvolvimento, as quais, como já se viu, Langsdorff não tardou em aproveitar.

As condições em que eram contratados os colonos e a cruel exploração de seu trabalho é pouco provável que deixassem lugar para a satisfação de "poéticos sentimentos de

(*) A palavra *redator*, na imprensa russa, tem um sentido muito lato: não é simplesmente a pessoa que redige, mas a que prepara tècnicamente o texto para a publicação, inclusive revendo-o, ajuntando-lhe notas explicativas, etc. É nesse sentido que N. G. Xprintsin se apresenta aqui como redator. (N. do T.) Equivale ao *editor* americano, ao *organizador* brasileiro. (N. Editôra).

saudade". Tanto mais que êsses colonos se dirigiram ao Brasil impelidos pela necessidade e não pelo desejo de admirar as belezas naturais do país.

Não está excluída a possibilidade de que a situação dos colonos nas terras pertencentes a Langsdorff, fôsse relativamente melhor do que em outras fazendas. Mas não por acaso os dois dízimos que êles eram obrigados a dar ao Estado e ao fazendeiro, levaram G. G. Manizer a estabelecer analogia com o "obrok", pois os colonos de fato se convertiam em servos da gleba.

O sistema de peonagem, amplamente desenvolvido nos países da América Latina, e que até hoje subsiste, é um exemplo bem ilustrativo de como pessoas jurìdicamente livres são submetidas de fato à servidão.

4. O material botânico e zoológico pertencente à expedição foi encontrado em 1930 e se acha no Arquivo da Academia de Ciências da URSS.

5. Êste diário foi, ao que parece, escrito por Florence em dois exemplares, pois o texto do original manuscrito, existente no Arquivo da Academia de Ciências, não coincide por inteiro com o trabalho citado por G. G. Manizer. (Arquivo da Academia de Ciências, dep. n.º 63, invent. 1, n.º 9.)

Uma parte do diário de Florence, conforme já indicamos acima, foi publicada na *Revista do Museu Paulista,* 1929, t. XVI, pág. 880-991, sob o título "De Pôrto Feliz a Cuiabá" (1826-1827) (Diário de Viagem de um naturalista da expedição do Barão de Langsdorff). Com base em fragmentos do diário, Alfredo d'Escragnolle Taunay escreve uma introdução em que faz detalhada descrição da atividade da expedição de G. I. Langsdorff. O artigo foi preparado para a publicação em 1928 por Affonso de E. Taunay, que lhe acrescentou breve prefácio, no qual transmite informações sôbre a biografia de Florence e faz uma apreciação inteiramente positiva de seus trabalhos na esfera dos estudos brasileiros.

No Arquivo da Academia de Ciências da URSS (dep. 63, invent. 1, n.º 21) existe um pequeno manuscrito de Florence, intitulado — "Esquisse pittoresque du voyage de Porto-Feliz à Cuyabà et explications des dessins ci-joints." Êsse trabalho foi publicado por nós, em língua russa, na revista *Sovietskaia*

Etnografiia (*Etnografia Soviética*), n.º 6, de 1936. Seu conteúdo não coincide com a parte correspondente do diário de Florence, parecendo tratar-se de um dos esboços em rascunho da descrição dessa viagem.

Outro participante da expedição, o pintor Johann M. Rugendas, publicou o trabalho *Malerische Reise in Brasilien*, que apareceu em 1835 nas línguas francesa e alemã. Êsse trabalho contém grande número de desenhos representando paisagens do Brasil, modo de vida dos índios, dos negros e dos colonos, desenhos êsses executados pelo Autor durante sua longa estada no Brasil (ver mais abaixo). O texto, escrito por outro Rugendas — Huber —, contém dados sôbre várias tribos indígenas, negros e a população mestiça, especialmente urbana. Numerosos fatos interessantes, que o Autor apresenta, se depreciam, até certo ponto, porque êle trata, em grande parte, dos índios em geral, sem indicar o nome da tribo, o que reduz a quase nada a possibilidade de seu aproveitamento.

Sôbre os pintores da expedição, em particular sôbre Florence, existe uma série de referências nos trabalhos sôbre etnografia do Brasil. Na maioria dos casos, trata-se de informações fragmentárias, baseadas principalmente em dados do diário de Florence. Exceção a isso é o artigo, pouco conhecido mas muito interessante, de Ten Kate (Herman Ten Kate), estampado na revista *L'Anthropologie*, t. XXII, 1911, págs. 13-35. Êste artigo foi publicado nas Atas do XVII Congresso Internacional de Americanistas, editadas em Buenos Aires, em 1912. Como se pode ver mesmo pelo título — "Sur quelques peintres ethnographes dans l'Amérique du Sud" —, o artigo é um resumo dos materiais entre os viajantes ou, como os designa o Autor, sôbre os "peintres voyageurs-ethnographes", que fizeram esboços de caráter etnográfico na América do Sul, nos séculos XVIII e XIX. Entre outras fontes, Ten Kate concede especial atenção à minuciosa biografia e descrição do trabalho de Rugendas (págs. 575-581), que êle distingue como o único pintor, no gênero, que produziu um grande número de desenhos.

Em vista do valor e da amplitude dos dados de Ten Kate, quisemos apresentá-los, de modo condensado, neste trabalho,

Além do estudo dos trabalhos publicados e inéditos de Rugendas, Ten Kate utilizou dados de *Allgemeine Deutsche Biographie,* Leipzig, 1889, vol. 29 e do *Illustrierte Zeitung,* de 31 de julho de 1858, n.º 787. Ten Kate ignorava que êsses desenhos, executados pelo pintor durante seu trabalho na Expedição do acadêmico Langsdorff, se conservaram.

Johann Moritz Rugendas nasceu em 1802, na cidade de Augsburg (Baviera), filho de um pintor. Recebeu instrução artística especial na escola de belas-artes, dirigida por seu pai, e depois na Academia de Munique. Sem terminar sua educação, aos 19 anos de idade, tomou parte na Expedição do acadêmico Langsdorff, como pintor, mas logo dela se separou, pois "os caracteres de Langsdorff e Rugendas eram pelo visto, incompatíveis". Sofrendo grandes privações, o pintor continuou, já independentemente, sua viagem regressando à Europa em 1825.

Após uma estada de dois anos na Europa (França e Itália), Rugendas empreendeu nova viagem à América, onde se demorou até 1847. Durante êsse tempo, êle visitou o Haiti, o México (em cujas regiões centrais passou três anos), Califórnia, Chile (onde viveu seis anos), Argentina, Peru e Bolívia (de 1841 a 1844) e Brasil. Achando-se em grandes dificuldades materiais, teve de prover a sua própria subsistência mediante a execução de encomendas de obras pictóricas.

Durante sua longa permanência na América, Rugendas produziu considerável quantidade de desenhos. Assim, o rei bávaro Ludwig I adquiriu em 1848 quase tôda a coleção de seus desenhos. Entregue a "Kgl. Kupferstich — und Handzeichnungscabinet", em Munique, a coleção se compunha de 3.025 desenhos. Os biógrafos de Rugendas apresentam também as cifras 3.353 e 3.339, indicando que o número de desenhos seus era maior e que, além disso, uma porção dêles permanecera com Langsdorff.

Analisando o espírito criador do artista, Ten Kate mais de uma vez acentuou que suas dificuldades de vida estavam ligadas ao fato de que êle não terminara sua educação especializada, e que essa circunstância se fêz sentir pesadamente ao longo de tôda a sua vida. Seu último desejo — passar os restos de seus dias na América do Sul — não pôde ser cumprido. Êle faleceu

em 1858, na aldeia de Weilheim am der Teck, em Württenberg.

Além dos minuciosos dados biográficos, Ten Kate voltou sua atenção também para a análise dos métodos de seu trabalho e para a descrição sumária de numerosos desenhos. Por seu conteúdo, os desenhos podem ser divididos em duas partes: 1. Paisagens, sobretudo do México, e 2. Tipos populares, representação de animais e plantas. Na opinião de Ten Kate, os desenhos mais valiosos, do ponto de vista artístico, são as paisagens, pois nelas revelam-se em menor grau as deficiências de Rugendas como pintor. Uma pequena parte de seus desenhos foi publicada no já citado *Malerische Reise* e no trabalho *Mexico und die Mexicaner, Landschaftsbilder und Skizen aus den Volksleben* (Darmstadt, 1855).

Do ponto de vista etnográfico, Ten Kate considera como os mais valiosos aquêles desenhos inéditos referentes ao Chile e à Argentina. "Tipos, grande parte de cenas, que êle (Rugendas – N. X.) revivesceu diante de nossos olhos, referem-se a um tempo que ficou para sempre no passado. A civilização, como se sabe, passou, como um furacão devastador, sôbre a face dos antigos países araucanos. Lamentàvelmente, os etnógrafos chegaram ali demasiadamente tarde. Somos gratos a Rugendas, que, como Poeppig e Orbigny, transmitiu à posteridade imagens dos antigos araucanos" (*obra citada*, pág. 580).

Uma das deficiências de Rugendas, na opinião de Ten Kate, é a ausência de documentação escrita, pois durante suas viagens Rugendas não tomou quaisquer apontamentos. Precisamente por essa circunstância é que o texto de *Malerische Reise* é atribuído a Huber, e o de *Mexico und die Mexicaner*, a Sartorius. Sôbre o valor do trabalho de Huber pode-se fazer um julgamento pela observação lacônica de Ten Kate: "Quanto ao texto do *Reise*, nada perdemos se sôbre êle passarmos em silêncio" (*obra cit.*, pág. 579).

Os breves dados fornecidos por Ten Kate sôbre Florence, baseados essencialmente no artigo de K. Steinen, nada de nôvo representam em comparação com os materiais de G. G. Manizer. Enumerando os desenhos publicados por K. Steinen, o Autor chama particularmente a atenção para as repre-

sentações dos apiacás, até então desconhecidos na literatura em geral.

Além do aludido artigo de K. von den Steinen, na revista *Globus,* mais de uma vez citado por G. G. Manizer, e de menções feitas no texto a contemporâneos de Langsdorff, que pesquisaram o Brasil no século XIX, lembramos os trabalhos aparecidos nos últimos anos.

Em 1926, no XII Congresso Internacional de Americanistas, reunido em Roma, V. G. Borgoraz apresentou um relatório, que foi publicado nos Trabalhos do Congresso, em língua francesa, sob o título "Le centiéme anniversaire des Expéditions Russes à l'Amérique du Sud". Descrevendo a exposição do Museu de Antropologia e Etnografia, Seção Centro-e-Sul Americana, da Academia de Ciências da URSS, e as expedições etnográficas russas à América do Sul, uma parte do artigo de Bogoraz é dedicado ao resumo das informações sôbre a Expedição de G. I. Langsdorff e às características das coleções e álbuns de desenhos, que se conservam no Museu.

Em 1928, I. D. Strelnikov apresentou ao XXIII Congresso Internacional de Americanistas, um relatório, também publicado posteriormente nos Trabalhos do Congresso, em 1930, em Nova York, sob o título *The Expedition of G. I. Langsdorff to Brazil in 1821-1829.* O relatório apresenta um resumo da biografia e da viagem de Langsdorff, baseado no manuscrito que ora publicamos de G. G. Manizer, e também no estudo das coleções de materiais do Museu de Antropologia e Etnografia, dos Museus de Zoologia e Botânica da Academia de Ciências da URSS, na literatura existente a respeito e em alguns dados de arquivo conhecidos por aquêles anos.

Um artigo sôbre o mesmo tema foi publicado por I. D. Strelnikov, na revista *Priroda* (*Natureza*), n.º 1, de 1929, págs. 43-54, sob o título: "A Expedição Russa do Acadêmico Langsdorff ao Brasil (1821-1829)".

Uma breve exposição feita por nós sôbre o conteúdo do manuscrito de G. G. Manizer, a descrição do álbum de desenhos dos pintores da Expedição de G. I. Langsdorff, e também um resumo da principal literatura existente sôbre etnografia das tribos indígenas, visitadas pela Expedição, foram pu-

blicados na revista *Sovietskaia Etnografiia* (1936, n.º 1, págs. 109-120).

No curso dos últimos anos apareceu na imprensa uma série de breves informações sôbre a Expedição e descrições do material encontrado: 1. Comentário de L. B. Modzalievsky em *Noticiário da Academia de Ciências da URSS*, de 1931, n.º 2 (na seção Crônica da Vida Científica, págs. 52-53); 2. Inventário sucinto dos depósitos de arquivos, no livro *Arquivo da Academia de Ciências da URSS*. Revista dos arquivos de materiais. Trabalhos do Arquivo da Academia de Ciências da URSS, liv. 1, L., 1933, pág. 94; T. II, liv. 5, M.-L., 1946, pág. 221. 3. *Materiais para a história das expedições da Academia de Ciências nos séculos XVIII e XIX*. Revista cronológica e descrição dos materiais de arquivos. Elaborada por V. F. Gnutchiev, sob redação geral do acadêmico V. L. Komarov. Trabalhos do Arquivo da Academia de Ciências da URSS, liv. 4, M.-L., 1940, págs. 167-171. (Reproduzidos também o retrato de Langsdorff e alguns desenhos de pintores da Expedição); 4. N. G. Xprintsin. "Materiais das expedições russas à América do Sul, guardados no Arquivo da Academia de Ciências e no Instituto de Etnografia" em *Sovietskaia Etnografiia*, 1947, n.º 2, págs. 187-194; 5. O. K. Vassilieva-Xviedo. "Materiais lingüísticos da Expedição russa ao Brasil, 1821-1829" em *Boletim Científico da Universidade Estatal de Leningrado* (Ordem de Lenin), 1947, n.os 14-15.

Informações sôbre a Expedição de Langsdorff existem também na literatura científica popular:

1) N. G. Xprintsin. "Primeira expedição russa à América do Sul", em *Globus*, anuário geográfico para crianças. M., 1938, págs. 193-196.

2) Hector Chevigny. *Lost Empire*. The life and adventures of Nikolai Petrovich Riezanov. Nova York, 1939 (2.ª edição. A 1.ª saiu em 1937), pág. 356. Nesta notícia histórica encontram-se vários dados sôbre a participação de G. I. Langsdorff na composição da expedição de Riezanov. Interessante também é o capítulo *Freiburg im Bresgau*, no qual se descrevem os últimos dias de vida de Langsdorff.

6. Paulista — descendentes de habitantes da Europa que foram para São Paulo. Antes, totalmente belicosos (êles eram

particularmente conhecidos pelo banditismo de sua incursões nas missões jesuíticas e pelo recrutamento de escravos para o trabalho nas minas de diamantes), hoje são grandes latifundiários, proprietários de vastas plantações de café.

São Paulo — um dos principais centros de produção de café do Brasil.

7. Pelo nome de xavantes, são conhecidos alguns grupos de indígenas de diferentes Estados brasileiros. As melhores informações, se bem que sumaríssimas, sôbre os xavantes de São Paulo, foram dadas por Florence e se encontram citadas no trabalho de H. Ihering, indicado por G. G. Manizer.

Baseando-se nos dados de alguns autores, inclusive nos materiais de Kurt Unkel, que conseguiu compor um dicionário da língua daqueles indígenas, Ihering chegou à conclusão de que os xavantes de São Paulo, que se chamam opaié, distinguem-se dos xavantes do Estado de Mato Grosso, que se chamam oti. Afirmação análoga, aparentemente baseada nos dados de Ihering, foi feita também por Rivet "Langues américaines", na coletânea *Les Langues du Monde,* pág. 678). Incorporando o grupo opaié ao grupo jê que, conforme já vimos em análise anterior (na introdução), não pode ser reconhecido como satisfatório, Rivet coloca o grupo oti como um grupo lingüístico à parte, o que também parece indicar ausência de materiais suficientes para se poder incluí-los em qualquer dos grupos lingüísticos existentes entre os indígenas da América do Sul. As fronteiras dentro das quais se confinam os otis, segundo a demarcação de Rivet, coincidem com os pontos geográficos indicados por Florence para os xavantes.

Um atestado de quão pouco têm sido estudados os xavantes foram as tentativas de Ihering de estabelecer uma classificação comparativa das tribos indígenas e a discussão suscitada por seu relatório, as quais, se não chegam a confundir a questão, nada de nôvo acrescentam, em todo caso, à soma de conhecimentos sôbre os xavantes.

G. G. Manizer e F. A. Fielstrup trouxeram para o Museu de Antropologia e Etnografia uma coleção (n.º 2.546) do grupo opaié ou faié, do Estado de Mato Grosso. No artigo "Música e instrumentos musicais de algumas tribos do Brasil" (*Coletânea do MAE,* 1918, t. V), G. G. Manizer, apresentan-

do dados sôbre os faiés (opaiés), não se decide a considerá-los incondicionalmente xavantes, e diz que "o grupo dêles, encontrado por nós, não se pode dizer que se chamasse exatamente xavante". Quais os fatos em que se baseou G. G. Manizer para considerar, no presente trabalho, que êsses xavantes do Estado de São Paulo ou otis são aparentados com os faiés e opaiés, não conseguimos saber.

Dos xavantes do Estado de Goiás, trata P. Ehrenreich no trabalho "Materialen zur Sprachenkund Brasiliens", aos quais dedica aí o capítulo principal. "Die Sprache der Akuä oder Chavantes und Cherentes" (Goiás) (*Zeitschrift für Ethnologie,* 1894, págs. 148-162).

Material lingüístico especial se encontra na pequena introdução (pág. 148-149) em que o Autor, sem citar outros grupos indígenas conhecidos sob aquela designação, afirma que os xavantes e xerentes, que se denominam acués, falam dialetos de uma só língua que pode ser considerada do grupo jê.

Uma informação real sôbre os materiais relativos aos xavantes demonstrará com bastante clareza quão pouco estudadas se acham algumas tribos indígenas da América do Sul e como ainda é impotente a americanística no domínio da classificação dessas tribos.

Quando o trabalho de G. G. Manizer já se encontrava no prelo, chegou o livro de Nimuendaju (Kurt Unkel), *The Seréntе* (Los Angeles, 1942, edição póstuma), que já não nos foi possível aproveitar. Nesse livro tenta-se mais uma classificação do grupo jê, como também de vários grupos de xavantes, fazendo-se ainda sôbre êles um pequeno resumo de informações históricas.

8. Caiapós (Cayapós, Kayapós, Kaiapós) — estabelecidos em pequenos grupos em ampla extensão do Brasil Central. Sob o aspecto lingüístico, atribui-se sua vinculação, como a de tantas outras tribos pouco conhecidas, ao grupo jê (ver Introdução). A descrição dos dialetos caiapós encontra-se no trabalho de P. Ehrenreich "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens", cap. VI, § II, na revista *Zeitschrift für Ethnologie,* 1894, págs. 115-157.

Grande interêsse para o estudo da língua caiapó representa o artigo de Antônio Maria Sala, publicado na *Revista do Museu Paulista* (t. XII, 1920), sob o título: "Ensaio de grammatica Kaiapó". O artigo, além de um ensaio de gramática dos chamados caiapós do norte, traz um vocabulário de sua língua.

Os dados etnográficos mais completos, a respeito, se acham no trabalho de Fritz Krause, *In den Wildnissen Brasiliens,* Leipzig, 1911.

Apesar da falta de tempo, o Autor conseguiu reunir grande quantidade de material sôbre os caiapós, que habitavam em um dos três aldeamentos situados à margem ocidental do rio Araguaia. Os resultados de suas observações no domínio da história natural, além de resumidas informações sôbre a literatura atinente ao assunto, foram publicados em capítulo especial do referido trabalho de Krause (cap. III, *Die Kayapó,* pág. 368-402).

Esse capítulo, repleto de ilustrações, contém a descrição das regiões habitadas pelos caiapós, a exposição dos estudos realizados sôbre alguns dos seus grupos, separadamente, além de dados antropológicos e também materiais bastante minuciosos sôbre economia, técnica, relações sociais, etc.

Também se encontram materiais sôbre os caiapós nos artigos de introdução de trabalhos gerais, já indicados, como os de Ehrenreich, Martius, Castelnau, Coudreau, etc. Ademais, dispomos de alguns ensaios relativos a grupos isolados.

Ao grupo caiapó, com o qual se encontrou a Expedição de G. I. Langsdorff, refere-se Martius no trabalho *Von dem Rechtszustande unter den Ureinvohnern Brasiliens* (pág. 116), no qual indica os lugares de sua habitação, perto da cachoeira de Urubupungá e a ocidente de Camapuã.

As mais recentes informações sôbre os caiapós estão no artigo de J. Vellard — "Six mois au Pays de Karajas et des Cayapos" *(La Géographie,* 1935, t. LXVIII) e nos trabalhos de Nimuendaju.

9. O grupo lingüístico guaicuru abrange algumas tribos que habitam à margem dos rios Paraguai, Paraná e de muitos de seus afluentes, e também na região do Chaco. É difícil determinar precisamente com quais representantes dêsse gru-

[illegible] encontrou a Expedição. A julgar pela descrição e, em particular, pelas indicações geográficas, é de supor que se tratasse dos mbaiá-guaicurus, lenguás e guaxis.

Os mbaiá-guaicurus, agora chamados cadiueus, trasladaram-se do Chaco Setentrional, em meados do século XVII, para a margem esquerda do Paraguai. A indicação de Florence de que "os guaicurus são todos cavaleiros..." coincide com a informação de que os mbaiás, que viviam nessa região, "converteram-se ràpidamente numa tribo de cavaleiros" (Rivet).

Os lenguás (também chamados paiaguás), por ocasião da conquista espanhola, povoaram um extenso território ao longo do rio Paraguai, até a cidade de Cuiabá. Êles se fizeram também famosos por sua belicosidade.

Os guaxis, na segunda metade do século XIX, viviam nas margens do rio Miranda, entre os guanás.

10. Nas descrições de muitos viageiros e até mesmo em vários trabalhos especiais, não raro se sublinham a crueldade e a perfídia dos índios. O diário de Florence fornece, a respeito, alguns dados. Um estudo dos fatos concretos deixa claro que o ataque a caravanas, postos militares, etc., é uma das formas de autodefesa dos indígenas, ou o único meio de salvação da fome para aquêles grupos da população indígena que se viram privados de seus antigos lugares de caça e pesca (ver, por exemplo, os fatos bem significativos citados no trabalho de G. G. Manizer sôbre os botocudos).

As guerras intestinas, em muitos casos, representam também um dos efeitos do colonialismo. Se os fatos referidos por Florence forem confrontados com numerosos dados sôbre a opressão, a exploração e a eliminação física dos indígenas, aparecerão sob um ângulo diferente e representarão. menos que tudo, um testemunho da fúria, da crueldade ou da belicosidade dos índios.

11. Os guanás até agora são muito pouco estudados. As primeiras informações relativas a êles, tantas vèzes citadas por tantos autores, remontam ao século XVII e são devidas aos jesuítas. Alguns materiais fragmentários podem ser encontrados, como já indicamos, em trabalhos de viajantes do fim do século XVIII e do século XIX.

Na revista *Zeitschrift für Ethnologie*, em 1903, foi divulgado um artigo de Max Schmidt, generalizando tôdas as informações então existentes sôbre a etnografia e a língua dos guanás. Êsse artigo resumia e sistematizava os dados de que êle dispunha sôbre os guanás, inclusive alguns materiais recolhidos pessoalmente pelo Autor durante a expedição ao Brasil em 1801. O vocabulário de alguns grupos guanás, inserto nesse artigo, foi elaborado na base de materiais pessoalmente colhidos por Schmidt e dos vocabulários de Aguirre, Castelnau, Fonseca, Brinton e outros e também do vocabulário inédito pôsto à sua disposição por K. Steinen.

A pesquisa lingüística dos grupos de línguas mais aproximadas entre si, realizada pelo método comparativo, permitiu a M. Schmidt confirmar a hipótese levantada por K. Steinen de que as línguas guanás são totalmente distintas, sob o aspecto dialetológico, dos grupos aruaques (segundo a terminologia de M. Schmidt, "grupo nu") cuja localização se estende atualmente da Bolívia à Venezuela. Uma classificação exata dos grupos guanás não foi até hoje estabelecida. Todos os autores são unânimes em afirmar que os guanás se dividem em vários grupos, mas o número dêsses grupos varia segundo as diferentes informações. Esta circunstância se explica pela insuficiência dos materiais etnográficos e lingüísticos, e também pelo fato de que os guanás, inclusive os chanés, citados por G. G. Manizer e vinculados por M. Schmidt ao grupo ocidental dos guanás, eram desde havia muito influenciados pelos jesuítas e, em boa parte, perderam seu idioma.

A tentativa de Schmidt de esclarecer a questão da origem dos guanás e, em particular, a localização de suas primeiras tabas, não foi coroada de êxito. Um estudo rigoroso dos dados, não raro contraditórios, colhidos em muitos autores, possibilitou-lhe estabelecer um quadro sumário dos lugares de habitação, da numerosidade de alguns grupos (Bevölkerungs Einheite) guanás e levantar a hipótese de o lugar de sua habitação inicial ter sido a região do Chaco.

M. Schmidt pesquisou, ao que parece, precisamente aquêle grupo dos guanás com o qual se encontrou a Expedição de G. Langsdorff. A influência dos colonos, já sublinhada por Florence, foi notada, em maior grau ainda, por Schmidt, ao indicar particularmente o fato de que os guanás

atualmente (isto em 1901) falam entre si em português, e só os adultos é que ainda se lembram de sua própria língua.

O relato de Florence, em tom de grande ingenuidade, de que "entre as mulheres reina a mais completa devassidão...", de que "os homens prostituem suas espôsas", etc., parece atestar a presença entre os guanás de vestígios do sistema de matrimônios grupais.

12. Descrição do abano contra mosquitos, existente entre os guatós, pode-se ver no trabalho de Antônio Carlos Simões. *Une moustiquaire des indiens Guatos (Brésil)*. Proceedings of the 23rd Internat. Congress of Americanists. Nova York, 1930, págs. 792-795.

13. Classificação detalhada de diferentes tipos de armas e sua descrição minuciosa, em particular de arcos e flechas e da lança — zagaia — citada por Florence, encontra-se na pág. 83 do artigo de M. Schmidt — "Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte", 1902.

14. Em confronto com a maioria das outras tribos estudadas pela Expedição de Langsdorff, os guatós podem ser considerados como uma tribo estudada com relativa minúcia. Ao lado de numerosas citações que sôbre êles deparamos nos autores antigos, dispomos também de uma série de pesquisas especiais, como a de Iu. Kozlovsky, citada por G. G. Manizer, e principalmente a de Max Schmidt. Este último teve o ensejo de reunir, durante suas expedições, grande quantidade de material relativo à língua e à etnografia dêsse grupo indígena, como também de realizar escavações arqueológicas conhecidas como sambaquis, no lugar chamado Aterrados, na região do rio Caracara (afluente do São Lourenço).

Além da descrição de viagem e de resumidos relatos, aparecidos em seu tempo em diversas revistas, M. Schmidt publicou várias pesquisas especiais referentes aos guatós. As principais são as seguintes: 1) "Reisenskizzen aus Zentralbrasilien", *Globus*, vol., 82, 1902. Guató, págs. 97-98; 2) "Die Guató. Verhandlugen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte (*Zeitschrift für Ethnologie*, 1902), págs. 77-89; 3) *Indianerstudien in Zentralbrasilien*, Berlim, 1905; 4) *Die Guató und ihre Gebiet.*

Ethnologische und archaologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-Fluss in Matto Grosso. Baessler Archiv. 1914, v. IV, n.º 6, pág. 251-283; 5) *Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910;* 6) "Untersuchungen am Caracara-Fluss, Untersuchungen der Aterrados und Felszeichnungen, sowie ergänzende Studien über die Guato" (*Zeitschrift für Ethnologie*) 1912, I-II, págs. 131-146.

Se bem que nessas obras, não raro, se repitam literalmente muitos dados, elas se completam mutuamente, constituindo um conjunto de informações extremamente interessantes sôbre tribos outrora grandes e das quais só restam hoje uns grupos pequeníssimos.

Particularmente valiosas são as escavações arqueológicas de Aterrados, as quais fornecem a chave não só para a explicação de fatos da pré-história dos guatós, como para o esclarecimento de obscuras questões da pré-história da população indígena da América do Sul.

Considerando os guatós "admiráveis", "uma tribo indígena verdadeiramente única no gênero...", Max Schmidt observa que o estudo paralelo de Aterrados e dos guatós contemporâneos é necessário porque "...ela (a pesquisa de Aterrados — N.X.) possui também grande interêsse para a compreensão das relações atuais dos guatós, pois aqui, neste local isolado e pantanoso, se encontra um laço direto entre a longínqua pré-história e o tempo atual" (*Reise in Matto Grosso,* pág. 142).

O cotejo dos objetos descobertos nas escavações (instrumentos de pedra toscamente elaborados, idênticos aos que os guatós contemporâneos usam para rachar côcos, conchas, palmeiras e para a cerâmica), permitiram a M. Schmidt chegar a uma série de conclusões. As principais são as seguintes: 1) Aterrados pertence aos antepassados dos guatós; 2) antes do contacto com os europeus, os guatós se encontravam num nível de desenvolvimento cultural "que pode ser comparado com o existente na idade da pedra da mais antiga pré-história".

O material etnográfico de Florence sôbre os guatós corresponde quase inteiramente aos dados dos autores mais recentes.

As informações prestadas por êle, com muita ingenuidade, sôbre o regime social dos guatós, tampouco se contrapõem aos dados de outros autores, particularmente de Castelnau, Kozlovsky, K. Steinen e M. Schmidt.

Assim, K. von den Steinen, citando atos dos dirigentes indígenas de Cuiabá, escreveu: "Habitualmente êles possuem duas espôsas; alguns se contentam com uma" (*Unter den Naturvolkern Zentral-Brasiliens,* pág. 550). M. Schmidt afirma que "os guatós que eu vi viviam em sistema monogâmico. Quando Castelnau e outros estudaram os guatós, cada chefe de família tinha várias espôsas, o que coincide com o que me relataram os velhos habitantes desta região, referindo-se à situação ali em tempos passados" (*Indianierstudien in Zentral-Brasilien,* pág. 316). O material obtido por M. Schmidt atesta com clareza a existência de vestígios do casamento grupal, mas êle não se decide a tirar nenhuma conclusão positiva a respeito. Como se evidencia inclusive pelos dados de Florence, o processo de decomposição do regime matrimonial de grupo, já estava bastante adiantado (comparar, por ex., com os dados sôbre os guanás).

Apesar dos estudos relativamente bons, realizados sôbre os guanás, o regime social dêste grupo, como aliás da maioria das tribos indígenas da América do Sul, permanece em grande parte obscuro. Isso exige posteriores pesquisas nas fontes e, particularmente, a continuação das observações etnográficas e de história natural. Sobretudo um ponto merece especial estudo: a questão do chamado "individualismo" dos guatós, o que se explica, de acôrdo com M. Schmidt, pelos ramos principais de sua economia — a pesca e sua forma original de, em canoa, caçar animais selvagens.

É necessária também a continuação da pesquisa sôbre a divisão do trabalho. Ademais, até hoje inexistem indicações claras de que os atuais guatós se dividam em pequenos grupos separados. Os dados a respeito são não apenas insuficientes, como freqüentemente contraditórios, e é pouco provável que estejam sempre de acôrdo com o nível do desenvolvimento cultural guató.

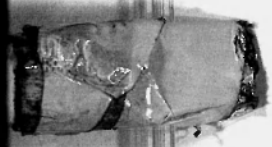
Outras informações de Florence, como, por exemplo, os meios de comunicação em canoas, formas de comércio com os

brasileiros e outros, também coincidem inteiramente com as descrições de M. Schmidt.

As particularidades notadas por Florence sôbre a estrutura física do corpo e, particularmente, o bom desenvolvimento da caixa torácica contrastando com as extremidades inferiores pouco desenvolvidas, que tanto M. Schmidt como G. G. Manizer observaram, se explicam como resultado de sua constante estada na canoa.

A hipótese de Florence de que seu aspecto exterior está ligado ao fato de que "no passado os guatós de São Lourenço viviam entre os brancos e com êles se mesclaram, retornando depois, por seu amor à vida primitiva aos velhos costumes", é de supor que não corresponda à realidade. Quanto ao uso da barba, isso foi confirmado com dados de outros autores e com numerosas fotografias.

A descrição das roupas confeccionadas com tecidos de produção fabril e dos modos de usá-las, em particular as calças de homem em forma de avental, atadas à cintura com um cinto de pele, foi feita detalhadamente por M. Schmidt em artigo na revista *Globus* (pág. 97) e em outros trabalhos seus.



Informações sôbre tabas guatós nas margens do lago (Gaíba) a que se referiu Florence com reservas, foram confirmadas posteriormente pelas pesquisas de M. Schmidt. A numerosidade da população dêsses lugares, que se dizia superior a 2 mil pessoas, é pouco provável que seja verdadeira.

Descrevendo as plantações de bananas na zona do lago Gaíba, sôbre camadas de húmus que cobriam as colinas, M. Schmidt as atribui à obra de uma população que ali teria habitado antes dos guatós. Possìvelmente esta afirmação de M. Schmidt se refira às plantações de bananas que também Florence teve o ensejo de observar e que considera terem sido cultivadas por "algum dos antigos viajantes, à margem esquerda do São Lourenço".

M. Schmidt acentua que os guatós, em determinados períodos do ano (de fins de agôsto a novembro, inclusive), chegam quase a cessar suas viagens em canoa, dedicando considerável parte do tempo à obtenção da embriagora seiva da palmeira *Acuri*, que êles usam em grandes quantidades. Sem entrar nos detalhes descritivos dêsse processo, que M. Schmidt

estudou minuciosamente, referiremos apenas que o uso de bebidas inebriantes, extraídas de diversas plantas e que se conservam por algum tempo bastante longo, também foi observado entre outras tribos indígenas da América do Sul. Assim, por exemplo, entre algumas tribos da região do Chaco, o período de amadurecimento dos frutos da algarobeira está relacionado com a organização de festas especiais. O mesmo fenômeno observou G. G. Manizer entre os caingangues.

Êste aspecto da vida dos guatós não foi notado, ao que parece, pelos membros da Expedição de G. I. Langsdorff, devido a que seu encontro com êles se deu nos últimos dias de dezembro, isto é, depois do aludido período de uso dessa bebida.

Aos narcóticos sul-americanos de origem vegetal, A. F. Hammerman dedicou o artigo "Materiais de estudo dos narcóticos sul-americanos. Uadé, narcótico dos índios da região amazônica". Separata extraída de *Trabalhos de Botânica Aplicada, Genética e seleção,* t. 22 (1929, n.º 4).

Além da pesquisa fitológica especial sôbre o narcótico uadé, o artigo é precedido de uma introdução preciosa, que resume muitos trabalhos etnográficos, contendo dados sôbre o uso que fazem os índios de diversos tipos de narcóticos de origem vegetal.

Informações sucintas e generalizadas sôbre material arqueológico, etnográfico e histórico dos guatós, encontram-se no trabalho de A. Métraux, *The Natives Tribes of Eastern Bolivia and Western Matto Grosso.* Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology. Bulletin, 134. Washington, 1942. pág. 136-142. O autor reconhece que os guatós se encontram "à beira da extinção", o que significa que seus escassos remanescentes perecerão num futuro não distante.

15. As melhores fontes de informações sôbre os pareciscabixis são os trabalhos de Max Schmidt. "Reisen in Matto Grosso in Jahre 1910" (*Zeitschrift für Ethnologie,* 1912. H. 1, § 11. *Die Paressi-Kabisi em Quellgebiet des Cabaçal, Jauru, Jurruena und Guaporé*, pág. 147-174) e *Die Paressi-Kabisi* (*Baessler Archiv,* 1914, B. VI, págs. 168-250). Esses trabalhos estão baseados em informações publicadas por autores dos séculos XVIII, XIX e começos do século XX, comprovadas e

consideràvelmente enriquecidas pelo próprio Max Schmidt, durante sua expedição em 1910.

Fazendo uma análise detalhada dos materiais históricos, etnográficos e lingüísticos, M. Schmidt chegou à conclusão de que na região dos afluentes superiores do Paraguai (Cabaçal, Jauru, Juruena, Guaporé e outros), verificou-se outrora uma mistura das tribos que ali viviam, inclusive os cabixis. com "portadores de uma cultura relativamente mais elevada, os aruaques" – parecis vindos da parte norte-oriental do Continente. Êsse processo de mescla, que vem de longe e prossegue ainda, não possibilita separar os parecis dos cabixis, em conseqüência do que, é mais racional designá-los pela expressão de parecis-cabixis.

É interessante notar que a afirmativa sôbre a mescla dos parecis com os cabixis foi levantada, muito antes das pesquisas de M. Schmidt, por Martius. Com efeito, dizia êle: "Parecis, Paricys – nação predominante na planície de Mato Grosso, que por isso mesmo é também chamada de Campos dos Parecis. Por culpa dos portuguêses, que por tôda parte caçavam e levavam à escravidão êste povo diligente e pacifico, atualmente êle está quase extinto. Seus remanescentes uniram-se aos cabisis e membares" (C. F. Ph von Martius, *Von dem Rechtzustande unter den Ureinwohnern Brasiliens.* München, 1832. Complemento: *Uebersicht der verschiedenen indianischen Völkerschaften, Stämme und Horden in Brasilien,* pág. 10). Confrontando as suposições de Martius e M. Schmidt, pode-se pensar que o processo de mescla das tribos indígenas dessa parte de Mato Grosso, ocorreu sob a influência das antigas migrações no território do Continente, por um lado, e, em menor grau, como resultado, ao que parece, da política de conquista dos europeus – por outro lado.

Êsse fato, a mescla, se refletiu, até certo ponto, em trabalhos dos pintores da Expedição de G. I. Langsdoff; de todos os desenhos apenas dois possuem indicação exata ("Maria Francisca Indienne Pareci" e "Indien Cabaxi"); os demais figuram representantes dessa população misturada.

A indicação de G. G. Manizer sôbre a existência de relações mútuas entre diversos grupos parecis-cabexis e os colonizadores, baseada na literatura que êle cita, coincidente com aná-

ioga asserção de M. Schmidt, carece de comprovação. A afirmação sôbre a belicosidade de alguns grupos relaciona-se com o período de trabalho da expedição de G. I. Langsdorff. Reflexo dessa afirmação, nos dias atuais, é a divisão — que, aliás, perdeu em grande parte sua genuína significação inicial — dos indígenas cabixis em "pacíficos" (Zahmen) e "selvagens" (Wilde).

A afirmativa de G. G. Manizer de que "agora os parecis já estão quase extintos", aparentemente baseada em dados de Martius, deve referir-se apenas a um dos numerosos grupos parecis-cabixis.

Uma breve notícia do material etnográfico relativo a essa tribo encontra-se no trabalho de A. Métraux: "The Native Tribes of Eastern Bolivia and Western Mato Grosso". Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnologie, Bulletin 134, Washington, 1942, págs. 160-170.

16. Atualmente existem publicadas em russo as obras seguintes, sôbre os bororos: *As Religiões dos Povos Menos Cultos,* Coletânea de material etnográfico, Edit. do Estado, M.-L., 1931; K. Steinen: *Entre os Povos Selvagens do Brasil,* Edit. Jovem Guarda, 1931 (existem também outras edições). Além disso, encontra-se às vêzes material etnográfico na historiografia da sociedade primitiva; por exemplo, no *Esbôço de História da Cultura Primitiva,* de V. K. Nikolsky, e em edições do Instituto de História da Cultura Material, etc.

17. Entre os grupos bororos, os que gozam de mais notoriedade são precisamente aquêles visitados pela Expedição de G. I. Langsdorff: os orientais, ou bororos dos campos, e os ocidentais — bororos cabaçais. Êles pertencem àquele grupo de tribos sul-americanas sôbre os quais existe uma vasta literatura específica, além de abundantes e por vêzes minudentes informações, como as que se inserem em trabalhos de etnografia do Brasil e em relatos de viageiros. (Na Seção Americana do Museu de Antropologia e Etnografia, existe uma vasta bibliografia relativa aos bororos, compreendendo mais de 50 títulos).

Em face da impossibilidade de enumerar tôda essa literatura, limitamo-nos a indicar duas monografias:

1) Karl von den Steinen: *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Reiseschilderung und Ergebnisse der Zweiten Schingú-Expedition 1887-1888.* Berlim, 1894, capítulo XVII. Zu den Bororó, págs. 440-518. Esta parte da clássica obra de K. Steinen conserva ainda hoje, após o aparecimento de vários trabalhos específicos, tôda sua significação. Trata-se de uma descrição dos bororos dos campos (região do rio São Lourenço, a leste do rio Paraguai), isto é, daquele grupo que a Expedição de G. I. Langsdorff teve oportunidade de observar de 26 de agôsto a 10 de setembro de 1827 (cap. VIII).

Precedendo a exposição relativa ao material recolhido pela Expedição de Steinen, encontra-se um capítulo especial com informações sôbre a história do estudo dos bororos, sôbre os princípios de sua classificação, os lugares por êles habitados, seu número, a história de sua subjugação (guerras, cristianização, comércio, etc.).

A parte principal do capítulo sôbre os bororos fornece um conjunto de dados etnográficos que, em essência, representavam ainda, em tempos relativamente recentes, uma das poucas fontes abundantes de informações sôbre essa tribo. Existe, igualmente, material antropológico (em especial, dados antropométricos) e língua.

2) D. Antônio Colbacchini, missionário salesiano. *Bororos Orientali "Orarimugudoge" del Matto Grosso (Brasile).* Torino, Societá Editrice Internazionale (Contributi Scientifici dele Missioni salesiane del venerabile don Bosco), XII + 251 + 210 págs. Não se indica a ano da edição.

O livro de Colbacchini, publicado possìvelmente em 1925, representa uma das fontes mais completas de informações sôbre os grupos dos bororos orientais. Êle se divide nas seguintes partes: 1) *Esboços Etnográficos* (economia e técnica, regime social, concepções religiosas); 2) *Mitos de Orarimugudoge* (análise dos mitos e sua exposição, classificados de acôrdo com os assuntos; 3) *Gramática* (fonética, morfologia, etimologia, sintaxe; 4) *Textos* (sobretudo lendas) e 5) *Canções Religiosas* (canções referentes a assuntos como a caça, a pesca, cerimônias fúnebres, etc.).

Como se vê pelos temas mencionados, o livro representa uma descrição monográfica do grupo bororo, que o autor — missionário católico — teve a possibilidade de estudar em con-

tacto direto. Sem pretender analisar o trabalho de Colbacchini, queremos notar apenas que o material nêle contido apresenta, por sua novidade e amplitude, indubitável interêsse. Decerto que as conclusões teóricas do Autor, como também a explicação que dá de alguns fenômenos (por ex., o *totemismo*), merecem naturalmente uma crítica séria.

A feliz seleção feita por G. G. Manizer de trechos do diário de Florence, possui interêsse também sob o aspecto etnográfico. Vários fenômenos, característicos dos bororos, são igualmente identificados em outras tribos da América do Sul. Assim, por ex., o primitivíssimo instrumento para fabricação de flechas é, da mesma forma, usado pelos sirionós (E. Nordenskjöld: *Die Siniono-Indianer in Ostbolivien,* Petermann's Mitteilungen, 1911, 1 Halbband, Taf. 6; R. N. Wegner, *Ostbolivianische Urwaldstämme. Ethnologischer Anzeiger* 1932, B. VIII, H. 8, pág. 323, abb. 1).

Um instrumento de tipo semelhante, feito de dentes de animais, se encontra também entre os guaiaquis. (*Notes ethnographiques sur les Indiens Guayaquis par Charles de la Hitte et description de leurs caractères phisiques par le dr. H. Ten Kate* (*Anales del Museo de la Plata.* La Plata, MDCCCXCVII, Prancha III, n.os 4, 6); J. Vellard, "Les Indiens Guayaki", *Journal de la Société des Américanistes de Paris,* Nouv. Série t. XXVI, Fasc. 2. 1934, Prancha V "G".

Existem igualmente instrumentos dêsse tipo nas coleções da Seção da América do Museu de Antropologia e Etnografia (por ex., n.º 2.225) — guiaqui e outros.

Os jogos em que se imitam animais e pássaros, também são comuns à maioria das tribos indígenas (por ex., Theodor Koch-Grünberg: *Von Roraima zum Orinoco.* Strecker und Schröder Verl., Stuttgart, 1923, vol. III, pág. 152-154).

O hábito de depilar as sobrancelhas, as pestanas, a barba, parte dos cabelos da cabeça, etc. — é uma particularidade distintiva dos sirionós, botocudos, apiacás, mudurucus, cadiueus e muitas outras tribos. Encontra-se na literatura especializada descrições minuciosas dos modos de extrair os pêlos do rosto e do corpo com a ajuda de pinças especiais.

A maneira como as mulheres usam cintos de embira, até hoje se conserva. Semelhante cinto existe na coleção de A.

Fritsch mencionada por G. G. Manizer. Algumas fotografias, que mostram seu uso, se encontram no livro de Colbacchini.

18. *Língua Geral* ou *Língua Geral Brasílica* — que representa o idioma intertribal — é uma mescla de dialetos tupi-guaranis, particularmente do dialeto tupi setentrional com idiomas europeu-ocidentais, sobretudo com o espanhol e o português. A *Língua Geral* teve outrora um emprêgo muito amplo por parte dos missionários e, especialmente, dos jesuítas, na criação do que chamaram de "Estado Comunitário" no Paraguai. Atualmente ela é muito difundida no território do Brasil e na bacia amazônica, constituindo um meio de comunicação de diversas tribos indígenas entre si e com os descendentes da população alienígena.

19. Dados insignificantes sôbre a língua dos apiacás figuram em uma série de trabalhos. Ver, por ex., Henri Coudreau. *Voyage au Tapajós,* Paris, 1897; Theodor Koch: "Die Apiaká-Indianer (Rio Tapajós, Matto Grosso)", *Zeitschrift für Ethonologie* (Verhandl.)", Berlim, 1902, cap. II, pág. 350-379.

20. Esbôço de desenho de uma pessoa, rascunhado, parece, pelo próprio punho de G. I. Langsdorff e correspondente à descrição feita em seu manuscrito *Beobachtungen und Bemerkungen in der Provinz von Matto Grosso. Excursion nach der Serra da Chapada, 1827.* (Arquivo da Academia de Ciências da URSS, Dep. 63, inv. 1, n.º 5 pág. 8.)

21. Estas informações de Florence representam interessante material sôbre a divisão do trabalho entre os apiacás. Essa divisão do trabalho no campo é comum às sociedades que se encontram nessa fase de desenvolvimento. Em vários trabalhos de etnografia da América do Sul existem até quadros especiais, que mostram claramente as esferas de atividade dos homens e das mulheres em diferentes tribos (por ex., E. Nordenskjöld: *Forschungen und Abenteuer in Südamerika,* Stuttgart, 1924, pág. 138, 245; G. Bolinder: *Die Indianer der tropischen Schneegebirge,* Stuttgart, 1925, pág. 76, 231; Theodor Koch-Grünberg: *Vom Roraima zum Orinoco,* vol. III, 1923, págs. 90-91).

22. No inventário do quarto pacote de desenhos enviados a Petersburgo, Florence escreveu: "Os dois índios, que se

acham à frente, vão à caça. O mais jovem traz no pescoço e em tôrno da cintura cordões cheios de dentes e garras de diversos animais ou também de continhas, feitas de casca de frutos de palmeira... À direita vê-se um índio que vem da plantação". Faz-se aí, outrossim, uma descrição da tatuagem e da pintura dos apiacás, representados no des. 49 (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, inv. 1, n.º 19).

23. As informações etnográficas e lingüísticas sôbre os apiacás são apresentadas com mais amplitude no artigo do Dr. Theodor Koch "Die Apiaká-Indianer (Rio Tapajós, Matto Grosso)" *Zeitschrift für Ethnologie* (Verhandlungen), Berlim, 1902, págs. 350-379. Êste artigo é um resumo de diferentes materiais do Autor, inclusive daqueles citados nos textos de Guimarães e Florence. É preciso salientar que os fatos apresentados por aquêles autores contêm pouca coisa de nôvo, em comparação com as informações de Florence e Guimarães, que são muito utilizadas por G. G. Manizer neste livro.

Os apontamentos de Florence, sem dúvida, são do maior interêsse para a caracterização do nível de desenvolvimento social dêsses indígenas.

Assim, a indicação de que o "suposto cacique não goza, parece, de qualquer respeito entre os seus" e de que "entre os apiacás impera completa igualdade", e também uma série de afirmações análogas, podem servir, supomos, como prova de que o *chefe,* como encarnação permanente do supremo poder, não era conhecido entre os apiacás nem entre outras tribos indígenas da América do Sul. Naturalmente por isso é que o *cacique,* nomeado, pelo presidente da província, não podia gozar do respeito à sua autoridade.

É preciso notar, no entanto, que Coudreau — o qual fêz observações em 1895 sôbre os apiacás que trabalhavam entre os colonos, no rio Tapajós — constatou a existência do "chefe da tribo".

As informações de Florence sôbre a divisão do trabalho e as formas comunais primitivas de produção e consumo e notadamente sôbre as formas de propriedade ("a propriedade entre os apiacás é comum", a "propriedade pessoal entre os apiacás consta apenas de arcos, flexas e adornos", "êles não conhecem o grande princípio da propriedade", etc.) — repre-

sentam importante testemunho da presença entre os apiacás de sinais característicos do regime comunal primitivo.

Os dados sucintos de Florence sôbre a forma de matrimônio, acrescidas, em medida insignificante, por dados de outros autores (Castelnau, Coudreau e outros), permitem supor a presença entre os apiacás do casamento grupal.

Os desenhos de Florence e sua descrição das formas de pintura e tatuagem da pessoa foram confirmadas posteriormente por outros autores. Em particular, no artigo do Dr. Friedrich Katzer, "Zur Ethnographie des Rio Tapajós" (*Globus,* vol. LXXIX, 1901), encontram-se análoga representação e a descrição da tatuagem de pessoas.

As mulheres, segundo Coudreau observou durante sua visita, não usavam qualquer espécie de roupa, ao passo que os homens usavam roupa (inclusive de produção fabril).

No último diário de G. I. Langsdorff encontram-se dados etnográficos bastante valiosos sôbre os apiacás (Arquivo da Academia de Ciências, dep. 63, inv. I, n.º 8).

24. Baseado nesse desenho, construiu-se um manequim no qual se colocaram os objetos de adôrno enviados pela expedição (Seção Americana, Museu de Antropologia e Etnografia. Êsse desenho não consta desta edição).

25. A comunicação de Martius, que suscitou dúvidas em G. G. Manizer, corresponde inteiramente à realidade. Uma descrição detalhada da tintura artificial das plumas, empregada pelos índios, encontra-se no artigo de A. Métraux – "Une découverte biologique des indiens de l'Amérique du Sud: la décoloration artificielle des plumes sur les oiseaux vivants" (*Journal de la Société des Américanistes de Paris,* Nouvelle Série, Paris, 1928. t. XX, págs. 181-193).

Com o rigor que lhe era peculiar, o Autor pesquisou grande número de fontes literárias, começando com dados do século XVI. Como resultado dessa pesquisa, conseguiu êle descrever diversos processos de tintura de plumas de pássaros. Um cartograma especial e uma vasta bibliografia dão-nos idéia clara do grau de difusão dêsse fenômeno entre os índios da América do Sul.

Os métodos de tintura de plumas de pássaros vivos, com a ajuda de sangue de rã, são os mais difundidos, segundo Métraux. São aplicados pelos índios que habitam na região da

bacia amazônica, nas Guianas, etc. Referindo-se à presença dêsse método entre os mundurucus, Métraux utiliza os fatos apresentados por Martius, considerando-os, evidentemente, incontestáveis ("Os mundurucus seguiam o método clássico de tintura com sangue de rã", pág. 186).

26. Os mundurucus, atualmente quase desaparecidos, pertencem àquelas tribos sôbre as quais, segundo a justa observação de G. G. Manizer, "em geral quase não existem informações diretas".

Os dados incompletos colhidos por Manizer no material de Martius e Florence, e também as descrições de objetos recolhidos pela Expedição de G. I. Langsdorff, tais são, em essência, as informações fundamentais existentes sôbre essa tribo.

Além das citadas acima, a fonte mais valiosa continua sendo o artigo de Antônio Manoel Gonçalves: "Tocantins, Estudos sôbre a Tribo Mundurucu", publicado na *Revista Trimensal,* há uns 80 anos (1877, t. 40).

Um hábito característico dos mundurucus é a conservação de troféus guerreiros — cabeças de inimigos — que naturalmente chamaram a atenção de viajantes e pesquisadores. Assim, dedicou Hermann um artigo a essa questão — "As cabeças mumificadas pelos índios mundurucus" (*Revista do Museu Paulista,* 1908, t. VII, págs. 179-201); o mesmo fêz K. K. Guil'zen, no artigo — "Cabeça humana como troféu guerreiro entre os índios da tribo mundurucu" (*Colet. do Museu de Antropologia e Etnografia,* t. V, 1918, págs. 351-358).

Além de materiais sôbre fatos concretos, êsses trabalhos apresentam vasta bibliografia.

Vários outros trabalhos merecem igualmente atenção. Dentre êsses mencionamos a nota, de autor anônimo, aparecida na revista *Globus,* em 1871 (t. XX, págs. 199-201), sob o título "Menschenköpfe als Trophäen bei wilden Völker" e o artigo já referido de Friedrich Katzer: "Zur Ethnographie des Rio Tapajós" (*Globus,* 1901, t. 79, n.º 3, págs. 37-41). Na parte dedicada aos mundurucus, além da descrição sôbre o costume de guardar cabeças, humanas, feita por Katzer, baseado sobretudo em dados colhidos na literatura especializada, realiza-se uma análise petrográfica dos instrumentos de pedra, cujas fotografias vêm estampadas nesta obra.

Dentre os trabalhos aparecidos nos últimos anos, destaco a pesquisa de Strömer: "Die Sprache der Munducuru" (*Linguistische Anthropos,* Bibl., t. XI, Mölding bei Wien. St. Gabriel. 1932) e notas de A. Krauze: "Mundurucu moieties" (*Primitive Man,* 1934, n.º 4, pág. 51-57); "Über die Wanderungen der Mundurucu in Südamerika (*Anthropos,* 1935, t. XXX, n.º 5-6, págs. 831-836).

Dados relativos à população dos mundurucus foram publicados em 1933 no mensário brasileiro *Santo Antônio.* Não tendo tido a possibilidade de tomar conhecimento dêsse artigo, pois inexiste em Leningrado, aproveitamos os dados da resenha de Martin Huzinde, publicada na revista *Anthropos,* em 1934, t. XXIX, n.º 5-6, pág. 814.

Em 1895, segundo dados do viajante Coudreau, os mundurucus compreendiam 1.640 pessoas. De acôrdo com a contagem dos missionários êles eram, em 1933, — 954 pessoas. Por conseguinte, durante 37 anos, o número de mundurucus reduziu-se de 515 pessoas. Estas cifras falam por si mesmas com muita eloqüência, dispensando comentários especiais. Huzinde limita-se a "confiar em que os missionários consigam evitar uma posterior redução do número de seus habitantes".

✶

Obra executada nas oficinas da
SÃO PAULO EDITORA S. A.
São Paulo 6, SP — Brasil